

TESE DE DOUTORADO

Autor: Daniela Maria Ferreira  
Orientador: Letícia Bicalho Canêdo

Data: .17/12/2007

Assinatura:..

## Orientadora

**COMISSÃO JULGADORA:**

Dad  
 Mom  
 and Robert James  
 Marceline the doctor

© by Daniela Maria Ferreira, 2007.

INIDADE BC  
º CHAMADA: T/UNICAMP F413c  
EX  
OMBO BCCL #6023  
ROC 16.12.00129.08  
REÇO 11.00  
ATA 19/03/08  
IB-ID 427727

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

F413c Ferreira, Daniela Maria.  
Conversão e reconversão : a circulação internacional dos filósofos de  
origem católica / Daniela Maria Ferreira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador : Leticia Bicalho Canedo.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Filósofos brasileiros. 2. Catolicismo – Filosofia. 3. Filosofia – Brasil –  
História. I. Canedo, Leticia Bicalho. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

08-072/BFE

**Título em inglês** Conversion and reconversion: the international circulation from the philosophers with an catholic origin.

**Keywords :** Brazilian philosophers; Catholicism – Philosophy; Philosophy - Brazil - History.

**Área de concentração :** Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

**Titulação :** Doutora em Educação

**Banca examinadora :** Profª. Drª. Leticia Bicalho Canedo (Orientadora)

Profª. Drª. Ana Paula Hey

Prof. Dr. Carlos Jamil Cury

Profª. Drª. Agueda Bernadete Bittencourt

Prof. Dr. Marcelo Timótheo da Costa

**Data da defesa:** 17/12/2007

**Programa de Pós-Graduação :** Educação

**e-mail :** [dmffr@yahoo.fr](mailto:dmffr@yahoo.fr)



## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é contribuir para a compreensão do campo filosófico brasileiro, por meio do estudo de um grupo específico de filósofos, cuja formação escolar e socialização se deram no Brasil e no exterior (Roma e Louvain), graças à Igreja Católica. O estudo procura também suprir uma lacuna bibliográfica, ao abordar os aspectos históricos e sociais da institucionalização da Filosofia no Brasil. Para tanto, tomando como ponto de partida a instauração do primeiro curso universitário de Filosofia (FFLCH-USP), o trabalho apresenta: 1) a reconstituição do espaço filosófico brasileiro e a transformação ocorrida nesse espaço, em especial, com a inserção de um grupo de intelectuais, os *filósofos de origem católica*; 2) a descrição e a análise da trajetória social desses agentes ex-seminaristas, ex- religiosos e militantes católicos (17 no total), visando compreender a forma pela qual se deu o seu processo de entrada no campo filosófico.

Dedicado à minha mãe, que me ensinou a não desistir.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao FOCUS-UNICAMP, à FAPESP e à CAPES, instituições que asseguraram as condições básicas para a realização de meus estudos e pesquisas.

Agradecimentos muito especiais à Profa. Dra. Letícia Bicalho Canêdo e ao Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior.

Dedicado à minha mãe, que me ensinou a não desistir.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao FOCUS-UNICAMP, à FAPESP e à CAPES, instituições que asseguraram as condições básicas para a realização de meus estudos e pesquisas.

Agradecimentos muito especiais à Profa. Dra. Letícia Bicalho Canêdo e ao Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Introdução</b>                                                                                                                | 1   |
| Métodos e técnicas                                                                                                               | 16  |
| Plano da tese                                                                                                                    | 21  |
| <b>Capítulo I – A consolidação do espaço acadêmico filosófico no Brasil</b>                                                      | 17  |
| 1 - As tradições disciplinares e as práticas científicas                                                                         | 17  |
| 2 - A redefinição do saber filosófico                                                                                            | 19  |
| 3 - Uma “fotografia” do campo filosófico brasileiro                                                                              | 32  |
| 4 - A implantação das pós-graduações no Brasil e a filosofia acadêmica                                                           | 36  |
| 5 - As revistas especializadas em filosofia: a conquista de uma legitimidade científica                                          | 40  |
| 6 - A associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF): a busca de uma autonomia profissional                           | 48  |
| <b>Capítulo II – Juventude católica e síntese em filosofia analítica</b>                                                         | 61  |
| 1 - Ordem religiosa e modos de socialização dos filósofos                                                                        | 63  |
| 2 - Sal da terra e ação católica: Padre Vaz, um divisor de águas.                                                                | 74  |
| 3 - Circulação internacional de pensadores católicos: da ortodoxia romana a Louvain.                                             | 90  |
| 3.1 - A “infalibilidade” de Roma                                                                                                 | 94  |
| 3.2 - Louvain de todos os heterodoxos                                                                                            | 96  |
| 4 - Efeitos da circulação internacional                                                                                          | 101 |
| 5 - Emancipação eclesiástica e diversificação do campo filosófico                                                                | 107 |
| <b>Capítulo III - Em busca do discurso filosófico autorizado: etnografia de um encontro nacional e um colóquio internacional</b> | 115 |
| 1 - Um panorama geral dos dois encontros profissionais de filosofia                                                              | 116 |
| 1.1 - XI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF                                                                                 | 116 |
| 1.2 - O debate entre os filósofos reunidos pela ANPOF                                                                            | 123 |
| 1.3 - Colloque International de Philosophie                                                                                      | 130 |
| 1.4 - Os debates entre filósofos reunidos no Colóquio Internacional de Filosofia em Nice                                         | 137 |

|                      |     |
|----------------------|-----|
| Considerações Finais | 153 |
| Anexo 1              | 157 |
| Anexo 2              | 167 |
| Anexo 3              | 170 |
| Anexo 4              | 178 |
| Bibliografia         | 185 |

## TABELA DE SIGLAS

ANPEC - Associação Nacional de Pós-graduação em Economia  
ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação em Educação  
ANPOCS - Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais  
ANPOF – Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia  
ANPUH - Associação Nacional de Pós-graduação em História  
AP – Ação Popular  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior  
CEBRAP - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento  
CEFA - Centro de Estudos em Filosofia Americana  
CEPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil  
CERIS - Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais  
CIEE – Cercle International des Etudiants Etrangers  
CLE – Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
COFECUB – Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil  
CRUB- Catálogo Regional das Universidades Brasileiras  
DCE – Diretório Central dos Estudantes  
DEA – Diplôme d'Etudes Approfondies  
EHESS – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales  
FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado  
FAJE – Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus  
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
FFCL- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras  
FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
GT- Grupo de Trabalho  
IBF – Instituto Brasileiro de Filosofia  
IEL- Instituto de Estudos da Linguagem  
ISP – Institut Supérieur de Philosophie  
JEC – Juventude Estudantil Católica  
JUC – Juventude Universitária Católica  
MEB - Movimento Educação de Base



MICC - Mouvement International des Intellectuels Catholique  
PCPB - Pontifício Colégio Pio Brasileiro  
PDC- Partido Democrata Cristão  
PT - Partido dos Trabalhadores  
PUC-MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
PUC-RGS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUG – Pontifícia Universidade Gregoriana  
SEAF – Sociedade de Estudos e Atividades Filosófica  
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UFPE- Universidade Federal de Pernambuco  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
ULC – Université Catholique de Louvain  
UNE – União Nacional dos Estudantes  
UNESP – Universidade Estadual Paulista  
UNICAMP – Universidade Estadual de Campina  
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
USP – Universidade de São Paulo

## Introdução

Entre 1934, ano da instalação do primeiro curso universitário de filosofia no Brasil, e 1983, ano da criação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), é possível acompanhar a constituição (a) de um corpo de professores sediado nas universidades, (b) de uma produção filosófica e (c) das relações que vão se estabelecendo entre os professores de filosofia e os seus estudantes, por meio da confecção de teses, da organização de seminários, de encontros e das publicações em revistas especializadas. É, portanto, possível acompanhar nesse período a formação de um campo filosófico no Brasil<sup>1</sup>.

As condições para a formação desse campo foi objeto de estudo de minha Dissertação de Mestrado (DEA – Diplôme d'Études Approfondies), defendida na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), intitulada "Entre la Nation et l'Universel: l'espace de la Philosophie au Brésil"<sup>2</sup>. A pesquisa que ora apresento, prolonga a anterior e está centrada na investigação dos itinerários intelectuais e profissionais dos filósofos brasileiros que se dirigiram ao estrangeiro na busca de uma formação doutoral ou pós-doutoral.

Durante o exame desses itinerários, minha atenção foi atraída para o investimento feito pela Igreja Católica na formação em filosofia, uma vez que muitos dos atuais filósofos brasileiros só lograram adquirir formação acadêmica graças a um *réseau* formado por padres e teólogos que lhes propiciaram a inserção em Universidades Católicas no exterior, durante o período da ditadura militar. Contudo, no regresso, parte desses estudantes e professores entrou em conflito com a Igreja Católica. Levados ao exterior pelos católicos, na volta, deveriam submeter os resultados de seu aprendizado filosófico às diretrizes da instituição católica, o que não fizeram, provocando assim uma série de conflitos.

Sobre as razões dessa insubordinação, algumas interpretações poderiam ser tecidas: seja uma "falta de gratidão", seja "uma conversão ao ateísmo", por exemplo. Mas esta pesquisa está longe de tomar qualquer posição nas querelas. Meu objetivo é, valendo-me da

---

<sup>1</sup> Entende-se por Campo Filosófico a constituição de um espaço social marcado por relações de concorrência em torno da palavra filosófica autorizada. Para maiores detalhes sobre a noção de campo, consultar Pierre BOURDIEU e Loïc WACQUANT, 1992, *Réponses. Pour une sociologie réflexive*, Paris : Seuil.

<sup>2</sup> Daniela Maria FERREIRA, 2001, *Entre la Nation et l'Universel: Espace de la Philosophie au Brésil*, Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior e defendida na École des Hautes Études en Sciences Sociales.

observação e da análise dos confrontos, determinar sociologicamente os pólos e os agentes envolvidos nesses conflitos, retirando daí os elementos que me permitem vislumbrar os caminhos e “contracaminhos” da constituição de um campo filosófico no Brasil.

Durante a elaboração da dissertação de mestrado estiveram presentes nas minhas reflexões as seguintes perguntas: Quem é filósofo? Quem faz filosofia? E o que é filosofia? Tais questões, recorrentes entre os anos de 1950 e 1970 – e que se intensificaram nos anos de 1980 durante a criação da ANPOF -, são aquelas que me preocuparam desde meus estudos na graduação em filosofia, na Universidade Católica de Pernambuco. No meu último ano do curso, nas aulas de História da Filosofia Brasileira, as discussões foram pautadas pelo papel que a filosofia feita no Brasil exercia no panorama nacional e internacional. Indagávamos sobre as razões que levavam o Brasil a ser um país sem tradição filosófica, a não se destacar internacionalmente neste campo, nem valorizar os autores nacionais. As respostas foram procuradas no livro *Crítica da Razão Tupiniquim*, de Roberto Gomes, que apontava a influência européia no pensamento dos professores de filosofia no Brasil como uma das principais causas para a falta de autonomia da filosofia brasileira. A filosofia autenticamente brasileira, no seu entender, deveria brotar de um “streap-tease” capaz de permitir a formulação de questões e problemáticas relacionadas à sociedade brasileira<sup>3</sup>.

Com o livro de Roberto Gomes na bagagem, cheguei em Paris no outono de 1997. Interessada nesse debate e nas discussões sobre a autenticidade de uma prática filosófica e sobre a existência ou não de uma filosofia nacional, realizei, para a obtenção de meu primeiro diploma na universidade francesa, o que se conhece por *maîtrise* (diploma nacional que equivaleria a uma dissertação de final de curso), que se configura como um projeto de pesquisa. Entre as perguntas que me inquietavam, estavam aquelas que indagavam sobre as razões da não existência de uma “filosofia brasileira”. Esse projeto de estudo foi apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade de Paris IV, de grande tradição em filosofia. Entretanto, minha idéia de estudar filosofia brasileira, na perspectiva das idéias de Roberto Gomes, não encontrou nenhum apoio entre os professores da Universidade. Todo meu esforço realizado nessa direção somente reforçou minha inadequação com o modelo francês de fazer filosofia. O choque e o sentimento de frustração aumentaram quando percebi que minha

---

<sup>3</sup>Roberto GOMES, 1990, *A crítica da razão tupiniquim*, 10<sup>a</sup>. ed., São Paulo: FTD. Note-se que o livro está na sua 12<sup>a</sup> publicação, sendo a última de 2001.

formação era muito pequena quando comparada com a de meus colegas de curso. A maioria possuía vasto conhecimento de outras línguas e parecia bastante acostumada com o ritmo das aulas e as dissecações profundamente técnicas dos clássicos da filosofia. Assim, acabei por elaborar uma Dissertação em filosofia política de Auguste Comte. Defendi-a, nessa Universidade, em 1999.

Não encontrando interlocutores na filosofia, repensei os rumos dos meus estudos. Foi quando em 2000, apresentei meu projeto ao diretor do Centro de Pesquisa sobre o Brasil Contemporâneo, na EHESS, Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior. O encontro foi marcado pela indicação de uma série de livros, em particular pela indicação de leitura de livros de sociologia que versavam sobre o campo da filosofia francesa. Foram, a partir dessas indicações, nos estudos realizados por Jean Louis Fabiani e Louis Pinto a respeito da produção filosófica na França, que busquei as ferramentas para pensar empiricamente minhas questões<sup>4</sup>. Chamava-me a atenção, em especial, a pergunta que Louis Pinto se colocava em relação à própria filosofia e que retomei como princípio norteador para toda a pesquisa que hoje apresento: sendo a filosofia o conhecimento que tem por finalidade a busca da origem das coisas no mundo, por que não indagar sobre sua própria origem? Isto é, qual a relação entre a produção de um conhecimento e as condições de possibilidade de sua existência? Tal reflexão, explicitada por Pierre Bourdieu em seu livro *Meditações Pascalianas*<sup>5</sup>, questiona a filosofia por ela não se voltar para a sua própria condição de origem, pergunta que, segundo ele, seria essencial para uma disciplina que se pretende capaz de explicar com clareza e lucidez a existência das coisas no e do mundo.

É bem verdade que as questões levantadas por Jean Louis Fabiani e Louis Pinto estiveram mediadas pela condição que assumem a filosofia e a sociologia dentro do sistema universitário francês, onde a primeira é tida como uma disciplina socialmente privilegiada e nobre, e a segunda é considerada menor. Foi, no entanto, a partir dessas críticas e indagações que meu interesse pela constituição do campo filosófico foi se materializando, levando-me a reiniciar uma pesquisa empírica a respeito de minhas preocupações filosóficas. Retomei-as na seguinte perspectiva: que razões levam determinados autores, a exemplo de Roberto Gomes, a tentar

---

<sup>4</sup> Jean Louis FABIANI, 1988, *Les philosophes de la République*, Paris : Minuit; Louis PINTO, 1987, *Les philosophes entre les lycées et l'avant-garde*, Paris : L'Harmattan.

<sup>5</sup> Pierre BOURDIEU, 2001, *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand. "Pós-escrito 1: Confissões impessoais" [Trad. Sérgio Miceli].

## Introdução

Entre 1934, ano da instalação do primeiro curso universitário de filosofia no Brasil, e 1983, ano da criação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), é possível acompanhar a constituição (a) de um corpo de professores sediado nas universidades, (b) de uma produção filosófica e (c) das relações que vão se estabelecendo entre os professores de filosofia e os seus estudantes, por meio da confecção de teses, da organização de seminários, de encontros e das publicações em revistas especializadas. É, portanto, possível acompanhar nesse período a formação de um campo filosófico no Brasil<sup>1</sup>.

As condições para a formação desse campo foi objeto de estudo de minha Dissertação de Mestrado (DEA – Diplome d'Études Approfondies), defendida na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), intitulada "Entre la Nation et l'Universel: l'espace de la Philosophie au Brésil"<sup>2</sup>. A pesquisa que ora apresento, prolonga a anterior e está centrada na investigação dos itinerários intelectuais e profissionais dos filósofos brasileiros que se dirigiram ao estrangeiro na busca de uma formação doutoral ou pós-doutoral.

Durante o exame desses itinerários, minha atenção foi atraída para o investimento feito pela Igreja Católica na formação em filosofia, uma vez que muitos dos atuais filósofos brasileiros só lograram adquirir formação acadêmica graças a um *réseau* formado por padres e teólogos que lhes propiciaram a inserção em Universidades Católicas no exterior, durante o período da ditadura militar. Contudo, no regresso, parte desses estudantes e professores entrou em conflito com a Igreja Católica. Levados ao exterior pelos católicos, na volta, deveriam submeter os resultados de seu aprendizado filosófico às diretrizes da instituição católica, o que não fizeram, provocando assim uma série de conflitos.

Sobre as razões dessa insubordinação, algumas interpretações poderiam ser tecidas: seja uma "falta de gratidão", seja "uma conversão ao ateísmo", por exemplo. Mas esta pesquisa está longe de tomar qualquer posição nas querelas. Meu objetivo é, valendo-me da

---

<sup>1</sup> Entende-se por Campo Filosófico a constituição de um espaço social marcado por relações de concorrência em torno da palavra filosófica autorizada. Para maiores detalhes sobre a noção de campo, consultar Pierre BOURIDIEU e Loïc WACQUANT, 1992, *Réponses. Pour une sociologie réflexive*, Paris : Seuil.

<sup>2</sup> Daniela Maria FERREIRA, 2001, *Entre la Nation et l'Universel: Espace de la Philosophie au Brésil*, Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior e defendida na École des Hautes Études en Sciences Sociales.

observação e da análise dos confrontos, determinar sociologicamente os pólos e os agentes envolvidos nesses conflitos, retirando daí os elementos que me permitem vislumbrar os caminhos e “contracaminhos” da constituição de um campo filosófico no Brasil.

Durante a elaboração da dissertação de mestrado estiveram presentes nas minhas reflexões as seguintes perguntas: Quem é filósofo? Quem faz filosofia? E o que é filosofia? Tais questões, recorrentes entre os anos de 1950 e 1970 – e que se intensificaram nos anos de 1980 durante a criação da ANPOF -, são aquelas que me preocuparam desde meus estudos na graduação em filosofia, na Universidade Católica de Pernambuco. No meu último ano do curso, nas aulas de História da Filosofia Brasileira, as discussões foram pautadas pelo papel que a filosofia feita no Brasil exercia no panorama nacional e internacional. Indagávamos sobre as razões que levavam o Brasil a ser um país sem tradição filosófica, a não se destacar internacionalmente neste campo, nem valorizar os autores nacionais. As respostas foram procuradas no livro *Crítica da Razão Tupiniquim*, de Roberto Gomes, que apontava a influência européia no pensamento dos professores de filosofia no Brasil como uma das principais causas para a falta de autonomia da filosofia brasileira. A filosofia autenticamente brasileira, no seu entender, deveria brotar de um “streap-tease” capaz de permitir a formulação de questões e problemáticas relacionadas à sociedade brasileira<sup>3</sup>.

Com o livro de Roberto Gomes na bagagem, cheguei em Paris no outono de 1997. Interessada nesse debate e nas discussões sobre a autenticidade de uma prática filosófica e sobre a existência ou não de uma filosofia nacional, realizei, para a obtenção de meu primeiro diploma na universidade francesa, o que se conhece por *maîtrise* (diploma nacional que equivaleria a uma dissertação de final de curso), que se configura como um projeto de pesquisa. Entre as perguntas que me inquietavam, estavam aquelas que indagavam sobre as razões da não existência de uma “filosofia brasileira”. Esse projeto de estudo foi apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade de Paris IV, de grande tradição em filosofia. Entretanto, minha idéia de estudar filosofia brasileira, na perspectiva das idéias de Roberto Gomes, não encontrou nenhum apoio entre os professores da Universidade. Todo meu esforço realizado nessa direção somente reforçou minha inadequação com o modelo francês de fazer filosofia. O choque e o sentimento de frustração aumentaram quando percebi que minha

---

<sup>3</sup>Roberto GOMES, 1990, *A crítica da razão tupiniquim*, 10<sup>a</sup>. ed., São Paulo: FTD. Note-se que o livro está na sua 12<sup>a</sup> publicação, sendo a última de 2001.



formação era muito pequena quando comparada com a de meus colegas de curso. A maioria possuía vasto conhecimento de outras línguas e parecia bastante acostumada com o ritmo das aulas e as dissecações profundamente técnicas dos clássicos da filosofia. Assim, acabei por elaborar uma Dissertação em filosofia política de Auguste Comte. Defendi-a, nessa Universidade, em 1999.

Não encontrando interlocutores na filosofia, repensei os rumos dos meus estudos. Foi quando em 2000, apresentei meu projeto ao diretor do Centro de Pesquisa sobre o Brasil Contemporâneo, na EHESS, Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior. O encontro foi marcado pela indicação de uma série de livros, em particular pela indicação de leitura de livros de sociologia que versavam sobre o campo da filosofia francesa. Foram, a partir dessas indicações, nos estudos realizados por Jean Louis Fabiani e Louis Pinto a respeito da produção filosófica na França, que busquei as ferramentas para pensar empiricamente minhas questões<sup>4</sup>. Chamava-me a atenção, em especial, a pergunta que Louis Pinto se colocava em relação à própria filosofia e que retomei como princípio norteador para toda a pesquisa que hoje apresento: sendo a filosofia o conhecimento que tem por finalidade a busca da origem das coisas no mundo, por que não indagar sobre sua própria origem? Isto é, qual a relação entre a produção de um conhecimento e as condições de possibilidade de sua existência? Tal reflexão, explicitada por Pierre Bourdieu em seu livro *Meditações Pascalianas*<sup>5</sup>, questiona a filosofia por ela não se voltar para a sua própria condição de origem, pergunta que, segundo ele, seria essencial para uma disciplina que se pretende capaz de explicar com clareza e lucidez a existência das coisas no e do mundo.

É bem verdade que as questões levantadas por Jean Louis Fabiani e Louis Pinto estiveram mediadas pela condição que assumem a filosofia e a sociologia dentro do sistema universitário francês, onde a primeira é tida como uma disciplina socialmente privilegiada e nobre, e a segunda é considerada menor. Foi, no entanto, a partir dessas críticas e indagações que meu interesse pela constituição do campo filosófico foi se materializando, levando-me a reiniciar uma pesquisa empírica a respeito de minhas preocupações filosóficas. Retomei-as na seguinte perspectiva: que razões levam determinados autores, a exemplo de Roberto Gomes, a tentar

---

<sup>4</sup> Jean Louis FABIANI, 1988, *Les philosophes de la République*, Paris : Minuit; Louis PINTO, 1987, *Les philosophes entre les lycée et l'avant-garde*, Paris : L'Harmattan.

<sup>5</sup> Pierre BOURDIEU, 2001, *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand. "Pós-escrito 1: Confissões impessoais" [Trad. Sérgio Miceli].

reivindicar uma filosofia nacional? O que significaria filosofia brasileira? Qual seria sua relação com as demais correntes filosóficas existentes?

Pinto e Fabiani procuraram, ao longo de seus trabalhos, relacionar as condições materiais, sociais e culturais da produção filosófica com a formação de um corpo de professores de filosofia. Tratava-se de compreender o princípio de inteligibilidade da produção filosófica por meio da posição ocupada pelo indivíduo no espaço acadêmico, procurando saber até que ponto essa posição, que condiciona a produção filosófica, contribui também para a construção do próprio espaço<sup>6</sup>. Para tanto, estes se valeram do estudo dos filósofos franceses a partir dos espaços de suas produções relacionando-os com a formação escolar e com os ambientes de socialização. Enquanto Fabiani procurou entender a construção do corpo de professores universitários por meio do processo de expansão do sistema universitário francês, que vai do fim da terceira República (1875) até a primeira guerra mundial, Pinto deu conta das transformações desse corpo, observando as diferentes variantes da filosofia acadêmica entre os anos de 1960 e 1980.

Baseada nos métodos desses autores, um dos primeiros trabalhos empíricos que realizei para atingir meus objetivos foi um levantamento bibliográfico sobre o tema da criação de correntes filosóficas. Esse procedimento me colocou em contato com um conjunto de trabalhos historiográficos, nos quais se sobressaíram as obras de Antônio Paim<sup>7</sup> e Jorge Jaime de Souza Mendes sobre a história da filosofia no Brasil, bem como o de Antônio Joaquim Severino, que versava sobre o mesmo tema<sup>8</sup>.

Contudo, esses trabalhos partiam de uma perspectiva evolucionista, o que, num primeiro momento, fizeram-me mais pensar em realizar uma espécie de defesa e legitimação de certos discursos e escolas do que realizar uma abordagem geral da história das idéias e do pensamento filosófico, como sugerem seus títulos. Organizados a partir de escolas filosóficas, as obras retraçam, numa evolução progressiva, as idéias filosóficas no Brasil

---

<sup>6</sup> Louis PINTO, 1987, op. cit.

<sup>7</sup> O livro *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, de 1967 - cuja 5ª ed. é de 1997 - valeu a Antônio Paim dois prêmios, em 1968 (INL) e em 1985 (Jabuti). Antônio Paim é também um dos autores que mais tempo dedicou aos estudos da filosofia no Brasil: 40 anos estudando e publicando sobre o assunto.

<sup>8</sup> Ver Jorge JAIME, *História da filosofia no Brasil*, 4 vol, Petrópolis/S. Paulo: Vozes/Faculdades Salesianas. Os vol. I e II foram publicados em 1997; o vol. III, em 2000, e o vol. IV, em 2002. Já o livro de Antônio Joaquim Severino, intitulado *A Filosofia Contemporânea no Brasil*, publicado em 1997, traz, na verdade, de maneira bem resumida, uma síntese das principais correntes filosóficas no Brasil. Antônio Joaquim SEVERINO, 1997, *A filosofia contemporânea no Brasil*, Petrópolis: Vozes.



desde as antigas colônias portuguesas até a criação do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), pelo jurista filósofo Miguel Reale, em 1949. O fato de o IBF ter sido apresentado como ápice da história das idéias no Brasil me levou a considerar tais obras como uma espécie de defesa de determinadas correntes filosóficas. A exposição seqüenciada e cronológica, mostrando idéias que circulam aleatoriamente de uma época a outra – como que apresentando uma história das idéias em si mesmas, desarticuladas das condições sociais que as propiciaram, contrariava, destarte, a proposta de pesquisa a que me propunha.

A bibliografia francesa que lia me convencia de que é a história das condições e relações sociais dos indivíduos concretos que permite compreender a elaboração de idéias abstratas, mesmo aquelas ligadas ao conhecimento filosófico, no qual o poder de abstração exigido parece não estar enraizado socialmente. Sendo assim, a forma de organização dos livros sobre a história das idéias me dificultava pensar as questões que me inquietavam. Entretanto, tal organização me parecia importante, pois podia ser tomada como um material revelador do modo como os filósofos, autores dos livros, viam seus pares.

A partir de então, meu segundo movimento foi, concretamente, fazer um levantamento quantitativo dos filósofos brasileiros, tendo como perguntas-chave: quem é filósofo? Quem faz filosofia?

Porém, uma dificuldade se impunha: como escolher quem é filósofo? Que critérios estabelecer para definir tal escolha? Que população tomar como referência? Qual é a amostra a considerar? Essas questões, que sublinham problemas práticos, tanto do ponto de vista estatístico como teórico (afinal, quem está fora e quem está dentro do campo?), foram quase que determinadas pela condição em que realizei essa primeira pesquisa: eu estava em Paris, estudando na EHESS e sendo orientada pelo Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior.

A escolha desses indivíduos foi feita a partir de um levantamento das universidades brasileiras que ofereciam as três modalidades de pós-graduação: especialização, mestrado e doutorado. Das trinta e uma encontradas, somente seis (USP, PUC-SP, PUC-RIO, UFRJ, UFRGS e PUC-RS)<sup>9</sup> ofereciam os cursos de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto as duas

---

<sup>9</sup> Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

modalidades de *stricto sensu*, tendo como base o ano de 2000. Essas seis universidades também eram as que contavam com uma publicação mais sistemática de revistas, apresentavam várias linhas de pesquisa, além de disponibilizarem, em suas páginas na internet, informações de cada um dos docentes<sup>10</sup>. Dos cento e nove professores localizados nessas universidades, encontrei informações completas de sessenta e quatro professores, numa pesquisa realizada na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O fato de esses professores manterem um currículo nesta plataforma, foi por mim tomado como um indicador de que eram reconhecidos.

Dessa maneira, nesse primeiro levantamento estatístico, realizado por uma consulta via internet, foram considerados como filósofos apenas os acadêmicos, em particular, aqueles reconhecidos pelas instituições acadêmicas como docentes e pesquisadores nos departamentos de filosofia.

Considerando, no entanto, o universo dos filósofos como um campo, espaço social cujas fronteiras formais e institucionais podem ser um dos efeitos do próprio campo, procurei privilegiar os filósofos do IBF. Aumentando o grupo, foram incorporados a essa primeira amostra – usando o termo estatístico – os filósofos do IBF reconhecidos como filósofos pelos historiadores das idéias filosóficas no Brasil.

Posteriormente, realizei uma análise de vinte e seis variáveis sócio-demográficas e institucionais desses agentes (local e data de nascimento, sexo, títulos universitários, local de obtenção de cada título, linhas de pesquisas, vínculos institucionais, etc.), que permitiu o estabelecimento de suas características escolares, na medida do possível. Essas variáveis foram associadas às suas práticas e formulações teóricas.

Com tais informações, pude começar a pensar em duas das questões propostas, quais sejam: quem faz filosofia? e, quem é filósofo? Porém, para organizar todas as informações referentes aos professores de filosofia (vinte e seis variáveis e sessenta e quatro filósofos) decidi utilizar como técnica estatística a análise de correspondência<sup>11</sup>. Essa ferramenta de análise me foi

---

<sup>10</sup> Embora tenha localizado cento e nove professores, referentes ao corpo docente das seis universidades que oferecem cursos de pós-graduação no Brasil, busquei informações sociais, escolares e acadêmicas mais completas para apenas sessenta e quatro professores. Além dos docentes oriundos destas seis universidades, acrescentei quatro filósofos associados ao Instituto Brasileiro de Filosofia, reconhecidos pelos professores de filosofia, e cinco professores de filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>11</sup> A análise de correspondência é especialmente indicada para descrever matrizes com grande volume de dados discretos e sem uma estrutura claramente definida *a priori*. Esse método permite a visualização das relações mais importantes de

muito útil porque me permitiu visualizar sob a forma de gráficos as variáveis mais significativas para compreender quem são os filósofos e quem faz filosofia no Brasil, bem como permitiu distinguir de que maneira eles estão organizados no espaço acadêmico brasileiro. Essa técnica, ao relacionar as várias informações a respeito dos filósofos e calcular a distância e a aproximação entre eles, permitiu-me estabelecer as principais características do grupo em questão.

Organizei, depois, aqueles que são considerados filósofos e que fazem filosofia no Brasil em três grupos, quais sejam: os *filósofos juristas*, os *filósofos de origem católica* e, simplesmente, os *filósofos*.

Os *filósofos juristas* são os formados, grosso modo, no Brasil, nas antigas Faculdades de Direito. Esse grupo apareceu, até os anos de 1960, como predominante no interior do campo filosófico. Os *filósofos de origem católica* estão localizados no grupo de detentores de um título universitário em filosofia e/ou em outras disciplinas, títulos esses que foram obtidos em instituições católicas (seminários e universidades católicas). Esse grupo está subdividido em dois: (a) aqueles que passaram por instâncias católicas, em particular, com estudos realizados na Bélgica, na Universidade Católica de Louvain (UCL) e na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG), na Itália; e (b) aqueles que não circularam pelo estrangeiro para realização de estudos de pós-graduação. O terceiro grupo é dos *filósofos*, que foi assim denominado por congregar os docentes universitários de filosofia da USP e de universidades públicas francesas. Esse último se caracteriza, principalmente, por possuir formação (graduação e pós-graduação) restrita à área de filosofia. Conseqüentemente, usufruem de maior autonomia em relação às instituições eclesásticas e jurídicas.

Os resultados obtidos com essa classificação me levaram a questionar o peso que os estudos de filosofia no exterior teve na organização dos filósofos no espaço acadêmico nacional e na constituição de um corpo professoral de filosofia no Brasil.

A dinâmica produzida pela estada/período no exterior na carreira acadêmica dos filósofos pôde ser verificada por meio do grupo que denominei de *filósofos de origem católica*. Isso pôde ser observado durante a reconstituição que fiz da direção da Associação Nacional de Pós-

---

um grande conjunto de variáveis entre si. Os resultados são apresentados sob forma de gráficos, onde estão representadas as categorias de cada variável e onde se pode observar as relações entre estas, através da distância entre os pontos desenhados. Para explicação de todo o procedimento da constituição do Banco de Dados e elaboração dos gráficos estatísticos ver Anexo 1, na página 157.

graduação em Filosofia no Brasil, na qual estavam presentes, desde 1983 até 2000, os *filósofos* e os *filósofos de origem católica* formados no exterior.

A presença dos *filósofos de origem católica* na formação dessa instituição me levou a questionar a relação entre teologia e filosofia na constituição do próprio campo filosófico brasileiro, mais precisamente, do peso da Igreja Católica na formação desse espaço acadêmico.

Enquanto o campo da filosofia européia se constituiu tentando a todo custo demarcar sua independência da teologia – isto é, com um total afastamento da idéia de que Deus era o fundamento último dos sistemas e das teorias, no Brasil, a formação desse campo foi marcada pela presença de professores de filosofia formados em instituições eclesiais e católicas. Nessas instituições, em que a filosofia e a teologia são consideradas consubstanciais, nenhuma elaboração filosófica é possível fora do dogma cristão que rege os modos de pensar e o modo de organização da existência concreta dos homens.

Meu interesse nesse grupo – os *filósofos de origem católica* – aumentou ao descobrir, também por meio dessa pesquisa realizada no Lattes, a participação deles na constituição do espaço de debate acadêmico filosófico no Brasil, sobretudo a partir da criação das associações de professores de filosofia nos anos 70 e 80, por ocasião da institucionalização do programa de pós-graduação no país.

Diante destes fatos e interessada em compreendê-los, o passo seguinte foi a elaboração de um conjunto de perguntas para a montagem desta tese, intitulada “Conversão e Reconversão: a circulação internacional dos *filósofos de origem católica*”:

**De que modo a internacionalização da formação de filósofos contribuiu para a consolidação de novas definições de apreender o saber filosófico? Que relações existem entre a passagem pelo estrangeiro e a determinação de novos métodos, novas vias de transmissão do saber, na criação de novas disciplinas? Que diferentes usos são possíveis da passagem pelo internacional por estes profissionais? Que percursos sociais e intelectuais seguidos pelos filósofos brasileiros que se formaram no exterior permitiram estabelecer linhas de pesquisas diferenciadas? Até que ponto o uso da formação especializada em filosofia no exterior pode funcionar como princípio de distinção entre os agentes? Ou ainda, como os estudos de filosofia no exterior permitiram a entrada e a participação dos *filósofos de origem católica* na formação da filosofia acadêmica no Brasil?**

Foi por meio do estudo desse grupo de *filósofos de origem católica*, em particular, pela análise dos recursos sociais e culturais desses indivíduos, tendo como hipótese o investimento em estudos no exterior, que procurei reconstituir a formação do espaço acadêmico brasileiro.

### ***Métodos e técnicas***

O material básico para esta pesquisa adveio da análise fatorial realizada na dissertação francesa. Contudo, acoplei, nesta pesquisa, um conjunto de entrevistas que realizei com um total de vinte e cinco professores, objetivando relacionar as condições sócio-históricas e disposições filosóficas dos entrevistados. Além disso, foi realizada uma observação etnográfica de dois encontros de filósofos visando apreender as questões colocadas acima sob o ponto de vista nativo e construir um material mais impregnado do que sentem e pensam os filósofos brasileiros enquanto membros de um corpo.

Para pensar as minhas entrevistas, orientei-me pelo trabalho que Christophe Charle<sup>12</sup> realizou sobre o nascimento dos intelectuais, no qual chamou a atenção para a importância de se articular os indivíduos que têm objetivos e fins comuns como grupo, evitando enxergá-los somente como seres individuais. Seguindo essa lógica, procurei centrar as entrevistas na constituição da ANPOF e, em especial, na participação do grupo que denominei de *filósofos de origem católica* na articulação da criação dessa instituição.

A grade de entrevistas foi dividida em três grandes temas: (a) período anterior à ida ao exterior – onde busquei informações sobre a origem social e cultural dos agentes e de seus familiares, tais como estudos secundários e universitários; (b) período durante a estada no exterior – foquei, sobretudo, a rede institucional e os motivos alegados para ida ao exterior, bem como os desafios e os investimentos realizados no estrangeiro; e (c) período relacionado à volta ao Brasil – procurei perceber como se deu na prática a constituição dos espaços de debates filosóficos.

---

<sup>12</sup> Christophe CHARLE, 1990, *Naissance des intellectuels, 1800-1900*, Paris : Minuit.

Ao elaborar minhas primeiras entrevistas senti necessidade de juntar à amostra três outros filósofos que não participaram da criação da Associação. Isso porque, mesmo não tendo participado da ANPOF, esses filósofos eram sempre citados nas entrevistas pelos demais, o que me chamou atenção para uma reflexão ainda mais insistente a respeito da rede de relações sociais e institucionais que ligavam os agentes e também sobre as diferenças dos investimentos (acadêmicos e intelectuais) e, portanto, do destino dos indivíduos.

Dada a necessidade de cruzar algumas informações a respeito dos *filósofos de origem católica* e de suas atuações na criação da ANPOF e das associações especializadas em filosofia com aqueles formados junto à USP, realizei entrevistas que também tiveram como objetivo coletar dados referentes à formação escolar e social desses agentes. Assim, estabeleci uma amostra de indivíduos formados tão somente em filosofia (graduação e pós-graduação). Diferentemente do grupo católico, mencionado anteriormente, esses indivíduos tiveram uma forte influência escolar francesa. As informações coletadas se tornaram necessárias para se construir um pólo (amostra) de comparação com os católicos.

Os critérios de escolha seguiram praticamente o mesmo procedimento estabelecido para o grupo dos *filósofos de origem católica*, quais sejam: (a) identificação dos indivíduos por meio da base de dados construída na pesquisa de DEA – duas variáveis importantes foram destacadas: tipo de formação (Filosofia universitária e pós-universitária) e local (USP e França); (b) identificação dos indivíduos através dos GT's (Grupos de trabalhos) da ANPOF; (c) identificação através das Associações de Filosofia – Sociedade Kant Brasileira, Associação Nacional de Estudos do século XII e ANPOF; e, por fim, (d) identificação por meio dos depoimentos colhidos com os *filósofos de origem católica*.

A partir desses critérios, estabeleci um grupo menor de indivíduos para entrevistar, escolhido por suas trajetórias sociais e escolares, que cristalizaram momentos importantes do processo da institucionalização da Filosofia no Brasil, em especial com a criação da ANPOF. Isso possibilitou a reconstituição de um panorama mais amplo das diferentes posições filosóficas existentes no Brasil.

Estes procedimentos estiveram relacionados com o método escolhido para a elaboração deste trabalho e que ressalta a importância de se estudar os indivíduos e/ou grupos sempre os relacionando, pois as idéias e correntes filosóficas são produtos de



indivíduos concretos inseridos em contextos impregnados de relações sociais e intelectuais precisas<sup>13</sup>.

Além da série de entrevistas realizadas no Brasil, fiz também uma pesquisa empírica na Europa, em particular nas universidades católicas e eclesiásticas de maior peso na formação do grupo que chamei de *filósofos de origem católica*. Realizei, nesta pesquisa, entrevistas com os orientadores de teses dos entrevistados, além de um levantamento sobre a vida estudantil tanto na Universidade Católica de Louvain quanto na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma (PCPB), moradia dos presbíteros brasileiros em formação na Itália. Esta pesquisa, realizada entre maio e setembro de 2005, foi fundamental para conhecer o ambiente no qual a população em estudo se formou e adquiriu boa parte de seu conhecimento filosófico e, em nome do qual, passou a competir pela palavra filosófica autorizada.

A realização, por exemplo, de mais de duas horas de entrevista com o filósofo católico Jean Ladrière, que orientou quase que a totalidade das teses defendidas por brasileiros em passagem pelo Instituto Superior de Filosofia, em Louvain, muito ajudou para entender não só como esses filósofos enfrentaram os estudos em outro país, como também o tipo de política adotada pela Université Catholique de Louvain para os receber, bem como a própria história do Institut Supérieur de Philosophie (ISP-Louvain).

Já a pesquisa em Roma foi toda realizada pelo contato com os jesuítas coordenadores e com diretor do PCPB, pois o acesso à biblioteca das universidades romanas era limitado. O Colégio serviu, assim, como via privilegiada para consultar dados a respeito da formação filosófica nas universidades eclesiásticas em Roma. Além das informações sobre a escolaridade dos padres e seminaristas brasileiros em passagem por Roma – diploma, universidade, idade, local de origem, dados que me permitiram traçar um pequeno perfil dos agentes - foi de importância crucial a entrevista com o Diretor de estudos do colégio, Padre Pastor, que me forneceu dados mais qualitativos a respeito da vida estudantil nas universidades eclesiásticas romanas.

---

<sup>13</sup> Cf. o conceito de campo de Pierre Bourdieu, 1984, fundamentado e explicitado em *Homo academicus*, Paris: Minuit, p.47.

Por fim, um outro procedimento adotado para produção de informações a respeito desses dois grupos – os *filósofos de origem católica* e os *filósofos* – foi a observação etnográfica realizada em dois encontros entre os professores de filosofia. O primeiro, promovido pela ANPOF, ocorreu em 2004, em Salvador. Tratou-se do XI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF. O outro, que aconteceu em junho de 2005 na França, foi o Colloque International de Philosophie: “Culture Brésilienne et Traditions Françaises”. O objetivo de participar como observadora destes encontros foi o de verificar concretamente como se dá o diálogo entre esses dois grupos e, em particular, com os filósofos europeus.

A observação permitiu a descrição do que posso chamar de “campo em ação”, pois pude observar comportamentos, modos diversos de expressão oral e visual, quantidade de intervenções, tratamento dado pelos filósofos europeus aos brasileiros e vice-versa, entre outros fatores. Significou, portanto, construir um motor de análise para balizar e evitar o simples contentamento das respostas definidas e orientadas em função das questões (guia de entrevista) e de minha própria expectativa.

A perspectiva analítica adotada para essa observação veio do clássico trabalho de Clifford Geertz, sobre a briga de galos em Bali<sup>14</sup>. A briga de galo, longe de ser apenas uma ocasião em que as diferenças dos *status* dos balinenses são reforçadas e insultadas, é uma história interpretativa da vida que os balinenses contam a eles mesmos, isto é, a briga de galos tem, por assim dizer, uma função interpretativa. Foi nesse sentido que direcionei minhas observações e análises dos encontros: apesar de enfatizar as diferentes mediações de imposição hierárquica entre os agentes (gestos corporais, distribuição de tempo por comunicação, local de apresentação dos trabalhos, etc.), procurei interpretar o sentido que os encontros fazem na vida dos próprios indivíduos.

A observação desses dois encontros foi também a oportunidade para que eu pudesse observar os inconscientes disciplinares nacionais, isto é, esquemas cognitivos arbitrários, contingentes e históricos, incorporados ao longo de experiências escolares e culturais<sup>15</sup>. Ao

---

<sup>14</sup> Clifford GEERTZ, 1989, Um jogo absorvente: Notas sobre A briga de Galos Balinesa, in: *A Interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: LTC Editora, pp. 185-213.

<sup>15</sup> Pierre BOURDIEU, 2000, L'inconscient d'école, *Actes Recherches en Sciences Sociales – ARSS*, n° 135, pp. 3-5; Pierre BOURDIEU, 2002, Circulation International des idées, *ARSS*, n° 145, pp 3-8. Ver também, acerca dos usos diferentes de Heidegger na França e na Alemanha, a obra de Pierre BOURDIEU, 1988, *L'ontologie politique de martin heidegger*, Paris: Minuit.



longo desta observação, procurei transformar as apresentações, a escolha dos autores, as linhas de pesquisa, as maneiras de sentar, de falar, os gestos, as vestimentas, etc., em sistemas classificatórios capazes de objetivar modos de pensar e agir, reforçando três elementos importantes de minha pesquisa, a saber: a) a autonomia da filosofia face às disciplinas das ciências sociais, onde o direito é o caso exemplar; b) a desvinculação da filosofia em relação às autoridades eclesiásticas, colocando a filosofia como um conhecimento não mais subalterno à teologia; e c) a autonomia da filosofia face ao campo político, em particular, de núcleos políticos, cujo exemplo cabal foi a implantação da ANPOF e seus efeitos na constituição do campo filosófico atual.

Tal é a perspectiva mais geral que utilizei para analisar a circulação internacional dos *filósofos de origem católica* e, simultaneamente, a constituição do campo filosófico brasileiro no decorrer dos últimos trinta anos.

### ***Plano da tese***

A tese está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “O espaço acadêmico da filosofia no Brasil”, procurei objetivar a constituição desse espaço. Longe de ser um país de tradição filosófica, o Brasil, somente nos últimos 30 anos, contou com uma produção mais sistematizada e especializada em filosofia. Neste capítulo, tratei dessa sistematização por meio das disputas de poder pela imposição da regra de funcionamento dessa produção, procurando observar de que maneira as tradições universitárias nacionais determinam fortemente as práticas científicas e, particularmente, as escolhas dos objetos de pesquisa. Estas disputas se recompõem com a implantação do sistema de pós-graduação no Brasil, pois esse sistema estabeleceu as condições para o aparecimento de um corpo docente cada vez mais especializado na área.

No segundo capítulo busquei, por meio da análise de dezessete biografias obtidas por entrevistas, em particular do grupo que denominei de *filósofos de origem católica*, explicitar

algumas das disposições que foram necessárias para reverter o saber adquirido no estrangeiro em trunfo social e simbólico no espaço acadêmico brasileiro.

Analisei a relação de interdependência que se estabelece entre os filósofos *de origem católica* e os demais. Na reconstituição das trajetórias, dois elementos foram sublinhados como importantes para uma melhor compreensão da constituição da crença na própria disciplina e da contribuição dos católicos na formação do campo. São eles:

- a. o recrutamento e a formação de militantes dentro dos movimentos políticos de esquerda de origem católica (pelo menos para 10 dos 17 professores entrevistados);
- b. os estudos realizados em instituições católicas e/ou eclesiásticas na Europa.

O recrutamento e a formação dos militantes políticos foram tratados como aquisição de determinadas práticas e via de acesso dominante aos questionamentos filosóficos. Trata-se de compreender como a passagem por esses movimentos transformou as motivações iniciais desses indivíduos em interesses específicos. Os movimentos de juventude católica e os grupos políticos que nela tiveram origem, como a Ação Popular (AP), também foram abordados como *lócus* de socialização tão decisivos quanto o apoio da Igreja para estudos no exterior e na dedicação posterior à filosofia.

A passagem dos *filósofos de origem católica* pelo universo internacional é estudada aqui por meio das redes de relações sociais estabelecidas antes e depois da ida ao exterior. Diferentemente da maioria dos professores e estudantes de filosofia universitários que contaram com bolsas de estudos concedidas pelas agências governamentais de apoio à pesquisa – CAPES, CNPq e FAPESP – sobretudo após a década de oitenta, o grupo em estudo contou praticamente com ajudas fornecidas pelas redes estabelecidas pela Igreja Católica<sup>16</sup>. Detectadas essas ajudas, trabalhei os diferentes investimentos realizados pelas famílias dentro da Igreja.

---

<sup>16</sup> Como demonstram os resultados das pesquisas dirigidas pelo Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior e Profa. Dra. Letícia Bicalho Canêdo (2006), as agências governamentais de apoio à pesquisa, CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), contribuíram para a inserção de uma camada de estudantes e professores no espaço de concorrência internacional (estudos em centros de

No terceiro e último capítulo, apresentei os resultados do estudo realizado nos dois encontros de professores de filosofia. Um deles foi organizado pela ANPOF, no Brasil. O outro foi realizado em Nice, por um comitê de professores de universidades brasileiras e francesas, em comemoração aos 25 anos da assinatura do acordo CAPES-COFECUB<sup>17</sup>. Por meio de uma análise descritiva dos comportamentos e das falas de alguns professores de filosofia – para a qual me utilizei sistematicamente de minhas anotações do caderno de campo – procurei demonstrar como acontece, na prática, a luta pela palavra autorizada em filosofia. A descrição etnográfica dos dois eventos restaurou a dimensão real e concreta das condições sociais das práticas dos agentes, funcionando como uma espécie de antídoto às críticas dirigidas às análises históricas dessas condições.

---

excelência na Europa). Esses professores e estudantes, desprovidos de um capital econômico, social e cultural, quando comparados às antigas formas de circulação internacional (a exemplo das antigas elites da década de 30), adquiriram, com a implantação dessas agências, maiores chances de disputar as melhores carreiras no campo acadêmico brasileiro quando de volta ao Brasil. Ver, a propósito, Letícia Bicalho CANEDO e Afrânio Raul GARCIA JÚNIOR, 2005, *Les boursiers brésiliens et l'accès aux formations d'excellence internationales*, *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris. Ver também Letícia Bicalho CANÊDO, Afrânio Raul GARCIA JÚNIOR, Ana Maria ALMEIDA e Agueda BITTENCOURT (Orgs), 2004, *Circulação Internacional e formação intelectual das elites Brasileiras*, São Paulo: Editora Unicamp.

<sup>17</sup> Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil (COFECUB).

## **CAPÍTULO I - A consolidação do espaço acadêmico filosófico no Brasil**

Neste capítulo tratarei da formação do espaço filosófico acadêmico ao longo dos últimos cinquenta anos. Procurarei explicitar a posição que a filosofia ocupou nesse período frente às demais disciplinas universitárias, tanto no que diz respeito ao espaço dos objetos de reflexão quanto à pesquisa universitária.

Parto do princípio de que na filosofia, como nas demais ciências sociais, diferentemente das ciências da natureza, as tradições universitárias nacionais determinam fortemente as práticas científicas e, particularmente, as escolhas dos objetos de pesquisa. Esse princípio, a ser destacado aqui para explicitar o lugar ocupado pela filosofia no Brasil, delinea-se na observação, compartilhada por vários estudiosos, de que a posição relativa das disciplinas no universo acadêmico se transforma quando se muda de país. O mesmo se pode dizer quanto aos objetos de estudo próprios a cada disciplina<sup>18</sup>.

### **1- As tradições disciplinares e as práticas científicas**

No Brasil, o estudo da filosofia e seu ensino se constituíram em torno do ensino das ciências jurídicas e da formação religiosa. No que diz respeito às ciências jurídicas, a função da filosofia nas Faculdades de Direito era pensar a organização do Estado, pois nessas faculdades se formavam os quadros administrativos, legislativos e da diplomacia brasileira. Nas escolas e seminários católicos, o ensino da filosofia contribuía para a reflexão dos membros da Igreja frente às transformações históricas<sup>19</sup>. Dessa maneira, até 1950, década em que as primeiras turmas de professores universitários de filosofia se formaram, essa disciplina foi considerada completamente subordinada aos embates da luta política, quer cívica, quer religiosa.

---

<sup>18</sup> Pierre BOURDIEU, 1984, op. cit. Ver igualmente Charles SOULIE, 2006, Des déterminants sociaux des pratiques scientifiques: étude des sujets de recherches en sciences sociales en France au début des années 90, *Regards sociologiques*, n° 31.

<sup>19</sup> Alípio Marcio Dias CASALI, 1995, *Elite Intelectual e restauração da Igreja*, Petrópolis: Vozes. Sobre esse aspecto, o livro de Casali esclarece que algumas esferas da Igreja Católica não pouparam esforços, principalmente com ajuda de jesuítas, para a criação de centros de estudos e universidades.

Na Alemanha, diferentemente do que acontecia no Brasil, a reforma das universidades, a partir de 1808<sup>20</sup>, tornou a filosofia uma disciplina autônoma, ligada a um domínio do pensamento metódico e prático. Nesse país, o ensino dessa disciplina, durante todo o século XIX, foi obra exclusiva das universidades<sup>21</sup>, o que levou Ulrich Schneider a constatar que há uma correlação entre a organização das universidades alemãs do século XIX e uma filosofia produzida por um corpo de professores cada vez mais especializado. Ao comparar o caso alemão com o francês, por exemplo, esse autor demonstra que o decreto de 1808, que estabeleceu as Faculdades de Letras e Ciências na França, fez do ensino superior um simples apêndice do ensino secundário, e não um motor de uma real prática científica, como na Alemanha, no mesmo momento. Schneider conclui, a partir disso, que foi a organização do ensino superior nas universidades que contribuiu para a sistematização do ensino e da produção de todas as disciplinas, em especial a filosofia<sup>22</sup>. O mesmo observou Gérard Noiriel<sup>23</sup> em seu artigo sobre a constituição do *métier* de historiador na França no final do século XIX. Para esse autor, um dos fatores fundamentais para a constituição de um corpo especializado na área de história foi a importação do modelo alemão de pesquisa para a constituição do sistema de ensino republicano.

Assim, não sem razão, um dos motivos atribuídos à fraqueza da reflexão filosófica no Brasil se refere à sua tardia organização em torno de um corpo de professores universitários, pois as universidades brasileiras só foram criadas a partir de 1930. A criação da primeira universidade do país, Universidade de São Paulo (USP), e a do primeiro curso universitário de filosofia aconteceu em 1934<sup>24</sup>. Para isso, a vinda de uma missão francesa foi fundamental em sua implantação.

A nova universidade foi o resultado da fusão das faculdades até então existentes, que eram as de Medicina, de Engenharia e de Direito. A criação da Faculdade de Filosofia,

---

<sup>20</sup> A Universidade de Berlim, criada em 1808, foi a primeira universidade a conciliar ensino e pesquisa na Europa. Ela foi tomada como modelo na reforma do sistema educacional alemão, que propunha a universidade produtora do conhecimento por meio da pesquisa. Tal modelo, como bem observou Christophe Charle, serviu de base para a consolidação do sistema universitário francês durante a terceira República, em particular, no final do século XIX. Christophe CHARLE, 1987, *Les Elites de la République, 1880-1900*, Paris : Fayard; Christophe CHARLE, 1990, *Naissance des intellectuels, 1880-1900*, Paris : Minuit.

<sup>21</sup> Ulrich Johannes SCHNEIDER, 1995, L'historisation de l'enseignement de la philosophie dans les universités allemandes du XIX siècle, *ARSS*, n° 109, sept., pp.1-29. Ver também Jean Louis FABIANI, 1983, Les programmes et les œuvres, Professeurs de philosophie en classe et en ville au tournant du siècle, *ARSS*, n° 47- 48, juin, pp. 3- 20.

<sup>22</sup> Ulrich Johannes SCHNEIDER, 1995, op. cit., p. 29.

<sup>23</sup> Gérard NOIRIEL, 1990, Naissance du métier d'historien, *Genèses*, n° 1, sept., pp. 58-85.

<sup>24</sup> Embora a primeira universidade criada no Brasil tenha sido a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920, do ponto de vista legal e da produção acadêmica ela só passou a funcionar em 1937.

Letras e Ciências Humanas (FFLCH) dentro da Universidade de São Paulo deu um caráter específico a essa disciplina, uma vez que estava organizada por um corpo de professores especializados, superando destarte a fase em que ela estava dispersa nas faculdades de direito e nas escolas católicas e protestantes de formação do clero. Para tanto, seus professores foram recrutados na Europa, principalmente na França, na Itália e na Alemanha. Foi assim que o público universitário da época pôde seguir, por exemplo, Cursos de Antropologia com Claude Lévi-Strauss, de Geografia com Pierre Monbeig, de Sociologia com Roger Bastide e de História com Fernand Braudel. No caso da Cátedra de Filosofia, a tarefa de moldar a nova disciplina universitária foi inteiramente francesa<sup>25</sup>.

## **2- A redefinição do saber filosófico**

Num espaço de vinte anos, de 1934 até 1954, a função do filósofo foi completamente transformada pela imposição das normas do universo profissionalizado. Tal imposição, conforme Jean Louis Fabiani<sup>26</sup>, exige, de forma generalizada, uma formação específica e profissionalizada do filósofo, organizada em torno de diversos rituais, entre eles, concursos e defesas de teses anuais.

A justificativa do caráter específico e profissional da filosofia na Universidade de São Paulo ficou a cargo do professor francês Jean Maugué<sup>27</sup>. Fazendo referência às premissas

---

<sup>25</sup> Paulo Eduardo ARANTES, 1994, *Um departamento Francês de Ultramar, Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

<sup>26</sup> O termo profissionalização foi adotado a partir de Jean Louis Fabiani, *Les philosophes de la République*, que descreve as transformações do campo de produção filosófica no final do século XIX na França. A profissionalização é considerada contemporânea ao desenvolvimento do sistema de ensino republicano e do crescimento dos professores no campo intelectual. O mesmo termo, profissionalização, foi utilizado por Gerard Noiriel em seu artigo sobre a constituição do *métier* de historiador na França. Ele considera que foram os historiadores nas universidades que impuseram o conjunto de regras necessárias para o *métier* e cujo único meio de apreendê-las seria pela aquisição de uma formação específica. Jean Louis FABIANI, 1988, op. cit. Consultar igualmente, Gerard Noiriel, 1990, op. cit. p. 59.

<sup>27</sup> Jean Maugué nasceu em 1904 em Cambrai, no norte da França, tendo obtido em 1922 o diploma de bacharel de Letras. Ingressa na École Normale Supérieure, instituição dominante no espaço escolar francês, obtendo o diploma de "agrégation" em filosofia em 1932. Em 1935, é professor do liceu Montluçon (Allier), junta-se ao grupo de professores franceses designado para o ensino na Universidade de São Paulo, substituindo o católico Etienne Borne, que havia inaugurado o curso. Passou o protestante Maugué a lecionar Filosofia, História da Filosofia e Psicologia na universidade até 1938, quando a cadeira de filosofia, tornando-se independente das demais, ficou a cargo de Cruz Costa, que havia sido seu aluno e orientando. A partir de então, as regências de História da Filosofia e Psicologia couberam ao mestre francês até que deixasse Brasil, em agosto de 1944, para engajar-se nas *Forces Françaises Libres* e viver no Front os



kantianas de estudos filosóficos, ele indica a história da filosofia dos autores clássicos como única via de acesso aos estudos filosóficos dizendo: “*S’il est vrai qu’on ne peut jamais enseigner la Philosophie sauf historiquement comme le voudrait Kant, la lecture des classiques va être le seul moyen d’apprendre à philosopher*”<sup>28</sup>.

A formação específica em filosofia passou a ser reivindicada pelos novos profissionais como condição essencial de apreensão e transmissão dos novos métodos e modelos filosóficos, sobretudo quando a presença dos mestres franceses passou a se dar de forma contínua e intensa, como parece ter sido o caso do professor Gilles Gaston Granger, responsável pela formação de turmas inteiras de estudantes de filosofia. Essa presença francesa, como bem observou Marcos Nobre, foi o que possibilitou a consolidação do que viria a ser o Curso de Filosofia na USP, ao menos para os anos cinquenta e sessenta, período em que o exercício da filosofia adotou a exegese dos textos clássicos da história da filosofia a investigações concretas sobre as tendências recentes da matemática e da física. Nas palavras do autor:

*Conciliando a formação acadêmica francesa da exegese dos textos clássicos da história da filosofia a investigações concretas sobre as tendências recentes da matemática e da física, ele (Gilles Gaston Granger) incentivou seus alunos a adquirir conhecimentos sólidos pelo menos em uma disciplina científica canônica. Pioneiro no curso sobre Wittgenstein na década de 50, as primeiras gerações de estudantes de filosofia brasileiras estavam marcadas pelo acoplamento das questões filosóficas a problemas concretos da ciência e obrigada a pensar esse acoplamento segundo rígidos padrões de leitura dos clássicos do pensamento filosófico e científico. Mentor dos futuros passos do departamento de filosofia em formação, de volta a França em 54, estabelecendo em Rennes, ele passou a ser o mais importante elo entre os jovens estudantes da USP, com a cultura universitária francesa, que para lá se dirigiam para completarem sua formação, além de indicar nomes de professores para o departamento, como por exemplo, Gerard Lebrun, filósofo que imprimiu profundas e duradouras marcas no departamento*<sup>29</sup>.

---

últimos movimentos da guerra na Áustria. Maugué não voltou ao Brasil pois passou a se dedicar a funções diplomáticas e consulares junto ao *Ministères des Affaires Etrangères*, terminando sua carreira como professor de Filosofia no liceu Camot. Como observa Charles Soulié, o concurso para obtenção do “agregation” determina fortemente o quadro geral da pesquisa universitária francesa. Ver Paulo Eduardo ARANTES, 1994, op. cit.

<sup>28</sup> Apud Paulo Eduardo ARANTES, 1994, op. cit.

<sup>29</sup> Marcos NOBRE, 1999, A filosofia da USP sob a ditadura militar, *Novos Estudos Cebrap*, n°53, março, pp.145-147. Segundo Marcos Nobre, de 1934 a 1951, ocuparam o posto francês na Filosofia da USP Etienne Borne (1934-1935), Jean Maugué (1935-1944) e Gilles Gaston-Granger (1947-1951), que foi substituído por Claude Lefort. Além disso, no mesmo período, o Departamento de Filosofia da USP também contou com os professores visitantes Martial Guérout e Jules Vuillemin. Para maiores informações, consultar o artigo citado acima. Ver também entrevista com Paulo Eduardo Arantes, “Para onde caminha o bonde da filosofia?”, *Folha de São Paulo*, Editorial: MAIS! fev., pp. 4-6, 1994. Neste depoimento, Paulo Eduard Arantes afirma que o conjunto de métodos e técnicas de estudo da história da filosofia foi dado pelo professor Jean Maugué, mas tal método só iria se cristalizar na década de sessenta, por obra dos primeiros

Até o final dos anos setenta, o ensino e a produção da filosofia no meio universitário encontraram dificuldades de diferentes ordens para se impor. As resistências e as divergências vivenciadas entre as gerações de filósofos sem formação e titulação especializada em filosofia e os filósofos formados na FFLCH da USP, detentores de um título especializado, exemplificam a mudança que a formação universitária em filosofia trouxe para o universo dessa produção.

Uma das reações mais fervorosas contra a proliferação de uma formação especializada veio do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), criado em 1949 pelo professor Miguel Reale, da antiga Faculdade de Direito da mesma Universidade. Essa reação, transformada em querela, pode ser acompanhada através dos artigos publicados na *Revista Brasileira de Filosofia*, criada por esse mesmo professor no IBF, e nos Anais dos congressos organizados por esse Instituto.

O IBF organizou, num espaço de dez anos, três congressos nacionais, contando, para tanto, com o financiamento da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Os discursos proferidos nos atos de abertura destes congressos revelam a rivalidade em torno do lugar legítimo de produção filosófica, que passou a existir entre esse grupo e o da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da recém criada universidade paulista. Tal rivalidade se acirrou ao longo desses dez anos, na medida em que a FFLCH, vinculada à criação dos primeiros cursos universitários no Brasil, passava a ser a referência na produção filosófica brasileira.

Os dois trechos abaixo, retirados dos Anais de dois eventos organizados pelo IBF, mostram bem como a profissionalização da filosofia nas universidades estava colocando em xeque a sua produção realizada a partir de uma formação em Direito. No primeiro Congresso, por exemplo, realizado em 1950, um ano após a criação do IBF, o professor Reale justifica a criação do Instituto fora da universidade alegando que:

*em todo país civilizado e cultivado, existem institutos como o IBF, que reúne pessoas formadas ou não em filosofia, pessoas com títulos ou não, diplomas*

---

quatro mestres formados pela tradição francesa – Bento Prado Jr., José Arthur Giannotti, Oswaldo Porchat e Ruy Fausto, que ensinavam na Rua Maria Antonia.



*e títulos, cujo único título, ou melhor, o principal título é o de um verdadeiro, sincero e autêntico interesse pelas coisas da filosofia*<sup>30</sup>.

Nove anos mais tarde, no terceiro Congresso, o professor alertou para um tipo de profissionalização filosófica que estava criando regras tão específicas para a produção filosófica que a tornava "amorfa". Segundo ele:

*a profissionalização da filosofia se de um lado é um bem para as condições que o trabalho intelectual reclama, de outro lado é um mal, pois ele pode perder seu espírito criador, que Platão e Aristóteles sugeriam como sendo elementos cruciais à iniciação ao pensamento filosófico [...] Urge, então, que os adoradores da filosofia se certifiquem dentro e fora das estruturas universitárias*<sup>31</sup>.

O confronto de Miguel Reale com o novo tipo de filósofo que estava se formando na Faculdade de Filosofia da USP pode ser avaliado pela análise do concurso do Prof. João Cruz Costa, que defendeu a primeira tese em filosofia na USP no ano de 1944 e foi aluno de Jean Maugüé, para assumir a cadeira de filosofia na USP.

Recorto, para análise do confronto, primeiro a defesa de Miguel Reale, no concurso da candidatura dos membros do IBF. Em seguida, trago a fala de José Arthur Giannotti, que era então aluno de filosofia da USP, na qual relembra a polêmica gerada na época. Giannotti reforça, na entrevista, a criação das regras que hoje fazem parte da profissão. No dizer de Reale, o candidato natural era o seu "velho amigo Cruz Costa", no entanto, vários dos seus colegas do IBF se inscreveram no concurso:

*Vicente Ferreira da Silva Filho, Heraldo Barbuy, Renato Cirelli Czerna, Luiz Washington Vita e Oswald de Andrade resolveram também se inscrever, apresentando trabalhos a que há tempos vinham se dedicando, cada um deles correspondentes às suas inclinações naturais [...] Creio que teria sido salutar o ingresso na USP de representantes de referidas correntes de idéias, num pluralismo louvável e fecundo, mas assim não entenderam as autoridades responsáveis pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que impugnaram a inscrição de todos os concorrentes de Cruz Costa, sob a*

---

<sup>30</sup> Ver Anais do I Congresso Nacional de Filosofia organizado pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, em 1950, p. 18.

<sup>31</sup> Ver Anais do III Congresso Nacional de Filosofia organizado pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, em 1959. Discurso de Miguel Reale, p.14.

modalidades de *stricto sensu*, tendo como base o ano de 2000. Essas seis universidades também eram as que contavam com uma publicação mais sistemática de revistas, apresentavam várias linhas de pesquisa, além de disponibilizarem, em suas páginas na internet, informações de cada um dos docentes<sup>10</sup>. Dos cento e nove professores localizados nessas universidades, encontrei informações completas de sessenta e quatro professores, numa pesquisa realizada na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O fato de esses professores manterem um currículo nesta plataforma, foi por mim tomado como um indicador de que eram reconhecidos.

Dessa maneira, nesse primeiro levantamento estatístico, realizado por uma consulta via internet, foram considerados como filósofos apenas os acadêmicos, em particular, aqueles reconhecidos pelas instituições acadêmicas como docentes e pesquisadores nos departamentos de filosofia.

Considerando, no entanto, o universo dos filósofos como um campo, espaço social cujas fronteiras formais e institucionais podem ser um dos efeitos do próprio campo, procurei privilegiar os filósofos do IBF. Aumentando o grupo, foram incorporados a essa primeira amostra – usando o termo estatístico – os filósofos do IBF reconhecidos como filósofos pelos historiadores das idéias filosóficas no Brasil.

Posteriormente, realizei uma análise de vinte e seis variáveis sócio-demográficas e institucionais desses agentes (local e data de nascimento, sexo, títulos universitários, local de obtenção de cada título, linhas de pesquisas, vínculos institucionais, etc.), que permitiu o estabelecimento de suas características escolares, na medida do possível. Essas variáveis foram associadas às suas práticas e formulações teóricas.

Com tais informações, pude começar a pensar em duas das questões propostas, quais sejam: quem faz filosofia? e, quem é filósofo? Porém, para organizar todas as informações referentes aos professores de filosofia (vinte e seis variáveis e sessenta e quatro filósofos) decidi utilizar como técnica estatística a análise de correspondência<sup>11</sup>. Essa ferramenta de análise me foi

---

<sup>10</sup> Embora tenha localizado cento e nove professores, referentes ao corpo docente das seis universidades que oferecem cursos de pós-graduação no Brasil, busquei informações sociais, escolares e acadêmicas mais completas para apenas sessenta e quatro professores. Além dos docentes oriundos destas seis universidades, acrescentei quatro filósofos associados ao Instituto Brasileiro de Filosofia, reconhecidos pelos professores de filosofia, e cinco professores de filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>11</sup> A análise de correspondência é especialmente indicada para descrever matrizes com grande volume de dados discretos e sem uma estrutura claramente definida *a priori*. Esse método permite a visualização das relações mais importantes de

muito útil porque me permitiu visualizar sob a forma de gráficos as variáveis mais significativas para compreender quem são os filósofos e quem faz filosofia no Brasil, bem como permitiu distinguir de que maneira eles estão organizados no espaço acadêmico brasileiro. Essa técnica, ao relacionar as várias informações a respeito dos filósofos e calcular a distância e a aproximação entre eles, permitiu-me estabelecer as principais características do grupo em questão.

Organizei, depois, aqueles que são considerados filósofos e que fazem filosofia no Brasil em três grupos, quais sejam: os *filósofos juristas*, os *filósofos de origem católica* e, simplesmente, os *filósofos*.

Os *filósofos juristas* são os formados, grosso modo, no Brasil, nas antigas Faculdades de Direito. Esse grupo apareceu, até os anos de 1960, como predominante no interior do campo filosófico. Os *filósofos de origem católica* estão localizados no grupo de detentores de um título universitário em filosofia e/ou em outras disciplinas, títulos esses que foram obtidos em instituições católicas (seminários e universidades católicas). Esse grupo está subdividido em dois: (a) aqueles que passaram por instâncias católicas, em particular, com estudos realizados na Bélgica, na Universidade Católica de Louvain (UCL) e na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG), na Itália; e (b) aqueles que não circularam pelo estrangeiro para realização de estudos de pós-graduação. O terceiro grupo é dos *filósofos*, que foi assim denominado por congregar os docentes universitários de filosofia da USP e de universidades públicas francesas. Esse último se caracteriza, principalmente, por possuir formação (graduação e pós-graduação) restrita à área de filosofia. Conseqüentemente, usufruem de maior autonomia em relação às instituições eclesásticas e jurídicas.

Os resultados obtidos com essa classificação me levaram a questionar o peso que os estudos de filosofia no exterior teve na organização dos filósofos no espaço acadêmico nacional e na constituição de um corpo professoral de filosofia no Brasil.

A dinâmica produzida pela estada/período no exterior na carreira acadêmica dos filósofos pôde ser verificada por meio do grupo que denominei de *filósofos de origem católica*. Isso pôde ser observado durante a reconstituição que fiz da direção da Associação Nacional de Pós-

---

um grande conjunto de variáveis entre si. Os resultados são apresentados sob forma de gráficos, onde estão representadas as categorias de cada variável e onde se pode observar as relações entre estas, através da distância entre os pontos desenhados. Para explicação de todo o procedimento da constituição do Banco de Dados e elaboração dos gráficos estatísticos ver Anexo 1, na página 157.

graduação em Filosofia no Brasil, na qual estavam presentes, desde 1983 até 2000, os *filósofos* e os *filósofos de origem católica* formados no exterior.

A presença dos *filósofos de origem católica* na formação dessa instituição me levou a questionar a relação entre teologia e filosofia na constituição do próprio campo filosófico brasileiro, mais precisamente, do peso da Igreja Católica na formação desse espaço acadêmico.

Enquanto o campo da filosofia européia se constituiu tentando a todo custo demarcar sua independência da teologia – isto é, com um total afastamento da idéia de que Deus era o fundamento último dos sistemas e das teorias, no Brasil, a formação desse campo foi marcada pela presença de professores de filosofia formados em instituições eclesiásticas e católicas. Nessas instituições, em que a filosofia e a teologia são consideradas consubstanciais, nenhuma elaboração filosófica é possível fora do dogma cristão que rege os modos de pensar e o modo de organização da existência concreta dos homens.

Meu interesse nesse grupo – os *filósofos de origem católica* – aumentou ao descobrir, também por meio dessa pesquisa realizada no Lattes, a participação deles na constituição do espaço de debate acadêmico filosófico no Brasil, sobretudo a partir da criação das associações de professores de filosofia nos anos 70 e 80, por ocasião da institucionalização do programa de pós-graduação no país.

Diante destes fatos e interessada em compreendê-los, o passo seguinte foi a elaboração de um conjunto de perguntas para a montagem desta tese, intitulada “Conversão e Reconversão: a circulação internacional dos *filósofos de origem católica*”:

**De que modo a internacionalização da formação de filósofos contribuiu para a consolidação de novas definições de apreender o saber filosófico? Que relações existem entre a passagem pelo estrangeiro e a determinação de novos métodos, novas vias de transmissão do saber, na criação de novas disciplinas? Que diferentes usos são possíveis da passagem pelo internacional por estes profissionais? Que percursos sociais e intelectuais seguidos pelos filósofos brasileiros que se formaram no exterior permitiram estabelecer linhas de pesquisas diferenciadas? Até que ponto o uso da formação especializada em filosofia no exterior pode funcionar como princípio de distinção entre os agentes? Ou ainda, como os estudos de filosofia no exterior permitiram a entrada e a participação dos *filósofos de origem católica* na formação da filosofia acadêmica no Brasil?**

Foi por meio do estudo desse grupo de *filósofos de origem católica*, em particular, pela análise dos recursos sociais e culturais desses indivíduos, tendo como hipótese o investimento em estudos no exterior, que procurei reconstituir a formação do espaço acadêmico brasileiro.

### ***Métodos e técnicas***

O material básico para esta pesquisa adveio da análise fatorial realizada na dissertação francesa. Contudo, acoplei, nesta pesquisa, um conjunto de entrevistas que realizei com um total de vinte e cinco professores, objetivando relacionar as condições sócio-históricas e disposições filosóficas dos entrevistados. Além disso, foi realizada uma observação etnográfica de dois encontros de filósofos visando apreender as questões colocadas acima sob o ponto de vista nativo e construir um material mais impregnado do que sentem e pensam os filósofos brasileiros enquanto membros de um corpo.

Para pensar as minhas entrevistas, orientei-me pelo trabalho que Christophe Charle<sup>12</sup> realizou sobre o nascimento dos intelectuais, no qual chamou a atenção para a importância de se articular os indivíduos que têm objetivos e fins comuns como grupo, evitando enxergá-los somente como seres individuais. Seguindo essa lógica, procurei centrar as entrevistas na constituição da ANPOF e, em especial, na participação do grupo que denominei de *filósofos de origem católica* na articulação da criação dessa instituição.

A grade de entrevistas foi dividida em três grandes temas: (a) período anterior à ida ao exterior – onde busquei informações sobre a origem social e cultural dos agentes e de seus familiares, tais como estudos secundários e universitários; (b) período durante a estada no exterior – foquei, sobretudo, a rede institucional e os motivos alegados para ida ao exterior, bem como os desafios e os investimentos realizados no estrangeiro; e (c) período relacionado à volta ao Brasil – procurei perceber como se deu na prática a constituição dos espaços de debates filosóficos.

---

<sup>12</sup> Christophe CHARLE, 1990, *Naissance des intellectuels, 1800-1900*, Paris : Minuit.

Ao elaborar minhas primeiras entrevistas senti necessidade de juntar à amostra três outros filósofos que não participaram da criação da Associação. Isso porque, mesmo não tendo participado da ANPOF, esses filósofos eram sempre citados nas entrevistas pelos demais, o que me chamou atenção para uma reflexão ainda mais insistente a respeito da rede de relações sociais e institucionais que ligavam os agentes e também sobre as diferenças dos investimentos (acadêmicos e intelectuais) e, portanto, do destino dos indivíduos.

Dada a necessidade de cruzar algumas informações a respeito dos *filósofos de origem católica* e de suas atuações na criação da ANPOF e das associações especializadas em filosofia com aqueles formados junto à USP, realizei entrevistas que também tiveram como objetivo coletar dados referentes à formação escolar e social desses agentes. Assim, estabeleci uma amostra de indivíduos formados tão somente em filosofia (graduação e pós-graduação). Diferentemente do grupo católico, mencionado anteriormente, esses indivíduos tiveram uma forte influência escolar francesa. As informações coletadas se tornaram necessárias para se construir um pólo (amostra) de comparação com os católicos.

Os critérios de escolha seguiram praticamente o mesmo procedimento estabelecido para o grupo dos *filósofos de origem católica*, quais sejam: (a) identificação dos indivíduos por meio da base de dados construída na pesquisa de DEA – duas variáveis importantes foram destacadas: tipo de formação (Filosofia universitária e pós-universitária) e local (USP e França); (b) identificação dos indivíduos através dos GT's (Grupos de trabalhos) da ANPOF; (c) identificação através das Associações de Filosofia – Sociedade Kant Brasileira, Associação Nacional de Estudos do século XII e ANPOF; e, por fim, (d) identificação por meio dos depoimentos colhidos com os *filósofos de origem católica*.

A partir desses critérios, estabeleci um grupo menor de indivíduos para entrevistar, escolhido por suas trajetórias sociais e escolares, que cristalizaram momentos importantes do processo da institucionalização da Filosofia no Brasil, em especial com a criação da ANPOF. Isso possibilitou a reconstituição de um panorama mais amplo das diferentes posições filosóficas existentes no Brasil.

Estes procedimentos estiveram relacionados com o método escolhido para a elaboração deste trabalho e que ressalta a importância de se estudar os indivíduos e/ou grupos sempre os relacionando, pois as idéias e correntes filosóficas são produtos de



indivíduos concretos inseridos em contextos impregnados de relações sociais e intelectuais precisas<sup>13</sup>.

Além da série de entrevistas realizadas no Brasil, fiz também uma pesquisa empírica na Europa, em particular nas universidades católicas e eclesiais de maior peso na formação do grupo que chamei de *filósofos de origem católica*. Realizei, nesta pesquisa, entrevistas com os orientadores de teses dos entrevistados, além de um levantamento sobre a vida estudantil tanto na Universidade Católica de Louvain quanto na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma (PCPB), moradia dos presbíteros brasileiros em formação na Itália. Esta pesquisa, realizada entre maio e setembro de 2005, foi fundamental para conhecer o ambiente no qual a população em estudo se formou e adquiriu boa parte de seu conhecimento filosófico e, em nome do qual, passou a competir pela palavra filosófica autorizada.

A realização, por exemplo, de mais de duas horas de entrevista com o filósofo católico Jean Ladrière, que orientou quase que a totalidade das teses defendidas por brasileiros em passagem pelo Instituto Superior de Filosofia, em Louvain, muito ajudou para entender não só como esses filósofos enfrentaram os estudos em outro país, como também o tipo de política adotada pela Université Catholique de Louvain para os receber, bem como a própria história do Institut Supérieur de Philosophie (ISP-Louvain).

Já a pesquisa em Roma foi toda realizada pelo contato com os jesuítas coordenadores e com diretor do PCPB, pois o acesso à biblioteca das universidades romanas era limitado. O Colégio serviu, assim, como via privilegiada para consultar dados a respeito da formação filosófica nas universidades eclesiais em Roma. Além das informações sobre a escolaridade dos padres e seminaristas brasileiros em passagem por Roma – diploma, universidade, idade, local de origem, dados que me permitiram traçar um pequeno perfil dos agentes - foi de importância crucial a entrevista com o Diretor de estudos do colégio, Padre Pastor, que me forneceu dados mais qualitativos a respeito da vida estudantil nas universidades eclesiais romanas.

---

<sup>13</sup> Cf. o conceito de campo de Pierre Bourdieu, 1984, fundamentado e explicitado em *Homo academicus*, Paris: Minuit, p.47.

Por fim, um outro procedimento adotado para produção de informações a respeito desses dois grupos – os *filósofos de origem católica* e os *filósofos* – foi a observação etnográfica realizada em dois encontros entre os professores de filosofia. O primeiro, promovido pela ANPOF, ocorreu em 2004, em Salvador. Tratou-se do XI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF. O outro, que aconteceu em junho de 2005 na França, foi o Colloque International de Philosophie: “Culture Brésilienne et Traditions Françaises”. O objetivo de participar como observadora destes encontros foi o de verificar concretamente como se dá o diálogo entre esses dois grupos e, em particular, com os filósofos europeus.

A observação permitiu a descrição do que posso chamar de “campo em ação”, pois pude observar comportamentos, modos diversos de expressão oral e visual, quantidade de intervenções, tratamento dado pelos filósofos europeus aos brasileiros e vice-versa, entre outros fatores. Significou, portanto, construir um motor de análise para balizar e evitar o simples contentamento das respostas definidas e orientadas em função das questões (guia de entrevista) e de minha própria expectativa.

A perspectiva analítica adotada para essa observação veio do clássico trabalho de Clifford Geertz, sobre a briga de galos em Bali<sup>14</sup>. A briga de galo, longe de ser apenas uma ocasião em que as diferenças dos *status* dos balinenses são reforçadas e insultadas, é uma história interpretativa da vida que os balinenses contam a eles mesmos, isto é, a briga de galos tem, por assim dizer, uma função interpretativa. Foi nesse sentido que direcionei minhas observações e análises dos encontros: apesar de enfatizar as diferentes mediações de imposição hierárquica entre os agentes (gestos corporais, distribuição de tempo por comunicação, local de apresentação dos trabalhos, etc.), procurei interpretar o sentido que os encontros fazem na vida dos próprios indivíduos.

A observação desses dois encontros foi também a oportunidade para que eu pudesse observar os inconscientes disciplinares nacionais, isto é, esquemas cognitivos arbitrários, contingentes e históricos, incorporados ao longo de experiências escolares e culturais<sup>15</sup>. Ao

---

<sup>14</sup> Clifford GEERTZ, 1989, Um jogo absorvente: Notas sobre A briga de Galos Balinesa, in: *A Interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: LTC Editora, pp. 185-213.

<sup>15</sup> Pierre BOURDIEU, 2000, L'inconscient d'école, *Actes Recherches en Sciences Sociales – ARSS*, n°. 135, pp. 3-5; Pierre BOURDIEU, 2002, Circulation International des idées, *ARSS*, n° 145, pp 3-8. Ver também, acerca dos usos diferentes de Heidegger na França e na Alemanha, a obra de Pierre BOURDIEU, 1988, *L'onthologie politique de martin heidegger*, Paris: Minuit.



longo desta observação, procurei transformar as apresentações, a escolha dos autores, as linhas de pesquisa, as maneiras de sentar, de falar, os gestos, as vestimentas, etc., em sistemas classificatórios capazes de objetivar modos de pensar e agir, reforçando três elementos importantes de minha pesquisa, a saber: a) a autonomia da filosofia face às disciplinas das ciências sociais, onde o direito é o caso exemplar; b) a desvinculação da filosofia em relação às autoridades eclesiásticas, colocando a filosofia como um conhecimento não mais subalterno à teologia; e c) a autonomia da filosofia face ao campo político, em particular, de núcleos políticos, cujo exemplo cabal foi a implantação da ANPOF e seus efeitos na constituição do campo filosófico atual.

Tal é a perspectiva mais geral que utilizei para analisar a circulação internacional dos *filósofos de origem católica* e, simultaneamente, a constituição do campo filosófico brasileiro no decorrer dos últimos trinta anos.

### ***Plano da tese***

A tese está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado "O espaço acadêmico da filosofia no Brasil", procurei objetivar a constituição desse espaço. Longe de ser um país de tradição filosófica, o Brasil, somente nos últimos 30 anos, contou com uma produção mais sistematizada e especializada em filosofia. Neste capítulo, tratei dessa sistematização por meio das disputas de poder pela imposição da regra de funcionamento dessa produção, procurando observar de que maneira as tradições universitárias nacionais determinam fortemente as práticas científicas e, particularmente, as escolhas dos objetos de pesquisa. Estas disputas se recompõem com a implantação do sistema de pós-graduação no Brasil, pois esse sistema estabeleceu as condições para o aparecimento de um corpo docente cada vez mais especializado na área.

No segundo capítulo busquei, por meio da análise de dezessete biografias obtidas por entrevistas, em particular do grupo que denominei de *filósofos de origem católica*, explicitar

algumas das disposições que foram necessárias para reverter o saber adquirido no estrangeiro em trunfo social e simbólico no espaço acadêmico brasileiro.

Analisei a relação de interdependência que se estabelece entre os filósofos *de origem católica* e os demais. Na reconstituição das trajetórias, dois elementos foram sublinhados como importantes para uma melhor compreensão da constituição da crença na própria disciplina e da contribuição dos católicos na formação do campo. São eles:

- a. o recrutamento e a formação de militantes dentro dos movimentos políticos de esquerda de origem católica (pelo menos para 10 dos 17 professores entrevistados);
- b. os estudos realizados em instituições católicas e/ou eclesiásticas na Europa.

O recrutamento e a formação dos militantes políticos foram tratados como aquisição de determinadas práticas e via de acesso dominante aos questionamentos filosóficos. Trata-se de compreender como a passagem por esses movimentos transformou as motivações iniciais desses indivíduos em interesses específicos. Os movimentos de juventude católica e os grupos políticos que nela tiveram origem, como a Ação Popular (AP), também foram abordados como *lócus* de socialização tão decisivos quanto o apoio da Igreja para estudos no exterior e na dedicação posterior à filosofia.

A passagem dos *filósofos de origem católica* pelo universo internacional é estudada aqui por meio das redes de relações sociais estabelecidas antes e depois da ida ao exterior. Diferentemente da maioria dos professores e estudantes de filosofia universitários que contaram com bolsas de estudos concedidas pelas agências governamentais de apoio à pesquisa – CAPES, CNPq e FAPESP – sobretudo após a década de oitenta, o grupo em estudo contou praticamente com ajudas fornecidas pelas redes estabelecidas pela Igreja Católica<sup>16</sup>. Detectadas essas ajudas, trabalhei os diferentes investimentos realizados pelas famílias dentro da Igreja.

---

<sup>16</sup> Como demonstram os resultados das pesquisas dirigidas pelo Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior e Profa. Dra. Letícia Bicalho Canêdo (2006), as agências governamentais de apoio à pesquisa, CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), contribuíram para a inserção de uma camada de estudantes e professores no espaço de concorrência internacional (estudos em centros de

No terceiro e último capítulo, apresentei os resultados do estudo realizado nos dois encontros de professores de filosofia. Um deles foi organizado pela ANPOF, no Brasil. O outro foi realizado em Nice, por um comitê de professores de universidades brasileiras e francesas, em comemoração aos 25 anos da assinatura do acordo CAPES-COFECUB<sup>17</sup>. Por meio de uma análise descritiva dos comportamentos e das falas de alguns professores de filosofia – para a qual me utilizei sistematicamente de minhas anotações do caderno de campo – procurei demonstrar como acontece, na prática, a luta pela palavra autorizada em filosofia. A descrição etnográfica dos dois eventos restaurou a dimensão real e concreta das condições sociais das práticas dos agentes, funcionando como uma espécie de antídoto às críticas dirigidas às análises históricas dessas condições.

---

excelência na Europa). Esses professores e estudantes, desprovidos de um capital econômico, social e cultural, quando comparados às antigas formas de circulação internacional (a exemplo das antigas elites da década de 30), adquiriram, com a implantação dessas agências, maiores chances de disputar as melhores carreiras no campo acadêmico brasileiro quando de volta ao Brasil. Ver, a propósito, Letícia Bicalho CANEDO e Afrânio Raul GARCIA JÚNIOR, 2005, *Les boursiers brésiliens et l'accès aux formations d'excellence internationales*, *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris. Ver também Letícia Bicalho CANEDO, Afrânio Raul GARCIA JÚNIOR, Ana Maria ALMEIDA e Agueda BITTENCOURT (Orgs), 2004, *Circulação Internacional e formação intelectual das elites Brasileiras*, São Paulo: Editora Unicamp.

<sup>17</sup> Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil (COFECUB).

## **CAPÍTULO I - A consolidação do espaço acadêmico filosófico no Brasil**

Neste capítulo tratarei da formação do espaço filosófico acadêmico ao longo dos últimos cinquenta anos. Procurarei explicitar a posição que a filosofia ocupou nesse período frente às demais disciplinas universitárias, tanto no que diz respeito ao espaço dos objetos de reflexão quanto à pesquisa universitária.

Parto do princípio de que na filosofia, como nas demais ciências sociais, diferentemente das ciências da natureza, as tradições universitárias nacionais determinam fortemente as práticas científicas e, particularmente, as escolhas dos objetos de pesquisa. Esse princípio, a ser destacado aqui para explicitar o lugar ocupado pela filosofia no Brasil, delinea-se na observação, compartilhada por vários estudiosos, de que a posição relativa das disciplinas no universo acadêmico se transforma quando se muda de país. O mesmo se pode dizer quanto aos objetos de estudo próprios a cada disciplina<sup>18</sup>.

### **1- As tradições disciplinares e as práticas científicas**

No Brasil, o estudo da filosofia e seu ensino se constituíram em torno do ensino das ciências jurídicas e da formação religiosa. No que diz respeito às ciências jurídicas, a função da filosofia nas Faculdades de Direito era pensar a organização do Estado, pois nessas faculdades se formavam os quadros administrativos, legislativos e da diplomacia brasileira. Nas escolas e seminários católicos, o ensino da filosofia contribuía para a reflexão dos membros da Igreja frente às transformações históricas<sup>19</sup>. Dessa maneira, até 1950, década em que as primeiras turmas de professores universitários de filosofia se formaram, essa disciplina foi considerada completamente subordinada aos embates da luta política, quer cívica, quer religiosa.

---

<sup>18</sup> Pierre BOURDIEU, 1984, op. cit. Ver igualmente Charles SOULIE, 2006, Des déterminants sociaux des pratiques scientifiques: étude des sujets de recherches en sciences sociales en France au début des années 90, *Regards sociologiques*, n° 31.

<sup>19</sup> Alípio Marcio Dias CASALI, 1995, *Elite Intelectual e restauração da Igreja*, Petrópolis: Vozes. Sobre esse aspecto, o livro de Casali esclarece que algumas esferas da Igreja Católica não pouparam esforços, principalmente com ajuda de jesuítas, para a criação de centros de estudos e universidades.

Na Alemanha, diferentemente do que acontecia no Brasil, a reforma das universidades, a partir de 1808<sup>20</sup>, tornou a filosofia uma disciplina autônoma, ligada a um domínio do pensamento metódico e prático. Nesse país, o ensino dessa disciplina, durante todo o século XIX, foi obra exclusiva das universidades<sup>21</sup>, o que levou Ulrich Schneider a constatar que há uma correlação entre a organização das universidades alemãs do século XIX e uma filosofia produzida por um corpo de professores cada vez mais especializado. Ao comparar o caso alemão com o francês, por exemplo, esse autor demonstra que o decreto de 1808, que estabeleceu as Faculdades de Letras e Ciências na França, fez do ensino superior um simples apêndice do ensino secundário, e não um motor de uma real prática científica, como na Alemanha, no mesmo momento. Schneider conclui, a partir disso, que foi a organização do ensino superior nas universidades que contribuiu para a sistematização do ensino e da produção de todas as disciplinas, em especial a filosofia<sup>22</sup>. O mesmo observou Gérard Noiriel<sup>23</sup> em seu artigo sobre a constituição do *métier* de historiador na França no final do século XIX. Para esse autor, um dos fatores fundamentais para a constituição de um corpo especializado na área de história foi a importação do modelo alemão de pesquisa para a constituição do sistema de ensino republicano.

Assim, não sem razão, um dos motivos atribuídos à fraqueza da reflexão filosófica no Brasil se refere à sua tardia organização em torno de um corpo de professores universitários, pois as universidades brasileiras só foram criadas a partir de 1930. A criação da primeira universidade do país, Universidade de São Paulo (USP), e a do primeiro curso universitário de filosofia aconteceu em 1934<sup>24</sup>. Para isso, a vinda de uma missão francesa foi fundamental em sua implantação.

A nova universidade foi o resultado da fusão das faculdades até então existentes, que eram as de Medicina, de Engenharia e de Direito. A criação da Faculdade de Filosofia,

---

<sup>20</sup> A Universidade de Berlim, criada em 1808, foi a primeira universidade a conciliar ensino e pesquisa na Europa. Ela foi tomada como modelo na reforma do sistema educacional alemão, que propunha a universidade produtora do conhecimento por meio da pesquisa. Tal modelo, como bem observou Christophe Charle, serviu de base para a consolidação do sistema universitário francês durante a terceira República, em particular, no final do século XIX. Christophe CHARLE, 1987, *Les Elites de la République, 1880-1900*, Paris : Fayard; Christophe CHARLE, 1990, *Naissance des intellectuels, 1880-1900*, Paris : Minuit.

<sup>21</sup> Ulrich Johannes SCHNEIDER, 1995, L'historisation de l'enseignement de la philosophie dans les universités allemandes du XIX siècle, *ARSS*, n° 109, sept., pp.1-29. Ver também Jean Louis FABIANI, 1983, Les programmes et les œuvres, Professeurs de philosophie en classe et en ville au tournant du siècle, *ARSS*, n° 47- 48, juin, pp. 3- 20.

<sup>22</sup> Ulrich Johannes SCHNEIDER, 1995, op. cit., p. 29.

<sup>23</sup> Gérard NOIRIEL, 1990, Naissance du métier d'historien, *Genèses*, n° 1, sept., pp. 58-85.

<sup>24</sup> Embora a primeira universidade criada no Brasil tenha sido a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920, do ponto de vista legal e da produção acadêmica ela só passou a funcionar em 1937.

Letras e Ciências Humanas (FFLCH) dentro da Universidade de São Paulo deu um caráter específico a essa disciplina, uma vez que estava organizada por um corpo de professores especializados, superando destarte a fase em que ela estava dispersa nas faculdades de direito e nas escolas católicas e protestantes de formação do clero. Para tanto, seus professores foram recrutados na Europa, principalmente na França, na Itália e na Alemanha. Foi assim que o público universitário da época pôde seguir, por exemplo, Cursos de Antropologia com Claude Lévi-Strauss, de Geografia com Pierre Monbeig, de Sociologia com Roger Bastide e de História com Fernand Braudel. No caso da Cátedra de Filosofia, a tarefa de moldar a nova disciplina universitária foi inteiramente francesa<sup>25</sup>.

## **2- A redefinição do saber filosófico**

Num espaço de vinte anos, de 1934 até 1954, a função do filósofo foi completamente transformada pela imposição das normas do universo profissionalizado. Tal imposição, conforme Jean Louis Fabiani<sup>26</sup>, exige, de forma generalizada, uma formação específica e profissionalizada do filósofo, organizada em torno de diversos rituais, entre eles, concursos e defesas de teses anuais.

A justificativa do caráter específico e profissional da filosofia na Universidade de São Paulo ficou a cargo do professor francês Jean Maugué<sup>27</sup>. Fazendo referência às premissas

---

<sup>25</sup> Paulo Eduardo ARANTES, 1994, *Um departamento Francês de Ultramar, Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

<sup>26</sup> O termo profissionalização foi adotado a partir de Jean Louis Fabiani, *Les philosophes de la République*, que descreve as transformações do campo de produção filosófica no final do século XIX na França. A profissionalização é considerada contemporânea ao desenvolvimento do sistema de ensino republicano e do crescimento dos professores no campo intelectual. O mesmo termo, profissionalização, foi utilizado por Gerard Noiriel em seu artigo sobre a constituição do *métier* de historiador na França. Ele considera que foram os historiadores nas universidades que impuseram o conjunto de regras necessárias para o *métier* e cujo único meio de apreendê-las seria pela aquisição de uma formação específica. Jean Louis FABIANI, 1988, op. cit. Consultar igualmente, Gerard Noiriel, 1990, op. cit. p. 59.

<sup>27</sup> Jean Maugué nasceu em 1904 em Cambrai, no norte da França, tendo obtido em 1922 o diploma de bacharel de Letras. Ingressa na École Normale Supérieure, instituição dominante no espaço escolar francês, obtendo o diploma de "agrégation" em filosofia em 1932. Em 1935, é professor do liceu Montluçon (Allier), junta-se ao grupo de professores franceses designado para o ensino na Universidade de São Paulo, substituindo o católico Étienne Borne, que havia inaugurado o curso. Passou o protestante Maugué a lecionar Filosofia, História da Filosofia e Psicologia na universidade até 1938, quando a cadeira de filosofia, tornando-se independente das demais, ficou a cargo de Cruz Costa, que havia sido seu aluno e orientando. A partir de então, as regências de História da Filosofia e Psicologia couberam ao mestre francês até que deixasse Brasil, em agosto de 1944, para engajar-se nas *Forces Françaises Libres* e viver no Front os



kantianas de estudos filosóficos, ele indica a história da filosofia dos autores clássicos como única via de acesso aos estudos filosóficos dizendo: “*S’il est vrai qu’on ne peut jamais enseigner la Philosophie sauf historiquement comme le voudrait Kant, la lecture des classiques va être le seul moyen d’apprendre à philosopher*”<sup>28</sup>.

A formação específica em filosofia passou a ser reivindicada pelos novos profissionais como condição essencial de apreensão e transmissão dos novos métodos e modelos filosóficos, sobretudo quando a presença dos mestres franceses passou a se dar de forma contínua e intensa, como parece ter sido o caso do professor Gilles Gaston Granger, responsável pela formação de turmas inteiras de estudantes de filosofia. Essa presença francesa, como bem observou Marcos Nobre, foi o que possibilitou a consolidação do que viria a ser o Curso de Filosofia na USP, ao menos para os anos cinqüenta e sessenta, período em que o exercício da filosofia adotou a exegese dos textos clássicos da história da filosofia a investigações concretas sobre as tendências recentes da matemática e da física. Nas palavras do autor:

*Conciliando a formação acadêmica francesa da exegese dos textos clássicos da história da filosofia a investigações concretas sobre as tendências recentes da matemática e da física, ele (Gilles Gaston Granger) incentivou seus alunos a adquirir conhecimentos sólidos pelo menos em uma disciplina científica canônica. Pioneiro no curso sobre Wittgenstein na década de 50, as primeiras gerações de estudantes de filosofia brasileiras estavam marcadas pelo acoplamento das questões filosóficas a problemas concretos da ciência e obrigada a pensar esse acoplamento segundo rígidos padrões de leitura dos clássicos do pensamento filosófico e científico. Mentor dos futuros passos do departamento de filosofia em formação, de volta a França em 54, estabelecendo em Rennes, ele passou a ser o mais importante elo entre os jovens estudantes da USP, com a cultura universitária francesa, que para lá se dirigiam para completarem sua formação, além de indicar nomes de professores para o departamento, como por exemplo, Gerard Lebrun, filósofo que imprimiu profundas e duradouras marcas no departamento*<sup>29</sup>.

---

últimos movimentos da guerra na Áustria. Maugué não voltou ao Brasil pois passou a se dedicar a funções diplomáticas e consulares junto ao *Ministères des Affaires Etrangères*, terminando sua carreira como professor de Filosofia no liceu Carnot. Como observa Charles Soulié, o concurso para obtenção do “agregation” determina fortemente o quadro geral da pesquisa universitária francesa. Ver Paulo Eduardo ARANTES, 1994, op. cit.

<sup>28</sup> Apud Paulo Eduardo ARANTES, 1994, op. cit.

<sup>29</sup> Marcos NOBRE, 1999, A filosofia da USP sob a ditadura militar, *Novos Estudos Cebrap*, n°53, março, pp.145-147. Segundo Marcos Nobre, de 1934 a 1951, ocuparam o posto francês na Filosofia da USP Etienne Borne (1934-1935), Jean Maugué (1935-1944) e Gilles Gaston-Granger (1947-1951), que foi substituído por Claude Lefort. Além disso, no mesmo período, o Departamento de Filosofia da USP também contou com os professores visitantes Martial Guérout e Jules Vuillemin. Para maiores informações, consultar o artigo citado acima. Ver também entrevista com Paulo Eduardo Arantes, “Para onde caminha o bonde da filosofia?”, *Folha de São Paulo*, Editorial: MAIS! fev., pp. 4-6, 1994. Neste depoimento, Paulo Eduardo Arantes afirma que o conjunto de métodos e técnicas de estudo da história da filosofia foi dado pelo professor Jean Maugué, mas tal método só iria se cristalizar na década de sessenta, por obra dos primeiros



Até o final dos anos setenta, o ensino e a produção da filosofia no meio universitário encontraram dificuldades de diferentes ordens para se impor. As resistências e as divergências vivenciadas entre as gerações de filósofos sem formação e titulação especializada em filosofia e os filósofos formados na FFLCH da USP, detentores de um título especializado, exemplificam a mudança que a formação universitária em filosofia trouxe para o universo dessa produção.

Uma das reações mais fervorosas contra a proliferação de uma formação especializada veio do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), criado em 1949 pelo professor Miguel Reale, da antiga Faculdade de Direito da mesma Universidade. Essa reação, transformada em querela, pode ser acompanhada através dos artigos publicados na *Revista Brasileira de Filosofia*, criada por esse mesmo professor no IBF, e nos Anais dos congressos organizados por esse Instituto.

O IBF organizou, num espaço de dez anos, três congressos nacionais, contando, para tanto, com o financiamento da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Os discursos proferidos nos atos de abertura destes congressos revelam a rivalidade em torno do lugar legítimo de produção filosófica, que passou a existir entre esse grupo e o da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da recém criada universidade paulista. Tal rivalidade se acirrou ao longo desses dez anos, na medida em que a FFLCH, vinculada à criação dos primeiros cursos universitários no Brasil, passava a ser a referência na produção filosófica brasileira.

Os dois trechos abaixo, retirados dos Anais de dois eventos organizados pelo IBF, mostram bem como a profissionalização da filosofia nas universidades estava colocando em xeque a sua produção realizada a partir de uma formação em Direito. No primeiro Congresso, por exemplo, realizado em 1950, um ano após a criação do IBF, o professor Reale justifica a criação do Instituto fora da universidade alegando que:

*em todo país civilizado e cultivado, existem institutos como o IBF, que reúne pessoas formadas ou não em filosofia, pessoas com títulos ou não, diplomas*

---

quatro mestres formados pela tradição francesa – Bento Prado Jr., José Arthur Giannotti, Oswaldo Porchat e Ruy Fausto, que ensinavam na Rua Maria Antonia.

*e títulos, cujo único título, ou melhor, o principal título é o de um verdadeiro, sincero e autêntico interesse pelas coisas da filosofia*<sup>30</sup>.

Nove anos mais tarde, no terceiro Congresso, o professor alertou para um tipo de profissionalização filosófica que estava criando regras tão específicas para a produção filosófica que a tornava "amorfa". Segundo ele:

*a profissionalização da filosofia se de um lado é um bem para as condições que o trabalho intelectual reclama, de outro lado é um mal, pois ele pode perder seu espírito criador, que Platão e Aristóteles sugeriam como sendo elementos cruciais à iniciação ao pensamento filosófico [...] Urge, então, que os adoradores da filosofia se certifiquem dentro e fora das estruturas universitárias*<sup>31</sup>.

O confronto de Miguel Reale com o novo tipo de filósofo que estava se formando na Faculdade de Filosofia da USP pode ser avaliado pela análise do concurso do Prof. João Cruz Costa, que defendeu a primeira tese em filosofia na USP no ano de 1944 e foi aluno de Jean Maugüé, para assumir a cadeira de filosofia na USP.

Recorto, para análise do confronto, primeiro a defesa de Miguel Reale, no concurso da candidatura dos membros do IBF. Em seguida, trago a fala de José Arthur Giannotti, que era então aluno de filosofia da USP, na qual relembra a polêmica gerada na época. Giannotti reforça, na entrevista, a criação das regras que hoje fazem parte da profissão. No dizer de Reale, o candidato natural era o seu "velho amigo Cruz Costa", no entanto, vários dos seus colegas do IBF se inscreveram no concurso:

*Vicente Ferreira da Silva Filho, Heraldo Barbuy, Renato Cirelli Czerna, Luiz Washington Vita e Oswald de Andrade resolveram também se inscrever, apresentando trabalhos a que há tempos vinham se dedicando, cada um deles correspondentes às suas inclinações naturais [...] Creio que teria sido salutar o ingresso na USP de representantes de referidas correntes de idéias, num pluralismo louvável e fecundo, mas assim não entenderam as autoridades responsáveis pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que impugnaram a inscrição de todos os concorrentes de Cruz Costa, sob a*

---

<sup>30</sup> Ver Anais do I Congresso Nacional de Filosofia organizado pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, em 1950, p. 18.

<sup>31</sup> Ver Anais do III Congresso Nacional de Filosofia organizado pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, em 1959. Discurso de Miguel Reale, p.14.

*alegação de que não apresentavam estudo de Filosofia no respectivo currículo. Essa atitude de manifesto apego a uma visão acadêmica e cartorária da produção filosófica acabou por prevalecer, não obstante a repulsa do Conselho Universitário [...] Com base em argumentos especiosos como esse, foi bloqueada, sumariamente, a entrada de valores diversificados na USP, só prevalecendo a inscrição do candidato oficial, João Cruz Costa, a quem não faço, porém, a injúria de ter participado dessa trama ridícula. Ele, por sua tese e por seu passado de estudioso, estava acima do melancólico episódio, do qual, no entanto, Marilena Chauí se serviu, quando da morte daquele meu antigo amigo, para proclamar que ele, entre outros méritos, tivera «o de livrar a Universidade de São Paulo do reacionarismo de Miguel Reale»<sup>32</sup>*

Na lembrança de José Arthur Giannotti, entretanto, o que ficou foi a necessidade de se criar na área acadêmica brasileira “as técnicas mínimas do trabalho filosófico”:

*[...] O que se choca [...] é que nós éramos técnicos e interessados em formar uma carreira de filósofos, isto é, formar um departamento que pudesse fornecer ao ensino de Filosofia, pessoas bem formadas na universidade, porque a rede universitária estava se expandindo enormemente - não esqueça que naquela época nós tínhamos o quê? Uma universidade pública em São Paulo; hoje, ao todo, nós temos o quê? Três universidades em São Paulo, públicas, e 36 universidades federais; portanto a rede se expandiu de uma maneira extraordinária. Era preciso formar gente para lecionar, então nós estávamos interessados muito nessa estrutura e é por isso, de certo modo, que a gente vai rejeitar a criatividade de um outro brasileiro, que é o Oswald de Andrade, pelo qual eu sempre tive muito carinho e muito respeito. Mas no momento em que Oswald de Andrade pretende prestar um concurso de filosofia, que se abre um curso de filosofia e que todo mundo se apresenta, desde pessoas que tinham acabado de se inscrever no curso até um literato de grande qualidade como Oswald, mas que de Filosofia entendia pouquíssimo - Oswald não tinha as técnicas mínimas do trabalho filosófico<sup>33</sup>.*

Os episódios aqui relatados dão uma idéia do conflituoso relacionamento entre os dois principais grupos antagônicos da filosofia paulista, pioneiros na luta pela fixação dos novos padrões da organização do corpo professoral de filosofia no Brasil<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Ricardo MENDES, 2000, *Vilém Flusser: uma história do diabo*. São Paulo, EDUSP, acesso pelo site: [www.fotoplus.com/download/vfbiografia.doc](http://www.fotoplus.com/download/vfbiografia.doc)

<sup>33</sup> Apud Ricardo MENDES, 2000, *op. cit.*, p. 52. É importante, contudo, salientar que a formação intelectual de José Arthur Giannotti, inclusive o acesso às leituras e discussões filosóficas, iniciou-se no grupo de intelectuais organizados em torno de Vicente Ferreira, Oswald de Andrade e outros que viriam, em seguida, frequentar as reuniões do IBF, cujo diretor era Miguel Reale. Ver, a propósito, entrevista de José Arthur Giannotti em Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, *op. cit.*, p. 92.

<sup>34</sup> Essas características remetem à noção de campo, estabelecida por Pierre Bourdieu, com a qual concebe que a disputa e concorrência pela definição de “ser filósofo” e do conteúdo desse saber podem ser interpretados como indícios da formação de um campo. Pierre BOURDIEU, 1980, *Le sens pratique*, Paris: Minuit.

O IBF, todavia, manteve o domínio do saber filosófico do país até praticamente a década de setenta. Ele era muito bem organizado e congregava grande parte da intelectualidade paulista nas suas reuniões semanais. Funcionava mesmo como verdadeiro salão de difusão e produção de filosofia na época, pois lá eram ministrados cursos que eram freqüentados por todos aqueles que por ela se interessassem, independentemente de qualquer concurso ou apresentação de credenciais<sup>35</sup>.

Do outro lado do conflito, o contingente de professores detentores de um título especializado em filosofia, concursados e com credenciais, não tinha ainda uma produção sólida e um público que lhe conferisse legitimidade social capaz de lhe garantir uma visibilidade na sociedade paulista. Para garantir essa legitimidade social, este contingente procurou tornar mais aparente sua produção por meio da circulação em espaços dominados exclusivamente por juristas, advogados e autodidatas. De acordo com Bento Prado Júnior, formado na USP e ex-aluno do professor Arthur Giannotti, era preciso tornar mais conhecida a produção e as atuações do grupo de filósofos da universidade. Para isso:

*em 1958, o Cruz Costa decidiu que o Departamento de Filosofia deveria sair de dentro do seu casulo e participar dos congressos promovidos fora da universidade. Então fomos convidados a participar (dos congressos do IBF), como representantes do Departamento: Granger, que estava de passagem pelo Brasil, Giannotti e eu, que apresentei o resumo de um trabalho de aproveitamento feito para o curso sobre Hegel de Lívio Teixeira*<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> O depoimento de Milton Vargas, engenheiro, professor da Escola Politécnica e amigo próximo de Miguel Reale sobre as reuniões no Instituto Brasileiro de Filosofia é bastante ilustrativo da visibilidade que tal instituição tinha na sociedade paulista: “Eu me filiei a esse grupo em torno do professor Miguel Reale que formou o Instituto Brasileiro de Filosofia. Neste Instituto Brasileiro de Filosofia nós tínhamos reuniões semanais onde não só se discutiam problemas filosóficos, mas também se ministravam cursos. Eu me lembro que a sede do Instituto Brasileiro de Filosofia naquela época era na Rua Barão de Itapetininga e essas aulas eram aulas freqüentadas por todos aqueles que se interessassem por Filosofia, independentemente de qualquer concurso ou apresentação de credenciais. Mas eram dadas por professores especializados nas várias disciplinas de Filosofia. (...). Eu me lembro que a primeira vez que eu me encontrei com Vilém Flusser foi na casa do Vicente Ferreira da Silva quando nós estávamos reunidos num grupo, o grupo do Instituto Brasileiro de Filosofia. O Luís Washington Vita estava lá, o Heraldo Barbuy estava lá, a mulher do Vicente, a Dora Ferreira da Silva estava lá, a sua irmã, a Diva Ferreira da Silva, também, e nós todos estávamos em reuniões - tínhamos reuniões periódicas quase semanais, em que nós discutíamos filosofia ou líamos textos de filosofia. Eu me lembro perfeitamente de que foram numa seqüência de sessões como essa, nós lemos - com os comentários do Vicente - todo o *Ser e o Tempo*, do Heidegger. Um livro difícil mas que foi brilhantemente comentado pelo Vicente Ferreira da Silva”. Cf. Ricardo MENDES, 2000, *op. cit.*, p. 29.

<sup>36</sup> Ver entrevista de Bento Prado Júnior em Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, *op. cit.*, p. 207.

Sair de dentro do casulo e divulgar o novo saber implicou a criação de instrumentos de trabalho necessários ao exercício do *ofício* de filósofo.

José Arthur Giannotti e os professores de filosofia formados na nova FFLCH desempenharam papel fundamental neste trabalho de difusão “das novas técnicas do trabalho filosófico”, por meio da confecção de instrumentos bibliográficos. Para esse grupo de filósofos era preciso criar “uma língua filosófica brasileira”, ou seja, traduzir e publicar em língua portuguesa autores clássicos e contemporâneos da filosofia, o que não era tarefa fácil, tendo em vista, como muito bem expressa Giannotti, que não havia uma produção filosófica em língua portuguesa: “*Portugal nunca teve filosofia, aliás, quando teve filosofia, na época dos Coimbrões do século XVI, XVII, a língua era latina, portanto nunca houve filosofia em português. Nós tínhamos que criar uma língua e por isso nós fizemos um trabalho sistemático de traduções*”<sup>37</sup>. Ele exemplifica, com um caso da tradução do *Tractatus*, de Wittgenstein, todo o exercício e conhecimento necessários para traduzir determinados conceitos e palavras empregadas por Wittgenstein; e insiste, em entrevista concedida a um estudante da Escola de Comunicações e Arte (ECA) da USP, na importância que tais traduções foram adquirindo para um refinamento do conhecimento:

*Foi a primeira edição em português e se eu não me engano, foi a segunda tradução no mundo. Porque ela era anterior à tradução francesa, anterior à tradução espanhola e por isso, obviamente, ela sofre de enormes defeitos; mas tanto assim, que a segunda tradução, que foi feita em português, agora por José Henrique Santos, que foi meu aluno, no início nós íamos trabalhar conjuntamente, ela é a meu ver, ela adquire, enfim, um refinamento que naquele momento nós não tínhamos. Nós não tínhamos aquele refinamento porque nós não conhecíamos o Wittgenstein que nós conhecemos hoje. Nós não conhecíamos todo o panorama em que o Wittgenstein estava inserido. Eu em particular tinha um viés fenomenológico, que muitas vezes levou a traduções incorretas; por exemplo, a tradução *meinen*, eu pus “mentar”, que é [tipicamente] husserliana - mas que não tem outro sentido em português, não pode ter outro sentido do que querer dizer, é isso. Então houve aí, enfim... mas o importante era que nós estávamos trabalhando Wittgenstein como objeto de curso, nós precisávamos de texto em português*<sup>38</sup>.

Em termos profissionais, a recém criada Faculdade de Filosofia trouxe uma nova forma de organização e administração que, em torno da centralização das cátedras e do

---

<sup>37</sup> Ver entrevista de José Arthur Giannotti em Ricardo MENDES, 2000, *op. cit.*, p. 55.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*.

cargo de assistente do catedrático<sup>39</sup>, permitiu o desenvolvimento de estudos e pesquisas científicas e um novo tipo de tratamento com os textos filosóficos, além de mecanismos de ascensão e promoção na hierarquia acadêmica<sup>40</sup>. Os professores assistentes aprenderam com os professores da missão francesa, por exemplo, que deveriam dirigir o ensino da filosofia num sentido que acentuasse a importância histórica dos sistemas e dos problemas filosóficos. Os bons aprendizes, professores assistentes, acabaram se tornando professores na universidade, e foram, dessa maneira, criando mecanismos de transmissão e reprodução do saber filosófico no Brasil.

O relatório da cadeira existente no Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1939- 1949) é explícito no que tange a esse ponto, como se pode ler abaixo:

*Durante os 10 anos que permaneceu nesta Casa, o prof. Jean Maugué deu com grande brilho cursos sobre Platão, Spinoza, Kant, Hegel, Comte, Bergson e outros. Foi, sem dúvida, um dos professores cuja influência mais se fez sentir nesta Faculdade. Sua orientação, sua maneira de encarar os problemas da filosofia, marcam até hoje seus discípulos, especialmente os que tiveram o privilégio de ser seus continuadores no ensino da Filosofia (Universidade de São Paulo, 1953, p. 463)*

A relação assistente-professor proporcionava uma sociabilidade diferenciada cujos benefícios mais imediatos eram: a aparição pública em companhia notória; a oportunidade de publicar trabalhos; o acesso às bibliotecas particulares dos mestres; a escolha dos problemas e técnicas fundamentais na elaboração de teses. Essa relação, que se restringia a alguns alunos escolhidos, foi lembrada pelo prof. José Arthur Giannotti quando, em entrevista contida no livro *Conversas com filósofos brasileiros*, mencionou a influência

---

<sup>39</sup> A idéia de centralização de cátedras consistia em vincular entre si todas as escolas da Universidade por meio de cátedras comuns, “as quais seriam suprimidas das Faculdades profissionais (de Direito, Medicina e Politécnica) para passarem a ser professadas exclusivamente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”, que teria para si reservadas as ciências básicas, obrigando, assim, os alunos dos demais institutos a freqüentá-la. Tal organização provocou várias oposições, em especial, dos docentes e discentes advindos das Faculdades de Direito e da Politécnica que viram na nova Faculdade de Filosofia a perda do estatuto de professores. Ver Bruno Botempi JÚNIOR, 2001, A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre vida acadêmica e grande imprensa, Tese de Doutorado em Educação, defendida na PUC-SP.

<sup>40</sup> O assistente era a garantia de manutenção não só da excelência dos cursos, como das diretrizes plantadas pelo regente, e por isso o cuidado na escolha desse cargo em comissão passou a engendrar longos processos de indicação e nomeação de alunos provenientes de um grupo seletivo de “eleitos” dos mestres, “muitos desses assistentes fizeram suas carreiras na Faculdade e alguns chegaram a formar dinastia, quando filhos ou assistentes e auxiliares de ensino percorriam as pegadas dos mestres”. Miriam Lifchitz Moreira LEITE, 1994, Memória da Faculdade de Filosofia (1934-1994), *Estudos Avançados*, São Paulo, vol.8, n° 22, pp. 167 – 177.



profunda de Cruz Costa sobre ele, ensinando-lhe como “desconfiar das elocubrações metafísicas e a colocar o pé na realidade brasileira. Durante vários anos freqüentei sistematicamente sua casa e sua biblioteca”<sup>41</sup>.

A relação com os mestres franceses, instituída pelo cargo de assistente, possibilitou também contato com o universo filosófico francês e a constituição de uma rede internacional para formação doutoral em prestigiosos centros de estudos filosóficos na França, contribuindo desde cedo, para uma formação diferenciada em relação aos demais centros do país.

*Em 1955, houve um concurso para professor de filosofia e por meio dele consegui voltar para São Paulo e para a Faculdade de Filosofia, logo em seguida, porém, em 1956, consegui uma bolsa Capes para ir à França, onde fui estudar com Granger em Rennes. Lá passei o primeiro ano escolar, tive o imenso privilégio de conhecer (Victor) Goldschmidt, e comecei a praticar, na linha de Gueroult, uma história da Filosofia que me distinguia claramente do grupo dominante da filosofia francesa da época, mergulhada no existencialismo. Mas isso não me impediu, graças a Lefort, de participar também do grupo Socialismo et Barbárie – o que me imunizou contra qualquer espécie de stalinismo. Foi nesse grupo que conheci Castoriadis e outros. Ao mesmo tempo, continuei a seguir, na Ecole Normale de Saint-Cloud, os cursos de Gueroult, e, na Ecole Normale da rue D’Ulm, segui cursos de Vuillemin. Em Rennes e em Paris fiz círculo de amigos, dos quais ainda conservo Claude Imbert. Também ia, sistematicamente, assistir aos cursos de Merleau-Ponty no Collège de France – depois dos quais muitas vezes íamos todos, inclusive Merleau-Ponty, para o apartamento de Lefort, onde continuávamos as discussões. Me foram dadas, portanto, grandes oportunidades. Creio que vivi na França uma situação única, pois não fui simplesmente, como a maioria dos bolsistas, jogado sem rumo na massa de estudantes de Sorbonne”<sup>42</sup>.*

A comparação da trajetória de Miguel Reale, José Arthur Giannotti, Bento Prado Júnior e Marilena de Souza Chauí é ilustrativa dos efeitos da implantação das novas técnicas e instrumentais que foram difundidos durante a passagem de inúmeras missões francesas junto à nova Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Esses efeitos estiveram

---

<sup>41</sup> Tanto Ruy Fausto quanto José Arthur Giannotti tornaram-se professores da FFCLH devido a Cruz Costa. Ver Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, *op. cit.*, p. 94.

<sup>42</sup> A declaração final de José Arthur Giannotti indica que ele estava inserido numa rede de pesquisa e estudos bem constituída e específica. Ver entrevista com José Arthur Giannotti em Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, *op. cit.*, pp. 93-94. Consultar igualmente a entrevista de Marilena Chauí a respeito da sua passagem pela França: “depois do mestrado, tornei-me professora do Departamento de Filosofia (em janeiro de 1967) e, seguindo a tradição do Departamento, fui enviada para a França para concluir meu aprendizado e aprimorar minha formação”. (Idem, *ibidem*, p. 304).



associados não apenas a uma conjuntura determinada – como a criação da FFLCH e as várias missões de intelectuais franceses na USP – mas também às propriedades sociais de cada um dos agentes e ao aproveitamento que fizeram delas para se projetarem no cenário nacional.

Com exceção de Bento Prado Júnior, todos os demais mencionados acima eram descendentes de imigrantes e chegaram à capital paulista oriundos de cidades do interior do Estado de São Paulo. Na capital, tiveram seus primeiros contatos com os estudos filosóficos nas escolas onde estudaram: Miguel Reale, desde a entrada no renomado internato dos filhos das elites imigrantes italianas – o Instituto Dante Alighieri<sup>43</sup>; José Arthur Giannotti, peregrinando “da Biblioteca Infantil para a Biblioteca Mário de Andrade, e dela para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas”<sup>44</sup>; e Marilena Chauí, depois do ingresso na universidade.

A característica marcante desses três filósofos é a participação na vida política do país, seja na constituição de partidos políticos – como o integralista dos anos trinta no caso de Miguel Reale e o PT dos anos oitenta no caso de Arthur Giannotti e Marilena Chauí – seja por meio de participação em programas de governo e atuação em cargos burocráticos. Reale foi conselheiro administrativo do Governo do Estado de São Paulo de 1942 a 1945; Secretário da Justiça do Estado de São Paulo em duas ocasiões, 1947 e 1963; reitor da Universidade de São Paulo (USP), também em duas oportunidades, 1949 a 1950 e 1969 a 1973, além de revisor da Constituição de 1988<sup>45</sup>. Marilena Chauí, por sua vez, foi Secretária Municipal da Cultura de São Paulo, na administração da ex-prefeita Luiza Erundina, nos anos 1988-1992. José Arthur Giannotti fez parte do extinto Conselho Federal da Educação, indicado pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, durante o seu primeiro mandato.

---

<sup>43</sup> Adrania Lech CANTUÁRIA, Das escolas de imigrantes aos colégios internacionais: a constituição do espaço das escolas internacionais em São Paulo 1878 – 1978, *Revista Proposições*, v.15, nº 2 (44), pp. 39-60.

<sup>44</sup> José Arthur Giannotti atribui seu interesse pela filosofia a uma espécie de prolongamento dos círculos de intelectuais e seminários que freqüentou, o que, segundo o próprio filósofo, constituía “uma ruptura gradativa com a formação pequeno burguesa recebida em casa”. Sobre seu percurso intelectual, Giannotti declarou em entrevista: “Peregrinei de São Carlos para São Paulo; em São Paulo peregrinei da Biblioteca Infantil para a Biblioteca Mário de Andrade, e dela para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ainda na Praça da República e depois na Maria Antônia – no início como aluno ouvinte em Letras Clássicas, depois como aluno regular de Filosofia”. Ver Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, *op. cit.*, p. 91.

<sup>45</sup> Miguel REALE, 1986, *Memórias: a balança e a espada*. São Paulo: Saraiva.

A semelhança entre esses três filhos de imigrantes termina aí. Reale era filho e neto de médicos e fez carreira profissional como jurista, tendo se formado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP) nos anos quarenta, onde assumiu a cátedra de Filosofia do Direito. Como catedrático, criou o IBF dentro da Faculdade de Direito e aglutinou, graças ao capital de relações sociais aí estabelecido, boa parte da intelectualidade paulista das décadas de cinquenta e sessenta nas suas reuniões filosóficas semanais, bem como nos congressos nacionais de filosofia que ele promoveu entre as décadas de sessenta e oitenta, a partir dessa Faculdade<sup>46</sup>.

Em contraste, o meio social de origem dos professores Marilena Chauí e José Arthur Giannotti difere daquele vivenciado por Reale. Chauí era filha de um jornalista e de uma professora primária. Contra ela pesava o fato de ser mulher e, por essa razão, destinada a “fazer colegial, casar e arrumar um enxoval”<sup>47</sup>. Influenciada por sua mãe, optou pelos estudos na FFLCH na USP como possibilidade para circular em espaços sociais diferentes daqueles a que estaria por princípio destinada. Foi uma das poucas mulheres a ingressar na Faculdade de Filosofia, vindo a ocupar o cargo de professora apenas quando a primeira geração de professores, todos homens, foi praticamente expurgada pelo AI-5 em 68<sup>48</sup>. Este fato contribuiu para que ela atribuisse valor “revolucionário” à disciplina filosófica, “o único

---

<sup>46</sup> Entre suas obras de filosofia e filosofia do direito estão “Fundamentos do Direito”, tese apresentada para o concurso da cadeira de Filosofia do Direito, em 1940, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, e publicada em 1942; “Liberdade e Pluralismo”, publicada em 1960; “Experiência e Cultura”, de 1974 e “Introdução à filosofia”, de 1998.

<sup>47</sup> Marilena de Souza CHAUI, 2004, *INFORME*, Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Doc.126, p. 9, USP. “Eu tive uma conversa com minha mãe e ela disse que eu tinha que fazer a escolha rapidamente, porque, ela me disse, ‘não vai ter cabimento imaginar você como a maior parte das mulheres desse país que fazem curso colegial, arranjam marido, preparam enxoval e vão se casar [...]’ Minha mãe trabalhou a vida inteira, foi professora, então o apoio para a faculdade e o apoio para a filosofia foi total”.

<sup>48</sup> Letícia Bicalho CANÊDO, 2004, Masculino, Feminino e Estudos universitários no Estrangeiro: os bolsistas brasileiros no exterior, in: *Circulação internacional e Formação Intelectual das elites brasileiras*, Campinas: Editora da Unicamp. Ao longo desse artigo, a autora mostra, por meio da análise do processo de concessão de bolsas de estudos no exterior pelas principais agências de financiamento a pesquisa no Brasil, que o interesse masculino pelas Matemáticas e a Filosofia é bem superior ao interesse feminino (87% das bolsas nestas duas áreas são outorgadas aos homens). Sublinha, ainda, que o aspecto de abstração dessas disciplinas se encontra também na escolha dos homens por certas especializações em Economia, tais como Teoria Econômica e Economia Monetária e Fiscal, enquanto que as bolsas outorgadas às mulheres para essa especialização concernem à versão analítica e prática da economia, como a economia industrial. Sobre a dificuldade do ingresso de mulheres dentro do corpo docente da FFLCH e as reconversões para a área de psicologia, ver a Tese de Doutorado de Maria Helena Bueno TRIGO, 1997, *Espaços e Tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)*, defendida no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, São Paulo.

conhecimento capaz de permitir uma crítica profunda a respeito da ordem das coisas no mundo”<sup>49</sup>.

José Arthur Giannotti, por sua vez, era filho de contador e vinha de família de alfaiates. Embora sua mãe tenha estudado no prestigioso Dante Alighieri, ele “pertencia à terceira geração dos Giannottis [...] que não tinha mais nada, então a saída eram os estudos [...] o único caminho foram os estudos”<sup>50</sup>. Tal como Marilena Chauí, apostou no Curso de Filosofia da FFLCH como uma das poucas possibilidades de garantia de um destino social mais elevado quando comparado ao de seus pais e avós. Esse valor atribuído por estes dois filósofos ao universo escolar ajuda a compreender a capacidade que tiveram de ceder ou resistir às diferentes situações que enfrentaram, em particular, contra o IBF, para a institucionalização da filosofia no Brasil. É nesse sentido que se pode compreender tanto o abandono, por parte de Marilena Chauí, do estágio doutoral na França em 1969, para assumir aulas e a direção do Departamento de Filosofia praticamente dizimado pelo decreto AI-5, sob a aprovação de Miguel Reale<sup>51</sup> – na época reitor da USP – quanto o posicionamento de José Arthur Giannotti em relação ao concurso de Oswald de Andrade.

Enquanto Marilena Chauí se especializou na filosofia política de Espinosa, autor a quem consagrou muitos estudos e a sua tese de livre docência, em 1977<sup>52</sup>, José Arthur Giannotti teve os seus trabalhos fortemente marcados pela epistemologia das ciências formais que aprendera com Gilles Gaston Granger, ainda no Brasil<sup>53</sup>. Ele constituiu sua carreira apostando num conhecimento mais técnico do saber filosófico, dedicando-se, ainda estudante, às aulas de matemática e elaborando trabalhos sobre epistemologia da matemática. Posteriormente, elaborou estudos na área de filosofia analítica e lógica – disciplina que lecionou quando professor de filosofia na USP na década de sessenta<sup>54</sup>.

---

<sup>49</sup> Marilena CHAUI, 2004, *op. cit.*

<sup>50</sup> Entrevista com o Prof. José Arthur Giannotti, realizada em setembro de 2004. Pesquisa de Campo.

<sup>51</sup> Marilena de Souza CHAUI, 2004, *op. cit.*, p.10.

<sup>52</sup> Tese de Livre Docência, “A nervura do real: Espinosa e a questão da liberdade”, defendida em 1977; Tese de Doutorado defendida em 1971, “Introdução à leitura de Espinosa”. Marilena Chauí é também responsável pela edição do periódico *Cadernos Espinosanos*, criado em 1999, e autora do livro *Nervura do Real. Imanência e Liberdade em Espinosa*, publicado em 1999, obra que lhe valeu o prêmio Jabuti de melhor obra de humanidades, em 2000.

<sup>53</sup> Louis PINTO, 2004, *Volonté de savoir*. Bourdieu, Derrida et Foucault, in: *Pierre Bourdieu, sociologue*, Paris: Fayard. Segundo o autor, a filosofia praticada por Gilles Granger era socialmente dominada quando comparada à Fenomenologia, corrente dominante nas décadas de cinquenta e sessenta ao lado do pólo Hegeliano – Marxista.

<sup>54</sup> Sua Tese de Doutorado foi consagrada a um estudo contra o psicologismo de Stuart Mill, “John Stuart Mill: o psicologismo e a fundamentação lógica”, defendida em 1964, vindo posteriormente a apresentar ao concurso de livre

A trajetória social e acadêmica de Marilena Chauí e José Arthur Giannotti contribuiu também para explicar a maneira como eles se projetaram na cena nacional com a utilização de debates políticos veiculados pelos principais jornais do país (maior tiragem), além da incumbência de cargos políticos – fato que revela certa situação de heteronímia do campo filosófico em relação ao político<sup>55</sup>. Assim, além dos estudos em filosofia na FFLCH e da transmissão de conhecimentos específicos por meio da formação de doutores e de publicações especializadas, o uso de jornais e programas televisivos sempre constituiu um dispositivo importante para esses dois agentes. Eles alcançaram reconhecimento e prestígio na cena intelectual nacional também por intermédio de artigos mensais em editoriais importantes sobre a vida política do país como, por exemplo, a *Folha de São Paulo* e *Primeira Leitura*.

Bento Prado Júnior, ao contrário dos demais, é oriundo de uma família de grande latifundiário paulista, dono de antigas fazendas de café. Sua passagem pela Universidade de São Paulo, portanto, nunca esteve associada diretamente à ascensão social via universo escolar, como foi para José Arthur Giannotti.

A origem social mais elevada de Bento Prado Júnior, quando comparada à de Marilena Chauí e de José Arthur Giannotti, parece autorizar uma relação com a filosofia mais desprendida do universo acadêmico e mesmo do universo político. Seu pai foi professor, filólogo, além de tradutor de literatura e estudioso de teoria literária e de matemática. Tendo feito estudos com Quine, também freqüentava os círculos intelectuais da época. Dessa maneira, Bento Prado Júnior pôde estabelecer diálogo com a filosofia clássica, que aprendeu na USP, permitindo-se circular por caminhos menos ortodoxos, como o do grupo Clima<sup>56</sup>, e

---

docência uma tese sobre a lógica do jovem Marx, em 1966, intitulada “Origens da dialética do trabalho”. Além disso, seu interesse pelo estudo da Lógica e Epistemologia está presente em seu último livro intitulado “Apresentação do mundo. Considerações sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein”, de 1995.

<sup>55</sup> Sobre esse aspecto, consultar os trabalhos de Sergio MICELI, 1979, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel; Daniel PECAUT 1986, *Les intellectuels au Brésil: de la construction de société à celle de la démocratie*, Paris, Centre d'études des mouvements sociaux, EHESS; Monique de SAINT MARTIN, 1988, *A propos d'une rencontre entre chercheurs, Sciences sociales et politique au Brésil*, ARSS, 71-72, pp. 129-134.

<sup>56</sup> Heloisa PONTES, 1998, *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68*, São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, p. 297.

associando seus trabalhos filosóficos aos de literatura e à psicanálise<sup>57</sup>. Detentor de um capital de relação social e cultural elevado, diferentemente dos três filósofos mencionados acima, ele sempre estabeleceu e atribuiu ao exercício filosófico uma característica menos técnica e política, definindo-o como *"um tipo de discurso que se mantém, num salão, com uma bela mulher"*<sup>58</sup>.

### **3- Uma "fotografia" do campo filosófico brasileiro**

A mudança ocasionada no âmbito da produção filosófica, em razão da formação específica em filosofia, pode ser acompanhada por meio dos dados obtidos na análise fatorial de correspondência apresentada no Gráfico 1, abaixo (Ver também Anexo 1, p. 157)<sup>59</sup>.

A figuração global permitiu a emergência de duas variáveis pertinentes para a compreensão de como se constitui o capital filosófico dos agentes praticantes de filosofia no Brasil: a formação (nível graduação) e o lugar de formação, ou seja, a titulação dos agentes e a instituição de obtenção desse título. O Gráfico demonstra bem o lugar dos agentes detentores de um título em ciências jurídicas obtido nas antigas Faculdades de Direito, como foi o caso de Miguel Reale. Eles estão localizados completamente apartados dos demais, no extremo esquerdo do Gráfico, bem próximo do pólo dominado que se localiza na parte central inferior. Isto significa que estes agentes estão em oposição ao pólo dominante da produção filosófica acadêmica, que se localiza na parte superior central do gráfico.

---

<sup>57</sup> Embora tenha se dedicado especialmente ao estudo dos problemas da linguagem, utilizando freqüentemente recursos da literatura e da análise literária para encaminhar questões filosóficas clássicas e psicanalíticas, *"não se pode desconhecer a originalidade da contribuição da tese de Bento Prado Jr. para a reposição do problema da subjetividade em termos mais amplos do que a tradição historiográfica do cartesianismo o preservava"*. Leopoldo Silva FRANKLIN, 1994, Pesquisa no Departamento de Filosofia, *Estudos Avançados*, (22), p. 307. A tese a qual se refere Franklin é a Tese de Doutorado de Bento Prado Júnior intitulada *Presença e campo transcendental: Consciência e negatividade da filosofia de Bergson*, defendida em 1966 e publicada em livro somente em 1986.

<sup>58</sup> Questionado a respeito do significado da filosofia para sua vida, Bento Prado Júnior responde que a filosofia para ele não passa de um ambiente, um elemento importante para uma boa conversa. Parafraseando Hume, Bento Prado Júnior afirma que *"a filosofia é um tipo de discurso que se mantém, num salão, com uma bela mulher"*. Ver Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, op. cit., pp. 213-214.

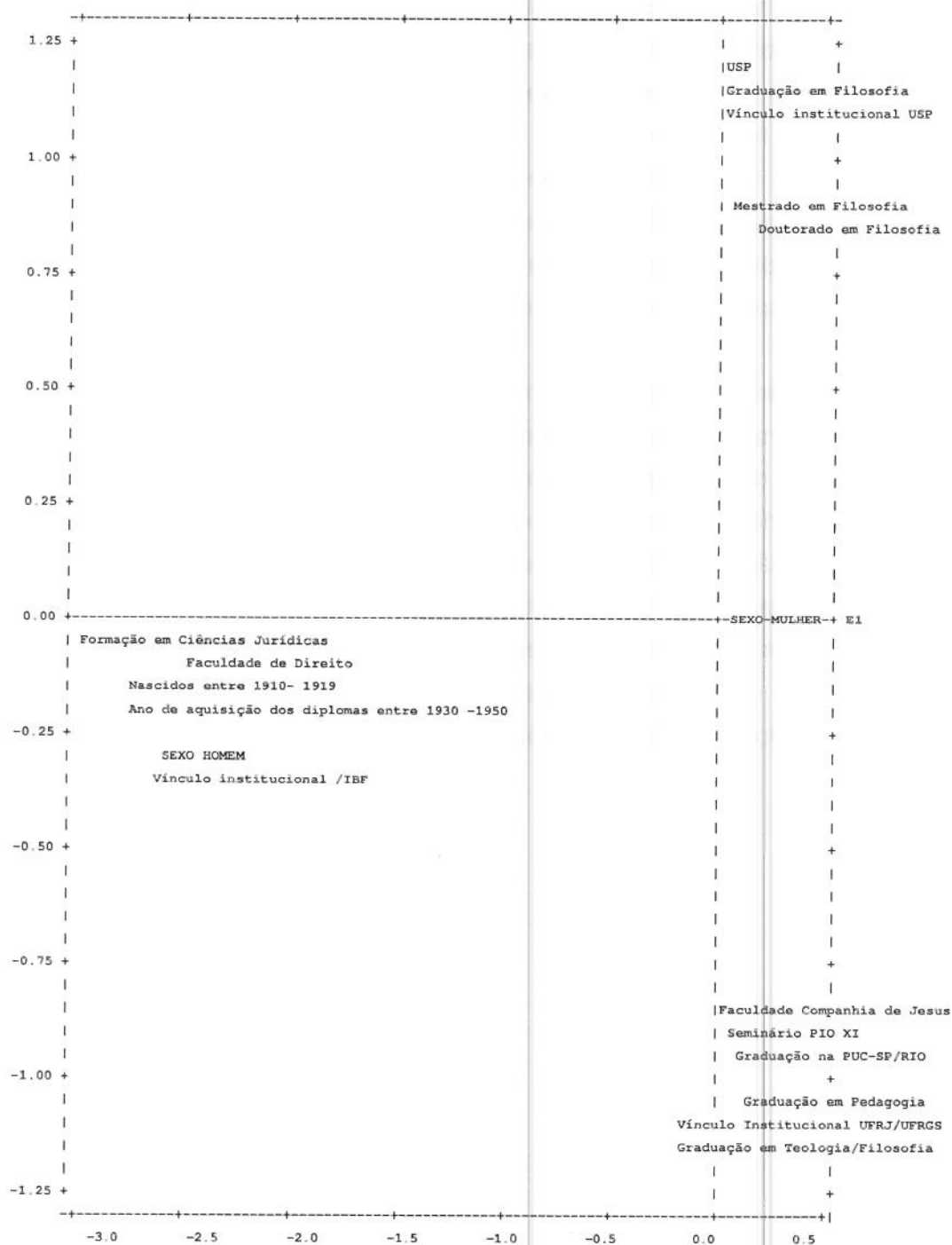
<sup>59</sup> Para análise de correspondência foram coletadas informações sociais e institucionais de cento e cinco (105) filósofos alocados em Departamentos de Filosofia de seis universidades. São elas, USP, PUC-SP, UFRJ, PUC-RIO, UFRGS, PUC-RGS. Além dos docentes desses Departamentos, considereei pelo menos mais nove (9) filósofos oriundos da Faculdade de Direito tanto de São Paulo quanto de Recife. Para todos os detalhes de procedimento da análise, consultar o Anexo 1, p. 157.

A confecção desse Gráfico se deu no ano de 2001 e, portanto, mostra – como é o caso de uma análise de correspondência – a situação apenas no momento específico em questão. Pode-se afirmar que nesse momento, em 2001, o saber filosófico estava completamente redefinido e esteve atrelado tanto ao grupo com passagem pelo Departamento de Filosofia da USP, o pólo dominante do espaço filosófico, quanto ao pólo dos *filósofos de origem católica*, assim denominados por terem obtido uma formação filosófica e/ou teológica nos Departamentos de Filosofia de universidades, faculdades e seminários católicos destinados à formação de eclesiásticos. Estes *filósofos de origem católica* estão situados no quadrante inferior à direita, em oposição aos *filósofos uspianos*, o que os situa numa posição de dominados.

Uma outra mudança provocada na formação dos filósofos em razão da passagem da Faculdade de Direito para a Faculdade de Filosofia, que pode ser visualizada no Gráfico 1, foi a entrada das mulheres, como se pode acompanhar, por exemplo, com a reconstituição da biografia de Marilena Chauí. A entrada das mulheres no campo de concorrência da produção filosófica, espaço até então destinado apenas aos homens, pode ser notado por meio da variável sexo, que está distribuída no gráfico de maneira homóloga ao título (nível graduação) e ao lugar de sua obtenção (país e instituição). Assim, enquanto a variável [SEXO-HOMEM] encontra-se junto aos detentores de um título em Ciências Jurídicas das Faculdades de Direito, a variável [SEXO-MULHER] está do lado oposto, junto aos filósofos alocados no Departamento de Filosofia da USP.



Gráfico 1: Relação entre formação (nível graduação) e capital filosófico





Ao mostrar a Faculdade de Filosofia da USP modificando os parâmetros do ensino (transmissão) da filosofia, bem como o seu público, o gráfico ajuda – em uma leitura sintética – a compreender a preocupação demonstrada por Antônio Paim em seu estudo sobre o ensino universitário da filosofia no Brasil. Segundo ele, a Reforma Francisco Campos (1931) estruturou as universidades ao redor da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, cuja função primordial era formar professores para o ensino secundário, ou seja, era um modelo que visava a uma formação profissionalizante ao invés de uma formação filosófica baseada na pesquisa<sup>60</sup>.

Seu estudo enfatiza que o fato de ter havido uma proliferação de Cursos de Filosofia funcionando em Departamentos reconhecidos e legalizados pelo Ministério da Educação até os anos sessenta não significa que eles fossem controlados por um corpo docente especializado e altamente qualificado<sup>61</sup>, o que de fato somente começou a acontecer após a década de setenta, com a criação da ANPOF e a implantação das políticas de pós-graduação no Brasil, em decorrência da reforma universitária de 1968. Os universitários passaram a se apresentar como criadores, isto é, como filósofos e não somente como professores de filosofia. Nesse processo, a contribuição dos *filósofos de origem católica* foi tão importante quanto a participação dos professores advindos da USP.

Por outro lado, esse processo de mudança não foi nada simples: ele foi marcado por duros conflitos e uma série de alianças. Isso porque parte dos filósofos uspianos foram expulsos e silenciados durante as décadas de sessenta e setenta pelo regime militar, como foi o caso dos professores José Arthur Giannotti e Bento Prado Júnior, aposentados compulsoriamente em 1969, época em que o reitor da USP era o professor Miguel Reale. Foi nesse contexto que, contando com o manto protetor da Igreja Católica, os filósofos uspianos e os *filósofos de origem*

---

<sup>60</sup> Antônio PAIM, 1984, O ensino da Filosofia posterior à criação do Curso Superior de Filosofia, no Brasil desde a Colônia, *O ensino de filosofia desde a colônia* (apostila de curso), Rio de Janeiro, s.d., p. 208. Acesso <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1367.pdf>.

<sup>61</sup> As universidades foram organizadas nos diversos Estados da Federação no período de 1945-1960. O número de cursos oferecidos em filosofia nessas diversas universidades evoluiu de 26, em 1954, para 30, em 1955, e 40, em 1960. As matrículas alcançaram aproximadamente 1000 alunos, em 1960. O total de conclusões dos Cursos de Filosofia passou de 100 para 200, no decorrer desta década. Mencionando uma pesquisa sobre esses cursos, realizada no início dos anos 60, Paim chegou a escrever que “as evidências então colhidas eram desalentadoras (...) os programas adaptados eram demasiado extensos, incluindo lógica, psicologia e história da filosofia. Professores recém formados eram obrigados a despejar esse volume inusitado de conhecimentos, muitas vezes mal digeridos. Cogitou-se de reformular os programas. Mas os esboços então elaborados exigiram uma reformulação de tal magnitude dos cursos estruturados a fim de preparar adequadamente os professores que parecia inviável, ou muito acima das forças dos patrocinadores do balanço”. Idem, *ibidem*, p. 212.

católica puderam juntos criar os primeiros espaços de debates filosóficos. É sobre a reconstituição desses espaços que passarei a dar uma maior ênfase a partir de então.

#### **4- A implantação das pós-graduações no Brasil e a filosofia acadêmica**

Com a reforma universitária de 1968, a produção filosófica universitária no Brasil começou a ganhar visibilidade e reconhecimento no universo acadêmico. A reforma conferiu importância decisiva às políticas de ciência e tecnologia e à formação de recursos humanos qualificados, implantando a Pós-graduação e ordenando o sistema de financiamento à pesquisa<sup>62</sup>.

O estabelecimento da pós-graduação e o seu financiamento levou à criação de diversos laboratórios de pesquisa e bibliotecas. Surgiram as primeiras publicações de revistas especializadas, as associações e os grupos de estudos controlados pelos próprios professores<sup>63</sup>. Foram criadas, assim, as condições institucionais para que o sistema universitário brasileiro pudesse produzir trabalhos segundo os padrões de qualidade que pudessem competir internacionalmente<sup>64</sup>. Conseqüentemente, ocorreu o fortalecimento de um corpo de filósofos capazes de atuar dentro do espaço acadêmico no Brasil.

A relação entre a implantação dos programas de pós-graduação em filosofia e uma produção filosófica acadêmica brasileira pode ser verificada ao longo das décadas de setenta e oitenta por meio da confecção das primeiras teses e dissertações na área. Com exceção da USP, que na época já contabilizava 17 doutorados, os primeiros dez anos da criação dos programas de pós-graduação em filosofia são marcados pela confecção do diploma de mestrado. Durante os

---

<sup>62</sup> Entre as instituições financeiras destacam-se: o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), que deu origem ao Fundo Tecnológico (FUNTEC) e à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), que administrava o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT); o Conselho Nacional de Desenvolvimento Nacional e Científico (CNPq) e a Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ver Otaíza de Oliveira ROMANELLI, 1986, *História da educação no Brasil*, Petrópolis: Vozes.

<sup>63</sup> Luiz Antônio R. da CUNHA, 1983, *A universidade crítica*, Rio de Janeiro: Francisco Alves.

<sup>64</sup> Elionora Maria Cavalcanti de BARROS, 1998, *Políticas de pós-graduação: um estudo da comunidade científica*. São Carlos: Ed. Ufscar. Ver também Letícia Bicalho CANÊDO e Afrânio Raul GARCIA JÚNIOR, 2005, Bolsistas brasileiros e Doutorados internacionais, in: Carlos Benedito MARTINS. (Org.) *Diálogos entre o Brasil e a França: formação e cooperação acadêmica*, 1ª. ed., Recife: Massangana, v. 1.

anos noventa, mais precisamente a partir de 1995, o contingente dos títulos de doutorados aumentou consideravelmente. No caso da USP, esse contingente praticamente triplicou, passando de 25 teses defendidas e homologadas entre 1980 e 1989, para 65 no período consecutivo, de 1990 a 1999. O mesmo se pôde observar no Departamento de Filosofia da UNICAMP, cujo número de títulos de doutorado na década de oitenta era de apenas 5, passando para 40 na década seguinte.

Esse movimento também foi acompanhado pelos religiosos ligados à Igreja Católica que, como se verifica no quadro nº 1, a seguir, foram pioneiros na criação dos programas de pós-graduação na área. Embora a confecção dos diplomas especializados em filosofia tenha se concentrado na produção de mestrados, são os programas de pós-graduação das universidades católicas que, desde os anos setenta, apresentam uma produção especializada relevante, quando comparados aos das universidades federais.

Quadro n° 1- Quantidade de títulos por programa de pós - graduação em Filosofia entre 1973 e 2007<sup>65</sup>

| Nome da instituição | Ano de Criação do Programa de Pós-graduação em Filosofia | Período 1973-79               | Período 1980-89                                                             | Período 1990- 00                                                            | Período 01- 2007                                                             | Total geral dos títulos |
|---------------------|----------------------------------------------------------|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| PUC- RJ             | (1973)                                                   | 40 mestrados                  | 60 mestrados                                                                | 93 mestrados<br>21 doutorados                                               | 87 mestrados 38<br>doutorados                                                | 339                     |
| PUC – SP            | (1977)                                                   | Nenhum                        | 18 trabalhos defendidos entre dissertações de mestrado e teses de doutorado | 87 trabalhos defendidos entre dissertações de mestrado e teses de doutorado | 134 trabalhos defendidos entre dissertações de mestrado e teses de doutorado | 239                     |
| PUC- RGS            | (1974)                                                   | 15 mestrados                  | 53 mestrados                                                                | 136 mestrados<br>7 doutorados                                               | 116 mestrados<br>53 doutorados                                               | 380                     |
| UNICAMP             | (1977)                                                   | Nenhum                        | 21 mestrados<br>5 doutorados                                                | 71 mestrados<br>48 doutorados                                               | 112 mestrados<br>100 doutorados                                              | 357                     |
| USP <sup>66</sup>   | X                                                        | 25 mestrados<br>12 doutorados | 33 mestrados<br>32 doutorados                                               | 137 mestrados<br>76 doutorados                                              | 50 mestrados*                                                                | 396                     |
| UFRGS               | (1981)                                                   | X                             | 11 mestrados<br>1 doutorado                                                 | 60 mestrados<br>7 doutorados                                                | 30 mestrados<br>17 doutorados                                                | 126                     |
| UFSM                | (1974)                                                   | 23 mestrados                  | 4 mestrados                                                                 | 59 mestrados                                                                | 99 mestrados                                                                 | 185                     |

Fonte: Dados construídos a partir da consulta dos *sites* webs das universidades, dos catálogos de teses da ANPOF e de informações obtidas junto aos Departamentos de Filosofia (quando possível).

\* Não há dados disponíveis no *site* do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Os dados obtidos foram calculados a partir do banco de teses disponível no *site* da ANPOF, que não contabiliza o total de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas até os dias atuais. <http://www.anpof.org.br/banco/buscar.htm>

Outro fator importante na constituição da produção especializada em filosofia no Brasil foi a realização de dissertações e doutorados no exterior, como se pode acompanhar pelo quadro n° 2, abaixo. Seus números dão a ver que 48% do corpo docente de oito Departamentos de Filosofia (USP, UFRJ, PUC-RIO, PUC-SP, UFRGS, PUC-RGS, UFMG, UNICAMP) obtiveram um título (mestrado e/ou doutorado) em filosofia no exterior<sup>67</sup>. Os outros 52% da população realizaram seus

<sup>65</sup> Dentre os 34 programas de pós-graduação em filosofia filiados à ANPOF, só encontrei dados disponíveis para as universidades acima. Essas são as universidades brasileiras que oferecem um curso completo de pós-graduação – especialização, mestrado e doutorado – em filosofia. A inserção da UFSM, que oferece apenas mestrado, foi utilizada somente como ilustração da formação do campo acadêmico filosófico. Como se pode verificar, são contabilizadas apenas as dissertações de mestrado e teses de doutorado, ficando de fora as especializações.

<sup>66</sup> O regimento que estabeleceu o processo de doutoramento da FFCL-USP foi aprovado pelo Conselho Universitário em sessão de 9 de dezembro de 1941 e publicado no Diário Oficial no dia 4 de janeiro de 1942. É importante, contudo, perceber que as universidades acima citadas, à exceção da Universidade de São Paulo, considerada pioneira na instituição da filosofia universitária no Brasil, da UFRJ, criada em 1976 e da UNICAMP, criada em 1977, são administradas pela Igreja Católica. Isto permite fazer uma idéia dos investimentos feitos pela Igreja Católica na formação de um corpo docente especializado em filosofia.

<sup>67</sup> A contagem desses diplomas foi realizada em 2000 por meio de consulta ao CVlattes dos docentes, disponíveis na homepage do CNPq e do Departamento de Filosofia. A contagem corresponde a um universo de 186 filósofos pertencentes aos Departamentos de Filosofia das Universidades.

estudos (mestrado e doutorado) nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, nos departamentos pioneiros na criação de pós-graduação no país.

Quadro n° 2 – Relação entre títulos de mestrado e doutorado e país de obtenção

| Títulos de mestrado e/ou doutorado provenientes do estrangeiro | % por país | Títulos de mestrado e/ou doutorado provenientes do Brasil | % por universidade |
|----------------------------------------------------------------|------------|-----------------------------------------------------------|--------------------|
| França                                                         | 27,18%     | UFRJ                                                      | 28,26%             |
| Alemanha                                                       | 23,7%      | USP                                                       | 21,56%             |
| EUA                                                            | 10,9%      | UNICAMP                                                   | 19,56%             |
| Inglaterra                                                     | 10,0%      | PUCSP                                                     | 13,00%             |
| Bélgica                                                        | 9,4%       | UFRGS                                                     | 6,52%              |
| Itália                                                         | 8,2%       | PUCRGS                                                    | 4,34%              |
| Portugal                                                       | 3,6%       | PUC-RIO                                                   | 4,0%               |
| Polônia                                                        | 1,8%       | UFMG                                                      | 2,17%              |
| Canadá                                                         | 1,8%       | -                                                         | -                  |
| Suécia                                                         | 1,8%       | -                                                         | -                  |
| Equador                                                        | 1,8%       | -                                                         | -                  |

A presença desses filósofos detentores de um título proveniente da Europa é correlata à concessão de bolsas de estudos para o estrangeiro pelas agências governamentais de fomento à pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), bolsas essas que beneficiaram estudantes e docentes na área da filosofia e das ciências humanas em geral.

Como pode ser observado no quadro n° 3, a seguir, durante as décadas de oitenta e noventa 229 bolsas foram concedidas a estudantes e docentes para a realização de mestrado, doutorado e pós-doutorado e estágio em filosofia no exterior. É interessante perceber que o país de destino dessa população até 2000 era, preferencialmente, a França, totalizando 102 bolsas e, em seguida, a Alemanha, com 43 bolsas – fato que explica o forte contingente de diplomas oriundos de universidades francesas nos Departamentos de Filosofia (quadro n°2, acima). Além disso, observa-se que foram os discentes e os docentes alocados nas universidades do eixo Sul e Sudeste os principais beneficiados com essas bolsas de estudos; isso explica, também, o forte

índice de internacionalização dos estudos dos docentes alocados nas universidades pesquisadas (USP, PUC-SP, URFJ, PUC-RJ, UFRGS, PUC-RGS)<sup>68</sup>.

**Quadro n° 3- Bolsistas brasileiros: disciplinas e países de destino**

CIÊNCIAS HUMANAS

| Países/<br>Disciplina | Eua | Fran | Ingl | Alem | Port | Esp | Outros<br>Europa | Am.<br>Lat | Can | Out<br>ros | S/<br>info | Total |
|-----------------------|-----|------|------|------|------|-----|------------------|------------|-----|------------|------------|-------|
| Filosofia             | 24  | 102  | 16   | 43   | 3    | 6   | 25               | 0          | 4   | 1          | 5          | 229   |
| Sociologia            | 59  | 147  | 35   | 10   | 5    | 15  | 27               | 11         | 12  | 3          | 7          | 331   |
| História              | 44  | 80   | 24   | 16   | 44   | 18  | 19               | 9          | 3   | 1          | 2          | 260   |
| Antropologia          | 53  | 73   | 26   | 5    | 5    | 7   | 6                | 3          | 9   | 2          | 3          | 192   |
| Geografia             | 8   | 39   | 9    | 4    | 3    | 13  | 4                | 1          | 2   | 1          | 4          | 88    |
| Psicologia            | 94  | 105  | 58   | 12   | 3    | 28  | 31               | 4          | 11  | 3          | 5          | 354   |
| Ciência<br>Política   | 70  | 40   | 36   | 3    | 2    | 7   | 12               | 4          | 2   | 0          | 6          | 182   |
| Educação              | 74  | 112  | 75   | 19   | 17   | 53  | 30               | 9          | 26  | 4          | 1          | 420   |
| Teologia              | 0   | 1    | 1    | 1    | 0    | 1   | 9                | 1          | 0   | 1          | 0          | 9     |
| Total                 | 426 | 699  | 280  | 113  | 82   | 148 | 163              | 42         | 69  | 16         | 33         | 2065  |

Fonte: Letícia Bicalho CANEDO e Afrânio GARCIA, 2005, op. cit.

## 5 - As revistas especializadas em filosofia: conquista de uma legitimidade científica

O crescimento dos programas de pós-graduação e de um corpo de professores cada vez mais especializado na área de filosofia favoreceu, também, a criação das primeiras instâncias de difusão e, conseqüentemente, a formação de um público leitor, por meio das revistas especializadas em filosofia. Controladas pelos próprios professores de filosofia dos programas de doutorado, as principais revistas foram criadas durante a década de noventa, período em que o número do contingente de doutores em filosofia no país cresceu quase 50%, quando comparado à década de oitenta. Elas serviram como arma estratégica na conquista de legitimidade científica e institucional para os filósofos, face à comunidade acadêmica do país.

<sup>68</sup> Para maiores detalhes da distribuição de bolsas por país, disciplina e agência, ver Anexo 2, p. 167.

Como relata Guido Antônio de Almeida, editor da Revista *Analytica*, a primeira de circulação nacional, criada em 1993, “as revistas favorecem uma circulação de idéias e a formação de uma massa crítica pouco presente no Brasil, e eu acho que a *Analytica* desempenha bem esse papel, tanto pela qualidade dos artigos quanto pela capacidade de aglutinar os diferentes filósofos de todo o país” (trecho de entrevista realizada com Guido Antônio de Almeida, em 2004, durante a pesquisa de campo).

Funcionando ao mesmo tempo como instâncias de difusão e produtoras de um público especializado na área, o que garante reconhecimento social do corpo professoral, as revistas especializadas se constituíram também em importantes mediações na imposição de determinados padrões do exercício filosófico, ao estabelecer um leque de objetos, métodos e teorias legítimas, legítimas ou indignas<sup>69</sup>.

O programa *Qualis* da CAPES<sup>70</sup>, sistema que tem por objetivo ranquear os periódicos de circulação nacional e internacional por área de conhecimento atribuindo-lhes notas, permite avaliar o peso das revistas na própria definição de regras e comportamentos do exercício filosófico do corpo de professores da disciplina no Brasil. Na plataforma da CAPES é possível localizar trinta e duas revistas de filosofia avaliadas pelo Comitê de Filosofia e Teologia dessa entidade. Dessas trinta e duas publicações, dezessete são nacionais, o que permite entendê-las como espaço de publicação de artigos de professores oriundos de diversas universidades do Brasil<sup>71</sup>. No entanto, dentre as dezessete, apenas dez são avaliadas com conceito A, a saber: *Studia Kantiana*/Associação Brasileira de Kant (2000), *Cadernos de Filosofia e História da Ciência*/CLE (1980), *Revista Analytica*/UFRJ (1993), *Revista Síntese*/Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus (1974), *Revista Discurso*/USP (1970), *Filosofia Política*/UFRGS (1997), *Filosofia Unisinos* (2000), *Revista Hypnos*/PUC-SP (1999), *Kriterion*/UFMG (1946), *O que nos faz pensar*/PUC-RJ (1989).

---

<sup>69</sup> Apesar da falta de regularidade na edição e publicação dos periódicos em filosofia e da arbitrariedade que pode ser atribuída à seleção das revistas analisadas, acredito que a consulta a dez revistas especializadas em filosofia permite ter uma idéia geral do panorama filosófico acadêmico e dos meios pelos quais essas instâncias vêm se institucionalizando, autonomizando-se e constituindo uma ordenação de funcionamento. A respeito da circulação das revistas de filosofia na França e da importância de uma análise deste tipo de dispositivo institucional, consultar Louis PINTO, 1987, op. cit.

<sup>70</sup> Por mais arbitrário que possa ser o princípio de escolha do programa *Qualis* da CAPES, como procedimento para avaliar os autores mais legítimos e importantes do espaço filosófico acadêmico, penso que o exame dos autores mobilizados pelos professores em uma revista que se caracteriza por um espaço de oficialização dos critérios científicos e de congregação de profissionais de todo país, possibilita captar a diversificação do fazer filosófico no Brasil.

<sup>71</sup> Esta pesquisa foi realizada em julho de 2006. No entanto, uma consulta recente (agosto de 2007) indica que o número de revistas existentes na área de filosofia passou de 30 para 80, das quais apenas 21 foram avaliadas com nota A.



A verificação dos nomes dos filósofos e das temáticas tratadas pelos autores do conjunto dos artigos publicados em nove das dez revistas que obtiveram conceito A nos últimos dois anos<sup>72</sup>, permitiu classificar os periódicos em dois tipos: 1) aqueles cuja produção filosófica é estreitamente dependente da instituição universitária, apresentando certo conformismo e conservação do modelo acadêmico, como é o caso das revistas que consagram um grande espaço a artigos sobre a história da filosofia e/ou aos autores da tradição clássica, em especial, os filósofos Platão, Descartes e Kant; e 2) aqueles cuja produção filosófica caracteriza-se por sua distância da ortodoxia acadêmica, isto é, por certa independência dos autores da tradição clássica.

**Quadro n° 4- Panorama geral dos temas e autores tratados pelas revistas nacionais de filosofia dos Departamentos de Filosofia das Regiões Sul e Sudeste.**

**Quadro n° 4 a.**

| <b>Título da revista e origem institucional</b> | <b>Tiragem e periodicidade da revista</b> | <b>Autores e temáticas publicadas pela revista</b>                                                                     |
|-------------------------------------------------|-------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Revista Hypnos</i><br>(PUC-SP)               | 1000 exemplares<br>semestral              | Platão 8<br>Sócrates 4<br>Schelling 2<br>Aristóteles – 1<br>S. Aquino- 2<br>Plotino – 3<br>Nietzsche - 3<br>Total = 23 |

**Quadro n° 4 b.**

| <b>Título da revista e origem institucional</b> | <b>Tiragem e periodicidade da revista</b> | <b>Autores e temáticas publicadas pela revista</b>                                                                                                                                                                                                      |
|-------------------------------------------------|-------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>O que nos faz Pensar</i><br>(PUC-RJ)         | 1000 exemplares<br>semestral              | Consagrou um número inteiro a Nietzsche (6)<br>Nietzsche – 9<br>Descartes – 2<br>Kant – 3<br>Wittgenstein -4<br>Espinosa – 3<br>Platão – 3<br>Hegel – 1<br>Estudos sobre filósofos do século XX – Habermas, Heidegger e Sartre - 5<br>Total= 36 artigos |

<sup>72</sup> A única revista não encontrada nas bibliotecas pesquisadas foi *Filosofia* (2000), da gaúcha Unisinos. Procurei estabelecer uma contagem contínua dos autores e das temáticas trabalhadas nos últimos dois anos. No entanto, como se percebe pela leitura do quadro n° 4, adiante, algumas revistas não têm a mesma periodicidade e houve dificuldade para encontrar as revistas em sua ordem de publicação.

Quadro n° 4 c.

| Titulo da revista e origem institucional                         | Tiragem e periodicidade da revista | Autores e temáticas publicadas pela revista                                                                                                               |
|------------------------------------------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Cadernos de Filosofia e História da Ciência</i> (CLE/UNICAMP) | 1000 exemplares<br>trimestral      | Aristóteles – 6<br>Bacon – 2<br>Leibniz – 4<br>Bergson – 1<br>Descartes – 6<br>Locke – 1<br>Hegel – 2<br>Hobbes – 2<br>Espinosa – 2<br>Total = 26 artigos |

Quadro n° 4 d.

| Titulo da revista e origem institucional | Tiragem e periodicidade da revista | Autores e temáticas publicadas pela revista                                                                                                                                                                                                        |
|------------------------------------------|------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Kriterion</i> ( UFMG)                 | 1000 exemplares<br>semestral       | Hegel – 3 /<br>Kant – 1<br>Luckas – 2/<br>S. Aquino – 1<br>Maquiavel -1<br>Hume – 2<br>Bacon – 2<br>Artigos sobre filósofos do século XX – Sartre, Benjamin, Marcuse, Russel – 5<br>Artigos sobre Shiller – poeta alemão – 4<br>Total = 21 artigos |

Quadro n° 4 e.

| Titulo da revista e origem institucional | Tiragem e periodicidade da revista | Autores e temáticas publicadas pela revista                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|------------------------------------------|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Revista Analytica</i> (UFRJ)          | 1000 exemplares<br>semestral       | Revista Temática<br>2003/n°2: Tempo e Eternidade na Filosofia Medieval<br>2004/ n°1 Sobre ciência e dialética em Aristóteles<br>2004/ n°2: Aristóteles – a Ethica nicomachea de Aristóteles<br>2005/n° 1: Aristóteles e Kant<br>2005/ n°2: Wittgenstein e temas de filosofia moderna<br>2006/ n° 1: Questões de filosofia moderna e contemporânea<br>Total= 26<br>Cada número conta com a tradução de um texto de um filósofo clássico, como Kant, Descartes e etc. |

Quadro n° 4 f.

| Titulo da revista e origem institucional               | Tiragem e periodicidade da revista | Autores e temáticas publicadas pela revista                                                      |
|--------------------------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Studia Kantiana</i> (Associação Brasileira de Kant) | 800 exemplares<br>semestral        | Todos os artigos são a respeito de Kant como indica o próprio nome da revista. Total= 28 artigos |

Quadro n° 4 g.

| Titulo da revista e origem institucional | Tiragem e periodicidade da revista | Autores e temáticas publicadas pela revista                                                                                                                                                                                                                                               |
|------------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Revista Discurso</i> (USP)            | 1000 exemplares<br>anual           | Ceticismo- 3<br>Aristóteles - 1<br>Hume - 1<br>Hobbes- 2<br>Espinosa- 1<br>Hegel- 1<br>Kant - 2<br>Sartre - 1<br>Temas - Camus, Corpo e Consciência - 1<br>Derrida -1<br>Bergson-1<br>Número inteiro consagrado à Kant .<br>Total = 15<br>Numero inteiro consagrado aos 70 anos da FFLCH. |

Quadro n° 4 h.

| Titulo da revista e origem institucional | Tiragem e periodicidade da revista | Autores e temáticas publicadas pela revista                                                                                                                                                                                               |
|------------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Filosofia Política</i> (UFRGS)        | 1000 exemplares<br>semestral       | Dois números consagrados à Filosofia Política de Hegel e outros dois intitulados<br><i>Estado e Política. A filosofia Política de Hegel</i><br><i>Hegel. A moralidade e a Religião</i><br><i>Democracia e Política</i><br><i>O Terror</i> |

Quadro nº 4 i.

| Título da revista e origem institucional | Tiragem e periodicidade da revista | Autores e temáticas publicadas pela revista                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|------------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Revista Síntese</i> (FAJE)            | 1000 exemplares<br>trimestral      | <p>Revista Temática – todo número é consagrado a um tema específico.</p> <p>2004 – O significado de Sungrama na interpretação da escola platônica de Tubigen – Marcelo Perine (PUC-SP)</p> <p>2004- - Sistema e liberdade: a fundamentação metafísica da ética em Hegel. Marcelo Fernandes de Aquino (Unisinos)</p> <p>2005- Emmanuel Mounier: um pensamento em ação por Maria da Penha Vilela Petit (França)</p> <p>2005- Um depoimento sobre Pe. Vaz por Paulo Arantes (USP)</p> <p>2005 - Recordando Teilhard de Chardin por ocasião do cinquentenário de sua morte. Pe. Geraldo Luiz de Mori</p> <p>2006 – O Ubergang da liberdade à natureza na filosofia da história de Kant. Javier Herrero (UFMG)</p> <p>2006 – Para uma Ética de transmissão André Berten</p> <p>2006 – Eric Weil entre Hegel e Kant e além deles por Marcelo Perine (PUC- SP)</p> <p>Aristóteles – 1</p> <p>Kant – 3</p> <p>Heidegger – 1</p> <p>Platão – 4</p> <p>Hume- 1</p> <p>Plotino – 1</p> <p>Leibniz -1</p> <p>S. Agostinho – 1</p> <p>Hegel – 4</p> <p>Locke – 1</p> <p>Peirce – 1</p> <p>Montaigne – 1</p> <p>Pe. Joseph Marechal – 1</p> <p>Artigos de filósofos do séc. XX - Habermas – 1; Freud e filosofia alemã – 1</p> <p>Heidegger – 1; Bolzano -1; Pe. Vaz -2</p> <p>Temáticas presentes – metafísica movente, concepções éticas, ceticismo, o urbano como projeto, autonomia a heteronímia na moral, ética do discurso, racionalismo científico e abertura à transcendência.</p> <p>Total = 26.</p> |

No que tange às primeiras revistas, a publicação dos artigos agrega os filósofos clássicos mais legítimos da tradição acadêmica, como Platão, Descartes e Kant. São elas: *Cadernos de Filosofia e História da Ciência*, *Revista Hypnos*, *Revista Analytica*, *Studia Kantiana* e *Revista Discurso*. A primeira delas, publicada semestralmente, foi criada em 1986 pelo Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e constitui, juntamente com a *Revista Analytica*, o principal espaço de publicação de autores da tradição clássica e da filosofia moderna, nas quais a presença de temas sobre a filosofia analítica e da linguagem são constantes.

Todavia, enquanto o primeiro periódico dedica um bom número de artigos a Descartes (século XVII) e aos Gregos, a *Revista Analytica* apresenta interesse mais amplo: Aristóteles, Platão, Descartes, Espinosa, Kant e Wittgenstein, chegando a dedicar um número à filosofia deste último pensador. Por outro lado, mesmo consagrando boa parte de suas publicações a temas relacionados à filosofia moderna e contemporânea, são os autores da tradição clássica os principais interlocutores do debate na *Revista Analytica*, como se verifica nos artigos “O direito abstrato em Hegel” e “O conceito de corpo em Leibniz” (nº 1, 2006).

A revista *Studia Kantiana* encarna o ápice do academicismo filosófico. Isso porque, além de circular somente artigos sobre Kant, cuja dominância é de discussões sobre a crítica do juízo e da razão prática, o debate também é apresentado por meio de traduções de textos clássicos da filosofia, característica também presente na *Revista Analytica*.

Essas três revistas parecem compor um espaço de maior interação quando comparadas à *Revista Hypnos*. Nelas, os artigos publicados são apresentados em forma de réplicas, muitas vezes discussões entre um professor estrangeiro e um brasileiro, como que dando continuidade a um debate iniciado anteriormente, demonstrando, assim, a existência de uma produção acadêmica viva e reconhecida internacionalmente<sup>73</sup>. Tal formato “dialógico” não se encontra na *Revista Hypnos* nem nas demais publicações.

Já nas revistas do segundo grupo - *O que nos faz pensar*, *Filosofia Política*, *Kriterion* e *Revista Síntese* – o interesse por filósofos considerados avessos ao padrão universitário de fazer filosofia é indicado pela ausência dos autores da filosofia clássica, sobretudo do século XVII. A revista *O que nos faz pensar*, criada em 1989 pelos docentes da PUC-SP, ilustra bem sua distância em relação aos sistemas filosóficos mais ortodoxos. Além de destinar um número inteiro de sua publicação semestral aos cem anos da morte de Nietzsche, publicou um total de nove artigos sobre o autor, ao passo que os filósofos Kant, Espinosa e Hegel somam juntos um total de apenas oito artigos.

---

<sup>73</sup> A revista do Departamento de Filosofia da USP, *Revista Discurso*, criada em 1970 e de circulação anual, apresenta as mesmas características das revistas mencionadas. Mesmo dedicando parte de sua publicação à comemoração dos setenta anos da FFLCH, a revista veiculou nos últimos dois anos um contingente alto de artigos sobre Kant, consagrando-lhe um número específico aos 170 anos da morte do filósofo e dois artigos versando sobre a moral kantiana.

Além dos artigos e da edição comemorativa consagrada a Nietzsche, representante de uma espécie de ultrapassagem crítica da ortodoxia, as edições semestrais da revista *O que nos faz pensar* não apresentam a mesma interação que os artigos da *Revista Analytica*, na qual as réplicas são constantes.

O mesmo se pode dizer da revista *Kriterion*, publicada pelo departamento de filosofia da UFMG, criada em 1946 e reeditada a partir de 1982, por um corpo docente formado em filosofia. A revista apresenta uma enorme quantidade de artigos sobre pensadores do século XX, filósofos, poetas e literatos, cujas temáticas mesclam assuntos ligados a arte e ao idealismo alemão. Num conjunto de trinta e três artigos, vinte e um foram dedicados aos assuntos mencionados e apenas um artigo sobre Kant foi publicado nos últimos dois anos.

Já a *Revista Síntese*, da Companhia de Jesus, de periodicidade trimestral, publicou nos últimos vinte e quatro meses dois números sobre os intelectuais católicos Emmanuel Mounier e Teilhard de Chardin. Essa revista, embora tenha dedicado artigos à filosofia grega – Platão (4) – e aos autores do século XVII e XVIII, como Kant (3) e Hegel (4), os autores contemporâneos ocupam um lugar importante no conjunto das suas publicações. Além disso, são os estudos da filosofia associados à ética e à política que predominam. Tal aspecto revela certo interesse num distanciamento dos estudos relacionados à ortodoxia acadêmica, que constitui, por excelência, a história da filosofia.

Por último, a revista *Filosofia Política*, publicação semestral do Departamento de Filosofia da UFRGS, embora opte preferencialmente por estudos que versam sobre filosofia política, privilegia um espaço considerável para os pensadores do século XVIII, sendo Hegel o autor mais estudado nos últimos dois anos. Entretanto, entre as temáticas publicadas sobre o filósofo, é a concepção do estado e a moralidade em Hegel que predominam no conjunto dos artigos. Além disso, parte da revista é voltada para discussões sobre a política brasileira.

## **6 - A Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF): a busca de uma autonomia profissional**

Pelo exposto, depreende-se a constituição de um espaço filosófico hierarquizado, diversificado e controlado pelos próprios professores de filosofia. A formação desse espaço esteve atrelada à criação da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF), cuja finalidade principal era definir a função do filósofo, através da adoção de normas oriundas de um universo profissionalizado. A história dessa Associação está marcada por intensas querelas e alianças entre seus mentores, tanto aqueles cujo capital filosófico foi adquirido junto às instituições católicas, aqui denominados *filósofos de origem católica*, como os formados em filosofia na USP, nomeados *filósofos*.

Entretanto, antes da criação da ANPOF, um longo caminho foi percorrido, durante o qual a participação dos *filósofos de origem católica* foi essencial para a fundação da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), lugar de acomodação para filósofos de diversas procedências, e que se tornaria uma espécie de embrião para a constituição posterior da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia.

A declaração de Olinto Pegoraro, principal articulador dos filósofos espalhados nos diferentes Departamentos das universidades do Sudeste, explica a criação da SEAF em 1975 e revela a maneira pela qual foram aglutinados os diferentes filósofos do país, em torno dessa Sociedade. Com o cerceamento político da época e a incipiência do financiamento na área de pesquisa em filosofia, os filósofos de diversas origens foram levados a procurar proteção no manto da instituição católica:

*Eu telefonei para os professores de filosofia do grande eixo Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Na época havia um silêncio. Estava todo mundo silenciado. Os professores de filosofia não podiam ensinar. A filosofia tinha sido excluída do segundo grau pelos militares. Então pensamos na maneira de criar um espaço para que os professores de filosofia pudessem pensar, refletir e se programar para reagir contra o silêncio. Telefonei para todo mundo e pedi às freiras do Colégio Santa Marcelina, quer dizer, eu inventei porque não podia dizer às freiras que iria reunir professores de filosofia. Era um curso mal visto. Como era época da Páscoa, inventei que íamos fazer uma reflexão sobre a Páscoa. Nós éramos neste dia dez pessoas, e tivemos até cafezinho e bolacha. Estava lá o Guido (Guido Antônio de Almeida), o Raul (Raul Landim Filho) ainda não tinha chegado de Louvain, o José de Anchieta, que foi presidente da associação (SEAF), e outros. Depois vieram todos, o Prof. Giannotti, a Marilena Chauí, o Valério Rohden. Grandes*



*professores de filosofia que estavam em silêncio. De um lado, queríamos marcar oposição em relação à ditadura e também ao grupo do Padilha (Tarcísio Padilha), que era filiado ao IBF, do Prof. Miguel Reale. Todos os benefícios da ditadura iam para eles. Não tínhamos dinheiro para montar um congresso de quinze pessoas. Mas juntos conseguimos organizar vários encontros pelo Brasil inteiro. Na época, José Henrique (José Henrique dos Santos) que tinha se formado na Alemanha, era reitor da Federal de Minas Gerais, e por meio dele nós conseguíamos dinheiro pela CAPES. Veio aquele monte de estudantes, professores. Foi realmente importante na época. Depois veio a democratização e também as exigências das agências de fomento. A SEAF, eu sou o presidente da SEAF, organiza congressos e publicações em filosofia, mas, não é mais como antigamente. Antes era imenso. (Trecho da entrevista com Olinto Pegoraro, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Ao se referir com tristeza ao confinamento seguido do desmantelamento da SEAF, bem como às dificuldades que enfrentou para reunir diferentes intelectuais na época, Olinto Pegoraro traz à tona toda a transformação que o meio universitário passou a sofrer a partir do interesse do Estado no desenvolvimento de modelos de excelência na filosofia. O relato de Guido Antônio de Almeida elucida essa situação:

*A SEAF nasceu com o intuito de abrir um espaço de discussão para a filosofia no Brasil, consciente das limitações políticas e pensando, sempre, na importância do papel da filosofia na vida política do país. A primeira coisa que a SEAF fez foi organizar conferências públicas de filósofos banidos. Convidamos o Giannotti para essas conferências, convidamos também Darcy Ribeiro que, embora não fosse filósofo, era um nome importante na cultura brasileira. Era necessário que a SEAF tivesse um perfil político. Mas a SEAF acabou desaparecendo devido a uma discussão interna entre aqueles que queriam uma filosofia realmente politizada, instrumentalizada para a ação política, e aqueles que queriam preservar o espaço para uma filosofia politicamente isenta. Como a ala mais politizada prevaleceu dentro da SEAF, houve uma cisão e a maioria das pessoas saiu. Fui um dos últimos a sair devido à minha amizade com o professor Olinto Pegoraro, que era o fundador, mas acabei saindo também<sup>74</sup>.*

Interessada na produção de um sistema de pós-graduação capaz de competir internacionalmente, grande parte dos filósofos, outrora em aliança com Olinto Pegoraro, juntamente com religiosos e intelectuais católicos, promoveu o primeiro encontro para fundar a ANPOF. Foram então estabelecidos os primeiros critérios de participação em uma associação profissional de filosofia.

---

<sup>74</sup> Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, op. cit., p. 135.

O depoimento de José de Anchieta Corrêa, ex-presidente da SEAF permite diferenciar os principais objetivos e intenções das associações. Enquanto a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas se caracterizava praticamente pela ênfase em um exercício filosófico marcado pela dedicação à docência, à consolidação de bolsas de estudos para estudantes oriundos dos estados sem programa de pós-graduação em filosofia e ao engajamento na luta pela volta do ensino de filosofia no segundo grau, a ANPOF passou a adotar o critério de pesquisa como principal maneira de filosofar:

*O SEAF era uma tentativa de congregar os filósofos [...] estava tudo fechado e não havia ainda a ANPOF. Queríamos fazer o que obtivemos na Europa, onde fomos fazer reciclagem. Então eu consegui no Conselho Universitário (da UFMG) várias bolsas para os candidatos da Amazônia, Fortaleza, Natal e Pernambuco, para que eles pudessem ter uma segunda língua e disciplinas em filosofia. Na época, eu havia criado junto com o Pe. Vaz, a pós-graduação aqui na UFMG [...] Mas o pessoal do Sul e o pessoal de São Paulo, o Giannotti, não queriam lutar pela filosofia no segundo grau. Diziam que (isto) iria dar vaga para padres. (Entrevista com José de Anchieta Corrêa, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo)*

O tom irônico com que se refere José de Anchieta Corrêa à distinção entre as duas associações é também revelador das diferenças quantitativa e qualitativa do capital cultural acumulado por pessoas pretendentes ao exercício do ofício de filósofo, como se pode verificar na continuação da exposição da sua exposição durante a entrevista:

*Nos anos oitenta, a CAPES e o CNPq queriam criar as pós-graduações, os doutorados de filosofia. Achávamos também que era necessário, mas também queríamos laço com aquelas pessoas que não entram no quadrinho da CAPES, que não publicam muito. Mas acabou que a SEAF ficou coisa de gente não graduada e do baixo clero, enquanto que a ANPOF dá às pessoas status, coisa de gente que fala alemão. (Entrevista com José de Anchieta Corrêa, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo)*

Assim, ao mesmo tempo em que o incentivo à pesquisa na área de filosofia, promovido pelas agências governamentais, garantiu de maneira decisiva as condições de autonomia da disciplina, estabelecendo critérios técnicos para o exercício filosófico advindos da esfera acadêmica e não mais de interesses políticos ou religiosos, parte dos filósofos caracterizados como pertencentes ao “baixo clero”, como o expressa José de Anchieta

Corrêa, sentiu-se alijada e desprestigiada como professores de filosofia nos cursos de graduação das Faculdades de Filosofia. A outra parte - ativa da SEAF, entretanto, passou a investir mais fortemente na constituição de núcleos de pesquisa e na edição de revistas especializadas; interessou-se em tomar parte na criação da ANPOF, que, como bem explanou Marilena Chauí, se compunha de “um bando de compadre que gostava de se juntar para fazer filosofia” e que pensava introduzir a excelência acadêmica através do incentivo à pesquisa e à consolidação do sistema de pós-graduação:

*O projeto inicial da ANPOF era o de destruir a SEAF [...]. A SEAF não distinguia a graduação da pós-graduação, o que era um engano porque há necessidade de se fazer uma distinção entre a docência e a pesquisa. Mas ao propor a associação com ênfase na pesquisa, (a ANPOF) passou a delegar a si mesma o direito de decidir quem é bom e quem é ruim em filosofia no Brasil [...]. Ela era um bando de compadre que gostava de se juntar pra fazer filosofia e, claro, tinha o caráter excludente. Não era qualquer um que podia, neste país, falar de filosofia [...] (A ANPOF) excluía, selecionava, tinha para si própria a referência de excelência e de alta hierarquia. (Entrevista com Marilena Chauí, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo)*

A ANPOF foi uma das últimas associações profissionais a serem criadas no universo acadêmico brasileiro. Sua criação, em 1983, aconteceu seis anos após o início de funcionamento das primeiras associações da área de ciências sociais.

**Quadro nº. 5 - Ano de criação das associações nacionais de pós-graduação no Brasil.**

| <b>Associações de pós-graduação no Brasil</b> | <b>Ano de Criação</b> |
|-----------------------------------------------|-----------------------|
| ANPUH – História                              | 1961                  |
| ANPEC – Economia                              | 1973                  |
| ANPOCS- Ciências Sociais                      | 1977                  |
| ANPED – Educação                              | 1978                  |
| ANPOF – Filosofia                             | 1983                  |

Fonte: Consulta dos *sites-web* das instituições.

No ano de 1983, José Arthur Giannotti tomou a iniciativa de reunir em Brasília, na sede do CNPq, um conjunto de professores de filosofia, boa parte ex-membros da SEAF, para estipular os

critérios do ofício de filósofo. Discutiram-se, entre outros temas, o cunho de um artigo filosófico, a necessidade de investimento na pesquisa filosófica por meio da formação de doutores em filosofia, e o melhoramento da infra-estrutura dos departamentos, como, por exemplo, o incentivo à criação de revistas e bibliotecas e a realizações de traduções. Nascia, dessa forma, a ANPOF<sup>75</sup>.

A criação de revistas, bibliotecas e a realizações de traduções ao mesmo tempo em que reivindicava a importância e a necessidade de se criar instrumentos e instâncias de difusão do conhecimento, estabelecia “um cânon de autores escolarizados” com o qual aqueles pretendentes a filósofos a partir de então deveriam trabalhar. Essa tarefa ficou a cargo de Raul Landim Filho, antigo membro da SEAF, que justificou a necessidade do cânon tendo em vista o fato de que, diferentemente das pesquisas desenvolvidas pelas ciências formais, na filosofia os problemas dependem necessariamente da definição explícita da teoria em causa (sistema filosófico). Enquanto nas ciências formais “a noção de demonstração e prova são independentes da definição da teoria utilizada”<sup>76</sup>, na formulação dos problemas filosóficos, bem como nas suas soluções,

*O recurso à tradição é uma condição necessária para qualquer pesquisa em filosofia: é no seu horizonte que são definidas as regras do jogo. O conhecimento dessas regras é condição para solução de uma questão, para o prolongamento de uma análise, para a descoberta do novo ou, mesmo, para modificação das próprias regras*<sup>77</sup>.

Embora Raul Landim Filho observe que o recurso à tradição define as regras do jogo da produção filosófica, é o enfoque “analítico”, contudo, que direciona a leitura de filósofos da tradição clássica, como se constata pelo convite feito a alguns docentes da época, para participarem dos primeiros encontros promovidos pela recém fundada Associação<sup>78</sup>. Em especial, estiveram presentes a esses primeiros encontros apenas os docentes filiados às linhas de pesquisa dos diretores e colaboradores da Associação, as quais giravam em torno da filosofia de

---

<sup>75</sup> José Arthur GIANNOTTI, 1983, A pesquisa Filosófica no Brasil, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, pp. 125-128, n° 5, Publicação CLE/ UNICAMP.

<sup>76</sup> Raul Landim FILHO, 1983, Notas Sobre o Conceito de Pesquisa em Filosofia, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, p. 129, n° 5, Publicação CLE/UNICAMP.

<sup>77</sup> Idem, ibidem, pp. 130-131.

<sup>78</sup> O arquivo consultado disponibiliza dados apenas para os encontros de 1984 e 1986, passando em seguida a apresentar dados referentes aos realizados em 1994, 1996 e 2000. Os dois primeiros encontros contaram com cerca de 50 a 60 professores. Foi possível verificar, também, um ciclo de conferências e comunicações sobre Democracia, o que marca, dessa maneira, sintonia com a conjuntura política do país, momento da democratização do sistema político.

Frege e da racionalidade científica (trabalhos associados à filosofia analítica e à teoria do conhecimento).

Já os encontros promovidos pela ANPOF nos anos noventa são marcados pela diversificação da produção filosófica, com o aparecimento de trabalhos sobre a filosofia do século XVII e a história da filosofia antiga e com o surgimento de mesas de estudos sobre assuntos não históricos, relacionados à ética e à filosofia política. Mais precisamente, é a partir de 1994 que as chamadas para os encontros, realizados a cada dois anos, passaram a ser feitas diretamente às coordenadorias das pós-graduações de filosofia<sup>79</sup>. Pode-se afirmar, portanto, que a diversificação dos temas é correlata a uma mudança na organização da entidade, que passa a adotar os Grupos de Trabalhos (GT's) como a atividade estrutural da ANPOF. De fato, é a partir de então que os filósofos dos programas de pós-graduação filiados à Associação têm garantida a possibilidade de apresentar os resultados de suas pesquisas, desde que vinculados a GT's aceitos e inscritos na ANPOF.

Assim, até meados dos anos noventa, a preocupação da entidade esteve voltada para a formação de doutores, promovendo, inclusive, a troca de docentes entre centros mais "carentes" e centros já "consolidados"; ou seja, entre os centros localizados no Nordeste e Norte e aqueles localizados no Sul e Sudeste. Em seguida, é o trabalho político de representação, de constituição de instâncias de legitimação, de difusão e de consagração que passa a ser a preocupação fundamental da Associação<sup>80</sup>.

A variação das temáticas e a elevação do número de Grupos de Trabalhos – de vinte e quatro GT's no ano de 2000 para quarenta e nove no ano de 2007, conforme Quadro nº 6, a seguir – podem ser reveladores do aumento do contingente de pós-graduandos e de professores de filosofia no campo acadêmico, exigindo uma reorganização do trabalho na área. Desse modo, uma maior especialização do saber filosófico (numa área, num autor ou num período específico), pode ser um indicativo da estratégia utilizada pelos recém- formados e novos professores para garantir um espaço dentro do campo de produção do conhecimento.

---

<sup>79</sup> Trecho de relato da arquivista do CLE, Eliane Abraão, cf.. pesquisa de campo.

<sup>80</sup> A título de ilustração, entre os anos 2000 a 2007, recebi em minha caixa postal cerca de 5 a 6 comunicados por semana a respeito de lançamentos de revistas, congressos, encontros e palestras, com os temas mais diversos possíveis, o que resulta numa soma de mais de 1800 comunicados. No que concerne aos anos anteriores, é possível encontrar no site da própria ANPOF a publicação de todos os boletins, veículos de divulgação e difusão da produção filosófica universitária ou não.

Na área da filosofia antiga é possível verificar, por exemplo, uma especificação por autor, como é o caso de um GT consagrado a Aristóteles, outro a Platão e ao Platonismo, e um terceiro ao Neoplatonismo. Situação semelhante pode ser observada em relação aos GT's "Ética e Política" e "Ética e Política na Filosofia do Renascimento", e aos GT's "Filosofia Contemporânea", "Filosofia Francesa Contemporânea" e "Filosofia Contemporânea de Expressão Francesa", cuja formação decorreu da necessidade de criação de novos grupos e da variação de linhas de pesquisa.

**Quadro nº 6 – Crescimento dos Grupos de Trabalhos e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia associados à ANPOF.**

| <b>Grupo de trabalhos (GT's)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <b>Programas de Pós-graduação em Filosofia associados à ANPOF.</b>                                                                                |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>ANO 2000</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <b>ANO 2000</b>                                                                                                                                   |
| Ceticismo<br>Dialética<br>Estética<br>Estudos de Filosofia e História da<br>Ciência<br>Ética e Cidadania<br>Ética e Filosofia Política<br>Filosofia Antiga<br>Filosofia Contemporânea<br>Filosofia da Linguagem<br>Filosofia da Ciência<br>Filosofia Francesa Contemporânea<br>Hegel<br>Heidegger<br>História da Filosofia Medieval e a<br>Recepção da Filosofia Antiga<br>Kant<br>Levinas<br>Lógica<br>Marxismo<br>Pensamento do século XVII<br>Rousseau e o Iluminismo<br>Teorias da Justiça<br>Wittgenstein                                                                                         | UFRJ<br>PUCRJ<br>PUCRS<br>PUCSP<br>UERJ<br>UFG<br>UFPE<br>UFPR<br>UFRGS<br>UFSCAR<br>UFSM<br>UNICAMP<br>USP                                       |
| <b>ANO 2007</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <b>ANO 2007</b>                                                                                                                                   |
| História da Filosofia da Natureza<br>Aristóteles<br>Benedictus de Spinoza<br>Epistemologia Analítica<br>Ética<br>Ética e Política na Filosofia do<br>Renascimento<br>Filosofar e Ensinar a Filosofar<br>Filosofia Contemporânea de<br>Expressão Francesa<br>Filosofia da História e<br>Modernidade<br>Filosofia da Mente<br>Filosofia da Religião<br>Filosofia das Ciências Formais<br>Filosofia e Direito<br>Filosofia e Psicanálise<br>Filosofia Pós-Metafísica<br>Lógica e Ontologia<br>Neoplatonismo<br>Nietzsche<br>Platão e o Platonismo<br>Pragmatismo e Filosofia<br>Americana<br>Schopenhauer | FAJE<br>PPGLM/UFRJ<br>UECE<br>PUCPR<br>UFMG<br>UFOP<br>UFPB<br>UFBA<br>UFC<br>UFRN<br>UFSC<br>UGF<br>UnB<br>UNESP<br>UNIOESTE<br>UNISINOS<br>USJT |
| <b>Total = 49 Gt's</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <b>Total = 30 Programas</b>                                                                                                                       |

Fonte: consulta dos boletins da ANPOF – Arquivos CLE, cf. pesquisa de campo.



A preocupação em garantir certo ecumenismo entre as diversas correntes filosóficas e a eliminação de qualquer tipo de filtro para participação nos eventos provocou querelas entre os membros e os mentores da associação. Como relata Guido Antônio de Almeida,

*A ANPOF também teve a sua crise. Aconteceu com a ANPOF o inverso do que aconteceu com a SEAF, ou seja, aqueles que tinham uma visão politizada, quase que partidária dentro da filosofia, tomaram, em certa época, a ANPOF, o que acabou gerando conflitos*<sup>81</sup>.

A crise a qual se refere Guido Antônio de Almeida pode ser compreendida a partir das disputas em torno da entrega do primeiro prêmio para melhor tese e obra filosófica de 1988, cinco anos após a criação da ANPOF. Criado sob a gestão de Valério Rohden, em 1986, o prêmio foi instituído como instância de mediação para assegurar e impulsionar a participação dos filósofos na entidade. No entanto, a entrega do primeiro prêmio da categoria *Obra filosófica*, ao Padre Lima Vaz, pelo livro *"Fronteiras incertas entre filosofia e teologia"*, provocou um confronto aberto e direto entre os membros da Associação, que viam nessa premiação o reconhecimento de um religioso em detrimento de um filósofo formado na área.

Além dessa premiação, ocorrida no final da gestão de Valério Rohden, o lançamento da candidatura de Olinto Pegoraro para a gestão seguinte, acentuou ainda mais os conflitos entre os mentores da Associação e seus participantes, pois os fundadores da ANPOF viam na possível eleição do candidato a perda da autonomia intelectual e institucional em relação aos religiosos e filósofos vinculados aos núcleos políticos da época, para determinar o que é fazer filosofia. Assim, em oposição à chapa de Olinto Pegoraro e Renato Janine Ribeiro, seu secretário, foi formada uma chapa composta por Ricardo Ribeiro Terra (USP/CEBRAP), Balthazar Barbosa Filho (UFRGS), Guido Antônio de Almeida (UFMG), Raul Landim Filho (UFRJ) e o próprio Valério Rohden (UFRGS), nomeada "chapa suicida", apenas para marcar oposição<sup>82</sup>.

A necessidade de garantir uma identidade profissional recentemente adquirida levou os fundadores da ANPOF a criar outras associações, que se proliferaram nos anos noventa,

---

<sup>81</sup> Ver entrevista de Guido Antônio de Almeida, in: Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, op.cit., p. 235.

<sup>82</sup> Cf. informações coletadas por meio de entrevistas realizadas na pesquisa de campo, a serem retomadas no capítulo seguinte.

estipulando critérios extremamente restritos no que se refere à participação dos estudiosos. É o que sugere o nome de uma delas, a Associação Brasileira de Kant, fundada em 1988, ano em que Olinto Pegoraro, professor de filosofia e religioso da ordem de São Camilo, assumiu a presidência da ANPOF. O relato de Valério Rohden (UFRGS), professor de filosofia e um dos mentores da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia juntamente com Ricardo Terra (USP) e Guido Antônio de Almeida (UFRJ), é esclarecedor da vontade que esses profissionais tinham de promover normas explícitas para fundar sua autonomia intelectual sob bases estáveis:

*A ANPOF foi invadida pela ala politizada [...] invadida! Queriam transformá-la num gueto. Então resolvemos criar a Associação Brasileira de Kant com critérios bastante rígidos. E quais eram esses critérios? Mudamos as regras. A sociedade vai ser de indivíduos. Era preciso ter o título de Doutor em Filosofia. Somente quem tem título de Doutor tem direito a voto. Os colaboradores regulares não têm direito a voto. E nós participamos na ANPOF pelo GT KANT. Com isso podemos garantir a qualidade da produção filosófica. Porque a ANPOF foi e ainda é importante, mas não dava mais para gente. (Entrevista com Valério Rohden, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Ao criticar o engajamento político e os critérios de qualidade acadêmica dos filósofos, os mentores das associações especializadas, que foram outrora responsáveis pela criação da ANPOF, procuravam se distinguir de seus antigos mestres, muitos deles religiosos e teólogos para quem a filosofia sempre esteve subordinada a outras disciplinas; ao mesmo tempo, tentavam desacreditar a produção filosófica desses mestres, embora se tratasse de uma produção reconhecida no meio universitário.

A história da ANPOF, que pode ser considerada um lugar de intersecção, conhecimento e reconhecimento do professorado de filosofia – mesmo para aqueles que investem nos encontros de associações especializadas com critérios mais restritos de participação - longe de ter sido obra apenas dos filósofos alocados no pólo dominante do espaço filosófico, foi marcada pela participação intensa dos filósofos de origem católica. O diálogo entre estes dois conjuntos de filósofos de origens sociais e culturais tão diferentes teve como ponto comum o uso do conhecimento filosófico adquirido pela passagem em centros de excelência no estrangeiro nas décadas de sessenta e setenta. Como declara Valério Rohden, um dos criadores da ANPOF e da Associação Brasileira de Kant,

*O doutorado no exterior pode ser mais difícil, mas ele propicia uma outra profundidade, recursos bibliográficos e orientação de alto nível [...] o ambiente cultural no exterior é de uma contínua discussão – lá se é mais desafiado a pensar, e se esta mais livre para isso, ele propicia uma consciência de mundo tanto informativo quanto reflexivo [...] isso foi fundamental para toda minha geração que comandou o desenvolvimento da filosofia nos últimos vinte cinco anos<sup>83</sup>.*

O impacto da passagem dos filósofos pelo exterior na produção filosófica acadêmica brasileira, reconhecido por Valério Rohden, pode ser confirmado através da leitura do Gráfico 2, abaixo, construído a partir da análise de correspondência (Ver também Anexo 1, onde pode ser encontrada, em detalhes, a história da elaboração do gráfico e a sua análise). No segundo gráfico, a variável passagem pelo exterior, associada às variáveis título de mestrado e título de doutorado em filosofia adquiridos no estrangeiro, permitiu aproximar os chamados *filósofos dos filósofos de origem católica* (ambos localizados na parte superior do gráfico). O primeiro pólo, formado pelos uspianos, estando situado na parte central do gráfico, é considerado o pólo dominante. Ele apresenta as seguintes características: formação em filosofia na USP; mestrado e doutorado em filosofia na França.

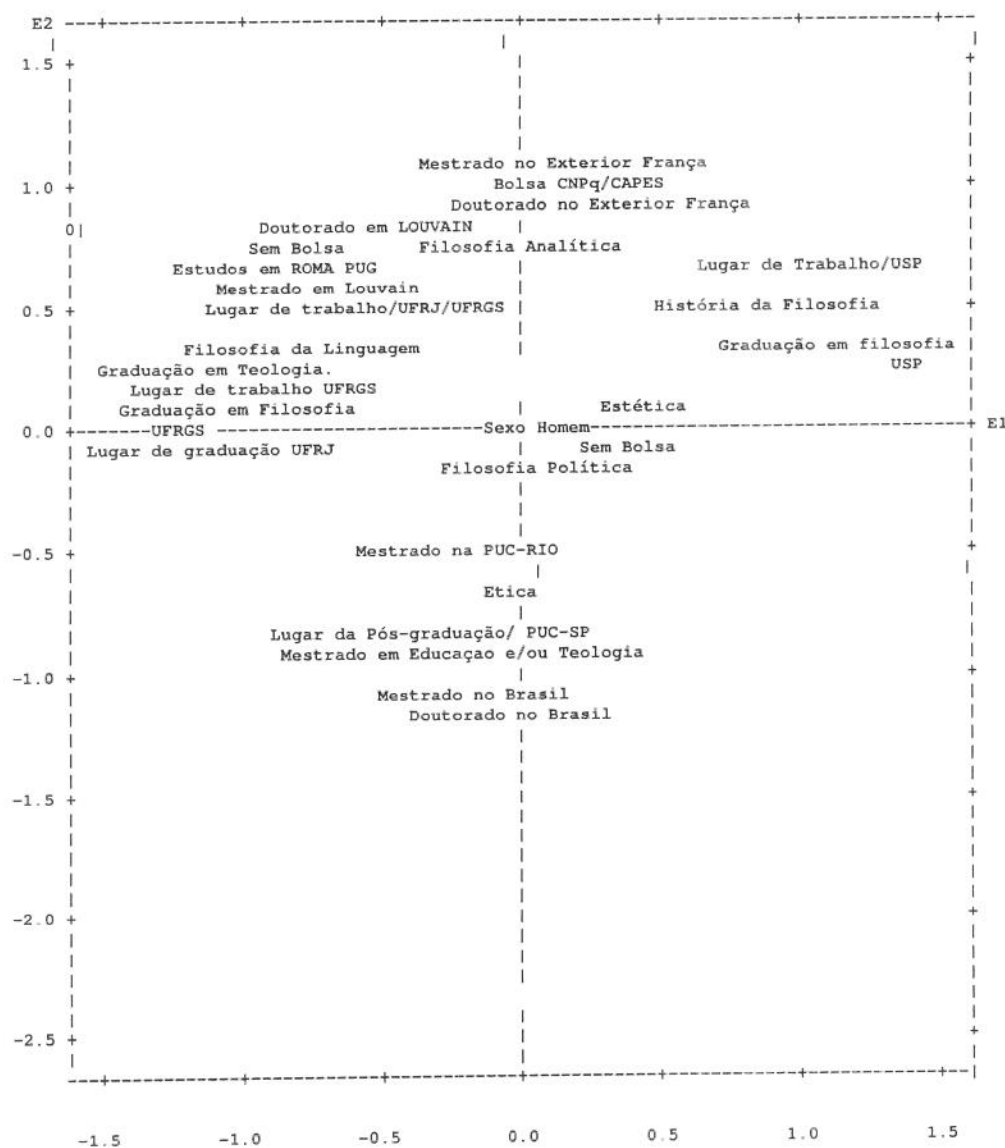
O segundo pólo, dos *filósofos de origem católica*, está localizado no lado esquerdo do gráfico; porém, estando no quadrante superior, aproxima-se do pólo dominante, em termos de relações de poder, produção e visibilidade no cenário da filosofia no Brasil. Ao segundo pólo, associam-se as seguintes variáveis: formação (nível graduação) em filosofia e em outras áreas (teologia e direito) adquirida junto a universidades católicas e/ou a instituições destinadas à formação do clero católico, bem como à passagem pelo exterior, em especial, pela Bélgica e Itália.

Em total oposição aos pólos descritos acima, estão os agentes desmunidos de títulos obtidos no exterior (graduação, mestrado e doutorado), o que justifica a sua localização na parte inferior do gráfico, denunciando uma posição de dominados em relação aos primeiros. Tal posição está caracterizada por uma reduzida expressividade no universo filosófico acadêmico, conforme revelam sua limitada presença nos encontros nacionais de filosofia e a ausência de reconhecimento de suas idéias.

---

<sup>83</sup> Valério ROHDEN, 1999, Entrevista, *Revista Educação e Filosofia*, 13 (25) 9-26, jan./jun.

**Gráfico 2: Relação entre a passagem pelo exterior e a produção filosófica no Brasil**



Assim, a variável passagem pelo exterior, além de promover a junção de agentes de diversas origens, indica a contribuição desses agentes na própria vitalidade do campo. O peso dessa variável determina ainda a instituição do vínculo profissional dos agentes (lugar de trabalho) e o ramo da filosofia que eles estudam, o que permite afirmar que a passagem pelo exterior é um princípio diferenciador do tipo de produção filosófica.

Assim, ao pólo dos uspianos, localizado na parte central superior do gráfico, associam-se as variáveis USP (lugar de trabalho) e história da filosofia (ramo da filosofia mais estudada). Ao segundo pólo, no lado esquerdo superior do gráfico, associam-se os Departamentos de Filosofia da UFRJ e da UFRGS, bem como os estudos da filosofia analítica e da linguagem. E, no terceiro, na parte inferior do gráfico, estão aqueles agentes dispersos nas demais universidades, onde os estudos de ética aparecem como uma constante.

Enfim, o gráfico indica, por meio do vínculo institucional dos agentes, a linha de pesquisa e a passagem por países estrangeiros - uma relação importante com a diversificação e a especificação do saber filosófico. Isto remete a pensar que a formação em filosofia no exterior pode ser interpretada como um recurso importante na constituição do campo da filosofia no Brasil, tanto por parte dos *filósofos* uspianos, quanto pelos *filósofos de origem católica*.

Contudo, para compreender, de que maneira o uso desse *savoir-faire* pôde ser mobilizado na constituição de espaços de debates e na própria definição da filosofia no Brasil, dedico-me, ao longo do segundo capítulo, à reconstituição das condições sociais em que se deu esse aprendizado, a partir da análise do grupo específico dos *filósofos de origem católica*.

## CAPÍTULO II – Juventude católica e síntese em filosofia analítica.

Neste capítulo, examino os recursos mobilizados pelo grupo de *filósofos de origem católica* para a criação do contexto – o conjunto de dispositivos já mencionados – que firmou a institucionalização da filosofia universitária no Brasil.

Adquiridos ao longo de suas socializações e utilizados para alçarem posições de autoridade na constituição do campo da produção filosófica no Brasil durante os anos oitenta e noventa, tais recursos foram estudados, neste trabalho, tomando como referencial o conceito de *campo* desenvolvido por Bourdieu<sup>84</sup>. Este conceito me permitiu abordar as diferentes formas dos recursos mobilizados pelos filósofos em suas relações de concorrência em torno da palavra autorizada em filosofia e as posições filosóficas que eles assumiram para o desenvolvimento de seus projetos intelectuais, bem assim a hierarquia constituída nesse processo.

Este capítulo compreende a reconstituição da trajetória social de dezessete professores de filosofia, por meio da qual analiso a relação de interdependência que se estabelece entre os próprios *filósofos de origem católica* e os demais. Nesta reconstituição, dois elementos foram sublinhados como importantes para uma melhor compreensão da constituição da crença na própria disciplina e da contribuição destes católicos na formação do campo, quais sejam:

- o recrutamento e a formação de militantes dentro dos movimentos políticos de esquerda de origem católica (pelo menos para 10 dos 17 professores entrevistados);
- os estudos realizados em instituições católicas e/ou eclesiásticas na Europa.

O recrutamento e a formação dos militantes políticos foram tratados aqui como aquisição de determinadas práticas e como via de acesso dominante aos questionamentos filosóficos.

---

<sup>84</sup> Pierre BOURDIEU e Loïc WACQUANT, 1992, op. cit.

Trata-se então de compreender como a passagem por esses movimentos transformou as motivações iniciais desses indivíduos em interesses específicos.

Os movimentos de juventude católica e os grupos políticos que neles tiveram origem, como a Ação Popular (AP), também foram abordados como *lôcus* de socialização tão decisivo quanto o apoio da Igreja Católica para estudos no exterior e na dedicação posterior à filosofia.

A passagem dos *filósofos de origem católica* pelo universo internacional é estudada aqui por meio das redes de relações sociais estabelecidas antes e depois da ida ao exterior. Diferentemente da maioria dos professores e estudantes de filosofia universitários, que contaram com bolsas de estudos concedidas pelas agências governamentais de apoio à pesquisa – CAPES, CNPq e FAPESP, sobretudo após a década de oitenta, o grupo em estudo contou praticamente com ajudas fornecidas pelas redes estabelecidas pela Igreja Católica<sup>85</sup>. Detectadas essas ajudas, busquei analisar como se deram os diferentes investimentos realizados pelas famílias desses filósofos dentro da Igreja.

---

<sup>85</sup> Como demonstram os resultados das pesquisas dirigidas por Afrânio Raul Garcia Júnior e Letícia Bicalho Canêdo, 2006, as agências governamentais de apoio à pesquisa, a saber, CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), contribuíram para a inserção de uma camada de estudantes e professores no espaço de concorrência internacional (estudos em centros de excelência na Europa). Esses professores e estudantes, desprovidos de um capital econômico, social e cultural quando comparados às antigas formas de circulação internacional (a exemplo das antigas elites da década de 30), adquiriram, com a implantação dessas agências, maiores chances de disputar as melhores carreiras no campo acadêmico quando de volta ao Brasil. Ver Letícia Bicalho CANÊDO e Afrânio Raul GARCIA JÚNIOR, 2005, op. cit. Consultar também Letícia Bicalho CANÊDO; Afrânio Raul GARCIA JÚNIOR; Ana Maria Fonseca ALMEIDA; Agueda BITTENCOURT (Orgs), 2004, *Circulação Internacional e formação intelectual das elites Brasileiras*, São Paulo: Editora Unicamp.



## **1- Ordem religiosa e modos de socialização dos filósofos**

Ao examinar os recursos adquiridos e mobilizados pelo grupo de *filósofos de origem católica* para alçar posições de autoridade na constituição do campo de produção filosófica no Brasil, cinco indicadores foram selecionados com base nas temáticas levantadas pelos próprios professores entrevistados: (a) origem geográfica; (b) capital social de relações e negócios familiares; (c) escolaridade e outros padrões complementares de sociabilidade; (d) treinamentos primários para a constituição de um saber filosófico; e (e) conexão com a militância política. Relacionados, tais indicadores mostraram que, entre a posição social de origem e o ponto de chegada no trajeto escolar e profissional, uma série de esferas sociais e disposições não redutíveis ao universo escolar e familiar se interpuseram, capacitando-os e, ao mesmo tempo, distinguindo-os nas posições que tomaram na luta pela constituição do campo filosófico brasileiro.

O exame dos dados mostrou que os vínculos estabelecidos pelo grupo estudado com a Igreja e com determinadas ordens religiosas assumiram importância fundamental para o entendimento da maneira pela qual a militância política em movimentos católicos e a passagem pelo mundo internacional contribuíram para a criação das redes de filósofos mentores dos primeiros departamentos e cursos de pós-graduação em filosofia das principais universidades do país e das primeiras revistas e associações nacionais. É o que explica o fato de os filhos de operários ou de pequenos agricultores, semi-analfabetos, terem sido encontrados numa situação próxima da dos filhos de funcionários públicos, de pequenos proprietários e de profissionais liberais, no que tange à frequência de estudos de filosofia no exterior e à criação de programas de pesquisa em filosofia no Brasil.

De famílias extremamente católicas, geralmente originárias de cidades interioranas ou da zona rural, os filósofos da amostra desde cedo estabeleceram contato com as instâncias católicas e por elas foram introduzidos nas principais redes de relações sociais capazes de levá-los ao aperfeiçoamento dos estudos em escolas internacionais. Contudo, enquanto alguns (10 dentre 17) puderam contar com recursos sociais de suas famílias para os primeiros contatos com o estudo filosófico e só foram recrutados pela Igreja por ocasião dos estudos secundários e/ou universitários – basicamente para a militância em movimentos políticos da igreja - os demais tiveram o primeiro convívio com os estudos filosóficos a partir

do recrutamento para o seminário. A partir disso é que as diferenças entre eles e entre as distintas posições filosóficas aparecem com nitidez.

Enquanto filósofos, as diferenças entre eles surgem quando são levados em consideração os tipos de contato que tiveram com a igreja. Isso significa que, com apenas uma exceção, os filhos de juristas, de profissionais liberais e de detentores de diplomas secundários ou universitários se aproximaram da filosofia por meio das ordens religiosas nos colégios em que estudaram e/ou pelo recrutamento para o trabalho político desenvolvido pela Igreja, via Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Estudantil Católica (JEC), dirigidas, respectivamente, por jesuítas e dominicanos.

Em contrapartida, os filhos de antigos colonos e de cultivadores de terras vindos da zona rural - em geral, imigrantes - vincularam-se aos estudos filosóficos graças ao recrutamento feito pela igreja nas cidades do interior. Eles entraram muito cedo para os seminários, diocesanos ou de outras ordens religiosas, como os camilianos e os lazaristas. Essas ordens, ao contrário da ordem jesuíta, não apresentavam um programa de estudos bem específico, no que tange ao conhecimento filosófico.

O quadro nº 7, a seguir, ajuda a compreender as diferenças mencionadas, bem como seus efeitos para a carreira filosófica, as quais, devidamente relacionadas, serão analisadas no desenrolar deste capítulo.

**Quadro nº 7 - Relação entre ordem religiosa, capital familiar, contato com a filosofia e criação de associações.**

| Ordem religiosa                                      | Capital familiar                                                                               | Contato com a filosofia através de:                                                     | Criação de associação acadêmica |
|------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|
| Jesuíta                                              | Filho de advogado, mãe professora de francês                                                   | Seminário dos jesuítas e militância política                                            | SEAF e ANPOF                    |
| Marista e jesuíta                                    | Filho de jurista                                                                               | Militância política                                                                     | SEAF e ANPOF                    |
| Jesuíta                                              | Filho de funcionário do Estado, mãe de família de proprietários de fazendas.                   | Escola pública em Belo Horizonte, convívio com antigo catedrático e militância política | SEAF e ANPOF                    |
| Seminário diocesano e outras ordens                  | Filho de imigrantes italianos, colonos de Caxias do Sul analfabetos                            | Seminário camiliano                                                                     | SEAF                            |
| Dominicano                                           | Filho de farmacêutico                                                                          | Escola pública em Belo Horizonte e militância política                                  | SEAF                            |
| Dominicano                                           | Filho de pequeno proprietário, tias maternas pertencentes à Ordem de São Domingos              | Seminário dos dominicanos                                                               | SEAF e ANPED                    |
| Jesuíta e dominicano                                 | Filho de fazendeiros do sul de Minas Gerais                                                    | Escola privada em Belo Horizonte e militância política                                  | SEAF                            |
| Jesuíta e dominicano                                 | Filho de funcionário público                                                                   | Escola privada em Belo Horizonte e militância política                                  | SEAF e ANPOF                    |
| Dominicano                                           | Filho de trabalhador rural                                                                     | Seminário dominicano                                                                    | SEAF e ANPOF                    |
| Dominicano                                           | Filho de trabalhadores rurais pouco escolarizados                                              | Seminário dominicano e militância política                                              | ANPED                           |
| Seminários Diocesano de Campinas e de Ribeirão Preto | Filho de trabalhadores rurais analfabetos                                                      | Seminário diocesano                                                                     | ANPED                           |
| Seminário Diocesano de Campinas                      | Filho de trabalhadores rurais, escolarizados, tio Monsenhor do Seminário Diocesano de Campinas | Seminário diocesano e tio materno                                                       | ANPED                           |
| Seminário Diocesano de Campinas                      | Filho de político local, pouco escolarizado e mãe doméstica.                                   | Seminário diocesano                                                                     | ****                            |
| Seminário diocesano e outras ordens                  | Filho de agricultores pouco escolarizados                                                      | Seminário diocesano (presença de lazaristas) e militância política                      | SEAF                            |
| Seminário diocesano e outras ordens                  | Descendente de alemão, filho de diretor de escola primária e tio religioso                     | Seminário diocesano e tio religioso jesuíta                                             | SEAF e ANPOF                    |
| Jesuíta                                              | Descendente de italiano, filho de operários de pouca escolarização                             | Seminário dos jesuítas                                                                  | ANPOF                           |
| Seminário diocesano e outras ordens                  | Filho de trabalhador rural                                                                     | Seminário diocesano                                                                     | ****                            |

FONTE: entrevistas coletadas durante a pesquisa de campo; depoimentos publicados em Marcos NOBRE e Marcio REGO, 2000, op.cit.; Valério RODHEN, 1999, op.cit.

Como mostra o quadro acima, os filhos de detentores de diplomas universitários ou secundários tiveram um estudo de filosofia mais diferenciado, em especial aqueles que contaram com uma formação junto à ordem dos jesuítas, que “apresentava um plano rígido de formação”, como relatou Marcelo Perine, ex-jesuíta e atual assessor da área de filosofia da Capes:

*A formação nos jesuítas era muito bem estruturada. Tinha o eixo histórico até a filosofia contemporânea e o eixo sistemático, que era chamado de*

*Ratio Studiorum. O eixo sistemático era baseado nos tratados, quer dizer, tratados de antropologia filosófica. Epistemologia, lógica menor, moderna, esses grandes temas, eram desenvolvidos de maneira sistemática ao longo dos anos (de estudo) no curso de ética. Era um curso que tinha uma estrutura forte e bem estruturada. Sólida mesmo! Esses dois eixos, o histórico e o sistemático, eram importantes e bem fortes teoricamente, porque os jesuítas tinham uma coisa chamada exame do universo de filosofia, que era um exame final que todos os estudantes eram obrigados a fazer [...]. Era um exame feito na base de tese, as cem teses, eram sorteados um determinado número de teses e uma banca de professores de quatro professores [...]. Era preciso defender as teses, que podiam ser de diversos tratados. Por isso o eixo sistemático era muito forte [...]. E o eixo histórico também, porque também era cobrado nesse exame. Nós tínhamos seminário de história da filosofia, e como eu vivia pra estudar, o tempo era muito bem aproveitado, as bibliotecas eram aproveitadas. Normalmente os que vão se dedicar aos estudos, seja de teologia, seja de filosofia, fazem essa formação básica e depois vão para os assim chamados cursos especiais. (Entrevista com Marcelo Perine, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Como se observa, o programa amplo e sistemático dos jesuítas capacitou os filósofos entrevistados – que tiveram contato com essa ordem religiosa – a realizar, nos departamentos de filosofia, programas de estudos relacionados a temas específicos dentro da história da filosofia e a participaram de maneira decisiva na formação e consolidação de associações profissionais.

Essa especificidade dos programas dos jesuítas permitiu que os temas antes tratados de maneira global passassem a ser estudados mais detalhadamente, através de disciplinas específicas. Assim, depois que esses filósofos assumiram a direção de determinados cursos de filosofia em universidades como a UFMG, PUC-RIO e UFRJ, que outrora desenvolviam estudos filosóficos sem uma preocupação particular com determinados autores, períodos ou temáticas, introduziram programas de estudos e pesquisas que levavam em consideração essas especificidades. É o caso, por exemplo, do estudo da filosofia grega, introduzida nas grades curriculares a partir da necessidade de se ter uma visão detalhada do pensamento dos filósofos gregos.

Marcelo Perine, na entrevista referida acima, recorda as teses que defendeu nos exames do seminário como exercício importante para posteriormente introduzir estudos mais sistemáticos sobre a Ética em Platão, elemento de difusão da tradição filosófica e necessária para autonomização da disciplina.

Raul Landim Filho, por sua vez, ao discorrer sobre sua formação filosófica no mesmo seminário dos jesuítas alguns anos antes de Marcelo Perine, reforça o caráter essencialmente sistemático, sólido e rigoroso desta formação. Lembrando do método e da doutrina de Santo Tomás de Aquino, modelo adotado no seminário, Landim conta que toda sua compreensão da leitura de Descartes, Kant e Gueroult foi adquirida ainda no seminário. Essa leitura lhe serviu de base para todo o trabalho intelectual que desenvolveria posteriormente. Embora essa leitura tenha sofrido influência da lógica, estudada, mais tarde, em Louvain, ela continua, até os dias atuais, pautando as questões de seus trabalhos, como aquelas relacionadas à verdade em Descartes e Kant.

Ao contrário do que ocorreu com os formados pelos jesuítas, aqueles que concluíram seus estudos em instituições dirigidas por dominicanos, além de contarem com uma formação filosófica pautada pelo acesso aos filósofos clássicos da tradição (Platão, Descartes e Kant), foram também fortemente influenciados pelas leituras dos autores do *renouveau* católico, elaborada por religiosos ligados aos jesuítas e dominicanos franceses.

A fala do ex-diretor dos dominicanos, Antônio Muniz de Rezende, ilustra bem a frequência desta literatura do *renouveau* na sua formação, fato que o ajudou a se familiarizar com autores contemporâneos da filosofia, em especial com a fenomenologia de Merleau-Ponty, autor a quem dedicou sua tese de doutorado e que utilizou para fundamentar a temática trabalhada quando era professor de filosofia da educação na UNICAMP.

*Os dominicanos tanto na França quanto no Brasil eram muito avançados [...] tanto na filosofia, na política [...] os dominicanos sempre fizeram parte da igreja progressista e eu me beneficieei disso [...] a gente lia [...] eu li muita coisa da grande enciclopédia Garnier, os grandes clássicos franceses da literatura [...] eu li todo o pensamento de Maritain, de Mounier e os famosos escritos do padre Lubac, sem falar de Joseph Marechal [...] isso me ajudou muito quando eu cheguei em Louvain [...] eu já lia em francês e conhecia grande parte da filosofia contemporânea [...] (Entrevista com Antônio Muniz de Rezende, realizada em 2003, cf. pesquisa de campo).*

Outro fator marcante para esses filósofos mineiros é o conhecimento da filosofia transmitida pelos antigos catedráticos – na época, professores de filosofia tanto nas faculdades de direito quanto nos colégios públicos e preparatórios para universidade. As aulas do professor Arthur Versiani Velloso, bacharel em filosofia do direito, oriundo de uma

grande família de intelectuais de Belo Horizonte e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais<sup>86</sup>, foram fundamentais na formação filosófica do grupo de filósofos da capital mineira, como relatou Guido Antônio de Almeida, professor da UFRJ e um dos criadores da ANPOF e da *Revista Analytica* (Entrevista realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).

Assim como João Cruz Costa, bacharel em filosofia do direito e primeiro professor de filosofia a se formar na USP, foi importante para a formação da primeira geração de filósofos daquela universidade, Arthur Versiani Velloso ficou conhecido pelas aulas sobre humanidades que dava na Escola Estadual de Minas Gerais e no Colégio Marconi, onde era diretor. Embora Velloso não fosse especialista em filosofia, Guido Antônio de Almeida o considera um grande estimulador de vocações para a área, visto que suas aulas abrangiam, mesmo que de maneira lateral, temas da filosofia. Se isso não o ajudou a se tornar um especialista em fenomenologia e filosofia analítica, serviu certamente de base para orientar seus primeiros passos na construção do pensamento filosófico.

Em virtude de os filósofos escolarizados em seminários diocesanos não terem se beneficiado do plano rígido e extenso dos colégios jesuítas, o início de seus estudos filosóficos foi marcado pela leitura exclusiva da filosofia escolástica, o que lhes trouxe, portanto, dificuldades na familiarização com obras e autores da filosofia moderna e contemporânea. O impacto causado pelo encontro com os primeiros livros de filosofia não escolástica está registrado em várias das entrevistas com esses filósofos e nos memoriais de concursos universitários.

Contrariamente ao relato de Marcelo Perine, Sebastião Trogo, professor aposentado pela UFMG, antigo membro da SEAF e tesoureiro da ANPOF nos primeiros anos de sua criação, elucida o tipo de dificuldade que tinha com o manuseio de obras filosóficas no Seminário Diocesano de Mariana, o que o diferenciava quanto à preparação para enfrentar um debate filosófico público.

---

<sup>86</sup> A Faculdade de Filosofia foi fundada em 1939 com uma conferência sobre Tommaso Campanella, proferida pelo Prof. Arthur Versiani Velloso. Dessa Faculdade fazia parte o curso de filosofia e diversos outros cursos dedicados às ciências básicas, às letras e à educação. Para maiores informações sobre o Prof. Velloso e a Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, ver José Henrique SANTOS, 1992, Elogio do Prof. Arthur Versiani Velloso, *Kriterion*, Belo Horizonte, n° 85, jan-jul., bem como Rodrigo DUARTE, 1997, As anotações pessoais de Arthur Versiani Velloso, *Kriterion*, Belo Horizonte, n° 95, jan-jul.



*É uma história interessante [...] Tinha um Index e um dos autores mais proibidos do Index era Sartre. Mas, naquela época, além dos seminaristas de Mariana, a diocese aceitava os seminaristas da Guiana Francesa. Estes trouxeram os livros, entre eles, "O Ser e o Nada". Mas eu era o deão da minha turma, era encarregado de verificar se alguém que estava chegando não estava trazendo alguma revista ou alguma literatura proibida. Nós pegamos "O Ser e o Nada" e ele (o livro) estava em brochura. Demos um capítulo para cada um. Ele vinha costurado, você guardava aquilo e lia. Havia muita atividade, futebol, tinha um campo imenso, então a gente ia jogar futebol, uns ficavam assistindo, e havia umas moitas de bambu acima do campo onde líamos. Depois discutíamos. E o capítulo que eu tirei, foi uma descrição que o Sartre faz de um encontro amoroso e eu pensei que o livro era um romance [...] e fiquei com a idéia de que "O Ser e o Nada" era um romance [...] Por conta dos seminários, os padres de Mariana são originários da França. Se cultivava o francês como a língua literária, porque o latim era a língua oficial do seminarista. Eu li a obra completa de Sartre. E o cultivo como a minha leitura de prazer filosófico, tanto literária como filosófica. Depois, eu estudei Santo Agostinho e hoje eu faço uma pesquisa sobre o símbolo, em ética, a projeção dos valores através do simbólico, ética com os textos de Sartre sobre a liberdade, porque ele é elucidativo tem um poder de convencimento muito grande. Eu acho que é uma boa iniciação. (Entrevista com Sebastião Trogo, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Observa-se, então, que a condição de formação do pensamento (escolas prestigiosas e de elite, deslocamento regional) e o tipo de ordem religiosa a que pertenceram esses entrevistados permitiram-me, num primeiro momento, estabelecê-los em dois grandes pólos: os formados pelos jesuítas e dominicanos e os formados em seminários diocesanos e em outras ordens religiosas (tais como, as dos lazaristas e dos camilianos).

A análise da "familiaridade" com certos autores e noções, bem como a "precocidade" no examinar algumas questões, propiciaram-me captar outros sinais de estratégias intergeracionais de transmissão cultural. Essa influência foi medida tanto pelo título escolar de, pelo menos, um dos parentes, como também pelo conjunto de disposições estimuladas por eles desde cedo. Nesse contexto, a leitura, o acesso a determinadas literaturas e os círculos de intelectuais freqüentados pelos parentes dos entrevistados são interessantes indicadores.

É, por exemplo, o caso de Valério Rohden, professor aposentado da UFRGS e um dos responsáveis junto ao CNPq pela criação da ANPOF em 1983. Embora tenha estudado no Seminário Diocesano de Viamão, no Rio Grande do Sul, a biblioteca de propriedade do



pai e do tio lhe serviu de estímulo para desenvolver seu interesse pelos estudos filosóficos. Os livros de filosofia do tio Huberto Rohden<sup>87</sup>, braço direito de Dom Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, na difusão do catolicismo (Roma) no Sul do país<sup>88</sup>, foi fundamental para sua aproximação da filosofia. Não se pode esquecer, por outro lado, que o pai era diretor da escola onde cursou o primário, o que permitia a circulação da família nos meios intelectuais e políticos do local. Este contexto indica o peso da experiência doméstica na predisposição para seus questionamentos filosóficos, pensados durante seus estudos na Faculdade de Filosofia de Viamão. Desse modo, seu "arrebato estético" diante do mundo, provocado pelas aulas de filosofia nessa Faculdade, esteve fortemente condicionado pelo capital cultural da família.

*Conscientemente, meu gosto pela filosofia nasceu quando freqüentei por três meses as aulas da Faculdade de Filosofia de Viamão, no Rio Grande do Sul, em que a Lógica era ensinada em Latim pelo Padre Puhl e a introdução à Filosofia dada por Dom Edmundo Kunz. Provocaram-me um arrebatamento estético diante do mundo, cuja visão se transformava com aquela experiência de reflexão. Mas, inconscientemente, foi sem dúvida a presença doméstica dos livros de filosofia, predominantemente populares e religiosos, de um tio, Huberto Rohden, que me levou a uma relação familiar com a filosofia<sup>89</sup>.*

Outro dado marcante da formação filosófica desses entrevistados é a aprendizagem do latim como língua de acesso aos estudos filosóficos<sup>90</sup>. Obrigatório no seminário e nos semi-internatos religiosos (colégios), o latim medieval era extremamente cultivado e serviu de porta de entrada e filtro para a leitura da história da filosofia ocidental, como relatado em entrevistas durante a pesquisa de campo. O estudo das cem teses tomistas em latim, publicado sob a forma de apostilas pelos jesuítas da Pontifícia Universidade Gregoriana

---

<sup>87</sup> Huberto Rohden deixou um volume de mais de cinquenta livros de cunho religioso e filosófico, tendo sido o primeiro tradutor do Novo Testamento, do grego para o português, em 1930. Para maiores detalhes sobre Huberto Rohden consultar Stanislaus LADUSANS, 1976, *Rumos da Filosofia atual no Brasil*, São Paulo: Ed. Loyola.

<sup>88</sup> Elza, DAUFENBACH, 2003, Nos bastidores da Cúria, desobediências e conflitos relacionais no intra-clero catarinense (1892-1955). Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História.

<sup>89</sup> Valério ROHDEN, 1999, Entrevista, *Revista Educação e Filosofia*, 13 (25), pp. 9-26, jan./jun.

<sup>90</sup> Trata-se de pensar o latim como um recurso utilizado pelos filósofos de origem católica para acessar, na medida do possível, os textos de filosofia no original, e com mais facilidade os textos filosóficos produzidos nas línguas românicas. Não pretendo, portanto, colocar num mesmo patamar ou nivelar as diferentes modalidades do latim, sobretudo, com relação às diferenças sintáticas e lexicais que existem entre o latim medieval e o latim clássico. Meu interesse está em perceber de que forma o estudo do latim medieval, a partir da leitura das teses tomistas – programa obrigatório na formação de todo religioso – despertou o interesse de boa parte dos filósofos de origem católica pelo estudo de textos originais e pela tradução.

(PUG), em Roma, constituía programa obrigatório praticamente em todo seminário no Brasil até o Concílio do Vaticano II<sup>91</sup>, momento em que a maior parte dos entrevistados já havia se formado no Brasil.

Desse modo, o domínio do idioma estrangeiro constituiu um dos elementos fundamentais para composição das produções intelectuais de boa parte dos *filósofos de origem católica*, além de constituir a variável que os distingue dos seus pares, em particular dos praticantes de filosofia oriundos da Universidade de São Paulo, cujo aprendizado de línguas estrangeiras se deu apenas na graduação ou mesmo por intermédio de cursos extracurriculares. A leitura diária, bem como as provas orais realizadas a cada mês, em latim, possibilitou a imposição de uma disciplina de estudo de textos filosóficos nessa língua.

De outra parte, a necessidade de conhecer os textos da tradição filosófica antiga, mesmo que moldada pelas teses tomistas, exigiu também a aprendizagem do grego clássico. A entrevista de Olinto Pegoraro a respeito de sua formação filosófica adquirida dentro do Seminário dos Camilianos em Santa Catarina, quando tinha apenas 14 anos, revela o quanto o aprendizado destas duas línguas foi importante para o desenvolvimento de seus estudos filosóficos. Ele diz:

*O seminário me deu uma boa formação cultural [...] Havia português, geografia [...] e latim. No fim do ginásio sabia latim [...] Depois fui para São Paulo, e já conhecia muito o latim [...] Todos os seminários na época eram fechados [...] Nunca tive um tempo tão grande para o estudo [...] não havia o que fazer [...] não tinha cidade, cinema. A disciplina interna do seminário era altíssima [...] tanto para o espiritual quanto para o estudo. Por exemplo, eram quatro horas de aula. Cinco horas eram só para os estudos. Eu estudava todo dia até às 10 horas, quando íamos dormir. Não havia distração. E, literalmente, o que havia era o aprendizado das teses escolásticas, as famosas 100 teses, que era o resumo da escolástica. Eu as sabia de cor, todas! Interrogavam em latim, e eu respondia em latim. Os manuais vinham de Roma, da Gregoriana. Eu falava latim, e grego também. E aos vinte quatro anos eu sabia muito bem latim e grego. E isso eu devo ao seminário. (Entrevista com Olinto Pegoraro, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo)*

O domínio do latim e, muitas vezes do grego, desde os quatorze e quinze anos de idade, foi, portanto, fator importante para o desenvolvimento de aptidão para a leitura dos textos filosóficos. Assim, o estudo desses idiomas, além de favorecer uma disciplina de

---

<sup>91</sup> Guilherme BARAUNA, 1974, *A sagrada Liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II*, Petrópolis: Vozes.

trabalho intelectual, deu base para a confecção de teses no exterior. Esse conhecimento também viabilizou o desenvolvimento de uma produção voltada para a tradução de autores clássicos da filosofia, colaborando, nesse sentido, para a constituição do espaço da filosofia no Brasil. Essa facilidade, no entanto, também esteve relacionada ao bilingüismo que os *filósofos de origem católica* filhos de imigrantes europeus cultivavam no ambiente doméstico, onde a língua materna não era o português.

Portanto, o interesse desses filhos de imigrantes europeus (3 entre 5 dos entrevistados) por um conhecimento mais sólido de idiomas estrangeiros nos seminários deve muito ao contato precoce com mais de um idioma, diferentemente do que ocorreu com Guido Antônio de Almeida, que somente obteve uma segunda língua, o inglês, já na adolescência, graças ao pagamento de uma escola especializada por sua genitora, filha de grande proprietário de fazendas em Minas Gerais. Assim, não foi necessariamente o poder econômico da família que possibilitou o bilingüismo de alguns dos *filósofos de origem católica*, e sim a imigração européia. Este fator constituiu, junto ao capital cultural e social das famílias dos *filósofos de origem católica*, um dos princípios de diferenciação entre eles.

É preciso ressaltar que somente o uso da norma culta da língua estrangeira no ambiente doméstico cooperou, efetivamente, para a ampliação de uma carreira filosófica voltada para a tradução de obras clássicas, como é o caso de Valério Rodhen, que traduziu do alemão a obra de Kant para o português, no Brasil. Descendente de alemães e falante do alemão culto, Valério Rodhen pôde, após anos na presidência do Instituto Goethe, investir também na fundação da Associação Kantiana do Brasil e na criação da revista *Studia kantiana*, fato ocorrido logo após sua gestão na presidência da ANPOF.

*Como eu disse, meu estudo de Kant começou com o professor Carmelo Lacorte na Universidade de Roma. Naquela cidade também o professor Cornélio Frabro, que era um grande filósofo tomista, sugeriu-me que escrevesse um trabalho sobre o transcendental em Kant e Santo Tomás de Aquino. A idéia de desenvolver esse trabalho levou-me adiante no estudo de Kant. Passando depois à Alemanha, o professor Heimsoeth, da Universidade de Colônia, estimulou-me ao desenvolvimento desse estudo. Mas eu diria que meu primeiro trabalho importante sobre Kant, com a publicação do livro O interesse da razão e liberdade, foi um trabalho que mostra como um autor clássico pode ter fecundidade e atualidade [...] Nós temos motivações para escrever mesmo trabalhos mais abstratos, e essas motivações não nos são sempre imediatamente transparentes, apenas as descobrimos depois de muito tempo, às vezes depois do próprio trabalho*

*escrito. O estudo de Kant prolongou-se com o ensino da Teoria do conhecimento na universidade, e com a tradução da Crítica da Razão Pura, a que fui levado por uma sugestão de Ernildo Stein à Editora Abril. E a partir disso passei a ver Kant como uma espécie de destino filosófico, do qual não conseguia desprender-me, pela fecundidade e inabarcabilidade que notava em suas idéias....Não sei porque Kant<sup>92</sup>.*

Possivelmente, a resposta à questão sobre o interesse pela tradução de Kant - o mais prestigiado autor da ortodoxia acadêmica - e que o próprio Valério Rohden alega desconhecer, está ligada não apenas às possibilidades abertas pela Editora Abril, interessada na produção de obras caprichosamente preparadas e economicamente acessíveis, mas sobretudo ao uso do capital cultural e lingüístico, isto é, do conhecimento da norma culta do alemão, sua língua materna.

Por outro lado, os filhos de imigrantes que possuíam uma variedade lingüística menos prestigiada, vale dizer não-culta, e destituídos de capital social e cultural mais elevado, apostaram num ramo ligado à filosofia da educação, ética e bioética, disciplinas em que os autores clássicos e da história da filosofia, vinculados ao pólo mais ortodoxo, não são tão mobilizados.

Além das diferenças antes observadas (quanto à ordem religiosa, ao capital cultural e ao capital lingüístico), os *filósofos de origem católica* distinguem-se ainda com relação à militância política. Os filósofos filhos de pai e mãe com pouca ou nenhuma escolaridade, formados em seminários diocesanos, destacam-se daqueles que freqüentaram os religiosos dominicanos e jesuítas devido à sua menor atuação política junto aos movimentos especializados da Igreja, como a JEC e a JUC.

As ordens religiosas dos jesuítas e dominicanos foram responsáveis pela liderança de movimentos políticos de origem católica nas décadas de cinquenta e sessenta. Assim, para os *filósofos de origem católica* que tiveram contato com essas ordens religiosas, a militância política desencadeou e reforçou seus interesses pelos estudos filosóficos; para os outros, saídos dos seminários diocesanos, os estudos filosóficos não passaram de "uma obrigação" curricular, conforme relataram em entrevistas. A militância junto aos movimentos

---

<sup>92</sup> Valério ROHDEN, 1999, op. cit., p.22.

especializados da ação católica do final dos anos cinquenta e até 1968, ano em que foi declarado o AI-5, constituiu, pois, um recurso forte para o processo da profissionalização da filosofia no Brasil.

## **2- Sal da terra e ação católica: Pe. Vaz, um divisor de águas**

A Igreja Católica no Brasil passou a concentrar esforços na criação de grupos especializados de atuação nos meios estudantis e rurais, a partir de 1945 e durante toda a década de cinquenta. Essa atuação, iniciada em 1916 e somente institucionalizada em 1934, por meio da criação da Ação Católica Brasileira, por Dom Leme, tinha como objetivo fundamental a “recristianização” da sociedade. Neste sentido, todo o esforço primeiro da Ação Católica esteve voltado para a consolidação de um núcleo que pudesse fazer a ponte entre o Vaticano, os bispos e dioceses locais e regionais do país, responsáveis pelo acompanhamento da vida espiritual do laicato. Esta tarefa culminou na criação da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), em 1952.

A partir de então as ações da Igreja passaram a se dar junto às universidades e colégios secundários católicos e públicos, assim como nos meios operário e rural no Brasil. Esse investimento obedecia, de fato, ao conjunto de orientações dadas à hierarquia da Igreja Católica brasileira pelo Vaticano durante o papado de Pio XII (1939-1958) e João XXIII (1958-1963), que davam continuidade, de certa forma, à encíclica do Papa Pio XI (1922-1939) – a *Divini Redemptoris*, escrita em 1937 –, que versava exclusivamente sobre o perigo da expansão do comunismo no mundo<sup>93</sup>.

As orientações da Igreja, preocupada com o avanço dos movimentos populares e comunistas no mundo, são, no Brasil, correlatas a uma série de agitações sociais, como aquelas

---

<sup>93</sup> Essa encíclica trata dos casos de perseguição à Igreja, entendendo-os como uma das consequências da aplicação da doutrina comunista, que seria difundida por meio de propaganda bem organizada e sedutora e teria seu caminho preparado pelo liberalismo. Ver Carla Simone RODEGHERO, 2002, *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 463-488.

organizadas pelas primeiras ligas camponesas no Nordeste, pelos crescentes movimentos sindicalistas, bem como pelo movimento estudantil. Esses movimentos foram de encontro a uma política estatal desenvolvimentista que, associada ao capital estrangeiro, serviu de base de sustentação ao governo de Juscelino Kubitschek. No plano educacional, essa política formulava a tese de que a educação era instrumento de desenvolvimento social e, portanto, ponto de partida para que qualquer ação humana se desenvolvesse com clareza. Grande parte dos estudantes secundaristas, sem vislumbrar chance de acesso aos estudos superiores, se aliou na época aos diversos movimentos de estudantes contra essa política.

Os setores da Igreja Católica que assumiram a missão de combater o comunismo investindo nos espaços estudantis, rurais e operários, o fizeram por meio da Ação Católica. Utilizaram três organismos especializados, criados para a condução de suas atividades: a Juventude Estudantil Católica (JEC) – no meio secundarista; a Juventude Operária Católica (JOC) – no meio operário; e a Juventude Universitária Católica (JUC) – formado por estudantes de nível superior.

Por meio desses três organismos, a atuação de determinadas ordens religiosas ocorreu de forma intensiva na vida operária; nos grêmios e diretórios acadêmicos, em particular, nos grandes colégios públicos, como o antigo Ginásio Estadual de Belo Horizonte<sup>94</sup> – onde estudou grande parte dos entrevistados e entre eles um dos grandes líderes da JUC, Herbert José de Souza, o Betinho<sup>95</sup>. Os movimentos especializados da Ação Católica se estendiam também a colégios privados de classe média, como o Colégio Marconi, onde estudou o irmão de Betinho, Henfil, colega de classe de Hugo César Tavares e Walter Evangelista, ambos professores da UFMG, membros fundadores da SEAF e, posteriormente, da ANPOF<sup>96</sup>.

---

<sup>94</sup> Colégio conhecido pela formação de intelectuais e políticos nacionais importantes, como o Ministro da Educação Gustavo Capanema e do poeta Carlos Drummond de Andrade.

<sup>95</sup> Marcelo RIDENTI, 2002, *Ação Popular: cristianismo e marxismo*, in: Daniel Aarão REIS FILHO e Marcelo RIDENTI (orgs.) *História do marxismo no Brasil*, Campinas: Ed. da UNICAMP, p.213-282, vol. 5.

<sup>96</sup> Esses filósofos freqüentaram, em sua grande maioria, colégios tradicionais de Belo Horizonte, como o Ginásio Estadual e o Colégio Marconi. Marcados por oferecerem uma formação escolar para os alunos vindos das grandes famílias de intelectuais mineiros, mantinham como professores os antigos bacharéis em direito, muitas vezes, também diretores dos colégios. O colégio Marconi, por exemplo, onde estudou grande parte dos militantes católicos mineiros nas décadas de cinquenta e sessenta, deu origem à primeira faculdade de filosofia de Minas Gerais, atualmente Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Estado. Seu primeiro diretor e professor foi o bacharel em direito e docente da área de filosofia, Arthur Versiani Velloso, influente nos círculos intelectuais e políticos nas décadas de trinta e quarenta.



Ao estudar a atuação da JUC no Brasil, Marcelo Ridenti afirma que o Diretório Central dos Estudantes (DCE) de Minas Gerais era controlado por ela e funcionava como verdadeiro nicho de recrutamento de militantes.

*[...] a tendência de esquerda passou a predominar no interior da JUC e a organizar-se num setor político, especialmente significativo em Minas Gerais, onde se destacaram militantes como Herbert José de Souza (Betinho), Vinícius Caldeira Brant, Henrique Novais, entre outros, com atuação especialmente significativa na Universidade Federal de Minas Gerais, cujo Diretório Central dos Estudantes (DCE) era controlado pela esquerda da JUC, que mantinha relações estreitas com integrantes do clero progressista, como o Frei Matheus Rocha e o Padre Lage<sup>97</sup>.*

Pode-se observar que os estudantes recrutados pelos setores especializados da Ação Católica nesses colégios e nos espaços universitários de elite obedeciam realmente a uma preocupação da instituição católica em recrutar um grupo seletivo de militantes para o seio da Igreja. Esse mesmo fato foi observado por Marcelo Ridenti em sua pesquisa sobre a base social dos partidos políticos de esquerda das décadas de cinquenta e sessenta. Ao estabelecer uma morfologia social dos membros dos partidos de esquerda, partidos que fincavam suas bases no movimento de juventude católica, Ridenti afirma que apenas 4,2% eram filhos de lavradores e 13,7% de trabalhadores manuais urbanos<sup>98</sup>. Esses números reiteram as evidências de que os espaços nos quais os religiosos à frente da Ação Católica atuavam eram predominantemente oriundos de uma classe média escolarizada destinada aos estudos universitários<sup>99</sup>.

O relato de Hugo César da Silva Tavares, ex-militante católico, professor de filosofia aposentado da UFMG e membro fundador da SEAF, ajuda-nos a compreender exatamente quais as estratégias arquitetadas pelos religiosos no momento do recrutamento de seus militantes. Nesse relato, ele explicita os argumentos e a escolha dos estudantes mais

---

<sup>97</sup> Marcelo RIDENTI, 2002, op. cit., pp. 244-245.

<sup>98</sup> Assim, pode-se observar que além das dezenas de grupos de esquerda em combate à ditadura depois de 1964, a AP também fincava suas bases sociais especialmente nas camadas médias intelectualizadas e jovens. Tinham até 25 anos 53 % dos processados pela Justiça Militar por vinculação com a AP e 41,3% estavam na faixa de 26 a 35 anos. Dentre os 409 processados, 123 eram estudantes (31,1%), 44 professores (10,8%) e 83 poderiam ser classificados como outros profissionais com formação superior (20,3%), enquanto 17 processados eram lavradores (4,2%) e 56 trabalhadores manuais urbanos (13,7%). Marcelo RIDENTI, 1993, *O fantasma da revolução brasileira*, São Paulo: Unesp.

<sup>99</sup> Marcelo RIDENTI, 1993, op. cit.



visados pela Igreja. Considerados os mais “espertos”, esses estudantes de colégios públicos de elite de Belo Horizonte eram freqüentemente confrontados com a situação social em que viviam, o que era considerado pela Igreja Católica algo passível de promover a interação e trazer esses jovens para o movimento.

*[...] eram pequenos núcleos [...] pegavam os que eram mais espertos e faziam assédio, até fregar. Eles (os religiosos dominicanos) eram mais fortes nas escolas leigas e municipais e estaduais. Era aí que eles tinham os grupos mais fervorosos [...] Eles diziam, “o pessoal está passando fome, vocês tão fazendo o que prá mudar isso?” chegavam assim e a gente queria interagir. Você sabe que o jovem é muito altruísta [...] Nós éramos muito jovens [...] era uma maneira de canalizar [...] e tinha a distribuição de riquezas. (Entrevista com Hugo César Tavares, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Além de Hugo César da Silva Tavares e José Walter Evangelista, Guido Antônio de Almeida e José de Anchieta Corrêa cursaram os Colégios Estadual e Marconi, em Belo Horizonte, e militaram juntos na JEC, sob a orientação de freis dominicanos. Quando realizaram estudos de filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais, participaram também da JUC, tendo como diretor de estudos o jesuíta Pe. Vaz (Henrique Cláudio de Lima Vaz); este, na época também assumia o cargo de professor de filosofia na UFMG a convite de Arthur Versiani Velloso, um dos fundadores do Departamento de Filosofia da universidade. Normalmente, a JEC ficava sob a direção dos dominicanos, enquanto os jesuítas assessoravam a JUC, mas todos se submetiam diretamente aos bispos.

A entrevista concedida por Antônio Muniz de Rezende, ex-diretor dos dominicanos, assistente geral da JEC e da JUC em Minas Gerais e professor de filosofia da educação na Unicamp, confirma o despertar (pós-1958) do interesse da Igreja Católica pela América Latina, em razão da Revolução Cubana. Para esse dominicano, que, ao lado do jesuíta Pe. Vaz, era responsável pelo recrutamento de jovens nas escolas de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, as ajudas à América Latina (pessoais e financeiras), concedidas por igrejas estrangeiras, representaram a possibilidade de apoio a lutas populares. Como resultado, as críticas ao comunismo deram lugar às indagações sobre as injustiças sociais.

Surgia nesse momento uma espécie de esquerda católica que, todavia, não ocupava posições majoritárias dentro da instituição, a qual se mantinha como atuante batalhadora

contra o comunismo. No início da década de 1960, o propósito de combater o comunismo se manifestou na atuação da Igreja no processo de sindicalização dos trabalhadores rurais e de alfabetização, abrindo, assim, possibilidades para boa parte dos aspirantes de filosofia, na época membros da JUC, a colocar em prática os ensinamentos obtidos nos movimentos de juventude católica.

O espaço de atuação para esses militantes católicos foi o Movimento de Educação de Base (MEB), ligado à alta hierarquia católica (CNBB) e ao Ministério da Educação durante o governo João Goulart – que procurava politizar especialmente a população do campo<sup>100</sup>.

A passagem de vários dos entrevistados por este programa de educação popular junto ao dominicano Frei Matheus, fundador do Instituto de Teologia da Universidade de Brasília e vice-reitor na gestão de Darcy Ribeiro, além de conselheiro no Ministério da Educação no governo João Goulart, é um dado revelador do rumo que tomava os investimentos de alguns religiosos contra o comunismo. Tal dinâmica ajuda, ainda, a compreender de que maneira esses ex-militantes utilizaram a atuação política como recurso na constituição do espaço filosófico<sup>101</sup>.

Ao tratar de suas atuações políticas, os entrevistados referem-se ao militância como a incorporação de uma série de saberes em termos práticos (organização de reuniões, manifestos, organização de congressos), aprendizados estes que foram, futuramente, reconvertidos em instrumentos para a criação de associações, reuniões e encontros acadêmicos nacionais. Mas foi o saber teórico, com a discussão das posições ideológicas políticas, que levou parte desses ex-militantes a se valerem do conteúdo filosófico – apreendido com os religiosos tanto dominicanos quanto jesuítas – para retirarem a filosofia da tutela da Igreja.

As falas de José de Anchieta Corrêa, ex-presidente da SEAF, de Hugo César da Silva Tavares, membro fundador da SEAF, e de Olinto Pegoraro, mentor dessa sociedade,

---

<sup>100</sup> Marcelo RIDENTI, op.cit., p.249.

<sup>101</sup> Ao se reportar ao livro de Luiz Wanderley, sobre o MEB, Marcelo Ridenti afirma que tal movimento atingiu 14 estados e 1 território em 1964, num sistema que envolvia aulas radiofônicas. Entre 1961 e 1965, 380 mil alunos concluíram os estudos no MEB, que mobilizou milhares de professores, supervisores e monitores voluntários, conforme dados fornecidos por Luiz Wanderley. Ver Luiz WANDERLEY, 1984, *Educar para transformar: educação popular, igreja católica e política no Movimento de Educação de Base*, Petrópolis: Vozes.

esclarecem a maneira pela qual o conhecimento adquirido na militância foi reutilizado nos embates acadêmicos. Respondendo à pergunta que indagava sobre a formação da SEAF na década de setenta, em plena clandestinidade no Colégio Santa Marcelina, Hugo César da Silva Tavares não hesita em dizer que a organização das pessoas para o encontro de fundação da associação *"foi quase inconsciente [...] nós já tínhamos a experiência dos movimentos (JEC e JUC), então foi inconsciente [...] foi o Olinto (Olinto Pegoraro) que telefonou e nós falamos um com o outro, sem muito alarme"*. (Entrevista com Hugo César da Silva Tavares, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).

A passagem desses filósofos pela JEC, JUC, e mesmo pela AP, ajuda a pensar sobre os usos que a experiência de participação nesses movimentos teria proporcionado na carreira futura de cada um deles. Permitiria, ainda, determinar um tipo específico de militante católico e o efeito causado pela militância nesses movimentos. Entretanto, estabelecer variáveis a respeito de tal classificação exigiria uma comparação exaustiva entre as trajetórias daqueles que ingressaram na política e a dos que investiram em um projeto intelectual. Por essa razão, dentro do que interessa neste trabalho, procurei estabelecer somente as variáveis capazes de ajudar a pensar a relação entre a militância política e o exercício da filosofia. Foi o que possibilitou a compreensão da relação existente entre esses ex-militantes e suas respectivas atuações no campo filosófico.

A primeira dessas variáveis está atrelada ao tipo de conteúdo mobilizado pelos religiosos para fundamentar o modelo de sociedade que a hierarquia da Igreja, por meio da Ação Católica e seus movimentos especializados (JUC e JEC), impunha aos estudantes. Assim, um dos principais referenciais teóricos para a elaboração da prática dos militantes nos diversos setores da vida social foi Jacques Maritain, defensor de uma ética fundada na natureza humana, na qual o seu conhecimento se dá por meio do confronto com a realidade. Isto é o que também ressalta José de Anchieta Corrêa, que defendia igualmente a necessidade de se pensar numa nova civilização, vitalmente democrática, inspirada no pensamento cristão de fraternidade<sup>102</sup>.

---

<sup>102</sup> A princípio, a obra de Maritain foi um referencial teórico cristão usado para dar sustentação à evolução política e ideológica da JUC. O movimento adotou explicitamente seu conceito de *ideal histórico*, exposto no texto *Da necessidade de um Ideal Histórico*, apresentado pelo padre Almerj Bezerra, assistente da JUC de Recife, durante a reunião do Conselho Nacional da JUC, realizada em Belo Horizonte, em 1959. O conceito apareceu novamente no documento *Diretrizes mínimas para o ideal histórico do povo brasileiro*, aprovado no Congresso dos dez anos da JUC, em 1960, no Rio de Janeiro. O mesmo observa Reginaldo Dias ao traçar as influências

Outro referencial importante foi a leitura das obras de Emmanuel Mounier e de Teilhard de Chardin, bem como a participação nos grupos de estudos de economia e de humanismo do dominicano Louis-Joseph Lebret. Esses grupos de estudo, além de provocarem uma cisão no âmbito das visões de cristianização da sociedade<sup>103</sup>, também funcionaram como verdadeiras fontes de conhecimento filosófico, despertando o interesse pela disciplina. A declaração de José de Anchieta Corrêa ilustra bem de que maneira a leitura desses autores foi transmitida pelos assistentes da JEC e JUC, provocando-lhes o interesse pela filosofia. A filosofia aparece, nesse contexto, como retórica de recrutamento dos “meninos do poder”, maneira como os jornais da época se referiam aos jovens militantes católicos.

*Eu sou de Itapicirica, uma cidade muito católica. Cidade que tem três bispos e vim de uma família ultra católica [...] vim para Minas estudar e conheci os dominicanos. Eu me encantei pela aquela grande virada: saí de uma catolicidade, entre o sexto mandamento e o sétimo a respeito da propriedade e do sexo, e de repente, caí no mundo e caí nos dominicanos, para quem cristão é sal da terra e luz do mundo. Éramos chamados para esta participação na história e política do seu tempo. Em Minas havia um movimento sobre economia e humanismo, havia grupos de leitura sobre Emanuel Mounier, Teilhard de Chardin, etc. Nós freqüentamos toda a literatura francesa de Claudel, Sartre e outros. No último ano do ginásio, da escola pública, nós conhecemos um dominicano chamado Frei Matheus*

---

teóricas no caso específico da constituição da AP no Paraná. Ver Reginaldo DIAS, 1999, Sob o signo da revolução: a experiência da Ação Popular no Paraná, *Diálogos*, Maringá, v. 3, pp. 377-381.

<sup>103</sup> Como afirma Marcelo Ridenti, baseado nos depoimentos que colheu para seu artigo sobre a formação da AP, “a JUC e de modo geral a Ação Católica brasileira dividem-se, ao longo dos anos 50, em duas tendências divergentes: a dos discípulos de Maritain, que se tornarão democratas-cristãos, e aquela dos discípulos de Lebret e Mounier, que tomará o caminho do socialismo”. Marcelo RIDENTI, 2002, op. cit., p. 234. A respeito do trabalho político e intelectual exercido por Lebret, consultar Denis PELLETIER, 1986, *Sociabilité Catholique et Générations intellectuelles: l'exemple du mouvement économie et humanisme in Vingtième siècle, Revue d'histoire*, n° 9, jan-mar, pp. 75-83, e Denis PELLETIER, 1996, *Économie et humanisme – de l'utopie communautaire au combat pour le tiers monde (1941-1966)*, Paris : Les éditions du Cerf. Segundo esse autor, os investimentos de Lebret para realização do seu projeto intelectual e político estiveram, num primeiro momento, voltados para difusão do seu catolicismo social no meio da ação católica especializada como a JOC, a JEC e a JUC. A partir de 1947, no entanto, passa a ter como eixo temático a elaboração de uma teoria sobre economia das necessidades e organização do território, o que leva Lebret às discussões abordadas no campo científico e universitário sobre a teoria do desenvolvimento. Como ressalta Pelletier, a direção da revista *Economia e Humanismo*, *Desenvolvimento e Civilização*, bem como os livros *Suicídio e Sobrevivência do Ocidente e Dinâmica concreta do desenvolvimento*, garantiram-lhe o reconhecimento da comunidade científica, confirmado pelo posto de pesquisador e depois de diretor do “Centre d'études des Complexes Sociaux”, em 1946. Várias obras de divulgação permitiram igualmente aumentar sua autoridade junto a um público não especializado, assim como a realização de seu curso sobre economia humana, na Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo, espaço de difusão e circulação de simpatizantes e militantes dos partidos de esquerda na época.

*Rocha que fazia um movimento extremamente renovador de presença no mundo. Estes movimentos se davam, sobretudo, nas escolas públicas, pelas chamadas equipes de influência. E cada um de nós tinha uma equipe de influência. Então fui cursar a universidade e escolhi estudar filosofia porque eram claramente aquelas idéias que estávamos discutindo sobre visão do mundo, valores. O Frei Matheus sempre começava, perguntando quem é o homem? Ele lia trechos das obras de Sartre, também Dostoievski, vinha tudo. Somente depois ele falava em Jesus Cristo. Na verdade, é um nome ruim, mas, era uma elite que a Igreja estava formando. Sem dúvida. Tanto que, poucos dias depois do golpe, os jornais publicaram em primeira página: "Os meninos do poder". Eram eu, o Betinho, Raul, Hugo [...] nós todos. (Entrevista com José de Anchieta de Corrêa, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Não se tratava apenas de ler os porta-vozes da Igreja em sua batalha contra o comunismo ou o capitalismo, mas de pensá-los por meio de autores outros. Entre os livros e autores a que boa parte dos entrevistados teve acesso estavam, além dos existencialistas, com destaque para a figura de Sartre, aqueles da tradição filosófica clássica (Platão, Descartes, Kant, Hegel). Junto aos movimentos especializados da Igreja no Brasil, o Pe. Vaz foi o principal responsável pela transmissão filosófica nesse meio e aparece como uma constante nas entrevistas<sup>104</sup>. O depoimento do líder da JUC, Herbet Souza, é claro nesse sentido, quando diz: *"O padre Vaz foi nosso ideólogo, porque frei Matheus foi o inspirador [...] Frei Matheus Rocha foi fundador da JEC; enquanto o padre Henrique Vaz – leitor de Marx, Engels, Hegel, Heidegger e outros pensadores – seria o redator da parte ideológica, teórica, filosófica do documento fundador da AP"*<sup>105</sup>.

De fato, a influência de Pe. Vaz foi decisiva para despertar o interesse pela filosofia em parte dos militantes políticos na época. Tal influência só pôde se expandir, ou seja, ser transformada em "interesse específico", porque as sugestões de leituras eram acompanhadas e discutidas com o próprio Pe. Vaz semanalmente, e às vezes até mesmo duas ou três vezes por semana, e não apenas nos encontros mensais ou quinzenais dos movimentos na universidade. Graças à relação extra-movimento que mantiveram com o

---

<sup>104</sup> Isso não quer dizer que o trabalho intelectual realizado por Frei Matheus Rocha, bem como aquele realizado por Antônio Muniz de Rezende, como também por Frei Lage, não trouxesse interesse para grande parte dos entrevistados pelos estudos filosóficos. Porém, é ao Pe. Vaz, como assistente intelectual dos movimentos especializados da Igreja, que é atribuída a função de mentor intelectual por praticamente todos os entrevistados.

<sup>105</sup> Herbert SOUZA, 1982, *Cristianismo e História*, São Paulo: Edições Loyola.

jesuíta, a filosofia se tornou, para muitos desses ex-militantes, uma espécie de prolongamento de militância.

Hugo César da Silva Tavares, falando do seu interesse pela filosofia, faz referência à figura do Pe. Vaz. Ele aponta, sobretudo, a oportunidade que teve de atualizar a lista bibliográfica indicada pelo padre através de inúmeras discussões com o próprio religioso durante suas visitas freqüentes à casa provincial dos jesuítas, em Belo Horizonte. Seu interesse pela filosofia nasceu no secundário, durante seu Científico feito no Colégio Marconi, onde conheceu Frei Matheus e Pe. Vaz. Este último, contudo, foi essencial para a sua leitura de autores de textos filosóficos e para a escolha do curso de filosofia.

*[...] uma pessoa que influenciou muita gente foi o famoso Pe. Vaz, fundamental para minha escolha (dos estudos filosóficos) e a do Walter (José Walter Evangelista, professor de filosofia da UFMG). Foi dentro da militância dos movimentos católicos. Ele foi fundamental. E como ele era mineiro, tínhamos muito contato aqui, embora ele morasse em Nova Friburgo. Na época, eu e Walter queríamos fazer engenharia e eu Direito. Fomos conversar com ele (Pe. Vaz), e ele nos deu uma bibliografia. Começamos a ler e decidimos estudar filosofia. (Entrevista com Hugo César da Silva Tavares, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Em recente entrevista, Paulo Arantes, filósofo aposentado da USP, comenta que a grande novidade do Pe. Vaz era sua filosofia da história, pois “[...] à filosofia da imanência de Marx era atribuída a noção de transcendência com as suas implicações [...] como era o caso da introdução da noção de pessoa do intelectual católico Emmanuel Mounier”<sup>106</sup>. A discussão dessa “filosofia da história”, no dizer do filósofo uspiano, era regada de outras leituras filosóficas, que se tornaram decisivas para seu abandono do curso de física na USP e para a consolidação do seu interesse pela filosofia na mesma universidade. Entre os livros que lhe foram emprestados estavam os manuscritos econômicos de Marx na edição francesa, além de livros de lógica matemática, fato que causou espanto a Arantes ao perceber “a vastidão do campo de interesse do Pe. Vaz”.

*Eu fui para a direção nacional da JUC em 1963 e foi nesse momento que conheci pessoalmente o Pe. Vaz, que já era uma espécie de lenda nesse*

---

<sup>106</sup> Paulo Eduardo ARANTES, 2005, Depoimento, *Síntese*, Belo Horizonte, v. 32, n°102, p. 10.



*meio em que eu passei a viver. Na época, eu fazia física porque queria fazer filosofia da Ciência, Epistemologia, na USP mesmo. Eu resolvi, portanto, me aconselhar com o Vaz, e fiz várias vezes a viagem a Nova Friburgo, onde ele dava aula, enquanto que eu morava no Rio de Janeiro (capital), que era a sede da Ação Católica. Ele me tratava como um aluno [...] Depois que lhe disse que tinha interesse pela filosofia, ele tirou de sua biblioteca pessoal três livros [...] As Idéias I, do Husserl; os Manuscritos Econômico-Filosóficos do jovem Marx, de 1944, era uma edição francesa, a Edition Sociale [...] ele me disse: Leia isso; é muito importante [...] e por fim, um livro de lógica matemática; o que eu não imaginava era que ele também acompanhasse isso, mas o homem acompanhava!<sup>107</sup>.*

O tom erudito, intelectualizado e filosófico dado por Padre Vaz na orientação de boa parte dos entrevistados (7 do total de 17) marca todas as entrevistas que realizei. Apontado pela alta hierarquia da Igreja para o cargo de assistente intelectual da JUC, Pe. Vaz, ao recrutar seus militantes, mobilizava não apenas seu conhecimento teórico, adquirido durante os anos de estudos na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, onde defendeu uma tese sobre Platão, mas, sobretudo, utilizava a experiência de “diretor de estudos” no Pontifício Colégio Pio Brasileiro em Roma (PCPB)<sup>108</sup>. É nesse Colégio, no início da década de cinquenta, que coube a ele a tarefa de orientar os alunos na escolha dos cursos, auxiliando-os no aprofundamento das disciplinas e na preparação dos exames. Ao que tudo indica, a dedicação total do Pe. Vaz a esta missão foi essencial para que ele pudesse assumir, no seu retorno ao Brasil, uma posição de *maître à penser* junto aos seminaristas da Companhia de Jesus e na PUC-RIO, bem como de assistente intelectual da JUC.

Sendo assim, a atitude adotada por Pe. Vaz junto aos militantes católicos nada se diferenciava, como podemos ver no relato de alguns dos entrevistados, daquela que desempenhou enquanto orientador intelectual no colégio PCPB, em Roma. A sua bagagem filosófica, adquirida desde a mais tenra idade e reforçada nos centros de excelência

---

<sup>107</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>108</sup> Fundado em 1934, sob o papado de Pio XI e dirigido pela Companhia de Jesus, o Pontifício Colégio Pio Brasileiro funciona até hoje como moradia dos clérigos brasileiros em passagem por Roma, com objetivo de completar sua formação religiosa.



européus, foi potencializada no contexto universitário, onde atuou enquanto professor de filosofia e militante católico<sup>109</sup>.

---

<sup>109</sup> A indicação do Pe. Vaz para o cargo de assistente de formação intelectual, nos anos cinquenta, não parece ter sido um mero acaso, do qual a Igreja se “arrependeria” anos mais tarde, como o próprio Pe. Vaz sugeriu em recente entrevista. Tudo indica, como se pode perceber por meio dos depoimentos de seus conterrâneos, que o interesse da hierarquia católica brasileira na atuação do Pe. Vaz parece ter sido despertado quando ainda estava na Itália, realizando sua tese sobre Platão, na Pontifícia Universidade Gregoriana. O retorno de Pe. Vaz ao Brasil era ansiosamente esperado ao ponto de se cogitar seu nome para substituir o Pe. Leonel Franca - jesuíta, reitor da primeira universidade católica do Brasil, a PUC-RIO, que participou, durante toda a década de vinte, da conversão de intelectuais e políticos ao catolicismo no Centro Dom Vital, fundado em 1922, ano de criação do Partido Comunista Brasileiro. Como declara João Antônio de Paula, Pe. Vaz era apontado como sucessor do primeiro nome dos padres católicos com relevância na produção intelectual: “A certeza sobre a capacidade intelectual do padre Vaz é precoce. O professor José de Assis Carvalho, um conterrâneo que conheceu o filósofo no início dos anos 50, relembra: ‘Nos idos de 1948, jovem seminarista, ouvi o padre Arlindo Vieira, ao término de missões populares, em frente à bicentenária catedral de Mariana, afirmar que o padre Leonel Franca estava à morte, mas a Companhia de Jesus já possuía um substituto à altura do seu inenso talento, na pessoa de um escolástico ouro-pretano, Henrique Cláudio de Lima Vaz. Padre Franca era considerado, à época, o luminar maior da cultura católica brasileira. Alceu Amoroso Lima chamava-o poeticamente de diretor espiritual da inteligência brasileira’”. Ver artigo publicado na revista *Ciência Hoje*, vol. 25, nº 146, jan-fev, 1999, escrito por João Antônio de Paula, do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

O depoimento de Sebastião Trogo mostra bem o tipo de atitude que Pe. Vaz assumia ao se deparar com as dificuldades de seus discípulos. De acordo com este depoimento, o introdutor dos filósofos do *renouveau* católico em Minas Gerais e dos estudos sobre Hegel, lhe ajudou a desenvolver certa metodologia de estudos no que se refere às questões filosóficas.

*Eu conheci o Padre Vaz aqui em Belo Horizonte, no movimento da AP. Ele veio refugiado. Os jesuítas o mandaram prá cá e aqui ele fazia reuniões com os jovens e essa coisa toda [...] Aqui ele introduziu Teilhard de Chardin para gente, o primeiro entusiasta do Teilhard de Chardin, que depois foi aceito pelo Arthur Versiani Velloso (professor do Colégio Marconi e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais). Foi ele (Versiani Velloso) que contratou o Pe. Vaz, como diretor da Fafich, ele colocou de um dia para outro Pe. Vaz. Ele não fez concurso. Ele conhecia o valor do Pe. Vaz. Então, de 65 até 95, ele ensinou na UFMG. Quem introduziu aqui Hegel e Kant, foi maciçamente Pe. Vaz. A filosofia clássica ele deu Platão, Aristóteles [...] ele ocupou aqui um espaço através da revista Síntese, colaborou na revista de editoriais durante vinte anos, com artigo de fundo [...] eu publiquei também nesta revista. Eu fiz mestrado na UFMG antes de ir prá Louvain, o Anchieta (José de Anchieta Corrêa) foi meu orientador no mestrado e o Pe. Vaz foi assim meu orientador intelectual, a gente se correspondia na Bélgica, aquela pessoa que sempre estava dando aquela palavra, dando orientação, dando saídas quando empacava em alguma questão teórica [...] aquela visão globalizante. Ele é uma das maiores visões aqui no Brasil. (Entrevista com Sebastião Trogo, enviado para Universidade Católica de Louvain, em 1970, por seu orientador, José de Anchieta Corrêa, ex-militante da JEC, JUC e AP, que cursou filosofia na mesma universidade anos antes, cf. pesquisa de campo).*

A mesma atitude do Pe. Vaz diante das dificuldades de Trogo pode ser observada em relação a Raul Landim Filho, um dos criadores da ANPOF, da Associação Nacional de Estudos do Século XVII, da *Revista Analytica* e do recém criado Programa de Pós-graduação em Lógica e Ontologia na UFRJ. A orientação zelosa e constante de Pe. Vaz lhe chegou quando ainda era adolescente, cursando o ginásio do Colégio Anchieta do Rio de Janeiro, famoso como local organizado pelos jesuítas para educação das elites. Nesse Colégio, teve acesso aos artigos do Pe. Vaz, como, por exemplo, "Cristianismo e consciência histórica"<sup>110</sup>, publicado na revista *Síntese*, periódico da Companhia de Jesus. Posteriormente,

---

<sup>110</sup> Segundo Paulo Eduardo Arantes, diretor nacional da JUC em 1963, esse texto passou a ser considerado uma espécie de documento, de texto-base, para a militância católica de esquerda que se considerava socialista naquele momento. Paulo ARANTES, 2005, op. cit., p. 9.

conheceu o clérigo pessoalmente durante seus estudos em Filosofia na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora de Medianeira.

Ao se referir às conversas com o Pe. Vaz, considerou-as fundamentais para o estabelecimento de “uma leitura sistemática da obra de Marx, de Santo Tomás e de alguns clássicos da Filosofia”, além da leitura do livro do neotomista e jesuíta belga Joseph Maréchal, intitulado *Le point de départ de la métaphysique*<sup>111</sup>, fio condutor de seus estudos filosóficos. Ele não se priva, ainda, de mencionar a forma de sua participação na JUC e na AP, movimento político de esquerda de inspiração cristã.

*Eu participei da elaboração do longo manifesto, conhecido como manifesto da PUC-RJ, quando Aldo Arantes (jucista) era o Presidente do Diretório Central dos Estudantes. Mostrei esse manifesto ao padre Vaz, que sugeriu algumas modificações imediatamente incorporadas ao texto [...] Como as idéias do manifesto exprimiam concepções não estritamente tomistas do homem, da história e da sociedade, o que não era tomista nem conservador, só poderia ser marxista, segundo o raciocínio simplista. Esse manifesto esteve na origem da fundação da AP e serviu de base para um manifesto posterior que marca propriamente a fundação da AP [...]”<sup>112</sup>.*

A militância de Raul Landim Filho não se resumiu apenas à redação desse documento que, segundo Paulo Arantes, diretor nacional da JUC, se tratava de um texto de fundamentação da educação de base redigido em alta linguagem filosófica<sup>113</sup>. A militância se estendeu também a consultas semanais, “uma espécie de consultoria filosófica e ideológica” que Raul Landim, a conselho de Pe. Vaz, fazia ao pessoal que estava envolvido com o Movimento de Educação de Base.

Paulo Arantes, ao lembrar dos encontros com Pe. Vaz em Nova Friburgo, refere-se a Raul Landim como o “discípulo-filósofo, profissional, dileto de Padre Vaz”: “Ele (Pe. Vaz) me fez freqüentar um discípulo dele, esse sim um discípulo filósofo [...] que eu conheci no Rio de Janeiro e que estava mergulhado na Suma teológica, conselho do Vaz. Foi curioso,

---

<sup>111</sup> Joseph MARECHAL, 1964, *Le point de départ de la métaphysique*, Paris : Desclée de Brouwer.

<sup>112</sup> Marcos NOBRE e Márcio REGO, 2000, op. cit. p.255.

<sup>113</sup> Paulo ARANTES, 2005, op. cit., p. 10.

porque naquele momento, ele estava fichando a *Suma teológica* [...] *Imagem* [...] fichar a *Suma teológica*"<sup>114</sup>.

Aliando militância política intelectual a uma formação filosófica – mesmo que nos moldes escolásticos – extremamente rígida e disciplinada, Raul Landim Filho reutilizou esse saber no exercício de sua prática filosófica de maneira mais rentável, pois contribuiu não apenas para criação do espaço de debates filosóficos, revistas e associações, como também na própria definição da filosofia. Seu depoimento em homenagem a Pe. Vaz, publicado na *Analytica*, revista que coordena com Guido Antônio de Almeida, é revelador da distância que tomou em relação às posições filosóficas de seu mestre. Pois, ao resumir a obra de Pe. Vaz a partir das questões “Pode um filósofo ser um filósofo cristão?” e “Tem sentido o conceito de filosofia cristã?”, Raul Landim Filho enfatiza a autonomia do conhecimento filosófico face ao teológico, relação que sempre foi tratada por Pe. Vaz como complementar<sup>115</sup>.

#### Padre Vaz<sup>116</sup>

Oriundo de uma família de intelectuais e políticos do Estado de Minas Gerais, Pe. Henrique de Lima Vaz, o mais velho de uma família de três filhos, nasceu em Ouro Preto, em 1921. Seus estudos foram muito influenciados por seu pai, ex-diretor do Museu de Mineralogia da Universidade Federal de Ouro Preto e catedrático de Mineralogia da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, a quem dedicou seu livro *Escritos de Filosofia I: problemas de fronteira*, o primeiro livro a ser premiado pela ANPOF, em 1988. Mas foi seu avô materno, médico pela Imperial Escola de Medicina do Rio de Janeiro e professor na Escola de Farmácia de Ouro Preto, quem lhe ensinou latim, a partir da famosa gramática latina de Clintock e do *De Viris illustribus de Lhomond*, e francês – por meio de cópias das obras de Bossuet, de Chateaubriand e de Guizot<sup>117</sup>.

Até a morte do avô, em 1935, viveu junto ao casarão de seus avós maternos, em Ouro Preto, e usufruiu da biblioteca, aí existente, repleta de obras clássicas. Este ambiente era também freqüentado por homens políticos, religiosos e intelectuais da época, como: Antônio Augusto de Lima, ex-presidente do Estado de Minas Gerais (1861) e responsável pela mudança da capital do Estado de Ouro Preto para Belo Horizonte; Diogo de Vasconcelos, historiador e

---

<sup>114</sup> Idem, *ibidem*, p. 10.

<sup>115</sup> Raul Ferreira Landim FILHO, 2002, Pe. Henrique Vaz, um Filósofo Cristão, *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-17.

<sup>116</sup> Biografia reconstituída com base no depoimento de Pe. Vaz, redigido para o volume *Rumos da Filosofia Atual no Brasil* (Coord. Stanislaus Ladusâns), São Paulo, Ed. Loyola, 1976, e republicado em 1982, no volume *Cristianismo e História*, Coleção Fé e Realidade, São Paulo, Ed. Loyola.

<sup>117</sup> Seu avô materno foi casado com a filha de Manoel Teixeira de Sousa, primeiro “Barão de Camargos” e senador do Império do Brasil, de 1860 e 1878.

deputado-geral no II Império e o Pe. João, Monsenhor Castilho Barbosa, vigário da Matriz de Nossa Senhora de Pilar, de Ouro Preto.

Em Belo Horizonte, para onde se mudou após a transferência de seu pai do Museu de Mineralogia de Ouro Preto para a Faculdade de Engenharia de Minas Gerais, ele frequentou o tradicional colégio Arnaldo, da Ordem Divina, de origem alemã e depois iniciou o noviciado da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro; caminho seguido por seu irmão mais novo, Dom José Carlos de Lima Vaz. Nesse internato, seu aprendizado do latim se tornou sistemático e sólido.

*A formação filosófica ali ministrada (Faculdade Pontifícia de Filosofia) era rigidamente escolástica e acentuava fortemente, mesmo sob o ponto de vista didático da distribuição das disciplinas, o caráter sistemático do modo de pensar filosófico. Tinha, no entanto, um mérito incontestável: o mérito de existir e, portanto, de oferecer um bem definido ponto de partida aos que se sentissem chamados a uma vocação de filósofo. Mérito que dificilmente poderá ser apreciado pelos que jamais experimentaram as alegrias austeras de um exigente exercício intelectual, controlado por esse incomparável instrumento de precisão que é o latim escolástico.*(LADUSÂNS, 1976, p.299)

Foi também nesse seminário que realizou sua "primeira grande leitura filosófica", a *Philosophiae scholasticae summa*, de autoria do jesuíta Vicencio Remer. Trata-se do texto adotado para o aprendizado das cem teses tomistas, "*leitura anotada, página por página, do Comentário de Santo Tomás à Metafísica de Aristóteles [...] a primeira experiência, que recorro com extraordinária emoção, da leitura e meditação de um grande texto filosófico*". (LADUSÂNS, 1976, p.299)

O trabalho de fim do curso, *De ratione existentiae Dei probandae in dynamismo intellectuali* Pe. Marechal, redigido em latim, traduz a influência dos textos neo-escolásticos de autores francófonos na sua formação no seminário. Padre Marechal, professor de Filosofia em Louvain, destacou-se pela aproximação feita entre Santo Tomás de Aquino e Kant, por meio do famoso livro *Le point de départ de la métaphisique*<sup>118</sup>.

Após o curso de Filosofia em Nova Friburgo ele foi enviado a Roma para cursar licenciatura em Teologia na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Gregoriana. Aí terminou seu doutorado em Filosofia, em 1953, com a tese *De dialectica et contemplatione in Platonis dialogis*. Seus estudos em Roma foram marcados pelos grandes impactos do pós-guerra e do surgimento daquilo que "*se chamou a 'nouvelle théologie' e que só iria dar frutos vinte anos mais tarde, no Segundo Concílio Vaticano*". (LADUSÂNS, 1976, p.299). Esses aspectos estão presentes na sua tese de *licenza* em teologia, uma releitura da Ética de Nicômaco e das primeiras questões da *Secunda Secundae*, de Santo Tomás, que teve como chave de interpretação a filosofia de Henri de Lubac, jesuíta e editor do *Les Cahiers du Temoinage Chrétien*.

Essa nova literatura teológica, cujos principais representantes foram Teilhard de Chardin, Emmanuel Mounier, Jacques Maritain e Henri de Lubac, foi a que ele utilizou no cargo de assistente intelectual da JUC, após seu retorno ao Brasil, em 1954.

---

<sup>118</sup> Joseph MARECHAL, 1964, op. cit.

O existencialismo de Sartre foi "a revelação de uma outra visão desconcertante para quem crescera até então entre os muros sólidos e tranquilos de uma clássica ontologia, na qual a essência precedia e assumia a existência finita num universo de ordem e finalidade"(LADUSÂNS,1976, pp.301-302) o que o levou a escrever seu primeiro artigo em Filosofia, "O existencialismo", publicado na *VERBUM*, dirigida por Pe. Leonel Franca, em 1948. Mas foi o contato e a leitura dos escritos do filósofo personalista Emmanuel Mounier que marcou sua visão filosófica.

*A obra de E. Mounier, outra descoberta capital desses anos, e a leitura, mês após mês, da revista Esprit, que nos oferecia um fio condutor na complexidade do universo social e político. O personalismo foi, para mim, o primeiro instrumento de leitura do mundo moderno nos seus aspectos políticos e sociais, que nossa formação escolástica desconhecia soberanamente (o próprio Pe. Lustosa, não obstante sua aguda sensibilidade histórica, ficara preso à miragem de um corporativismo anacrônico, que seduzira os "católicos sociais" entre a "Rerum Novarum" e a "Quadragesimo Anno") e que a obra do Maritain dos anos 30 começara a revelar-nos. Considero importante, para mim, essa espécie de batismo personalista nos primeiros passos da minha reflexão social e política, reflexão que, a partir dessas descobertas intelectuais e dessas experiências do imediato pós-guerra, não me deixará mais e conhecerá, mais tarde, momentos de exaltação e de amarga decepção". (LADUSÂNS, 1976, p. 302).*

De volta ao Brasil, em 1954, Pe. Vaz ensinou na mesma Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, que deixara sete anos antes. Permaneceu nela por dez anos, antes de ser transferido para a sede da província jesuítica de Belo Horizonte. Ainda imerso nos estudos sobre Platão, publicou três artigos: "Eros e Logos: Natureza e Educação no Fedro platônico" (publicado em 1952), "A dialética das Idéias no Sofista" (publicado em 1968) e "Amor e Conhecimento: sobre a ascensão dialética no *Banquete*" (publicado em 1956), na *Revista Portuguesa de Filosofia*. Participou do II Congresso Brasileiro de Filosofia, organizado pelo IBF, com "Itinerário da Ontologia Clássica", (publicado em 1954). Neste ano, assumiu a direção da JUC e participou da criação da AP, em 1963. Após a promulgação do AI- 5, em 1968, tornou-se professor de filosofia da UFMG e dedicou-se à tradução de autores gregos, bem como à edição da revista *Síntese*, na qual até hoje boa parte dos ex-militantes *jucistas* ainda escreve. Faleceu em Belo Horizonte no ano de 2002.

Assim como a passagem pelo seminário constituiu para alguns o primeiro grande mergulho nos estudos filosóficos, para os ex-militantes da JEC, JUC e AP foi a influência de Pe. Vaz o fator decisivo para a escolha da filosofia. Continuar investindo na filosofia dependeu, no entanto, da oportunidade de estudos no exterior, porque, como ressaltam os próprios entrevistados, a circulação em centros europeus favoreceu, além de uma formação "sólida em filosofia", novas formas de filosofar.



Desse modo, a reconstituição das trajetórias dos *filósofos de origem católica* se, por um lado, permitiu compreender a ordem religiosa, o capital cultural, o capital lingüístico e a militância política como recursos diferenciadores do percurso de cada um, por outro lado indicou que esses recursos foram fundamentais na mobilização das redes institucionais que possibilitaram a esses filósofos a ida ao exterior.

A identificação das redes institucionais e o sentido atribuído pelos próprios filósofos às suas vivências no exterior, permitiram verificar que, para alguns, o golpe militar de 1964 apenas serviu de alavanca para a realização de um projeto intelectual voltado para a filosofia, muitas vezes já moldado anteriormente, como é o caso daqueles estudiosos cuja posição social de origem possibilitou o amadurecimento de tal projeto. Para outros, o golpe militar forçou um investimento numa carreira filosófica nem sempre vislumbrada anteriormente, embora já houvesse para eles uma prática de estudos em filosofia, pois o exílio político estava atrelado à condição de realização de doutorado no exterior, não necessariamente nessa área.

Por fim, o estudo das redes institucionais revela os diferentes modos de investimento que a Igreja Católica promoveu no Brasil na formação de seus quadros, como se verá a seguir.

### **3 - Circulação internacional de pensadores católicos: da ortodoxia romana a Louvain**

A passagem pelo exterior e seus efeitos no exercício da filosofia da população entrevistada estiveram fortemente atrelados às redes institucionais e sociais que os filósofos mobilizaram para realizar seus estudos em centros europeus. Assim, com exceção de apenas três entrevistados – que contaram com ajuda da rede de relação social familiar vinculada ou não a instituições religiosas – praticamente todo o resto dessa população mobilizou duas formas de acessar as redes institucionais: o círculo de amizades estabelecido durante a militância política e aquelas estabelecidas nos seminários.



Quanto aos filósofos que mobilizaram seus parentes e amigos para obter a concessão de bolsas de estudos e alguma facilidade financeira para a ida ao exterior, é importante ressaltar o nível elevado de escolarização de seus pais e/ou familiares, na maioria religiosos, e a preocupação destes no acúmulo do capital cultural de sua prole. É o caso de Newton Aquiles Von Zuben, um dos criadores da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED), em 1978, professor de Filosofia da Educação e mentor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Educação da Unicamp.

Recrutado por um tio religioso para seguir a carreira eclesiástica no internato da mesma diocese, Newton Aquiles Von Zuben, terceiro entre quatro irmãos, vivenciou a ida para o seminário como uma espécie de descoberta de sua capacidade intelectual e reconhecimento dela. Seus estudos universitários de mestrado e doutorado, realizados em Louvain, dependeram fortemente de seu tio – monsenhor da Diocese de Campinas – que, não apenas o incentivou a se candidatar à bolsa de estudos dada pela Diocese, mas também lhe forneceu ajuda financeira para se dedicar exclusivamente aos estudos de Filosofia. Além do apoio e do acompanhamento do tio terem sido fundamentais na aquisição de seu conhecimento filosófico e escolar de maneira geral, não é de se negligenciar o fato da mãe ter sido normalista e professora primária de uma escola pública em Vinhedo, fato atenuado por Newton Aquiles Von Zuben durante toda a entrevista.

*[...] eu entrei (no seminário) com 11 anos [...] isso aí é uma espécie de tradição familiar em que havia parentes religiosos [...] naquela época havia um dos escolhidos que ia para o seminário. Então realmente não sei porque eu fui. Meu pai mandou [...] o escolhido fui eu [...] sorte que eu fui escolhido porque acabei indo prá Louvain que foi a minha grande conquista na vida. Porque eu nunca teria ido se não fosse isso [...] sido escolhido. Minha mãe era professora primária e meu pai agricultor, gente simples [...] por eles eu nunca tinha ido, saído de Vinhedo. Agora já meu tio materno, que era religioso, foi quem me encaminhou pro Seminário Diocesano de Campinas. Tio materno [...] inclusive me incentivou quando estava em Louvain, porque ele mesmo estudou na Europa. Então ele tinha uma mente bastante aberta [...] foi ele quem me falou da bolsa de estudos para Louvain e eu me candidatei [...] ele também ajudou a financiar minha passagem de ida para Louvain pois minha família não tinha condições [...] quando eu decidi largar a vida religiosa, eu escrevia para ele e ele foi muito compreensivo [...] e me ajudou pois minha bolsa tinha acabado e como eu já não pertencia mais a diocese, então... (Entrevista com Newton Aquiles Von Zuben, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Valério Rohden, tradutor de Kant no Brasil e ex-presidente da ANPOF, contou praticamente com o mesmo tipo de apoio, pois a frequência no grupo de intelectuais do qual seus parentes (pai e tios) faziam parte lhe garantiu a bolsa de estudos para a Itália, quando acabou seu curso de filosofia na UFRGS. A bolsa do governo italiano para a *Università degli Studi di Roma* foi concedida graças ao intermédio de Armando Câmara, bacharel em direito, ex-senador e líder católico do Partido Democrata Cristão (PDC), que interveio junto ao primeiro ministro da Itália.

Já para aqueles que estudaram nos colégios de Minas Gerais e estiveram juntos nos movimentos políticos da Igreja Católica (como a JEC e a JUC), foi fundamental a mobilização das redes articuladas durante suas atuações políticas. Contaram não apenas com seus antigos amigos militantes, mas também com determinados setores da Igreja Católica, tal como podemos verificar por meio da narrativa de José de Anchieta Corrêa, ex-presidente da SEAF.

Filho de pai farmacêutico e de mãe operária, José de Anchieta Corrêa entrou nos movimentos católicos de esquerda quando fazia seus estudos secundários no Colégio Estadual de Belo Horizonte, fortemente influenciado por Frei Matheus Rocha. Após o desmantelamento da JUC e da AP, movimentos em que aparece como um dos membros fundadores, ele foi condenado e ficou preso durante quase um ano até conseguir se exilar para a Bélgica e estudar na Universidade Católica de Louvain (UCL), em 1966. Contou, para tanto, com a ajuda de uma bolsa de estudos da própria instituição da UCL, cedida graças aos religiosos envolvidos no trabalho de militância política.

*Eu tinha sido preso e condenado por dez anos. Cinco anos por ter fundado a AP e cinco por corrupção à juventude. Fiquei preso com presos comuns quase um ano. Depois consegui um habeas corpus. Minha sogra tinha relação com políticos. Fui para o Rio tentar me exilar [...] fui com uma carta para entregar ao Alceu Amoroso Lima. Ao mesmo tempo, eu já tinha escrito para Louvain. Informei tudo o que podia para provar que realmente eu precisava da bolsa [...] eu já estava desesperado quando finalmente saiu pra bolsa pra Louvain. Eu fui com minha mulher e meus dois filhos. (Entrevista com José de Anchieta Corrêa, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Aqueles filósofos que não se envolveram na militância política, nem dispunham de uma rede de parentes envolvidos com a Igreja Católica para acesso ao exterior, contaram com o recrutamento feito pela Igreja. É o caso de Antônio Joaquim Severino, que ingressou

no Seminário Diocesano de Ribeirão Preto aos 15 anos de idade e foi recrutado para os estudos em Louvain pelo Pe. Joseph Comblin e por Michel Shooyans, na época, professor visitante do Seminário e da PUC-CAMPINAS; ambos eram encarregados do trabalho de recrutamento e formação do episcopado brasileiro.

Também cooptado ainda no seminário por seus superiores e enviado a Roma é o caso do filósofo Marcelo Perine, filho de pai operário escolarizado. O critério que o selecionou foi seu empenho na escola<sup>119</sup>.

*Então, quem mantinha meus estudos era a Companhia dos jesuítas, era o equivalente de uma bolsa [...] não era nenhum órgão do governo [...] como eu fui destinado pelos superiores para os estudos especiais, vamos dizer assim, então eu tinha lá uma bolsa para sustentação, morava no Colégio Pio brasileiro, da Companhia. [...] a decisão de ir para Itália [...] foi tudo muito rápido, eu ainda estava terminando o curso de teologia, quando os superiores acharam, por meio de uma análise do meu currículo, do meu histórico escolar, o interesse. Então, eu tinha condições de me preparar para os estudos especiais. Então, eles decidiram em pouco tempo [...] as pessoas que tem mais inclinação, vão fazer estudos especiais. Os outros que tem menos facilidade, vão fazer outros tipos trabalhos, como trabalhar em pastorais e outras coisas, têm uma formação básica, mas não vão se dedicar a estes estudos especiais. A pessoa que faz os estudos especiais vai trabalhar na formação, vai ser professor nas instituições da Companhia [...] dando aula de filosofia ou de teologia. Eu, por exemplo, quando voltei com o doutorado, fui trabalhar em Belo Horizonte, no centro de formação dos jesuítas, eu fui integrar o corpo de professores. (Entrevista com Marcelo Perine, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Duas redes institucionais constituíram os caminhos pelos quais praticamente toda a população da amostra passou para ter acesso ao universo internacional:

- o Pontifício Colégio Pio Brasileiro (PCPB), criado em 1934, em Roma, durante o Papado de Pio XI;

---

<sup>119</sup> O mesmo pude observar ao realizar entrevistas com religiosos hospedados no Pontifício Colégio Pio Brasileiro (PCPB), durante a pesquisa de campo realizada em 2005. A escolha dos religiosos é determinada pelos bispos – a quem cabe a direção das diferentes dioceses – como também a escolha das universidades que eles devem frequentar. Tal escolha está diretamente vinculada à capacidade que determinados religiosos demonstram ter, como o apreço pela disciplina escolar, leituras, discussões em grupo e ainda certo carisma.

- a Université Catholique de Louvain (UCL), a Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), criada em 1952, o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), criado em 1955, e os movimentos católicos da Juventude (JEC e JUC). A articulação entre essas entidades e movimentos estava relacionada, no Concílio Vaticano II, à formação do episcopado e laicato latino-americano e constituía uma instância de formação do pensamento religioso católico alternativo à Gregoriana de Roma<sup>120</sup>.

### **3.1- A “infalibilidade” de Roma**

O circuito estritamente católico se configura a partir da passagem pelo Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma, que esteve ligado à formação dos estudos de Teologia e Filosofia, ambos obrigatórios na formação dos padres e religiosos reconhecidos e escolhidos pela alta hierarquia Católica. A criação do Pontifício Colégio Pio Brasileiro é fruto da adequação da Igreja Católica no Brasil às diretrizes do papado de Pio XI, “o papa das missões”; de acordo com a formação “intelectual-doutrinal, disciplina e formação ascético-espiritual”<sup>121</sup> do clero em todos os países do mundo, vê-se que tais características constituíam a estratégia principal para o rearmamento intelectual e político dessa instituição.

Criado sob a influência de Vladomiro Ledockowski, superior geral dos jesuítas, o Pontifício Colégio Pio Brasileiro serviu de oportunidade para que os religiosos da Companhia de Jesus pudessem reconquistar espaço diante das demais ordens religiosas reinstaladas no país desde o final do século XIX<sup>122</sup>. A passagem pelo PCPB acabou se constituindo na principal via de acesso

---

<sup>120</sup> Mesmo se a ênfase maior, neste trabalho, é a análise dessas duas redes, não deixei de levar em consideração aquelas mais específicas de cada ordem religiosa, como é o caso da ordem dominicana, que possui seminários e faculdades de filosofia no Canadá e na França, para onde foram encaminhados três filósofos da amostra.

<sup>121</sup> Mario Luis Cardoso da CRUZ, 1994, *Origens e fundação do Pontifício Colégio Pio Brasileiro (1927- 1934)*, Dissertação de Mestrado defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana, Faculdade de História Eclesiástica, Roma, p. 27.

<sup>122</sup> Ao contrário dos religiosos beneditinos, franciscanos, carmelitas e das agostinianas, refugiados da Alemanha e Holanda, que puderam reaver os seus conventos e bens desde o final século XIX, o governo brasileiro somente hospedou os jesuítas expulsos de Portugal pela revolução portuguesa em 1910. Pode-se dizer que tanto a criação da Faculdade de

às universidades eclesiásticas romanas, em especial, à Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), em Roma, responsável pela formação de toda a cúpula da alta hierarquia da Igreja Católica. Como se verifica nos anuários do Colégio, dos mil novecentos e nove (1909) religiosos brasileiros hospedados em Roma, cento e onze (111) tornaram-se bispos após a passagem pela Gregoriana, o que evidencia o lugar por ela ocupado entre as demais universidades eclesiásticas da cidade.

A análise das informações obtidas durante a pesquisa de campo sobre os ex-alunos do Colégio Pio Brasileiro permite ainda avaliar o peso da Gregoriana nos estudos desenvolvidos em Filosofia. Mais importante ainda: permite esclarecer os tipos de investimentos feitos pela Igreja nos últimos 77 anos em relação à formação intelectual de seu clero e a correlação entre o tipo de recrutamento, o tipo de estudo e a sua duração.

No que tange ao tipo de instituição para a realização do estudo universitário, a maioria dos alunos do Colégio Pio Brasileiro se dirige à PUG. Entretanto, quem determina a universidade a ser freqüentada é o bispo de onde o aluno foi recrutado. Tal escolha vinculase à capacidade que o seminarista demonstra em termos de disciplina escolar, leituras, discussões em grupo, além de certo carisma, pois os diferentes tipos de investimentos feitos pela instituição católica na formação de seu clero eram bem discriminados e relacionados com as possibilidades de retorno.

O depoimento do Pe. Ilson Montanari, que atualmente realiza estudos na Gregoriana e representa os alunos da PCPB na mesma universidade, é revelador desse tipo de investimento. Ele diz: “

*Eu sempre me mostrei interessado. Sempre participei das discussões junto aos meus superiores. Sempre gostei de ler e de participar da vida em comunidade. É importante gostar de viver em comunidade. E vir para Roma é poder viver esse encontro universal. Porque aqui você pode viver uma comunhão universal. (Entrevista com Pe. Ilson Montanari, realizada em 2005, cf. pesquisa de campo).*

---

São Bento, em 1909, quanto da Faculdade Sedes Sapienses, em 1933, fundada pelas irmãs agostinianas, resultam do conjunto de iniciativas adotadas pelas congregações religiosas que, com a institucionalização da escola republicana na Europa, lutavam para criar condições mínimas de sobrevivência material e política. Idem, Ibidem.

A disciplina dominante na Gregoriana é a teologia. Mas, Pe. Ilson Montanari, por exemplo, estuda filosofia. Dentre os 1909 indivíduos registrados na base de dados do Colégio, apenas 208 alunos fizeram estudos específicos em filosofia, o que indica que a filosofia, nesse universo, constitui um saber subordinado à teologia<sup>123</sup>.

### 3.2- *Louvain de todos os heterodoxos*

A passagem pela segunda rede, que privilegia a ida para Universidade Católica de Louvain, foi praticamente mobilizada por todo o grupo de antigos militantes católicos. Sendo mais antiga do que o PCPB, pois existe desde o início do século XX, boa parte do clero brasileiro se dirigia para lá a fim de completar seus estudos superiores<sup>124</sup>. Essa rede, durante os anos cinqüenta e sessenta, constituiu também a via de acesso para leigos e religiosos em exílio político. Ao contrário da rede do PCPB, a Universidade Católica de Louvain nunca esteve nas mãos de uma ordem religiosa.

Por outro lado, como ressalta Jan Roegiers, em seu artigo "Louvain et Rome: six siècles d'histoire"<sup>125</sup>, a UCL, diferentemente da maioria das universidades católicas espalhadas no mundo, sempre reservou boa parte de seu ensino às ciências naturais, e utilizou, como língua de transmissão do neo-tomismo, o francês e não o latim. Além disso, sempre contou com um corpo docente diversificado, no qual a presença de religiosos sempre foi repudiada, o que acarretou, muitas vezes, a não contratação deles.

---

<sup>123</sup> Para detalhes da análise estatística realizada a partir do conjunto de dados coletados na pesquisa empírica em Roma, junto ao colégio PCPB, consultar o Anexo 3, p. 170.

<sup>124</sup> Como observa Fernando Arruda Campos, em seu livro *Tomismo e neotomismo no Brasil*, até 1933 havia uma circulação regular de estudantes brasileiros, em sua maioria eclesiásticos, na Universidade Católica de Louvain, para realização de estudos na área de filosofia e teologia. Tal instituição esteve ligada à criação da primeira faculdade de filosofia no Brasil – a Faculdade Livre de Philosophia e Letras de São Paulo – em 1909, no mosteiro de São Bento. Ver Fernando Arruda CAMPOS, 1968, *Tomismo e neotomismo no Brasil*, São Paulo: Grijalbo; consultar também Eddy STOLZ, 1974, Les étudiants brésiliens en Belgique (1817-1914), *Revista de História*, pp. 592-653, e Salma Tannus MUCHAIL (Org.), 1992, *Um passado revisitado - 80 anos do curso de Filosofia da PUC-SP*, São Paulo: EDUC.

<sup>125</sup> Ignace Vandevivere JAN ROEGIERS, 2001, Louvain et Rome: six siècles d'histoire, in: *Leuven/ Louvain la neuve. Aller retour*, Louvain: Presses Universitaires de Louvain, pp. 65-76.



A passagem por Louvain na década de sessenta esteve também ligada ao interesse da Igreja Católica na formação do episcopado. Mas, ainda diferentemente do caso de Roma, esse interesse esteve relacionado à preocupação com a propagação dos ideais da Revolução Cubana. Em 1960, como resultado dos preparativos do Concílio Vaticano II, a Igreja lançou um programa de apoio, sem paralelo na história, para qualificar o clero e, em menor medida, o laicato da América Latina nas universidades européias. O programa foi lançado primeiramente em Roma, depois na Bélgica (Universidade Católica de Louvain) e na França (Institut Catholique de Paris e Centre Economie e Humanisme, fundado pelo Pe. Lebreton).

Dois anos depois, o Colégio Pró-América Latina de Louvain passou a oferecer um curso de treinamento para candidatos leigos e religiosos interessados nas pastorais a serem criadas em países do cone sul. O curso compreendia o ensino de português e espanhol, além de disciplinas sobre cultura, economia e pastoral.

Com esse propósito, o Colégio passou a conceder bolsas de estudos a seminaristas a serem formados na Bélgica<sup>126</sup>. Michel Schooyans e Joseph Comblin – este último um difusor da Teologia da Libertação no Brasil e no Chile – chegaram ao Brasil com a incumbência de eleger seminaristas e estudantes, para estudos em Louvain. Uma vez no país, desenvolveram atividades docentes na PUC-Campinas e na PUC-SP.

Dentre as atividades culturais oferecidas aos estudantes estrangeiros na Universidade Católica de Louvain, muitas das conferências do Cercle International des Etudiants Etrangers (CIEE) eram dedicadas ao tema Europe et Tiers Monde, nas quais a América Latina recebia atenção especial, como, por exemplo, na conferência intitulada “Que s'est-il passé en Amérique Latine?”. São muito sugestivos também os títulos das seguintes conferências: “Les armées Latino-Américaines et la politique”, “La paix et la misère du Tiers Monde”, “Structures Sociales de l'Amérique Latine”, “La réalité à Cuba, espoir et réalité”, “L'idée du développement” e “Amérique Latine, évolution ou révolution”<sup>127</sup>.

---

<sup>126</sup> Oscar BEOZZO, 1995, *A igreja no Brasil, de João XXIII a João Paulo II de Medellín a Santo Domingo*, 2ª ed., Petrópolis: Vozes.

<sup>127</sup> Além das conferências, o CIEE também oferecia cursos de formação política aos estudantes, divulgados por meio do seu boletim de informação. Em 1971, foi oferecido um programa geral de formação política, no qual as leituras das obras de Marx, Engels e Mao Tsé-toung, constituíam a principal referência. Dados coletados em pesquisa de campo nos Arquivos da Université Catholique de Louvain realizada em maio de 2005.



Assim, enquanto a PUG ficou associada à ala mais conservadora da igreja – em termos ideológicos –, a UCL ficou conhecida como uma instituição progressista e responsável pelo florescimento dos movimentos em prol de uma “igreja dos pobres” em toda a América Latina<sup>128</sup>.

**Quadro nº 8 - Histórico do Institut Supérieur de Philosophie (ISP- UCL) e da Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG)**

A UCL foi criada em 1425, pela classe dirigente belga, políticos e bispos da Arquidiocese de Malines. Roma não exercia poder de decisão sobre a Universidade, como fazia nos seminários e em instituições de ensino de outras localidades (LEGER-HERVIEU, 2001). O modo encontrado por Roma para exercer sua autoridade na Universidade foi através da criação do Instituto Superior de Filosofia, que veio a se tornar um dos principais centros de divulgação do neotomismo na Europa, durante todo o século XX. Ainda que os mentores da UCL tenham sido levados a concordar com a criação do Instituto, a sua implantação foi marcada por conflitos com a autoridade romana, considerando que Roma desejava fazer do Instituto um centro semelhante ao da Pontifícia Universidade Gregoriana, onde a leitura da obra de Santo Tomás de Aquino estava vinculada apenas à repetição das cem teses tomistas. No entanto, a proposta dos mentores da Universidade de estudar o tomismo vinculado às questões e descobertas das ciências naturais prevaleceu. Essa conquista só foi possível graças a indicação de Desiré Mercier, jovem professor formado no seminário Malines, lugar comum de formação do Papa Leão XIII e dos idealizadores da UCL. Para alcançar os objetivos do Instituto, Desiré Mercier adotou o francês como língua utilizada nos cursos de filosofia, e não o latim, como na Gregoriana. Por outro lado, convidou professores de ciências naturais, bem como o psiquiatra Charcot, que ministrou cursos de neurologia (AUBERT, 1990, pp. 146-167). O público universitário, embora majoritariamente religioso, freqüentava os cursos de direito e medicina da Universidade e cultivavam conhecimentos muitas vezes não ligados à fé católica, contrariamente ao que acontecia na PUG, onde todo o corpo discente era religioso, destacando-se os jesuítas. As diferenças entre essas duas universidades com relação aos seus objetivos e modos de funcionamento, levaram Desiré Mercier a reivindicar para o ISP o estatuto de instituição de pesquisa (LADRIERE, 1990, pp.169-213; TAMBUYSER, 1958, pp. 479-509). Esse estatuto permitiu a Leon Noel, lógico e autor de uma tese sobre estudos dos princípios matemáticos de Russel, enquanto presidente do Instituto nos anos vinte, substituir o título da revista *La Revue Neo-thomiste*, publicada pela UCL, para *Revue Philosophique de Louvain*, para marcar o distanciamento entre filosofia e teologia.

Servindo de abrigo político para ex-militantes de esquerda católica, dando-lhes oportunidade de realizar estudos de pós-graduação em filosofia, a Universidade Católica de Louvain sempre contou com ajuda privada e pública para a manutenção de bolsas de estudos, ao contrário do que ocorre ainda hoje com os alunos do PCBP, cujo financiamento sempre esteve ligado à diocese de origem dos religiosos e seminaristas.

A ajuda concedida pela UCL, sobretudo a partir de 1962, por iniciativa de um casal de militantes católicos, Senhor e Senhora Morren-Speth, fundadores, em 1947, do Mouvement

---

<sup>128</sup> Marinette MORMONT, 2002, *L'UCL, lieu de transit des conceptions chrétiennes du développement, l'exemple du Chili*, in: *La vie étudiante à Louvain 1425- 2000*, Belgique: Archives de l'Université Catholique de Louvain.

Internacional des Intellectuels Catholiques (MIIC), contou praticamente com toda a fortuna pessoal do casal. Entre as exigências para a concessão de bolsas estava a descrição do itinerário dos candidatos, como afirma Guy Bajoit: "*Les étudiants devaient prouver qu'ils étaient des bons catholiques, qu'ils avaient fait de bonnes choses en tant que catholiques*" (Entrevista com Guy Bajoit, realizada em 2005, cf. pesquisa de campo). Guy Bajoit ressalta, ainda, o fato de o Brasil, em 1967, ser considerado país prioritário no recebimento de bolsas de estudos<sup>129</sup>.

Antônio Muniz de Rezende, um dos criadores do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Educação na Unicamp, realizou seus estudos na Universidade de Louvain, graças a esse tipo de bolsa de estudo.

*Nós estávamos em efervescência em Belo Horizonte e eu acabei sendo indiciado e tive que viajar. Bom, José de Anchieta estava em Louvain. Eu escrevi a ele porque sabia que Louvain nesse momento estava muito receptiva, muito acolhedora para os brasileiros que tinham dificuldades de ordem política aqui no Brasil. Na verdade, havia um acordo entre as instâncias eclesiais. Então, eu, por exemplo, de início obtive uma bolsa pela CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). Viajei para Louvain com o apoio dessa instituição religiosa. Lá, obtive uma bolsa da própria universidade. Essa bolsa eu consegui com Mme Morren. Ela fornecia bolsas de estudos. Era um casal muito rico e que nunca teve filhos. Eles eram envolvidos com as atividades sociais da Universidade. Então eles davam bolsas para estudantes estrangeiros. (Entrevista com Antônio Muniz de Rezende, realizada em 2003, cf. pesquisa de campo).*

---

<sup>129</sup> Ver Guy BAJOIT, 2002, Les bourses de la coopération au développement, in: *Portrait d'un couple: Hélène et Lucien Morren-Speth*, Belgique: Archives de l'Université Catholique de Louvain. No que concerne ao aumento de estudantes do Brasil em Louvain, foi possível localizar, por meio de uma lista concedida pela secretaria geral da Universidade, 455 estudantes brasileiros para o período de 1960 a 1980. Esses dados, no entanto, não permitem elaborar uma evolução da quantidade de estudantes em todos os anos letivos. Por isso, trabalhou-se com dados dispersos encontrados graças a uma pesquisa nos arquivos e anuários da Universidade Católica de Louvain. A partir das informações disponíveis, observa-se que, no ano letivo de 1958-59, apenas 5 estudantes brasileiros estavam na UCL, dentre eles, 3 religiosos. No ano letivo seguinte, 1959-1960, este número passa para 8, entre os quais 5 religiosos. No ano letivo 1962-63, observou-se um aumento considerável: 22 estudantes e, no ano seguinte, 25 (apenas 3 religiosos). A consulta aos arquivos da universidade, em particular aos dados fornecidos nos anuários da CIEE, associação que promovia prestação de serviços aos estudantes (moradia, seguro saúde, restaurante universitário), além de atividades culturais (bailes, cinemas, seminários e conferências), aponta os anos letivos de 1967-68 e 1969-70 como os mais significativos, porque dos 455 estudantes brasileiros, pelo menos 230 chegaram à Universidade nesse período, considerada a época de maior repressão política no Brasil.

**Quadro n° 9 - Breve histórico da participação do Casal Morren-Speth em movimentos ligados a Igreja Católica.**

Helene Morren, oriunda de uma família protestante "très liberale", casou com Lucien Morren, de uma família católica, formado em Engenharia de Construção Civil, em Gand, em 1934. A entrada desse casal na UCL se deu após a segunda guerra mundial, a convite do reitor da Universidade. Em 1945, o casal tornou-se responsável pelas reuniões dos "Auxiliaires Laïques des Missions", fundando um comitê Belga, *Documentation Belge pour l'Orient* (CBDRO), e membros ativos da constituição do Mouvement International des Intellectuels Catholiques (MICC), criada em 1947. Em 1962, o casal Morren fez uma viagem a Montevideu, seguida de outra para Buenos Aires, para participar da Conferência das Organizações Internacionais Católicas. Nessa ocasião, o casal percorreu 12 países diferentes na América Latina, entre eles o Brasil, visitando Oscar Beozzo (padre e historiador da Igreja), Rui Dantas (professor de Filosofia na UFPB), Roberto Machado (professor de filosofia na UFRJ), Antônio Muniz de Rezende (ex-dominicano e militante católico) e Pe. Gregory (bispo do Maranhão e ex-presidente do Centro de Estatísticas Religiosa e Investigações Sociais (CERIS)). A casa Saint Jean, moradia dos estudantes estrangeiros na UCL, fundada em 1956, foi financiada pelo casal, mas somente a partir dos anos sessenta é que os latino-americanos aí chegaram em massa. A política de financiamento de bolsas de estudos aconteceu a partir de 1962, com 4 das 5 bolsas por ano se destinando a estudantes de países do terceiro mundo, sobretudo oriundos da América Latina. Mme Morren chegou a ocupar uma sala no serviço de administração da UCL, para tratar os dossiês de pedidos de bolsas <sup>130</sup>.

O depoimento de Guido Antônio de Almeida, professor de filosofia da UFRJ e mentor da ANPOF, mostra que ele chegou ao cargo de pesquisador-visitante dos Arquivos Husserl, localizado na Universidade Catholique de Louvain, mobilizando sua rede de militância política. Ele chegou a essa Universidade com carta do Dom Paulo Evaristo Arns (franciscano) a Van Breda, também franciscano e responsável pelos Arquivos.

*Em 69 eu fui cassado [...] Costa e Silva cassou todo mundo. Eu terminei meu doutorado (na Alemanha) e não tinha onde trabalhar [...] Louvain era um dos centros de fenomenologia [...] eu tinha feito uma tese e publiquei um artigo sobre fenomenologia de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, a tese foi bem aceita e como eu tinha problema, ele (Dom Paulo Evaristo Arns) me apresentou ao Van Breda (diretor dos Arquivos Husserl) [...] ele (Dom Paulo Evaristo Arns) tinha sido colega de Van Breda em Paris. (Entrevista com Guido Antônio de Almeida, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

<sup>130</sup> Os dados recolhidos sobre o casal que financiou bolsas de estudos, entre 1962 e 1980, para latino-americanos e para países considerados "em via de desenvolvimento", foram encontrados num livro publicado pela UCL, em homenagem aos 65 anos de casamento do casal. O livro é um conjunto de depoimentos de antigos estudantes beneficiados pelas bolsas ou que, simplesmente, moraram na Maison Saint Jean, e por professores que participaram de grupos de estudos enquanto membros do MICC. A Maison Saint Jean serviu durante mais de trinta anos como espaço de moradia, mas também de reuniões, jantares e almoços entre os membros do MICC e pessoas ligadas ao movimento ecumênico (entre os participantes, encontrei o nome do professor Jean Ladrière, responsável pela orientação de quase 30 doutorados de brasileiros em filosofia). É, sobretudo, a partir de 1962, que o casal decide financiar bolsas de estudo para estudantes oriundos de países da América Latina. Da nossa população (17 entrevistados), apenas um morou na Maison Saint Jean. Porém, na consulta dos agradecimentos das teses se percebe que, pelo menos, 3 estudantes foram beneficiados pelas bolsas de estudo concedidas através do casal Morren.

#### ***4- Efeitos da circulação internacional***

Analizadas as redes mobilizadas para o exterior, o efeito mais marcante observado após o retorno ao Brasil é a tendência ao desenvolvimento de carreiras a partir do local onde foram realizados os estudos no exterior. Os professores que só freqüentaram o PCPB de Roma desenvolveram suas carreiras apenas em instituições confessionais, como as PUC's e as pequenas faculdades católicas. Já aqueles que circularam por Louvain, vincularam-se tanto a instituições religiosas, quanto a instituições públicas. O mesmo pode ser observado em relação à produção filosófica dos entrevistados: os que estudaram apenas em universidades eclesiásticas em Roma, como é o caso da maioria dos professores que foi para a PUG dos jesuítas, tenderam a desenvolver estudos em áreas de autores tradicionais da filosofia grega (como Platão e Aristóteles). Isso tem correspondência direta com a prática filosófica e religiosa desenvolvida nessa universidade, considerada, no conjunto das demais instituições romanas, a representante da ortodoxia acadêmica.

Diferentemente dos professores que estudaram na PUG, aqueles que se diplomaram ou mesmo só passaram pela UCL – em especial pelo Instituto Superior de Filosofia, para o qual se dirigiram 11 dos 17 entrevistados – estabeleceram diálogo com filósofos franceses contemporâneos, como Merleau-Ponty, Paul Ricoeur e Emmanuel Levinas. Além disso, a passagem por Louvain pode justificar a pluralidade de temas e áreas de pesquisa que vieram a ser desenvolvidas. Realizando estudos que vão da fenomenologia até a lógica, passando pelas reflexões sobre educação, esses professores vêm contribuindo para a diversidade do debate sobre a filosofia no Brasil.

O depoimento de Olinto Pegoraro revela o tipo de filosofia praticada em Louvain, quando ele a compara com a formação recebida em Roma, onde fez uma monografia em latim sobre o tema da verdade na filosofia escolástica de Santo Tomás de Aquino e de autores de inspiração cristã – “Verdade em Tomás de Aquino e Kierkegaard” –, defendida em 1963. Louvain, no entanto, representou para ele a possibilidade de conceber uma outra maneira de fazer filosofia, levando-o a defender uma tese de doutorado sobre a

fenomenologia de Heidegger, autor que descobriu por meio do comentário de Alphonso De Waelhens <sup>131</sup>.

*Eu fui formado da forma mais conservadora do mundo. Eu estava na PUC-RIO, dando aula de filosofia contemporânea, me iniciando em estudo em Heidegger, do qual caiu o comentário do professor De Waelhens. Eu fui formado em filosofia escolástica e grega e aí eu conheci uma outra maneira de conhecer a filosofia [...] e também Louvain sempre foi a melhor referência para América Latina, pois nós éramos terceiro mundo lascado [...] Eu optei para Louvain, porque era uma grande universidade no mundo, por exemplo, na economia, tinha econometria e só a ditadura mandou dezenas estudarem economia. No setor da filosofia, tinha o ISF de filosofia, que no setor dele era a fenomenologia e então era opção muito importante chegar lá. (Entrevista com Olinto Pegoraro, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

O mesmo se pode observar em relação à formação filosófica que recebeu Antônio Joaquim Severino, que havia sido um dos recrutados pelo Pe. Michel Shooys quando estudava no Seminário Diocesano de Campinas. Longe dos movimentos políticos da época e preso por uma formação eclesial em latim medieval, Antônio Joaquim Severino relata sua surpresa e dificuldade ao ter contato, pela primeira vez em sua vida, com áreas de interesses distintos da filosofia de Santo Tomás de Aquino. A leitura de Emmanuel Mounier,

---

<sup>131</sup> De nacionalidade belga, Alphonso De Waelhens é considerado um dos representantes mais marcantes do movimento fenomenológico, graças à tradução de importantes comentários da obra de Heidegger e Merleau Ponty. A partir dos anos sessenta, De Waelhens voltou-se para a psicanálise e psiquiatria, refletindo sobre o fenômeno da psicose e realizando inúmeras experiências e observações em hospitais na Bélgica. Antônio Muniz de Rezende que, sob orientação de De Waelhens, iniciou seus estudos sobre o dogmatismo em Merleau Ponty, acabando por defender uma tese sobre a o dogmatismo científico na psicologia, afirma: “Quando eu fui pra lá (Louvain), eu fui com a intenção de fazer um doutorado em filosofia. Mas eu queria ao mesmo tempo fazer uma reflexão sobre o que eu chamei, na época, o dogmatismo. A começar pelo dogmatismo da Escola Superior de Guerra, que predominava aqui no Brasil. Bom, mas o contexto não era só esse, eram os diversos dogmatismos [...] dogmatismo em política, dogmatismo em moral, em religião, o contexto era depois do concílio. Bom, então eu cheguei e fui fazer uma entrevista com o coordenador que me encaminhou para o professor Alphonso De Waelhens [...] ele se tornou conhecido ao mesmo tempo como estudioso da fenomenologia alemã, do Husserl, e da fenomenologia francesa, do Merleau Ponty. Então o professor se tornou uma autoridade [...] ele foi o primeiro tradutor do Husserl para o francês e também quem escreveu um volume importante sobre a fenomenologia de Merleau Ponty, com o título “Uma fenomenologia da ambigüidade”. Eu fui conversar com o professor De Waelhens e expliquei a ele que estava interessado no dogmatismo. Ele me disse para eu pegar um autor apenas, e eu escolhi Merleau Ponty. Li toda a obra do Merleau Ponty e de novo o leque se abriu. E fui falar com o professor De Waelhens que acabou me convencendo a trabalhar sobre o dogmatismo científico em psicologia”. (Entrevista com Antônio Muniz de Rezende, realizada em 2003, cf. pesquisa de campo).



autor a quem consagra parte de sua produção intelectual (e que se estende até os dias de hoje), foi iniciada no seu segundo ano do curso de ética – ministrado por religiosos envolvidos no movimento político da época, o personalismo de Mounier.

*Fomos fazer filosofia no Instituto Superior de filosofia, aquela altura, década de 60, a orientação hegemônica era a fenomenologia, mas era uma escola de tradição escolástica. Mas o Cardeal Mercier, já era falecido, ele fez uma reforma na universidade, ele propôs que a filosofia se abrisse às ciências modernas [...] nós tínhamos obrigação de cursar duas ciências naturais e duas ciências humanas, isso além das disciplinas filosóficas. Então, eu optei por física e biologia. Eu sofri demais no primeiro dia de laboratório, o ângulo delta e o coseno, minha formação era muito fraca [...] me apeguei aos colegas belgas e consegui superar [...] lá, você vai fazer a disciplina no instituto de biologia, em compensação os alunos vem no meu instituto fazer ética e antropologia [...] Aqui, no Brasil, é o contrário [...] lá, há uma circulação. Não tem uma disciplina que tivesse menos de 100 alunos na sala. As aulas todas eram grandes conferências, em auditórios e todo mundo junto, não há o menor controle de frequência. Só tem um exame oral no final, que você tem que marcar com o professor. Eu fiz aula de biologia, e fiz, por conta própria, genética e sociologia e ciências políticas [...] Na filosofia, foram muitos bons professores, o Jacques Taminiaux, em moral tive Jacques Etienne e, no segundo ano de ética, eu descobri o personalismo de Mounier, que eu nunca tinha ouvido falar [...] porque quando eu saí do Brasil, no seminário de Campinas, a gente mal ouvia falar do Marx. (Entrevista com Antônio Joaquim Severino, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Antônio Muniz de Rezende, na introdução de sua tese de doutorado defendida em Louvain em 1974 – “Le structuralisme de Merleau-Ponty: La structure du comportement, une critique du dogmatisme scientifique em psychologie”- lembra o quanto foi difícil se afastar de um pensamento “nourrie aux sources aristoteliciennes et thomistes”, que ele havia aprofundado nos seus estudos de teologia em Roma. Mesmo assim, ressalta que, sem o mergulho nas obras de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, não poderia ter compreendido a obra de Merleau-Ponty<sup>132</sup>.

Embora o tom fenomenológico pareça ter sido aquele que se impôs no Instituto Superior de Filosofia durante a década dos anos sessenta, os estudos de lógica e filosofia da

---

<sup>132</sup> Consulta da tese de Antônio Muniz de Rezende, na biblioteca do Instituto Superior de Filosofia da UCL, onde realizou seu doutorado.

ciência foram marcas importantes para muitos da minha amostra<sup>133</sup>. Raul Landim Filho, ao chegar em Louvain (em 1967) e entrar em contato com os estudos de lógica, abandona seu projeto inicial de fazer sua pós-graduação em filosofia sobre o neotomista Joseph Maréchal. O contato com as aulas de filosofia das ciências ministrada por Jean Ladrière, e com os estudos de lógica combinatória de Joseph Dopp<sup>134</sup> – lógico responsável pelo desenvolvimento dos estudos sobre positivismo lógico e lógica formal – levou Raul Landim Filho a consagrar sua tese à lógica combinatória<sup>135</sup>, além de experimentar a leitura de autores, como Wittgenstein e Carnap, que o permitiu elaborar inúmeros trabalhos na área de filosofia analítica quando de volta ao Brasil.

*Louvain era considerada uma universidade neotomista e ela se opunha à universidade gregoriana, que era uma universidade estritamente tomista, de renome, mas estritamente tomista. Louvain, ao contrário, era uma universidade com um diálogo, do ponto de vista cristão tomista, mas com um diálogo com a filosofia moderna [...] e eu tinha estudado em Friburgo, com o filósofo chamado Marechal que fazia uma grande história da teoria do conhecimento. Era um confronto entre Santo Tomás Aquino e Kant, e ele era de Louvain, não da universidade, mas dos jesuítas de Louvain [...] e tinha os arquivos dele todos em Louvain. Então, seja por formação, por influência desse meio, seja por esse autor Marechal que eu tinha estudado, eu fui para Louvain, já com uma tese que eu tinha elaborado aqui, com um tema de tese fixo [...] que seria sobre a chamada crítica transcendental. O título era "Crítica transcendental e crítica metafísica do objeto". Era uma oposição entre as maneiras clássicas de fazer teoria do conhecimento, no sentido tomista e kantiana. Mas, quando eu cheguei lá, quer dizer, quando eu fui*

<sup>133</sup> A pesquisa efetuada nas revistas do Instituto de Filosofia da UCL, na sessão Congrès Philosophiques, revela o interesse dos filósofos do departamento pelos estudos de lógica e filosofia da ciência. Encontrei chamadas para os colóquios de lógica e comentários dos docentes sobre esses eventos. Foram realizados 4 colóquios, a saber: Le Colloque International de Logique, em 1958; Démonstration, Vérification, Justification, em 1961; Logique et Philosophie, em 1968; e Logique et Analyse, em 1975. Além dos colóquios, todos sediados em Louvain, pude perceber que o interesse pela área contava também com grupos de estudos sobre temas de lógica, como me relatou Jean Ladrière em entrevista concedida em maio de 2005.

<sup>134</sup> Nomeado professor da UCL e membro do Conselho do ISP, e ligado à Faculté de Philosophie et Lettres, Joseph Dopp foi nomeado professor emérito na cadeira de lógica. Ao mesmo tempo, assumiu os cursos de Leon Noel sobre "Explication de textes philosophiques des temps modernes". A partir de 1943, é criado, no ISP, um novo curso consagrado à filosofia contemporânea, destinado a completar o ciclo de cursos de história da filosofia. Joseph Dopp ensinava essa disciplina em francês e De Waelhens, em neerlandês. Joseph Dopp ocupou-se, igualmente, do positivismo lógico e das correntes anglo-saxônicas, enquanto De Waelhens da disciplina da filosofia da existência e da fenomenologia. Joseph Dopp, substituiu, em 1960, Robert Feys nos cursos e seminários de lógica formal no ISP, e assumiu a disciplina Noções de filosofia (lógica) nos cursos de matemática e física da UCL. Enfim, a partir de 1969 e durante três anos, Joseph Dopp ficou encarregado do curso "Elements d'analyse du langage". Entre suas publicações mais conhecidas estão: *Leçons de logique formelle*, de 1960; *Logiques construites par une méthode de déduction naturelle*, de 1962; *Notions de logique formelle*, de 1965; *Noções de lógica formal*, de 1970. Ver Jean LADRIÈRE, 1990, Cent ans de philosophie à l'Institut Supérieur de Philosophie, *Revue Philosophique de Louvain*, mai., pp. 169-213.

<sup>135</sup> Tese defendida em 1974, intitulada Complétude et Décidabilité de quelques systèmes de logiques du temps, sob a orientação de Joseph Dopp.



*fazer isso, eu acabei mudando [...] eu cheguei e comecei a estudar lógica e fui estudando a filosofia analítica, que eu conheci lá e aqui eu não conhecia, então mudei completamente o rumo de tudo [...] Eu fui fazer outra coisa [...] os cursos de Jean Ladrière sobre lógica e sobre a filosofia da lógica, as teses kantianas sobre a natureza e os limites do discurso filosófico [...] a questão sobre a objetividade do conhecimento e do conhecimento filosófico despertaram o meu interesse sobre as teses de Wittgenstein e Carnap. (Entrevista com Raul Landim Filho, realizada em 2002, cf. pesquisa de campo).*

Por outro lado, o interesse do filósofo Balthazar Barbosa Filho pela filosofia analítica foi despertado pelos livros de Bertrand Russel, lidos logo após a sua chegada em Louvain, ainda que o seu projeto inicial fosse um estudo sobre o conceito de substância em Santo Tomás de Aquino, Leibniz e Hegel. As aulas de filosofia da linguagem ministradas por Jean Ladrière, seu orientador e de quem mais tarde foi assistente, levaram-no rapidamente para a leitura da obra de Frege e do primeiro Wittgenstein, a quem consagrou sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado, esta última intitulada *Sur la Notion de Signification dans les Investigations Philosophiques de Wittgenstein*. A pergunta “Qual o sentido de uma palavra?”, princípio da sua tese sobre Wittgenstein, serviu de base para as aulas que ministrou aos primeiros estudantes de lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE), ainda na década de setenta.

O quadro nº 10, a seguir, correlaciona os estudos realizados no exterior e os investimentos filosóficos e acadêmicos no Brasil. Pode-se observar que os filósofos que tiveram uma formação inicial no seminário diocesano, como Antônio Joquiam Severino e Newton Aquiles Von Zuben, após o regressarem de Louvain investiram na área de filosofia da educação e contribuíram para a criação da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação (ANPED). Aqueles que freqüentaram estudos em seminários de ordem religiosa – em especial nas ordens jesuíta e dominicana – se impuseram na materialização dos debates filosóficos com a criação de associações e revistas especializadas na área.

**Quadro n° 10- Relação entre os estudos desenvolvidos em Louvain (ISP) e a atuação filosófica e acadêmica no Brasil**

| Nome                        | Título de tese e área                                                                                                                                | Linhas de pesquisa no Brasil             | Vínculo institucional | Participação na criação de associações e revistas filosóficas                |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|-----------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| Raul Landim Filho           | - Complétude et Décidabilité de quelques Systèmes de Logique du Temps<br>- área: Lógica                                                              | -Filosofia analítica e da linguagem      | - UFRJ                | - Seminário de Filosofia da Linguagem<br>- SEAF/ANPOF<br>- Revista Analytica |
| Guido Antônio de Almeida    | - Form und Inhalt in der genetischen Phänomenologie Edmund Husserls.<br>- área: Fenomenologia *                                                      | -Filosofia analítica e da linguagem      | - UFRJ                | - Seminário de Filosofia da Linguagem<br>- Revista Analytica<br>SEAF/ANPOF   |
| Balthazar Barbosa Filho     | - Sur la notion de signification dans les Investigations Philosophiques de Wittgenstein<br>- área: Filosofia da Ciência e Lógica                     | -Filosofia analítica e da linguagem      | - UFRGS               | - Revista Analytica                                                          |
| Olinto Pegoraro             | - Imagination et temps chez Heidegger<br>- área: Metafísica.                                                                                         | - Bioética<br>- Ética                    | - UERJ                | - SEAF/ANPOF<br>- Seminários e grupos de estudo em Bioética                  |
| José de Anchieta Corrêa     | - L'évolution de la Notion de Corps a la Notion de chair chez Maurice Merleau Ponty<br>- área: Fenomenologia                                         | - Bioética<br>- Ética                    | - UFMG                | -SEAF/ANPOF                                                                  |
| Antônio Muniz de Rezende    | - Le Structuralisme de Merleau Ponty: la structure du comportement: une critique du dogmatisme scientifique en psychologie<br>- área: Fenomenologia  | - Filosofia da educação<br>- Psicanálise | - UNICAMP             | - SEAF<br>- ANPED                                                            |
| Newton Aquiles Von Zuben    | Le dialogue comme fondement ontologique de l'existence humaine d'après Martin Buber<br>área: Ética.                                                  | - Filosofia da Educação<br>- Ética       | - UNICAMP             | - ANPED                                                                      |
| Joaquim Antônio Severino    | - La critique de la notion de démocratie chez Emmanuel Mounier.<br>- área: Ética                                                                     | - Filosofia da educação<br>- Ética       | - USP                 | - ANPED                                                                      |
| José Walter Evangelista     | - Dialectique et Scientificité D'après Althusser<br>- área : Marxismo                                                                                | - Marxismo<br>- Ética<br>- Psicanálise.  | - UFMG                | - SEAF/ANPOF                                                                 |
| Sebastião Trogo             | - Autrui : promesse de me fonder (un regard sartrien sur la Grande Sertão Veredas)<br>- área : Literatura                                            | - Filosofia política<br>- Ética          | - UFMG                | -SEAF/ ANPOF                                                                 |
| Hugo César da Silva Tavares | - La synthese passive chez E. Husserl et le prepersonnel chez Merleau-Ponty. Une approche phenomenologique de l'inconscient<br>- área: fenomenologia | - Psicanálise<br>- Fenomenologia         | - PUC-MG              | - SEAF/ ANPOF                                                                |

- A tese foi defendida na Alemanha em 1970, porém foi em Louvain que ele iniciou seus estudos em filosofia analítica.

## 5 - *Emancipação da autoridade eclesiástica e diversificação do campo filosófico*

Se a passagem pelo exterior foi fundamental para o exercício da filosofia no Brasil, é preciso considerar que o uso do conjunto de saberes adquiridos no exterior esteve condicionado à reorganização do sistema universitário brasileiro na década de 1970, que forçou a criação de programas de pós-graduação em filosofia no Brasil. No mesmo plano, podem ser mencionadas as agências governamentais de fomento à pesquisa (CAPES, CNPq e Fapesp), que, impulsionadas pela reorganização do sistema universitário, promoveram as condições institucionais e culturais para a criação de novos modelos do fazer filosófico.

A criação desses novos modelos, no entanto, não se deu de forma direta e imediata. De fato, a adequação do conjunto de saberes práticos e teóricos apreendidos no exterior ao novo sistema universitário brasileiro foi marcada por inúmeras alianças e conflitos, situações vividas de forma dolorosa por muitos dos filósofos.

O que se verificou é que o exercício da filosofia para uma parte dos entrevistados não foi resultado de uma simples importação do saber adquirido junto a grupos de pesquisa internacionais. Chegando aos departamentos de filosofia das universidades, muitos dos filósofos de origem católica depararam com a resistência apresentada por intelectuais atrelados a um trabalho político assentado na tônica marxista, e que não concebiam o exercício filosófico como um trabalho desvinculado de uma prática política.

Diante desse impasse, os *filósofos de origem católica*, não mais interessados em ver a filosofia como instrumento político, aliaram-se a filósofos que desejavam preservar a autonomia da filosofia face a grupos políticos ligados ou não à igreja, como foi o caso de Oswaldo Porchat, fundador do CLE, em 1977, após o seu retorno da Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos da América, onde esteve de 1969 a 1970.

O CLE foi a primeira tentativa sistemática e de envergadura para introduzir a filosofia analítica no Brasil, que, devido à sua natureza técnica e cunho científico, permitiu que a

filosofia viesse a ser tratada como disciplina autônoma<sup>136</sup>. Afastando-se do Departamento de Filosofia da USP, cujos professores, a partir da década de setenta, assumiram para si a responsabilidade de realizar trabalhos de orientação e de pesquisa sobre a realidade brasileira<sup>137</sup>, Oswaldo Porchat, com a criação da UNICAMP durante o governo militar, teve a oportunidade de aí criar o Centro de Lógica, Epistemologia e História das Ciências (CLE). Na formação desse Centro, Oswaldo Porchat contou com a colaboração de José Arthur Giannotti, do CEBRAP, de recém-formados da USP, como Ricardo Terra e Luiz Henrique Lopes dos Santos, além de professores formados na UFMG, UFRGS e UFMG.

*Com um número insuficiente de lógicos, epistemólogos, filósofos e historiadores da ciência, para que o objetivo fosse alcançado, Porchat levou para o CLE/UNICAMP historiadores da filosofia que não estavam comprometidos com os padrões próprios da filosofia analítica. Mas conseguiram fundar um centro de referência nacional para questões de epistemologia, filosofia da ciência e filosofia analítica. (Foi) o que permitiu estabelecer redes de discussão e de debate acerca do campo analítico que, mesmo funcionando de maneira precária, permanecem até hoje<sup>138</sup>.*

Nesse Centro, a lógica e a filosofia da linguagem substituíram a história da filosofia como objeto de estudo. Foi, no dizer de Arley Moreno, especialista em Wittgenstein, “uma

---

<sup>136</sup> Tal posição retomava parte da linha de pesquisa de seu departamento de origem, Departamento da Filosofia da USP, instaurado por Granger, na medida em que reunia pesquisadores oriundos de várias ciências naturais com vistas a um trabalho conjunto em que a filosofia tinha papel central na discussão de problemas de fundamentação de disciplinas como a física, a matemática e a lógica. A realização de tal projeto, no entanto, não se daria mais na FFLCH, que a partir de 1969 esteve nas mãos de Gilda de Mello e Souza, Marilena Chauf e Maria Sylvia de Carvalho Franco, e cuja preocupação, como observa Marcos Nobre, foi tomar para Filosofia os objetos de estudos das Ciências Sociais. Ver Marcos NOBRE, 1999, op. cit., pp. 144- 145.

<sup>137</sup> Tanto Gilda de Mello e Souza quanto Marilena Chauf e Sylvia de Carvalho Franco dirigiram o Departamento de Filosofia no período em que parte dos antigos professores responsáveis pela produção filosófica na FFLCH foi impedida de continuar em seus cargos, devido ao processo de cassação política que sofreram em 1968. Nesse período, Marilena Chauf se tornou professora do Departamento, em 1967. Em 1970, defendeu sua tese sobre Espinosa, autor a quem dedicou também sua livre-docência, apresentada em 1977. Maria Sylvia de Carvalho Franco, anteriormente professora do então Departamento de Ciências Sociais da USP, transferiu-se para o Departamento de Filosofia em 1968 por causa das divergências teóricas e políticas com seus pares da Sociologia. Além dos serviços prestados na resistência à ditadura e na manutenção do ambiente intelectual necessário à reflexão, Marilena Chauf e Maria Sylvia de Carvalho Franco tentaram dar continuidade à tradição do “consórcio das ciências humanas”, mantendo o vínculo da filosofia com os estudos sociais empíricos, como fizera alguns anos antes José Arthur Giannotti, através do seminário Marx. No entanto, como destaca Marcos Nobre, “por meio de uma política de compensação, a vanguarda das ciências sociais estava extremamente fragilizada, e a filosofia da USP, por sua vez, não apenas tomava a iniciativa nesse modelo conjunto de produção de conhecimento, como passava a assumir, além das suas funções habituais, as funções tradicionais das ciências sociais”. Ver Marcos NOBRE, 1999, op. cit., pp.145-147.

<sup>138</sup> Idem, ibidem.

*espécie de Círculo de Viena dentro do qual a filosofia trabalharia no combate à metafísica com a ajuda das ciências e dos estudos da lógica*<sup>139</sup>.

O CLE, como sugere Guido Antônio de Almeida em seu depoimento, tornou-se um espaço possível para a aplicação do conteúdo adquirido no exterior. Foi graças à experiência que obteve junto ao CLE, do qual participou como pesquisador e colaborador, que ele pôde, além de pensar a criação de uma associação profissional em filosofia (ANPOF), implantar um Programa de Pós-graduação em Lógica e Filosofia da Linguagem na UFRJ, em 2005. Ele destaca, entretanto, o quanto foi difícil a tarefa de se impor como filósofo, a partir da nova posição intelectual desenvolvida na Europa.

*Quando eu voltei, foi muito difícil, pois não encontrava pessoas interessadas em fenomenologia [...] quer dizer, eu acabei encontrando algumas pessoas, mas a maioria dos alunos que tive na PUC do Rio não tinha nenhum interesse em fenomenologia e nos clássicos da filosofia. Naquela época, a filosofia estava sendo vista de um ângulo exclusivamente político: as grandes influências eram o marxismo. Levei um choque muito grande, não sabia mais para que servia a filosofia que tinha aprendido a fazer. Comecei, então, a estudar Wittgenstein e descobrir um novo caminho dentro da filosofia analítica e, ao invés de ver na análise lingüística apenas um instrumento para mostrar os falsos problemas filosóficos, comecei a desconfiar que ela poderia ser um instrumento importante para uma recolocação dos problemas clássicos da filosofia. Para isso foi importante a criação do CLE, pelo Oswaldo Porchat, em 1977, na Unicamp. Este centro foi fundamental no desenvolvimento de estudos analíticos no país, com pesquisadores que vinham de vários lugares do Brasil. (Entrevista com Guido Antônio de Almeida, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

As atividades desenvolvidas no CLE serviram, ainda, como ponto de encontro importante para o estabelecimento de redes de discussões; estas possibilitaram tanto a Raul Landim Filho quanto a Guido Antônio de Almeida articularem a criação da ANPOF em 1983, e, dez anos mais tarde, a primeira revista de filosofia nacional, a já citada *Analytica*.

---

<sup>139</sup> Texto completo do comentário feito por Arley Moreno, professor e coordenador do Curso de Filosofia do IFCH da UNICAMP, por ocasião da comemoração dos 30 anos do CLE, em setembro de 2007: “Em 1982, Oswaldo Porchat me chamou para participar das atividades do CLE [...] ele me explicou que o CLE seria uma espécie de Círculo de Viena dentro do qual a filosofia trabalharia no combate à metafísica com a ajuda das ciências e dos estudos da lógica [...] mas não se tratava de eliminar a metafísica, mas de situá-la, tratando-a sem mistério no sentido mesmo do Círculo [...] Outro atrativo também era o fato da interdisciplinaridade com predominância de filósofos, o que era saudável pois garantia uma reflexão epistemológica do conhecimento que sem os filósofos corria o risco de desaparecer [...]”.

O uso das oportunidades abertas por meio da reorganização do sistema universitário e pelo capital filosófico adquirido no exterior, como foi o caso da criação do CLE, contribuiu fortemente para ameaçar a posição dominante dos religiosos no que tange aos investimentos feitos pela instituição católica para monopolizar o saber filosófico no Brasil. Sob esse aspecto, são ilustrativas as querelas estabelecidas entre os próprios *filósofos de origem católica* na luta travada pela imposição de novos modelos filosóficos. Em determinados momentos, essas querelas tomaram proporções maiores do que as esperadas, saindo do âmbito universitário e atingindo as páginas dos primeiros jornais no final dos anos setenta<sup>140</sup>.

As manchetes focalizaram a tentativa de implantação, na PUC-RIO, de um programa de leitura obrigatória dos clássicos da tradição filosófica, em detrimento das teses defendidas pelos jesuítas neotomistas, professores de filosofia dessa universidade. A iniciativa bateu de frente com a direção da PUC, com o arcebispo do Rio de Janeiro e com o grupo de intelectuais solidários à linha de pesquisa encarnada em São Paulo pelo Professor Miguel Reale, que se voltava para uma história da filosofia de autores brasileiros, dentro de um quadro de estudos que, como se dizia, era financiado pelo exército brasileiro. (Dados coletados nas entrevistas com Raul Landim Filho e Guido Antônio de Almeida, realizadas, respectivamente, em 2002 e 2004, cf. pesquisa de campo).

*Voltei de Louvain para PUC (PUC-RIO) e encontrei uma série de amigos meus que tinham feito também cursos no exterior e (por isso) aceitei ser diretor da PUC, um grande projeto, assim meio jovem, de refazer a concepção de filosofia da PUC. Eu diria melhor, modificar, dar uma ênfase de qualidade ao ensino, conhecimento de certos autores, certos temas, renovar o Departamento de Filosofia [...] fracassou porque fomos expulsos da PUC. Primeiro havia um grupo chamado história da filosofia do Brasil, ou filosofia no Brasil, que era de um professor Antônio Paim, e que nós achávamos de muito baixa qualidade acadêmica. Achávamos, metodologicamente, que não valeria a pena estudar a história da filosofia no Brasil, porque o Brasil não tinha produzido grandes filósofos e que a formação clássica tinha que ser com filósofos clássicos, que todos nós conhecemos. Bem, esse foi o primeiro confronto, provocou um trauma grande, pois essa turma, esse grupo tinha muita força no Brasil, inclusive força institucional. Era um projeto nacional do exército apoiar esses estudos nacionais. Esse foi, vamos dizer, um erro de avaliação que fizemos. O segundo erro foi querer mudar no momento em que estava mudando o cardeal do Rio, Dom Eugênio Sales, para o qual a PUC deveria ter um Departamento de Filosofia com uma orientação de filosofia cristã. Bem, para*

---

<sup>140</sup> Toda a discussão foi publicada pelo periódico do CLE, Cadernos de História e Filosofia da Ciência. Para maiores informações, consultar Cadernos de História e Filosofia da Ciência, 1981, 2, pp. 136-146, Campinas: UNICAMP/CLE.



*nós, que vínhamos de Louvain, não há essa idéia de filosofia cristã, filosofia é algo de racional, portanto, não submetida a nenhuma ordem da fé. O cardeal queria que houvesse uma área de ética, orientada por um professor de confiança dele e que desse uma perspectiva de filosofia cristã. Nós, eu como diretor e meus amigos, nos opusemos a isso. Por quê? Primeiro, isso deveria ser uma coisa do Departamento, a ser feita, afinal de contas, pelos professores que estavam no Departamento. Resultado, o cardeal quis que fôssemos demitidos da PUC, fui falar com o Cardeal, fui falar com o reitor da PUC, várias vezes. Boa parte dos jesuítas nos apoiou, quer dizer, Padre Vaz nos apoiou, a maioria dos professores jesuítas do Departamento nos apoiou. Esses atritos tiveram enormes repercussões nos jornais. O Jornal do Brasil, durante mais de 3 meses, fez campanha contra a gente. Na verdade, (o jornal) era ligado aos dois grupos, ao Paim e ao Cardeal. (Entrevista com Raul Landim Filho, realizada em 2002, cf. pesquisa de campo).*

Na luta pela autoridade filosófica, esses inovadores ligados à filosofia analítica, que assumiam cargos de assessores na CAPES e no CNPq ou de presidentes dos comitês de financiamentos de pesquisa para filosofia, puderam criar espaços de demonstração de suas legitimidades científicas (associações acadêmicas e revistas) e condições institucionais de intercâmbio entre estudantes, tanto no Brasil quanto no exterior, o que implicou a formação de um público especializado e reprodutor.

A constituição do debate filosófico por meio do desenvolvimento de linhas de pesquisa na área de bioética e de filosofia da educação foi outra vertente da contribuição dos *filósofos de origem católica* que circularam no exterior para a autonomização do campo. Esse grupo, composto, em sua maioria, por ex-seminaristas diocesanos, tem como característica principal uma forte oposição ao saber teórico e conceitual, que está associado aos que se dedicam aos estudos por meio do “aclaramento conceitual”<sup>141</sup>. Reclamam para si uma filosofia mais “prática” e menos erudita, uma espécie de saber vinculado a preocupações concretas e atuais. Deixando de lado o tom analítico e intelectualizado, lutam em prol de soluções pragmáticas para questões teóricas, como assinala Newton Aquiles Von Zuben, ao mencionar seu projeto sobre “concepções e propostas filosófico-pedagógicas”<sup>142</sup>.

---

<sup>141</sup> Expressão utilizada por Guido Antônio de Almeida e Raul Landim Filho para designar o exercício filosófico dos que se dedicam a filosofia analítica. Ver Marcos NOBRE e Marcio REGO, 2000, op. cit.

<sup>142</sup> Ver CV LATTES de Newton Aquiles Von ZUBEN, em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4727861H4&tipo=completo>



A proliferação das faculdades de educação após a reforma universitária favoreceu a absorção desses professores de filosofia. Saídos de uma formação católica tradicional, o saber filosófico desse grupo, burilado no exterior, acabou por ser demarcado pela leitura de autores considerados heterodoxos na filosofia profissional, como Emmanuel Mounier. A educação foi o meio onde puderam exercer seus conhecimentos filosóficos, considerando a forte concorrência instalada na área nos anos que se seguiram ao retorno da Europa.

*Quando cheguei de volta ao Brasil, fui convidado por Michel Shooyans, belga, que me cedeu a bolsa para Louvain, e fiquei na PUC-SP como seu assistente [...] fui assumindo outras matérias, como a filosofia da educação [...] Isto por motivo teórico e por influência do Mounier, eu acho que a filosofia tem que ter objeto real e não é ficar lendo livro e fazendo análise estrutural de texto, nem como os escolásticos, fazendo sistemas [...] um sistema puramente conceitual [...] Minha idéia era partir para fazer filosofia política, mas dadas as condições em que o Brasil se encontrava [...] então eu acabei me encontrando na educação [...] acabei achando que a educação era um objeto histórico real sobre o qual a filosofia deveria pensar [...] aí veio um empurrãozinho, em 1968, as faculdades particulares abriram faculdades e no currículo de educação precisava de professore de filosofia da educação, mas minha idéia é contribuir para a educação [...] eu não abandonei a filosofia, mas minha produção é no campo da filosofia da educação [...] até para construir a identidade deste saber [...] o filósofo, o intelectual, não pode fazer abstrações. Ele tem uma reflexão abstrata, mas sobre uma coisa concreta. Então, não posso ficar falando do homem em geral, mas eu posso falar do homem à luz da concretude, da existência do homem particular, aí é que eu vejo, por exemplo, que uma filosofia da análise lingüística, não faz o menor sentido, porque os nossos problemas não são problemas de linguagem, entende? (Entrevista com Antônio Joaquim Severino, realizada em 2004, cf. pesquisa de campo).*

Os estudos na área de bioética também serviram para a fundação de um lugar inovador para a filosofia nos conselhos de ética e na formação de grupos de estudos voltados exclusivamente para práticas médicas. Faz parte das atividades dos filósofos dedicados a bioética atuar nas comissões de ética existentes em hospitais públicos que discutem temas como aborto e clonagem.

Direcionados para públicos não afeitos à reflexão filosófica, compreende-se a ausência desses *filósofos de origem católica* nas revistas onde o debate filosófico se materializa, como as revistas *Analytica* e os *Cadernos de Filosofia e História da Ciência*. O trânsito ocorre com mais facilidade no debate político amplo, a partir da direção de redes hospitalares, com divulgação na mídia.

Em suma, a análise das trajetórias dos *filósofos de origem católica* com passagem pelo exterior, mostra de que maneira esses filósofos contribuíram para dar vitalidade ao debate filosófico no Brasil. Os diferentes conflitos vividos por eles são reveladores das distâncias que assumiram face a autoridades religiosas e políticas. Criando instâncias de circulação do pensamento inteiramente desvinculadas da hierarquia eclesiástica ou de núcleos de poder político, como foi o caso dos *filósofos de origem católica* que apostaram nos estudos de filosofia analítica e da linguagem, estes o debate filosófico acadêmico no Brasil tornou-se denso e dinâmico, semelhantes às dos centros intelectuais mais produtivos, como na Europa e nos Estados Unidos da América.

### **CAPÍTULO III – Em busca do discurso filosófico autorizado: etnografia de um encontro nacional e um colóquio internacional**

Neste capítulo procuro compreender o exercício atual do debate filosófico no Brasil, a partir de dois estudos de caso: um encontro nacional de profissionais de filosofia organizado pela ANPOF, e um outro encontro na França, organizado em comemoração aos vinte e cinco anos do acordo CAPES/COFECUB<sup>143</sup>, que, numa situação quase experimental, procurava retomar os laços acadêmicos que deram origem, em 1934, à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Por meio de uma descrição etnográfica, neste capítulo analiso os debates ocorridos nesses dois eventos, vinculando-os às características sociais dos agentes estabelecidas pela consideração das origens sociais e intelectuais dos lugares de formação. Daí, extraio os elementos chaves para entender os recursos sociais e intelectuais que permearam as discussões, em especial, a luta pela palavra autorizada. Esse exercício serve ao propósito de submeter às análises até então realizadas às seguintes indagações: como a prática do diálogo entre filósofos pode ser entendida quando analisada à luz da sociologia dos agentes e das instituições? em que medida dados históricos ajudam a perceber os sentidos de polêmicas da atualidade?

---

<sup>143</sup> Benício Viero SCHMIDT e Carlos Benedito MARTINS, 2005, O Acordo Capes/Cofecub no contexto da Pós-graduação brasileira, in: *Diálogos entre a França e o Brasil, formação e cooperação Acadêmica*, Recife: Ed. Massangana, pp.151- 164. O propósito inicial do acordo Capes-Cofecub foi, segundo os dois autores, impulsionar o desenvolvimento das universidades da região Nordeste do Brasil que apresentavam, em determinadas áreas do conhecimento, deficiência de pessoal docente qualificado e pequena produtividade acadêmica. Em 1978, o termo de compromisso que instituiu o acordo foi assinado por ocasião da visita do presidente Valéry Giscard d'Estaing, como um ajuste complementar ao Acordo de Cooperação Científica e Técnica de 1967, e um dos instrumentos para a efetivação do Acordo Cultural França Brasil, que remonta a 1948. No entanto, em 1980 o acordo foi ampliado em função das pressões institucionais das universidades das regiões Sul e Sudeste, que visavam ampliar suas redes de cooperação já instituídas e bem consolidadas.

## **1- Um panorama geral de dois encontros profissionais de filosofia**

Embora os objetivos e a organização dos dois encontros estudados sejam diferentes, ambos permitiram observar, nas práticas dos agentes, a luta pela palavra autorizada no próprio ambiente onde estavam sendo discutidas as produções de conhecimento.

No caso da ANPOF, esse tipo de observação foi possível devido ao fato de essa associação organizar encontros nacionais há mais de vinte anos, os quais sempre foram considerados, pela maioria dos filósofos brasileiros, como os únicos capazes de permitir a troca filosófica em termos nacionais<sup>144</sup>.

No colóquio realizado na França, o entendimento dos embates entre os filósofos foi favorecido em face do objetivo da sua realização: a consolidação das redes de pesquisas necessárias à vitalidade da disciplina no universo universitário brasileiro. A comparação entre os dois tipos de encontro permitiu ainda examinar o que há de universal nos debates entre os filósofos brasileiros e o que aparece como específico a suas discussões.

### **1.1- XI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF**

O encontro que observei foi o 11º, realizado em 2004, no Othon Palace Hotel, em Salvador (BA) e congregou cerca de 1.000 pessoas, entre estudantes, professores e interessados na área de filosofia. Essa foi a primeira vez que uma região considerada periférica, em relação aos centros de excelência acadêmica, sediou um congresso desse porte. Até então, todos os encontros tiveram sede nas regiões Sudeste e/ou Sul<sup>145</sup>, onde as condições do debate filosófico

---

<sup>144</sup> Isso não quer dizer que os grupos de pesquisas e as associações especializadas também não favoreçam um intercâmbio de idéias entre os filósofos de diferentes instituições, por meio de seus colóquios e seminários anuais. A ênfase dada aqui ao caso da ANPOF refere-se à opinião compartilhada pelos filósofos entrevistados de que essa Associação garante seu reconhecimento no campo universitário.

<sup>145</sup> Em ordem cronológica eis os encontros da ANPOF: I Encontro Nacional de Filosofia – Diamantina (MG), em 1984; II Encontro Nacional de Filosofia - São Paulo (SP), em 1986; III Encontro Nacional de Filosofia – Gramado (RS), em 1988; IV Encontro Nacional de Filosofia - Rio de Janeiro (RJ), em 1990; V Encontro Nacional de Filosofia - Diamantina (MG), em 1992; VI Encontro Nacional de Filosofia - Águas de Lindóia (SP), em 1994; VII Encontro Nacional de Filosofia - Águas de Lindóia (SP), em 1996; VIII Encontro Nacional de Filosofia – Caxambu (MG), em 1998; IX Encontro Nacional de Filosofia - Poços de Caldas (MG), em 2000; X Encontro Nacional de Filosofia - São Paulo (SP), em 2002; XI Encontro Nacional de Filosofia – Salvador (BA),

sempre contaram com maior apoio das agências de fomento, em razão dos programas de pós-graduação que aí foram pioneiros e que são mais numerosos. Nesse sentido, o encontro na Bahia possibilitou a presença de docentes e estudantes de filosofia localizados nas regiões Norte e Nordeste. Por isso, esse encontro configurou a abertura para a troca mais ampla entre os praticantes de filosofia alocados nos programas de pós-graduação do eixo Sul e Sudeste com aqueles da região do Centro, Norte e Nordeste. Até então, o espaço filosófico acadêmico estava extremamente restrito às universidades do Sudeste e Sul. Destarte, por meio da realização desse encontro no Nordeste, os filósofos estabelecidos ali e no Norte puderam, pela primeira vez, se fazer reconhecer nacionalmente como pertencentes ao universo dos praticantes desse saber.

A minha escolha em observar esse encontro na Bahia, em Salvador, ensejou, ainda, vivenciar e observar uma das mudanças promovidas pela direção da ANPOF, a saber, ampliar o público nacional. Nos últimos quinze anos, conforme analisado no primeiro capítulo, as atividades da Associação estiveram voltadas para a formação de doutores e docentes no Sul e Sudeste.

Esse evento foi importante também pelo fato de que estava em trâmite, junto ao Ministério da Educação, um projeto de lei visando à obrigatoriedade da filosofia nas escolas secundaristas em todo o território nacional, projeto que sempre esteve presente nos inúmeros debates entre os diferentes grupos de filósofos acadêmicos e que permitiria a ampliação do mercado profissional dos praticantes desse domínio do saber. Portanto, o alargamento do conjunto de praticantes da filosofia figurava claramente como alvo central da organização do encontro.

Assim, desde o primeiro dia do encontro realizado em Salvador, a importância esteve na oportunidade de vivenciar a maneira como essas questões marcaram o encontro, alvo de conversas do público, também retomadas pelos palestrantes e pelos organizadores do evento.

**18.10.2004 / 19h – Auditório do Centro de Convenções do Othon Palace Hotel (Salvador-BA)**

Na noite de abertura [...] no hotel lotado, o auditório não comportava “as quase mil pessoas que deveriam estar presentes”, como me disse um senhor que não conseguia entrar no auditório. Dada a quantidade de participantes e inscritos no evento, o encontro contou com o espaço do Othon Palace, mas também com três outros hotéis

---

em 2004 e XII Encontro Nacional de Filosofia – Salvador (BA), em 2006. Fonte: consulta dos arquivos da ANPOF, no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da UNICAMP.

próximos, pois o público era muito grande, tendo em vista o fato de que muitos professores viam neste encontro a oportunidade de pressionar uma discussão pela introdução da filosofia no secundário. Um desses professores chegou a comentar que "a filosofia está vindo com toda força! Porque a gente não agüenta mais, a sociedade precisa". Sentada na primeira fila do auditório Othon Palace Hotel, misturada com alguns jornalistas que cobriam a abertura [...] escuto ainda um senhor, professor aposentado de filosofia, murmurar para um jovem rapaz: "Para filosofia? Isso tudo pra ouvir filósofos? Tem alguma coisa errada! Nunca vi isso!". Estas reações complementaram-se com aquelas de pessoas que pareciam bastante interessadas nos estudos apresentados, pois reconheciam seus pares sem maiores problemas, como ilustra o comentário feito entre duas pessoas a respeito da primeira mesa plenária da noite, "Historicidade da Lógica": "Meu Deus, não estou entendendo nada!". Uma outra respondeu: "Esse é o pessoal da Analítica!" (Filosofia Analítica). Do lado de fora, havia comercialização de livros e revistas especializadas em filosofia, além da participação da mídia na divulgação de entrevistas concedidas pelos professores participantes<sup>146</sup>. Todos estes recursos utilizados no evento ressaltam um dos principais objetivos do encontro: a divulgação da produção filosófica dos programas de pós-graduação das universidades.

Como o XI Encontro abrigava um público bastante grande e heterogêneo, preferi, inicialmente, fotografar determinados espaços com o objetivo de registrar a formação informal de grupos de discussão. Assim, registrei o encontro de pessoas no hall do hotel, locais precisos de socialização, as conversas nos sofás, nos cafés. A existência massiva de participantes, além das várias modalidades de intervenção, levou-me a anotações no caderno de campo diferentes daquelas feitas no colóquio de Nice (França), onde o número de participantes era muito menor e as intervenções mais precisas. No encontro da ANPOF, detive-me numa comparação mais panorâmica entre as modalidades de intervenção e nos modos como as discussões se davam em cada uma delas, com atenção aos gestos corporais e ao que eles simbolizavam em termos de hierarquia.

---

<sup>146</sup> A título de exemplo, a reportagem realizada pelo jornal *A Tarde*, Salvador, Bahia, 16/10/2004, que dedicou todo o seu caderno cultural ao encontro da ANPOF. Intitulado de *Rede Pensante*, o jornal traz como chamada a seguinte frase: "Encontro inédito no Nordeste transforma Salvador, a partir de segunda-feira, na capital nacional de filosofia, um lugar de descoberta e aprendizado, para onde vão convergir os principais expoentes da atividade". Cf. anotações do caderno de campo.



Foto 1.



Foto 2.

Fotos 1 e 2 - Hall do Othon Palace Hotel, espaço dos *coffees break*. Raramente os professores das mesas plenárias e aqueles de minha amostra (os 17 *filósofos de origem católica*) participavam dos *coffees-break*. Apenas estudantes e professores participantes dos GT's os freqüentavam. Os *coffees break* se constituíram em excelentes espaços de trocas entre os estudantes, doutorandos e professores, pois além de se conhecerem, trocavam informações sobre seus trabalhos, bem como continuavam as discussões que haviam iniciado durante a apresentação dos GT's.

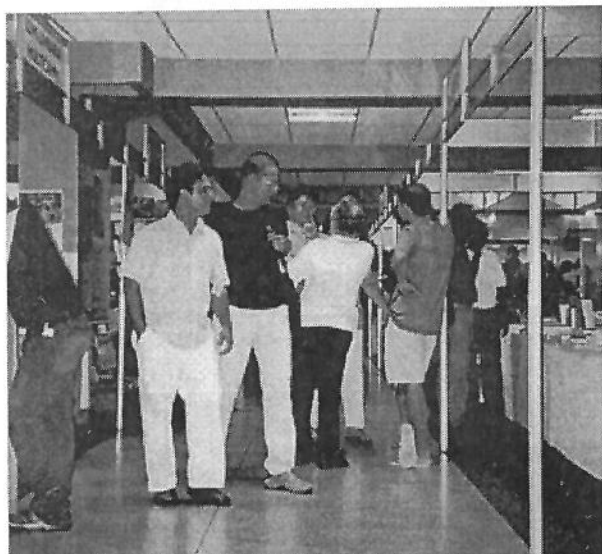


Foto 3 - Hall do Othon Palace Hotel, feira de livros.



Foto 4- Auditório principal do evento, localizado no Othon Palace Hotel, lugar onde eram apresentadas as mesas plenárias.





Foto 5- Sessão de abertura do encontro, 18 de outubro de 2004, no auditório principal do evento, localizado no Othon Palace Hotel. Todo esse público permaneceu na sala durante a apresentação da primeira mesa plenária do encontro, "Historicidade da Lógica".



Foto 6 – Primeira mesa plenária, intitulada "Historicidade da Lógica", dia 18 de outubro de 2004, 19h30. Da esquerda para direita, Balthazar Barbosa Filho (UFRGS), Carlos Alberto (presidente da ANPOF/UFBA), Raul Landim Filho (UFRJ) e José Arthur Giannotti (CEBRAP/USP).



Foto 7- Bar - Café principal do Othon Palace Hotel, lugar privilegiado de conversas entre professores das mesas plenárias (antiga geração). Na primeira mesa do lado direito, estão sentados Raul Landim Filho, Balthazar Barbosa Filho (que levanta quando percebe que estou fotografando o local) e seus alunos.

Dividido em quatro modalidades de intervenção, o XI Encontro da ANPOF contou com 5 mesas plenárias, 176 palestras em mesas redondas, 35 Grupos de Trabalhos (GT's) e 12 mesas temáticas.

Normalmente, nos encontros da ANPOF as mesas plenárias e as palestras são compostas e realizadas por filósofos oriundos dos programas de pós-graduação de filosofia mais antigos, isto é, dos programas localizados no eixo Sul - Sudeste, em especial pelos professores alocados na USP, UFRJ, UFRGS e PUC-SP e MG. Já os GT's e as mesas temáticas, que desde 1998 constituem a estrutura central da apresentação dos trabalhos da Associação<sup>147</sup>, são formados por filósofos de diferentes programas de doutorado, tanto do eixo Sul - Sudeste, quanto dos recentes programas das regiões Norte e Nordeste.

Nesse XI Encontro, as mesas plenárias constituíram o espaço privilegiado de debate, não apenas por contarem com os melhores espaços (o auditório principal do evento), como porque nelas os participantes tiveram um espaço de tempo maior de intervenção, pois eram poucos os convidados (três em cada uma das cinco mesas). Entre eles estavam apenas os professores de filosofia dos Departamentos do eixo Sul - Sudeste. Além disso, elas aconteceram no horário nobre, entre as 19h15 e as 21h de cada dia, conforme pode ser visto no programa (Anexo nº ...). Ser alocado na mesa plenária significava, portanto, ser reconhecido pelo corpo de professores do evento, além de constituir uma excelente oportunidade para garantir visibilidade diante dos pares. Os debates se deram de forma mais calma, com quase nenhuma exaltação por parte do público e dos próprios conferencistas, que apenas se limitavam a explicitar suas posições filosóficas em relação ao tema comum da mesa, sem mais delongas.

Entretanto, a maior interação entre os filósofos aconteceu nas mesas redondas. Apesar de contar com um tempo menor para as suas comunicações, os palestrantes, ao contrário do que ocorria nas mesas plenárias, estabeleciam um debate mínimo entre seus pares e o público. Nas mesas plenárias, a discussão se limitava à leitura de um texto preparado por seus participantes. Todavia, ao menos pelo que pude observar, nas mesas redondas as comunicações agitavam um debate vivo, no qual gestos e sorrisos de aprovação ou reprovação davam relevo ao que estava sendo dito. Nas mesas redondas, portanto, o público era um componente importante no debate,

---

<sup>147</sup> Devido ao crescimento dos programas de pós-graduação de filosofia no Brasil, o que implicou aumento do contingente de doutores em filosofia e a sua participação nos encontros organizados pela ANPOF, em 1998 o presidente Oswaldo Giacóia (UNICAMP) e a secretária Fátima Évora (UNICAMP) acataram a decisão de criarem os Grupos de Trabalhos, como forma de organização dos trabalhos apresentados nos encontros da Associação. Essa forma de organização é comum nas ANPOCS, ANPEC, ANFED e parece ser difundida pelas entidades financiadoras.

pois os comentários e as perguntas dos estudantes e dos professores presentes interferiam na direção dos discursos em pauta. Composta não apenas de professores, mas de recém-doutores, as palestras funcionavam como excelentes lugares de aprendizados práticos, na medida em que esses últimos foram, pela primeira vez, obrigados a, publicamente, se defrontar com seus professores.

Já nos GT's e nas mesas temáticas, de tempo bastante restrito, os participantes relatavam apenas os resultados de suas pesquisas, sem tempo suficiente até mesmo para responder as questões a eles direcionadas. A grande quantidade de GT's (trinta e cinco), conforme observei, dificultou a formação de um público interessado, levando os próprios interlocutores a apresentarem seus trabalhos apenas para eles mesmos ou para os oriundos do mesmo programa de pós-graduação. Foi o caso da mesa temática "Filosofia da Mente", cujos participantes, com exceção de apenas dois, eram todos oriundos do mesmo departamento de filosofia; assim, deu-se a ver, nesses casos, que o debate interno substituiu uma discussão mais ampla. No entanto, mesmo endógenos, esses espaços estavam sendo tomados pelos professores e estudantes, em vias de conclusão de tese, como lugares oportunos para, em público, apresentarem os resultados iniciais de seus trabalhos. Era como se um cenário ritualizado e hierarquizado fosse necessário para dar sentido ao esforço de reflexão investido, ou mesmo para que as regras e os padrões básicos de funcionamento do espaço filosófico existente fossem incorporados.

Pude perceber, outrossim, que a própria estrutura de organização do encontro sugeriu uma diferença nos debates entre os filósofos. Variando o espaço de tempo, o espaço físico, os horários e os participantes, a organização acabou por quase determinar a dominância de determinados agentes e, em particular, o reconhecimento e a afirmação dos grupos ligados aos departamentos de filosofia do eixo Sul - Sudeste, em detrimento dos outros, bem como de suas posições filosóficas. Em particular, a identificação de Raul Landim Filho, Guido Antônio de Almeida, Balthazar Barbosa Filho e Valério Rohden nas mesas plenárias, filósofos componentes de minha amostra, indica a importância desse grupo de *origem católica* na materialização dos debates filosóficos nacionais.

## 1.2 - O debate entre os filósofos reunidos pela ANPOF

Convidados a darem um tratamento mais técnico e universal à filosofia<sup>148</sup>, a maioria dos filósofos brasileiros presentes no encontro da ANPOF se dedicou praticamente a expor seus pontos de vista a respeito de temáticas comuns a cada uma das modalidades. A característica mais marcante das exposições foi a ênfase técnica e científica: duas mesas plenárias consagradas aos estudos de lógica e de filosofia analítica, uma dedicada à filosofia kantiana, em sua vertente relacionada às discussões da teoria do conhecimento e seus limites, além de três mini-cursos: um sobre lógica para iniciantes, intitulado “Conceitos Básicos da Lógica Moderna: Uma introdução Destinada Especificamente a Não-Lógicos”, outro sobre “Física Aristotélica” e um terceiro sobre “Filosofia da Mente”<sup>149</sup>.

Mas, comparado a outros encontros nacionais, como aqueles promovidos pela Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) ou pela Associação Nacional de Pós-graduação em Economia (ANPEC), fica evidente a ausência de conferencistas estrangeiros, que supostamente poderiam apresentar perspectivas inovadoras no panorama internacional.

A contagem dos Grupos de Trabalhos (GT's) e das mesas de estudos, intituladas de “temáticas”, que totalizaram 879 intervenções, revela interesse por questões relacionadas à filosofia contemporânea. Dos quarenta e nove GT's existentes na ANPOF, apenas trinta e sete apresentaram trabalhos, totalizando 457 comunicações<sup>150</sup>. Já as “mesas temáticas”, que não contaram com a presença dos coordenadores de GT's, totalizaram 422<sup>151</sup>.

De uma maneira geral, são os temas e autores relacionados aos pensadores do século XX, como Heidegger, Sartre, Deleuze e Foucault, por exemplo, que são mais representados no conjunto das comunicações, contabilizando 228 dos trabalhos num total de 879. Em seguida, a

---

<sup>148</sup> Apenas uma mesa plenária foi dedicada à temática política, “Reforma Universitária e Filosofia”, e aconteceu no último dia, momento em que grande parte dos participantes já havia deixado o evento.

<sup>149</sup> Mini-cursos: Estética, coordenado por Rodrigo Duarte (UFMG); Filosofia da Mente, coordenado por André Leclerc (UFPB); Filosofia e Psicanálise, coordenado por Oswaldo Giacoia Júnior (UNICAMP); Física Aristotélica, coordenado por Fátima Regina Rodrigues Évora (UNICAMP); Hegel, coordenado por Marcelo Aquino (UNISINOS); Kant, coordenado por Ricardo Ribeiro Terra (USP); Conceitos Básicos da Lógica Moderna: Uma Introdução, destinada especificamente a Não-Lógicos, coordenado por Andréa Loparic (USP); Em torno de Nietzsche e Heidegger, coordenado por Gilvan Fogel (UFRJ); Pragmatismo: Donald Davidson, coordenado por Paulo Ghiraldelli Júnior (CEFA).

<sup>150</sup> Para maiores informações sobre a contagem verificar tabela no Anexo 4, p. 178.

<sup>151</sup> Idem, ibidem.

História e a Filosofia da Ciência ocupam o segundo lugar dentro do total de trabalhos apresentados, somando 206 dedicados a esses temas.

O alto contingente de comunicações ligadas aos temas e autores da lógica e da filosofia analítica me fizeram colocá-los numa nomenclatura única, separando-os dos estudos ligados aos autores do século XX.

Os demais filósofos do século XX foram colocados numa nomenclatura específica ao século XX. O número de apresentações destinadas aos autores da filosofia clássica não foi tão menor. Desde os gregos até os idealistas alemães, elas representaram 126 do total das comunicações. Kant foi o autor mais estudado, totalizando cinquenta comunicações. A quantidade de estudos sobre Nietzsche pode ser comparada àquela sobre Kant, pois totalizaram cerca 46 trabalhos.

O conjunto de temas menos representativos foi aquele que pode ser intitulado como estudos não históricos, uma vez que não se encontra a denominação história no seu título. Associei-os aos temas "Psicanálise e Filosofia", "Filosofia Política e Ética", entre outros, que representaram um total de 127 comunicações. Isolei a Estética dos demais porque contou com apenas 10 apresentações, caracterizando-se, em especial, pela forte participação de mulheres, quando comparado ao GT sobre Kant, no qual, a maioria dos participantes era do sexo masculino.

O forte contingente de trabalhos sobre "Ética e Política", "Ética e Cidadania", "Marxismo", "Argumento e Filosofia" e "Psicanálise e Filosofia" nos GT's dedicados a autores contemporâneos pode dar a entender que os estudos filosóficos no Brasil tenham feito uma espécie de ruptura com os estudos da tradição clássica, normalmente, associada à história da filosofia. Entretanto, os participantes desses diferentes GT's foram alocados em hotéis mais distantes do local principal do evento, o Othon Palace Hotel, em salas improvisadas, o que desvela que essas temáticas não ocupavam um lugar marcante no leque dos objetos socialmente reconhecidos e tidos como prestigiosos pelos organizadores do XI Encontro. De outro lado, os GT's e as mesas temáticas dedicadas aos autores cânones da filosofia e à história da filosofia foram alocados nos melhores hotéis, e em salas apropriadas para convenções.

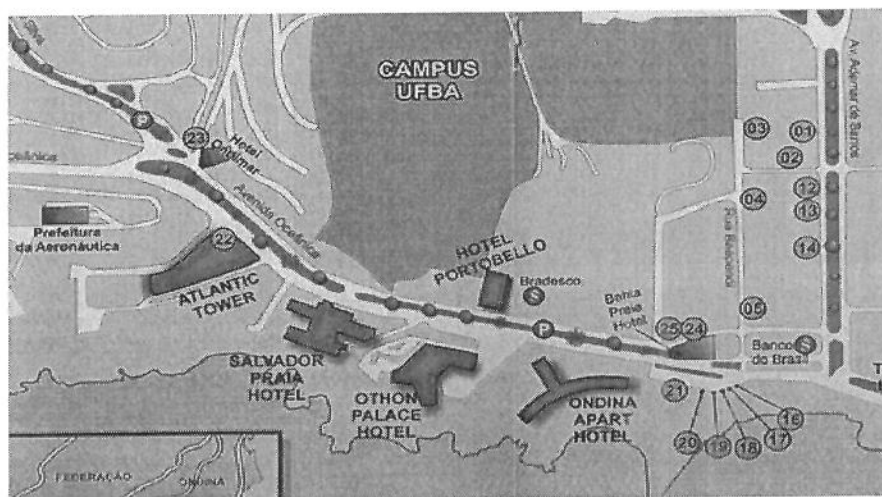


Foto 8 – Mapa distribuído aos participantes do encontro, com a localização geográfica dos hotéis do evento.

Como exemplo, chama a atenção o lugar em que foi alocado o GT intitulado “Ética e Cidadania”, que envolve discussões sobre questões políticas e sociais relacionadas à realidade da América Latina e do Brasil<sup>152</sup>. As apresentações desse GT foram no pequeno Hotel Porto Belo, localizado no lado oposto ao Othon Palace. Ele não oferecia uma infra-estrutura mínima para receber convenções e o GT fez sua apresentação numa cantina adaptada pelos seus próprios participantes, como se pode verificar nas fotos abaixo.

<sup>152</sup> Para essa descrição etnográfica da ANPOF inspirei-me no exame feito por Monique de Saint-Martin, 1988, de uma reunião da ANPOCS. Ver Monique de Saint-Martin, 1988, op.cit.

A própria história desse GT é reveladora da posição que os diferentes presidentes e secretários da associação guardam em relação à filosofia e às instâncias religiosas e as questões sócio-políticas. Inicialmente intitulado de “Filosofia da Libertação”, este GT, “Ética e Cidadania”, foi criado por um grupo de professores que, em sua grande maioria, são vinculados às instituições eclesiais e às universidades católicas. Interessados em participar dos encontros da ANPOF, meio de assegurar reconhecimento diante do corpo professoral de filosofia, os filósofos associados a esse GT foram obrigados a o intitularem de “Ética e Cidadania”, o que, segundo Inácio Strieder, um de seus coordenadores, apenas assim conseguiram marcar sua participação diante do corpo de professores da filosofia nacional.





Foto 9.

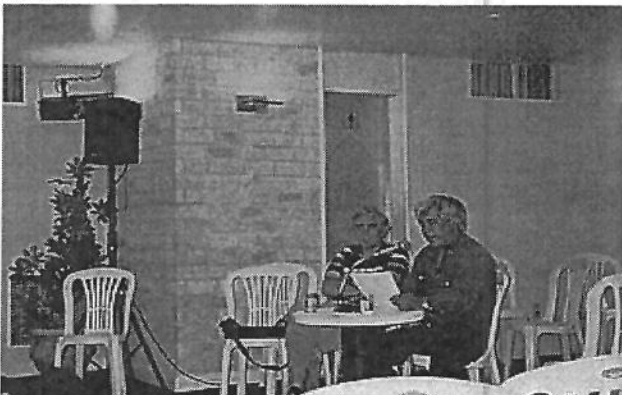


Foto10.



Foto11.

Fotos 9 e 10 - GT “Ética e Cidadania”, localizado no Hotel Porto Belo, acomodado na boate do hotel, ao lado da entrada do banheiro masculino, dia 20 de outubro de 2004. No lado esquerdo, Inácio Strieder (criador e coordenador do GT, vinculado ao Departamento de Filosofia da UFPE) e ao seu lado, de camisa cor de vinho, Castor Ruiz (UNISINOS).

Foto 11 - GT “Hegel”, localizado em umas das salas do Othon Palace Hotel. Além de cadeiras confortáveis, a sala contou com uma mesa maior, possibilitando aos interlocutores colocarem sobre ela objetos de uso pessoal (texto, água, caneta, lápis, etc), bem como um retro- projetor à disposição.

Um outro exemplo revelador da hierarquia dos objetos legítimos, legitimáveis ou indignos de serem estudados na área de filosofia pode ser dado pela observação da quantidade de dias concedidos aos diferentes temas tratados pelos organizadores do evento. Enquanto os filósofos associados aos GT's de “Filosofia das Ciências” e de “Filosofia Clássica” contaram com mais de dois dias para suas comunicações, aqueles envolvidos com estudos não históricos, como, por exemplo, os GT's de “Ética e Política” e “Filosofia e Psicanálise” contaram com, no máximo, dois dias de apresentação. Contrasta também o fato de que o GT “Kant”, com um número menor de comunicações no programado evento, contou, dentro da organização, com dois dias a mais do que os GT's que versavam sobre temas não-históricos. Não é surpreendente, pois, que os



participantes do GT “Filosofia Política e Ética”, por exemplo, não tenham conseguido finalizar a exposição de suas comunicações.

Esses dados sobre as condições em que se desenvolveram os debates no Brasil demonstram a maneira como os organizadores do evento hierarquizaram os temas e os autores nas diferentes intervenções. Entretanto, independentemente das hierarquias temáticas visualizadas pelos organizadores do evento, o XI Encontro da ANPOF refletiu a existência de um campo filosófico consolidado e ativo no Brasil. O encontro mostrou uma produção de temas específicos, considerados científicos pelas agências de financiamento do evento, linhas de pesquisas advindas de programas de pós-graduação estabelecidas e produzidas por um corpo de profissionais de formação específica, bem como a presença de um público amplo num congresso com mais de dez anos de existência.

É preciso lembrar que a constituição de um “cânone de autores escolares” é correlata ao aparecimento de um corpo professoral, ou seja, o encontro mostra um saber especializado compartilhado por esse corpo, saber que é digno de ser transmitido a futuros estudantes e capaz de suscitar o interesse de um público não especializado, como aponta a relação com a mídia.

São representativos das considerações expostas acima os duelos intelectuais ocorridos nas mesas plenárias e nas mesas redondas. Um deles foi aquele travado entre o filósofo Oswaldo Porchat e José Arthur Giannotti na mesa redonda “Ceticismo e Estruturalismo em História da Filosofia”, que se referia ao método estrutural de análises de textos transmitido pela missão francesa na década de cinqüenta. Toda discussão teve como dominante a mudança de perspectiva do professor Oswaldo Porchat, relativa à validade do método estruturalista aplicado pela missão francesa aos estudos filosóficos, em particular, sobre a noção do tempo histórico e tempo lógico<sup>153</sup>. O professor Arthur Giannotti, levantando-se até a mesa dos palestrantes e passando a mão na cabeça do professor Porchat (gesto que visivelmente irritou o professor), demonstrou sua discordância por meio de lembranças de trechos de aulas que ambos assistiram nas classes dos professores franceses Gilles Gaston Granger e Victor Goldschmidt. A réplica de Oswaldo Porchat se resumiu a um sorriso e a um balançar de cabeça, como que negando e mostrando indiferença às ironias sobre “erros de leitura” ou “má interpretação” postas por

---

<sup>153</sup> Para maiores detalhes sobre a problemática discutida, consultar o artigo de Giannotti publicado em forma de réplica às observações de Oswaldo Porchat durante o Encontro. Ver José Arthur GIANNOTTI, 2005, *Dentre os guardados, Discurso*, (35), pp. 109- 116, São Paulo: Editora Discurso.

Giannotti, quando citava trechos dos autores em questão. Esse embate foi acompanhado por todos os presentes de maneira atenta.

Tanto esse duelo quanto a palestra do Professor Bento Prado Jr. sobre Strawson e sua leitura de Kant foram excelentes indicadores do tom dos debates, que variou desde simples apresentações até discussões mais vivas e exaltadas, sobre questões metodológicas ou comentários de temas e autores consagrados, como Kant.

Tudo pareceu já está bem definido em termos de produção de conhecimento filosófico no Brasil, havendo quase um acordo por parte dos participantes no que tange a um conhecimento que se pretendia desvinculado da tutela política e/ou da Igreja. Enfim, esse congresso demonstrou estar consolidado um saber técnico capaz de “dialogar com as diferentes filosofias produzidas no mundo”<sup>154</sup>.

**Dia 19.10.2004 / 16h - Mesa Redonda sobre “Ceticismo e estruturalismo em história da filosofia”**

A sala de conferência estava lotada, todos os professores das mesas plenárias estavam presentes. A palestra é iniciada pelo professor da USP, Roberto Bolzani, ex-orientando do próprio Porchat, que faz uma cronologia das diferentes influências que este autor sofreu em sua trajetória acadêmica. Após a fala de Roberto Bolzani, Porchat afirma que aquela era sua primeira declaração pública sobre o método estruturalista e seu interesse pelo ceticismo. Suas críticas giram em torno da definição de filosofia, que não trata apenas da explicitação de um discurso. Ela deve ultrapassar isso. Ao se referir ao seu antigo mestre, Victor Goldschmidt, com quem aprendeu o método estruturalista de leitura de texto, ele fala o quanto foi difícil divergir de seu mestre. Ele se lembra da vontade de fazer filosofia e do que significava fazer filosofia na USP nas décadas de cinquenta e sessenta: *“era fazer história da filosofia [...] Eu defendi a doutrina estruturalista e hoje a coloco no rol dos pecados, pois não há vida fora das estruturas! Mas há vida fora das estruturas e onde há vida e idéia há filosofia [...] eu estava sendo engolido pelas estruturas e quis me afirmar para fora das estruturas”*. Porchat compara seu interesse pelo ceticismo e sua necessidade em se afastar do método estruturalista com a sua vontade de viver. Compara seu abandono do estruturalismo com a mesma vontade de abandonar a doença que o acompanha, na sua expressão “patologia da

---

<sup>154</sup> Expressão utilizada por Arley Moreno, especialista em Wittgenstein, durante o “Colloque International de Philosophie”, na França, referindo-se aos estudos filosóficos brasileiros.

vida comum”: tuberculose, uma doença que adquiriu ainda jovem e que lhe obriga a usar uma bengala para se locomover. Entre as questões que coloca contra o método estruturalista, estão aquelas relacionadas aos limites da técnica, como, por exemplo, a dificuldade em se respeitar a “mente do autor” que formulou seu próprio discurso. Ele diz: “O autor ao construir sua obra como filosofia ele explicita, argumenta, polemiza e postula [...] será que a filosofia estruturalista ao tomar o discurso filosófico como uma estrutura formal não vai contra a mente do autor?”. Oswaldo Porchat afirma com isso seu apego “à filosofia do mundo comum”, isto é, a necessidade de entrar em contato com o mundo que havia fora das estruturas. Mundo descrito por ele como “mundo pré-filosófico”. Ao finalizar sua intervenção, Giannotti não apenas pede a palavra como também vai até a mesa onde estão Oswaldo Porchat e seu ex-orientando, de maneira a ficar de igual com os principais palestrantes. Giannotti inicia sua fala criticando o professor Roberto Bolzani, professor da USP, dizendo que ele não sabe distinguir discurso e discurso filosófico: “em primeiro lugar, discurso não é discurso filosófico”, e em seguida, sorri e diz a Oswaldo Porchat: “*nós nunca chegamos a um acordo*”. Passando a mão na cabeça de Oswaldo Porchat, ele lembra que todas as inquietações apresentadas em sua intervenção sobre o método já haviam sido respondidas pelo próprio Victor Goldschmidt e por Granger durante a estada dos dois na França, em Rennes. Oswaldo Porchat, ouvindo Giannotti, passa a arrumar seu material na mesa e se retira lentamente com um sorriso no rosto, balançando a cabeça e dizendo que “realmente nunca chegaremos a um acordo comum a respeito do método estrutural”.



Foto 12 - Mesa redonda sobre “Ceticismo e estruturalismo sobre história da filosofia”; da esquerda para a direita, Roberto Bonzani Filho (USP), no centro, de óculos e camisa de cor laranja, Oswaldo Porchat (USP), em seguida, Plínio Junqueira Smith (USP), em pé, José Arthur Giannotti (USP/CEBRAP).

A disputa entre Oswaldo Porchat e José Arthur Giannotti mostra também que os autores-chaves revêem os fundamentos de seu próprio pensamento, o que obriga seus pares a reagir. É pelo diálogo e pelo debate que se constitui e se reconstrói o magnetismo das disputas pelas verdades filosóficas. O avanço do conhecimento supõe o debate da polêmica diante de público especializado. Assim, mesmo que não haja consenso sobre o método estrutural, o fato de que ele tenha sido o mote principal para o debate mais explosivo entre os dois filósofos é a prova da existência de uma questão filosoficamente pertinente, pois os pensadores se afirmam como principais interlocutores para seu tratamento. A mesa funciona também como encenação dos personagens mais destacados do campo e das questões que devem mobilizar os investimentos de leitura e reflexão. Assim, o encontro, com suas mesas plenárias, mesas redondas e GT's, teatraliza as hierarquias entre pensadores, hierarquias sociais, por assim dizer, mas também as questões pertinentes a dividir e mobilizar os esforços os mais diversos.

### ***1.3- Colloque international de philosophie***

A minha observação do evento francês foi distinta daquela do colóquio brasileiro. Em primeiro lugar, o colóquio em Nice tinha um objetivo bem mais mundano e genérico (ou abrangente), pois foi organizado para comemorar os 25 anos do Acordo CAPES/COFECUB. A própria visualização dos dois programas (Quadro nº 11, a seguir, na p.132) e suas apresentações (Fotos 13 e 14) mostra o quanto os objetivos eram diferentes. Enquanto o encontro brasileiro esteve marcado pela discussão das pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação, ao mesmo tempo em que enfatizava, com a ausência de filósofos estrangeiros, sua autonomia face aos interlocutores internacionais, o de Nice, ao contrário, procurava frisar a dependência da filosofia praticada no Brasil face àquela produzida na França.

**CAPA DOS PROGRAMAS DOS DOIS ENCONTROS**

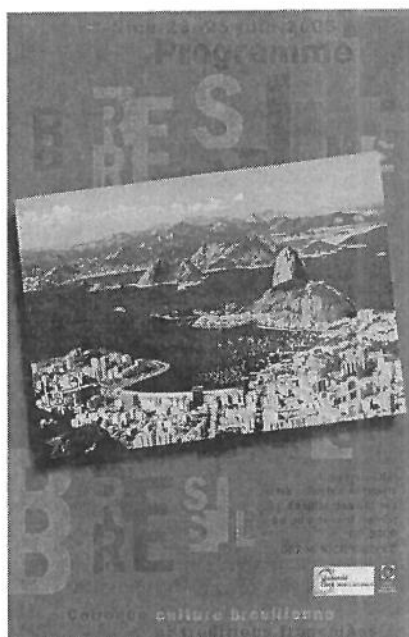


Foto 13.



Foto 14.

# Quadro n° 11 - Programa dos encontros

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>COLLOQUE BRÉSIL BRÉSILS</b><br/><i>Culture brésilienne et traditions françaises</i></p> <p><b>NICE JEUDI 23 - SAMEDI 25 JUIN 2005</b></p> <p><b>PROGRAMME</b><br/><b>JEUDI 23 JUIN 2005 (Château Valrose, Université)</b><br/>9 h 00 : Ouverture du Colloque<br/>9 h 30 : Conférence plénière des personnalités académiques M. José Arthur GIANNOTTI<br/>10 h 30 : Atelier n° 1 sur l'enseignement philosophique en France et au Brésil :<br/>Moacyr Aires NOVAES FILHO, Ricardo RIBEIRO TERRA.<br/>Répondants: MM. Bernard BOURGEOIS, Jean-Yves CHATEAU, Jean FERRARI<br/>Déjeuner au Château Valrose (Grand Château)<br/>15 h 30 : Atelier n° 2 sur l'histoire de la philosophie classique :<br/>Mme Lia LEVY, MM. Balthazar BARBOSA FILHO, Marcos GLEISER, Moacyr Aires NOVAES FILHO<br/>Répondants: MM. Pierre GUENANCIA, Bruno PINCHARD, Alonso TORDESILLAS, Francis WOLFF,<br/>17 h 30 : Table Ronde sur l'identité brésilienne en philosophie:<br/>Président de séance: Jean-Jacques WUNENBURGER.<br/>Animateur: M.François LAPLANTINE<br/>Dîner libre<br/><b>VENREDI 24 JUIN 2005 (Centre Universitaire Méditerranéen)</b><br/>9 h 30 : Conférence plénière de M. BENTO PRADO DE ALMEIDA FERRAZ JUNIOR<br/>10 h 30 : Atelier n° 3 sur l'épistémologie et l'histoire des sciences :<br/>Mme Fatima Regina RODRIGUES ÉVORA, MM. Luiz Henrique LOPES DOS SANTOS, Arley RAMOS MORENO, Luis Carlos PEREIRA,<br/>Répondants: Ali BENMAKHOULF, Jean-Pierre DUPUY, Jean GAYON, Paul-Antoine MIQUEL<br/>Déjeuner au Centre Universitaire Méditerranéen (C.U.M., Promenade des Anglais)<br/>15 h 30 : Atelier n° 4 sur l'histoire de la philosophie contemporaine :<br/>MM. Debora MORATO PINTO, Ulysses PINHEIRO, Carlos Alberto RIBEIRO DE MOURA<br/>Répondants: Mme Carole TALON, MM. Renaud BARBARAS, Jean-François LAVIGNE<br/>17 h 30 : Table Ronde sur les transferts culturels entre la France et l'Amérique du Sud :<br/>Président de séance: Mme Maryvonne PERROT Animateur: M. Denis ROLLAND,<br/>20 h 00 : Dîner de Gala au restaurant Holiday Inn de Nice<br/><b>SAMEDI 25 JUIN 2005</b><br/>9 h 30 : Conférence plénière de M. Jean-Pierre DUPUY<br/>10 h 30 : Atelier n° 5 sur l'éthique et la politique:<br/>MM. Newton BIGNOTTO, Ricardo Ribeiro TERRA<br/>Répondants: Mme Catherine COLLIOT-THÉLÈNE, MM. Dominique FOLSCHIED<br/>Déjeuner au Centre Universitaire Méditerranéen<br/>15 h 30 : Atelier n° 6 sur les sciences humaines et l'anthropologie :<br/>Mme. Salma TANNUS MUCHAIL, M. Ivan DOMINGUES<br/>Répondants : MM. André BERTEN, Jean-François KERVEGAN<br/>17 H 30 : Table Ronde sur la coopération entre la France et le Brésil :<br/>Président de séance: M. Jean-François MATTÉI. Animateur : M. Renaud BARBARAS<br/>Clôture du Colloque: conclusions<br/>Dîner libre</p> | <p><b>XI Encontro de Filosofia da ANPOF</b><br/><b>18 – 22 de Outubro 2004</b><br/><b>Othon Palace Hotel</b><br/><b>Salvador – Bahia</b><br/><b>Programa das Mesas Plenárias</b></p> <p><i>Historicidade da Lógica</i><br/>18/10/2004. 19:30 horas.<br/>Balthazar Barbosa Filho (UFRGS)<br/>José Arthur Giannotti (CEBRAP/USP)<br/>Raul Landim Filho (UFRJ)</p> <p><i>Linguagem e Lógica</i><br/>19/10/2004. 19:00 horas.<br/>Arley Ramos Moreno (UNICAMP)<br/>Oswaldo Chateaubriand (PUC-RJ)<br/>Paulo Roberto Margutti Pinto (UFMG)</p> <p><i>Ética e Técnica</i><br/>20/10/2004. 19:00 horas.<br/>Emmanuel Carneiro Leão (UFRJ)<br/>Ivan Domingues (UFMG)<br/>Manfredo Araújo de Oliveira (UFC)</p> <p><i>Kant</i><br/>21/10/2004. 19:00 horas.<br/>Guido de Almeida (UFRJ)<br/>Valério Rohden (ULBRA)<br/>Zeljko Loparic (PUC-RS)</p> <p><i>Reforma Universitária e Filosofia</i><br/>22/10/2004. 11:30 horas.<br/>João Carlos Brum Torres (UFRGS)<br/>Marilena Chauí (USP)<br/>Ronaldo Mota (UFSM)</p> <p>Fonte: Colóquio Francês consultar<br/><a href="http://portail.unice.fr/jahia/jsp/index.jsp/">http://portail.unice.fr/jahia/jsp/index.jsp/</a><br/>Encontro ANPOF consultar programa completo<br/><a href="http://www.anpof.org.br/encontros/11/programa/index.php">http://www.anpof.org.br/encontros/11/programa/index.php</a></p> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|



O próprio local dos eventos, ou melhor, a comparação entre os locais onde os eventos aconteceram, assim como o figurino assumido pelos professores de filosofia, revelavam o lugar que a filosofia ocupa no universo cultural francês. Charles Soulié, no seu artigo sobre o gosto filosófico, chegou a denominá-la "disciplina rainha"<sup>155</sup>.

Não é surpreendente constatar, portanto que, realizado no Chateau de Valrose da Universidade de Nice, o encontro tenha contado com todas as pompas de um grande evento universitário: mesas fartas de quitutes e bebidas, almoços e jantares em hotéis caríssimos em Nice, bem como a presença do reitor da Université Nice Sophia Antipolis e de representantes do Ministério da Educação.

Em consonância com o local, os filósofos franceses se apresentaram conforme a posição de seu ofício, dando à filosofia um caráter ainda mais privilegiado. Eles usaram (e/ou abusaram) de vestimentas e acessórios capazes de lhes fornecer um ar ao mesmo tempo sério e *blasé*. De paletó, gravata borboleta, chapéu, cachimbos e charutos acesos, eles se diferenciavam dos filósofos brasileiros que tanto em Nice quanto no Brasil sempre se apresentaram de maneira bastante informal, vestindo jeans e camisetas três quartos, quando não, camisetas e tênis nos pés.

Assim, atentar para o conhecimento da maneira como esses filósofos se apresentaram em congressos, como, por exemplo, quanto ao uso que fazem de forma recorrente de determinados acessórios, pode ser um excelente índice do tipo de investimento que cada um deles associa ao ofício de filósofo, tanto socialmente quanto intelectualmente. Se na Bahia a preocupação com a reimplantação do ensino de filosofia no secundário demonstrava o interesse com a profissionalização do ofício de filósofo, em Nice tudo parecia acentuar uma certa atmosfera de encontro mundano, em que o exercício de filosofia figura apenas como um dos atributos de qualidade social dos participantes.

---

<sup>155</sup> Ver Charles SOULIE, 1995, *Anatomie du Gout Philosophique*, ARSS, n° 109, Paris. Essa expressão é utilizada por Charles Soulié para designar o lugar da filosofia diante das demais disciplinas no sistema universitário francês e foi concebida a partir de uma análise da morfologia social dos aspirantes ao curso universitário de filosofia, que se mostrou fortemente elevada.

**Dia 23.06.2005 / 9h: Abertura do colóquio em Nice – Château Valrose.**

O Château VALROSE é a principal sala da Université Nice Sophia Antipolis, pois é nela que os eventos mais importantes da universidade acontecem. O local é rodeado de árvores no alto de uma pedra. Percebo de longe os filósofos brasileiros que conversavam num pequeno grupo no pátio do castelo. Estavam organizados em pequenos grupos. Em um deles encontravam-se José Arthur Giannotti, Baltazar Barbosa Filho, Fátima Évora (que por várias vezes foi secretária da ANPOF - 1998 e 2000, presidente da associação em 2002 e é docente da Unicamp), Lia Levy (formada na UFRJ pelos professores Raul Landim Filho e Guido Antônio Almeida e, atualmente, docente da UFRGS), Moacyr Moraes (USP), Ricardo Terra (formado em filosofia por Giannotti na USP e no CEBRAP), Salma Muchail (formada em Louvain e professora de filosofia na PUC-SP). Do outro lado, um pouco afastado, estava o professor Bento Prado Júnior (UFSCar). Eu levei um pouco de tempo para identificá-lo, pois ele estava com uma aparência bem cansada (o professor Bento Prado Júnior, com quem conversei um pouco em Salvador, durante o encontro da ANPOF, esteve recentemente muito doente, inclusive, foi motivo de vários comentários pelos professores durante o colóquio). Um outro professor também chamou a minha atenção: foi Luiz Carlos Pereira, do Departamento de Filosofia da PUC-RIO, a quem entrevistei por ocasião do meu DEA. Lembrei-me imediatamente da resistência dele em responder questões relativas à sua origem social, ao seu primeiro contato com a filosofia, entre outras.

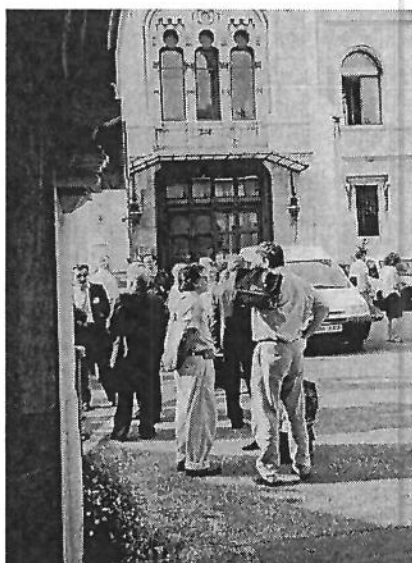


Foto 12.

Foto 12 - Pátio do Château Valrose, Université, entrada da sala do colóquio. À esquerda, o professor Luiz Carlos Pereira da PUC-RIO e à direita, o professor Ivan Domingues (UFMG).

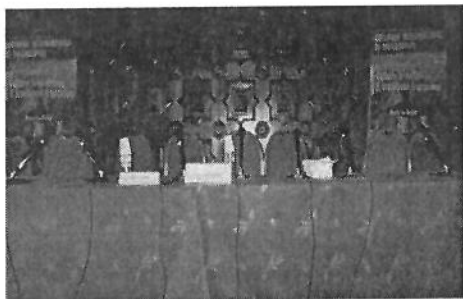


Foto 13. Interior da sala do evento.



Foto 14. Interior da sala do evento em Nice.

As diferenças iam, portanto, muito além dos objetivos declarados das duas reuniões. O número de participantes, por exemplo, era bem menor do que o do encontro do Brasil, ou seja, havia apenas trinta pessoas reunidas num local muito bonito, conforme ficou registrado no meu caderno de campo. Mas, mesmo com um número menor de pessoas, percebia-se o controle excessivo dos moderadores da mesa sobre as intervenções feitas pelos brasileiros, como exporei mais à frente. O controle da fala é um traço marcante na França e esteve ausente das discussões e comunicações apresentadas no evento do Brasil. No encontro brasileiro, ao contrário do que acontecia em Nice, os moderadores, apresentadores e o público discutiram e intervieram durante as comunicações com perguntas, sem tanta preocupação com o tempo e com a maneira de abordar as questões.

Ainda, diferentemente do encontro brasileiro, em termos de organização, no colóquio de Nice só duas categorias de intervenção foram programadas: as conferências plenárias (total de 3), realizadas por "personalidades acadêmicas", e os ateliês (total de 6), liderados pelos demais professores. As personalidades acadêmicas brasileiras, José Arthur Giannotti e Bento Prado Júnior, eram os professores que participaram também das mesas plenárias e das palestras da ANPOF. Esse estatuto lhes garantiu uma maior visibilidade, além de usufruírem de um espaço de tempo bem maior para suas exposições, quarenta minutos, ao passo que aqueles alocados nos ateliês tiveram entre cinco e dez minutos.

Funcionando de maneira análoga às mesas plenárias da ANPOF, a presença de “personnalités académiques” se, por um lado, funcionou como meio de consagração das antigas gerações de professores de filosofia – o que designa o reconhecimento por parte da comunidade –, por outro, reforçou a distância dessa antiga geração do conjunto de participantes, em sua maioria professores. Isso ficou bastante nítido durante a primeira intervenção de José Arthur Giannotti no colóquio em Nice. Na qualidade de “personnalité académique”, ele direcionou toda a sua exposição para o seu percurso no campo filosófico brasileiro. Refletindo sobre os objetivos do colóquio, e como que resumindo a história da formação do debate filosófico brasileiro na sua história individual, o discurso de José Arthur Giannotti ritmou a intervenção dos demais filósofos que estavam alocados nos ateliês e que passaram, como ele, a usar de argumentos de autoridade institucional e de suas filiações filosóficas para se fazerem reconhecer diante dos seus pares franceses. Afinal de contas, o que estava em jogo, entre outros interesses, era a continuidade dos acordos CAPES/COFECUB, que garantiria a consolidação de redes institucionais de pesquisa e o fortalecimento da disciplina no Brasil.

**23.06.2005/ 10h - Conferência plenária de personalidades acadêmicas – José Arthur Giannotti.**

Vestido com uma calça de cor vinho e camisa branca de manga comprida enrolada até a metade dos braços, o prof. José Arthur Giannotti se diferencia do seu interlocutor, o Prof. Mattei, que de paletó e gravata garantia o ar sério e compenetrado no assunto. Giannotti atua com uma fala aparentemente improvisada e faz notar a importância, para ele e para toda sua geração, da missão francesa e de seu doutorado na França. Relaciona-as ao leque de instrumentos que ele pôde mobilizar ao longo de sua carreira: o conjunto de trabalhos de tradução de alguns clássicos da Filosofia através da Editora Abril – a coleção *Os pensadores* – “*pois graças aos instrumentos metodológicos fornecidos pelos professores franceses ao longo de minha formação, foi possível traduzir grande parte dos clássicos de filosofia*”. A passagem pela França é lembrada não apenas pela influência de seu orientador Gilles Granger nos seus estudos sobre filosofia da ciência, e pelo fato de este ter formado dezenas de estudantes durante sua estada no Brasil na qualidade de professor visitante, mas também porque deles (os professores franceses) surgiu o interesse em ir “às fontes”. O investimento na filosofia analítica é ressaltado como um investimento feito a partir da queda da ditadura militar, isto é, a partir dos anos oitenta, período em que, segundo ele, o Departamento de Filosofia da USP parece ter

perdido o modelo (da missão francesa): “com o tempo, a nova geração tomou o poder muito rápido [...] não havia mais padrão, nem ponto de referência [...] A minha geração era mais “technique” (técnica), pois se lia os textos originais. O mais importante para nós foram “pots et bavardages” com os professores franceses [...] A queda da ditadura é marcada pela perda do contato com a França. A nova geração não vem mais tanto para a França e o contato com a França se perde gradativamente e assim a relação dos acordos mudam [...] Os estudantes (hoje) investem mais nos Estados Unidos”. Giannotti insiste que a filosofia sofreu uma crise “com a mudança de geração na USP” e que é graças a Oswaldo Porchat que uma boa parte da filosofia analítica hoje é praticada no CLE, que o Departamento da Filosofia da USP é muito voltado para a história da filosofia. José Arthur Giannotti conclui sua fala dizendo que está “muito grato pela experiência que teve com os professores no Brasil e na França e que espera estabelecer uma agenda para acordos entre os dois países”. Esta primeira comunicação recebeu os mais fervorosos aplausos dos filósofos brasileiros, mas não obteve o mesmo sucesso entre os franceses. Em particular, o professor Mattei se referiu a palestra como “um discurso nostálgico que pertence a ele mesmo” (*un discours nostalgique qu’appartient à lui même!*).

#### **1.4 - Os debates entre filósofos reunidos no Colóquio Internacional de Filosofia em Nice.**

Ao contrário da ANPOF, o debate no colóquio de Nice foi tenso e contou com situações de insultos fortes e pessoais, pois o que estava em jogo não era apenas o *status profissional* do filósofo, mas a própria existência social de pensadores dignos dessa denominação, que foi colocada em questão pelos pares franceses ao enfatizaram a inexistência de uma produção filosófica autônoma no Brasil e, conseqüentemente, o seu precário reconhecimento no campo internacional<sup>156</sup>.

---

<sup>156</sup> O debate tomou formas tão agressivas e constrangedoras que levou o filósofo Francis Wolff, vinculado ao Brasil por meio de uma rede institucional entre a USP e a Universidade de Paris I, a pedir a palavra e explicar aos seus pares franceses que as perguntas sobre a existência de uma “filosofia brasileira”, ou a falta de reconhecimento da filosofia praticada no Brasil, não faziam sentido. Segundo o filósofo, “os filósofos brasileiros se interessam por uma filosofia especializada em autores e temas universais, dadas as condições históricas. De um lado, você tinha a ditadura e, de outro, a vontade dos filósofos quererem se separar de uma prática ligada à Igreja e à pedagogia”. Cf. anotação do caderno de campo.

De fato, desde o início, tanto o título do colóquio - *Culture brésilienne et traditions françaises* – quanto as perguntas que estiveram no convite de chamada para o evento remetiam à dúvida sobre o que seria filosofia no Brasil frente àquela realizada pela academia francesa:

- Dans quelle mesure la philosophie française et européenne détermine-t-elle encore l'actualité philosophique au Brésil ? (Em que medida a filosofia francesa e européia determina ainda a atualidade da filosofia no Brasil ?)
- Dans quelle mesure la philosophie au Brésil reflète-t-elle les problèmes et préoccupations culturelles de son propre milieu social et culturel ? (Em que medida a filosofia no Brasil reflete os problemas e as preocupações de seu próprio meio social e cultural?)
- Quelles voies peut-on développer pour une coopération universitaire élargie, en particulier par l'intermédiaire des accords CAPES-COFECUB ? (Quais as vias para se desenvolver uma cooperação universitária ampla, em particular, por intermédio dos acordos CAPES - COFECUB ?)

Como se pode observar, a primeira questão sublinha o papel da missão francesa na implantação do ensino da filosofia nas faculdades de filosofia, letras e ciências humanas. A segunda pergunta se baseia claramente no pressuposto da universalidade original da “filosofia francesa e européia” que seria suscetível de ampliar seus horizontes mediante “os problemas e preocupações culturais” do “meio” social brasileiro. A última sinaliza sobre a necessidade francesa dos intercâmbios universitários, tendo em vista a acirrada competição existente entre os espaços filosóficos europeus e o espaço filosófico norte-americano.

Essa tensão se traduziu claramente no debate entre François Laplantine e Ricardo Ribeiro Terra. Em razão dos estudos que havia realizado no Brasil sobre o Brasil, Laplantine foi convidado para encerrar a série de ateliês e conferências apresentadas durante o primeiro dia do colóquio. Ricardo Ribeiro Terra estava presente como coordenador de um dos projetos que vigorava nos acordos CAPES-COFECUB. O debate ocorreu após Laplantine apresentar uma comunicação com o título “L'identité brésilienne en philosophie”, na qual procurava explicar as razões da “*méconnaissance de la philosophie brésilienne à l'échelle internationale*” ou “*pourquoi la philosophie au Brésil n'est pas une discipline*



*autonome*"<sup>157</sup>. Vale aqui mencionar que um dos argumentos apresentados pelo autor para essa ausência de autonomia era, de um lado, a subordinação do ensino e da transmissão da filosofia a instâncias católicas, e de outro, o fato de a filosofia sempre ter se encontrado diluída entre as disciplinas das ciências humanas.

Esses argumentos foram violentamente rebatidos pelos professores presentes no colóquio, em especial por Ricardo Terra, que fez duras críticas às cooperações institucionais brasileiras com o sistema universitário francês. O uso grosseiro da expressão "festival de mulâtres" para se referir ao programa do evento estabelecido pelos franceses e a referência à obra de Gilberto Freire por Laplantine demonstra o grau de irritação de Ricardo Terra diante de seus homólogos franceses, no último dia do colóquio, pouco antes do representante do COFECUB iniciar a mesa intitulada "Coopération entre la France et le Brésil".

Coordenando a mesa intitulada "L'ethique et la politique", onde foram abordados os resultados de algumas pesquisas sobre a filosofia política de Tocqueville, apresentados por Newton Bignotto, professor da UFMG, Ricardo Terra irrita-se profundamente com a insistência dirigida a Bignotto por seus pares franceses a respeito dos estudos que poderiam ter sido realizados pelos filósofos brasileiros sobre Tocqueville aplicados à realidade brasileira. Bignotto, depois de repetir pelo menos três vezes que desconhecia qualquer estudo a esse respeito no Brasil, foi interrompido por Ricardo Terra que inicia sua fala, como pude anotar em meu caderno de campo. O balanço feito com ironia por Ricardo Terra do uso que Laplantine fez das obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior para afirmar que aqueles que primeiro pensaram o Brasil não eram filósofos, remete à difícil trajetória dele e demais presentes na luta pela institucionalização da filosofia como disciplina autônoma. Ao lembrar, por exemplo, aos participantes do colóquio que a única notícia que tinha "de gente preocupada com filosofia brasileira eram os integralistas", Ricardo Terra fazia menção direta aos seus principais opositores na definição dessa disciplina no campo universitário: os filósofos alocados no IBF, liderados pelo jurista Miguel Reale, conhecido líder integralista e responsável pela difusão da filosofia do direito a partir do "Largo São Francisco".

---

<sup>157</sup> Frase proferida por François Laplantine no começo de sua apresentação. O debate ocorreu após Laplantine apresentar uma comunicação com o título "Identidade brasileira na filosofia", na qual procurava explicar as razões do "*desconhecimento (falta de reconhecimento) da filosofia brasileira em escala internacional*" ou "porque a filosofia no Brasil não é uma disciplina autônoma". Cf. anotação do caderno de campo.



**23.06.2005/ 17h – Mesa redonda “Sur l’identité brésilienne en philosophie” - convidado François Laplantine.**

François Laplantine começa sua exposição mostrando que durante todo o século XX os intelectuais que pensaram o Brasil tinham uma formação em sociologia, economia e literatura. Ele cita autores como Gilberto Freyre, Machado de Assis, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda, que escreveram no início do século XX [...]. Em seguida, explicita [...] hipóteses que poderiam explicar a falta de autonomia da filosofia brasileira: “[...] é o fato da filosofia se encontrar ‘*diluée parmi les autres disciplines des Sciences Humaines*’”<sup>158</sup>.

**25.06.2005- 12h - Reação de Ricardo Terra à exposição de François Laplantine, no Ateliê n° 5, “Sur l’éthique et la politique”.**

Ricardo Terra inicia explicando que havia preparado, a pedido do Prof. Ferrari (presidente da Associação Internacional de Kant), que sempre o incentivou, um texto sobre Kant, que deverá ser publicado por uma revista dedicada ao autor, mas que devido os acontecimentos do colóquio, ele preparou outro texto para ler. Ele comenta que recebeu da parte do João Carlos Sales, presidente da ANPOF, no dia 3 de janeiro, uma carta com o convite para o colóquio. Ele fala que a carta fazia referência ao colóquio como um *bilan* entre a “filosofia brasileira” e a “filosofia francesa”. Ele diz que ao ler isso imaginou um festival de “mulâtres”, de um lado, e de “moulin rouge”, de outro. Ao receber uma segunda carta, ele diz que os organizadores deixaram entender que o colóquio seria específico em filosofia, feito por filósofos. Terminada a explicação das cartas, o Prof. Terra passa a fazer uma série de críticas mais incisivas aos organizadores do colóquio. A primeira crítica é relacionada à presença de um intelectual não filósofo (a presença de um antropólogo – François Laplantine). Ele diz que a única lembrança que tem de pessoas “gens” preocupadas com “identité brésilienne” é dos integralistas. Refere ainda que os autores citados, “Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior”, não têm nada a ver com a filosofia praticada no Brasil e insiste indagando: “como reagir a isso?” (“*comment réagir à cela?*”). Ele termina ressaltando que para reagir a esse tipo de intervenção era preciso que eles fossem sociólogos ou antropólogos, “*on devrait avoir des sociologues ou des anthropologues pour réagir à ce type d’intervention et pas de*

---

<sup>158</sup> “[...] é o fato de a filosofia se encontrar ‘diluída entre as outras disciplinas das ciências humanas’”. Tradução minha.

*philosophes*"<sup>159</sup>. Depois, Ricardo Terra passa a fazer críticas à política de cooperação entre França e Brasil, pois a embaixada da França no Brasil "*change tout le temps les propositions de travail*"<sup>160</sup>. Um silêncio se instala na sala, sinal evidente do mal estar provocada por essa intervenção.

Esse debate, ao revelar, por um lado, a preocupação com a diversidade da produção filosófica no Brasil, e, por outro, o quanto seu reconhecimento é ainda precário face à comunidade internacional, justifica o direcionamento das intervenções do colóquio para a importância dos centros em que cada um deles se formou, bem como para os professores e filósofos que exerceram influência sobre suas carreiras. Daí, a razão pela qual os filósofos brasileiros insistiram, durante todo o tempo, na afirmação da existência de diferentes padrões do fazer filosófico no Brasil, o que causou certo desconforto para os organizadores do evento, que estariam, possivelmente, vendo nessa diversidade a perda do controle dos canais de transmissão da filosofia no Brasil.

A intervenção irritada da professora Lia Levy é um bom exemplo. Frente ao comentário do professor Moacyr Aires, que generalizou a experiência da USP, enfatizando a "história da filosofia" como a principal via de transmissão da filosofia no Brasil, bem como ao "estilo monográfico" como maneira de estruturar a pesquisa da área, ela não escondeu seu descontentamento. Não poupou esforços para reivindicar sua filiação aos *filósofos de origem católica* associados ao pólo da filosofia analítica, Guido Antônio de Almeida, Raul Landim Filho e Balthazar Barbosa Filho. Formada na UFRJ e fazendo parte de uma rede de pesquisas que incluía a referida Universidade e a UFRGS, onde é atualmente professora, explicitou que na sua visão sobre a filosofia, "*diferentemente da dos Uspianos, o que prevalece [...] é uma leitura analítica dos pensadores da história da filosofia*". Com essa frase ela procurava enfatizar que não havia uma tradição filosófica uspiana no Brasil, porque neste país os estudos filosóficos são recentes e o campo ainda estaria em construção.

---

<sup>159</sup> Ele termina ressaltando que, para reagir a este tipo de intervenção, era preciso que eles fossem sociólogos ou antropólogos, "Nós deveríamos ter sociólogos e antropólogos para reagir a este tipo de intervenção e não filósofos". Tradução minha.

<sup>160</sup> Depois, Ricardo Terra passa a fazer críticas à política de cooperação entre França e Brasil, pois a embaixada da França no Brasil "muda todo o tempo as propostas de trabalho". Tradução minha.

Uma outra intervenção, que também serve de exemplo para compreender a insistência dos brasileiros nos diversos parâmetros do exercício filosófico, provando-os a partir de seus locais de trabalho e formação, está na fala da professora da PUC-SP, Salma Muchail, formada em Louvain. Num tom de voz baixo e falando paulatinamente, ela, como os demais filósofos brasileiros, mencionou o lugar de sua formação que não era a USP, para assim retomar uma outra história de filosofia brasileira: o Departamento de Filosofia da PUC-SP, que tem por origem as missões belgas do início do século XX, vindas para o Mosteiro de São Bento, em São Paulo, apontando, desse ângulo, a primeira faculdade de filosofia no Brasil. Enfatiza, também para mostrar a importância de outros locais de formação no Brasil diferentes da USP, que foi o Departamento de Filosofia da PUC-SP que concedeu ajuda aos professores José Arthur Giannotti e Bento Prado Júnior, na década de setenta, período em que o governo dos militares os afastou de suas atividades no Brasil. Para indicar a existência de outros padrões que os impostos pela USP, ela cita suas atividades de tradução da obra de Michel Foucault e Merleau Ponty. Insiste, ainda, na importância da tradução como exercício para pensar uma tradição filosófica e com isso chama a atenção dos organizadores do evento para que “sem [...] trabalhar com a própria filosofia”, a tradução de textos filosóficos fossem consideradas como partes integrantes nos acordos internacionais. Sobretudo, ela afirmou como o pólo de filosofia analítica se diferencia do Departamento da USP e de suas tradições.

**23.06.2005/ 11h43 – Intervenção de Lia Levy no Ateliê “Sur l’enseignement philosophique en France et au Brésil”**

Com um jeito meio despojado, de calça jeans e camiseta preta, a professora Lia Levy se apresenta satirizando o lapso do professor José Arthur Giannotti ao chamar a UFRGS de Universidade de Buenos Aires. Lia Levy fala : “*Bonjour, je suis professeur à l’Université de Buenos Aires !*”<sup>161</sup>. Todos sorriem na sala, menos o prof. José Arthur Giannotti. Os franceses parecem não entender nada visto que as oposições de cada espaço de produção filosófica só são inteligíveis, só são evidentes para quem se origina num determinado campo de concorrência nacional. Ela continua falando que estava ali para testemunhar que não existe somente a USP como centro universitário importante na filosofia no Brasil. Ela fala de sua formação no Rio de Janeiro junto aos professores Raul Landim e Guido de Almeida que estudaram em Louvain: “*Je suis très fière de venir de Rio*

---

<sup>161</sup>Lia Levy fala “Bom dia, eu sou professora da Universidade de Buenos Ayres”. Tradução minha.

*de Janeiro e d'avoir fait ma formation là-bas avec le professeur Raul Landim et Guido de Almeida qui ont fait leurs études à Louvain*<sup>162</sup>. Ela fala que, embora não trabalhe com autores da filosofia analítica, o que prevalece em seus estudos é uma leitura analítica a partir de temas e autores da história da filosofia. Há também uma influência francesa, pois fez seus estudos na França, embora com efeitos diferentes daqueles descritos pelos colegas presentes. Ela insiste em que não existe uma tradição filosófica no país e que essa tradição está sendo construída pouco a pouco, que não somente a USP contribui para isso, mas também as universidades federais do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, da qual ela faz parte através de um "réseau" entre UFRJ e UFRGS.

A intervenção da Profa. Salma Muchail sobre a formação do pólo católico de Louvain, descrita abaixo, também contribuiu para sublinhar a forte concorrência com o pólo da USP pela definição da palavra filosófica autorizada.

**25.06.2005/ 16h – Intervenção da Profa. Salma Muchail no Ateliê "Sur les sciences Humaines et l'anthropologie"**

Salma Muchail inicia sua fala explicando ter preparado um texto, mas dado o sentido do colóquio, ela decidiu falar um pouco sobre sua formação e o acesso à filosofia em francês através de outro canal que o relatado pelos colegas da USP. Ela fala sobre a criação da PUC-SP, universidade na qual trabalha, fala da criação do primeiro curso de filosofia do país na Faculdade de Filosofia do Mosteiro de São Bento em São Paulo, organizado por professores vindos de Louvain, e da criação da PUC, nos anos 50, através da fusão entre a Faculdade de Filosofia de São Bento e da Sedes Sapientes, das irmãs agostinianas. Em seguida, ela fala que esse processo foi interrompido durante as primeira e segunda guerras mundiais, mas que durante o regime militar esse movimento de ir a Louvain é retomado. Em seguida, ela fala que, de volta ao Brasil no começo dos anos 70, foi difícil achar um lugar para trabalhar, mas a figura da freira Laura Fraga Sampaio (formada em Louvain) foi fundamental para ela e outros colegas, inclusive, é graças a ela que eles conseguiram de certa forma trazer para a PUC-SP os filósofos da USP que tinham sido aposentados pela ditadura. Ela cita os nomes de José Arthur Giannotti e Bento Prado Júnior para reforçar a dívida dos uspianos com os colegas de origem católica na

---

<sup>162</sup> Ela fala de sua formação no Rio de Janeiro junto aos professores Raul Landim Filho e Guido Antônio de Almeida, que estudaram em Louvain: "Eu sou muito orgulhosa de vir do Rio de Janeiro e de ter feito minha formação lá com os professores Raul Landim Filho e Guido Antônio de Almeida, que fizeram seus estudos em Louvain". Tradução minha.

reconstituição do campo filosófico. Ricardo Terra balança a cabeça com um sorriso atencioso, concordando com tudo o que é dito. Em seguida, Salma Muchail fala sobre o ensino da filosofia. Ela classifica 4 tipos de ensino ou leitura filosófica no Brasil: uma leitura ingênua e simplista, uma leitura doutrinal, uma leitura objetiva e uma leitura reflexiva. Fazendo uma leitura reflexiva, como ressalta a própria Salma Muchail, da obra de Michel Foucault e Merleau Ponty, ela sublinha que se trata de um trabalho sobre objetos e temas precisos e não da filosofia nela mesma. Ela remete essa forma distinta ou essa variação de ver a filosofia e de fazer filosofia aos diferentes canais de leitura filosófica. A Profa. Salma Muchail conclui sua fala lançando uma proposta em torno de um maior investimento em traduções de textos do francês para o português (Brasil). Ela fala da tradução como uma reelaboração de um pensamento e como um instrumento importante ao desenvolvimento da filosofia no país. Os comentadores franceses, um pouco sem jeito dado a situação, comentam apenas a fala de Salma Muchail, especialmente com relação à participação da PUC-SP junto aos professores da USP durante a ditadura militar. Os comentários traduzem certa admiração pela "solidariedade" dos professores da PUC-SP em relação aos "professores cassados", ao mesmo tempo que uma admiração pela "coragem" no engajamento político<sup>163</sup>. A Profa. Salma Muchail mostra-se satisfeita com tal "reconhecimento". Salma Muchail, sorrindo levemente, diz: "pois é ! foi difícil aquele momento!". Antes de encerrar o debate, Salma Muchail afirma que a mesa presente era composta por mineiros "*c'est une table de mineiros! même Berten, il est à Minas Gerais!*". Todos sorriem! Esta referência cifrada seguramente visava reforçar a oposição do espaço brasileiro entre políticos e intelectuais originários de Minas Gerais e de São Paulo. Como já observado em capítulo anterior, o pólo de *filósofos de origem católica* tem no Pe. Henrique Vaz uma figura emblemática; seu itinerário é profundamente "mineiro".

---

<sup>163</sup> Tanto Bento Prado Júnior quanto José Arthur Giannotti participaram do projeto de resistência que resultou na implantação do Curso de Pós-graduação em Filosofia na PUC de São Paulo, que, em 1977, foi invadida pelas forças de repressão. Graças ao convite de Madre Cristina (criadora da Sedes Sapientes) e Irmã Laura Fraga (responsável, na época, pelo Departamento de Filosofia), os dois filósofos puderam ministrar cursos de filosofia. Cf. Marcos NOBRE, op. cit., ano, p. 145.



Foto 16.

Foto 16 - Ateliê "Sur les sciences Humaines et l'anthropologie". Da esquerda para a direita, André Berten (Louvain-UCL e professor visitante do Departamento de Filosofia da UFMG), Jean Pierre Dupuy (University Stanford), Ricardo Ribeiro Terra, Salma Tannus Muchail (PUC-SP), Ivan Domingues (UFMG).

Embora as intervenções tenham ocorrido em instantes diferentes, isto é, em ateliês com objetivos distintos, os franceses presentes não esconderam a falta de interesse frente aos assuntos relacionados à filosofia analítica, bem como aos estudos a respeito dos temas tratados por Salma Muchail. Dois momentos foram importantes e serviram como indícios dessa indiferença. O primeiro ocorreu durante o ateliê já mencionado, durante o qual Lia Levy foi até a mesa dos palestrantes Ricardo Terra e Moacyr Aires e utilizou o microfone para *"lembrar que no Brasil existiam outros centros de pesquisa e que ela não havia sido formada na USP"*. Como que não atribuindo atenção à observação de Lia Levy, o presidente da mesa permaneceu em silêncio, convocando, em seguida, os participantes a fazerem uma *"pause-déjeuner"*.

O segundo momento ocorreu quando o moderador da mesa interrompeu de maneira brusca a exposição dos três professores ligados aos estudos de filosofia analítica, todos formados e trabalhando em universidades não uspianas<sup>164</sup>.

<sup>164</sup> Na mesa estavam os professores Lia Levy, Balthazar Barbosa, Marcos André Gleizer e Moacyr Aires Novaes. O Prof. Balthazar Barbosa Filho, da UFRGS, que representava no colóquio o grupo de filósofos oriundos de Louvain e que trabalham com filosofia analítica e da linguagem, esteve presente no colóquio como membro do acordo CAPES, junto com Ricardo Terra. O Prof. Marcos Gleizer também foi formado por Raul Landin e Guido Antônio de Almeida na UFRJ, como a Prof. Lia Levy, e trabalha na UERJ. Tanto Lia Levy quanto Balthazar Barbosa Filho e Marcos Gleizer são ligados institucionalmente por meio de uma rede de pesquisa financiada pelo CNPq-PRONEX, intitulada *Lógica e Ontologia*, dirigida por Balthazar Barbosa Filho (UFRGS), Raul Landin Filho e Guido Antônio de Almeida (UFRJ). Do outro lado, estava o Prof. Moacyr Aires, que foi formado pela USP e é atualmente professor de filosofia da mesma instituição, onde desenvolve pesquisas na área de história da filosofia medieval. Além de coordenar o GT "História da Filosofia Medieval e a recepção da Filosofia Antiga",



Na mesa estão os professores Lia Levy, Balthazar Barbosa Filho, Marcos André Gleizer, Moacyr Aires Novaes. O presidente da mesa sublinha que devido ao pouco tempo e à grande quantidade de pessoas para falar, cada um deve se expressar em torno de, no máximo, 7 minutos. Todos ficam surpresos, pois o tempo previsto era de 20 a 30 minutos para os brasileiros e de 5 a 10 para cada interlocutor francês. Lia Levy, mostrando seu total desacordo com o tempo dado, fala de modo muitíssimo resumido. Ela diz que desenvolve seus estudos em filosofia numa perspectiva diferente da história da filosofia desenvolvida na USP e que trabalha sobre a noção de representação em Descartes, em especial, sobre a expressão “penso, logo existo”. Ela acaba sua fala muito irritada e, logo em seguida, Balthazar Barbosa Filho apresenta um estudo sobre Aristóteles que é interrompido bruscamente pelo presidente da mesa, que diz: “*Vous n'allez pas nous faire un traité de philosophie, Monsieur !*”<sup>165</sup>. Balthazar Barbosa Filho pára e diz: “*Bon, je m'arrete ici!*”. A palavra é dada ao Prof. Marcos Gleizer, que fica sem jeito e meio perdido, sem saber como começar a sua apresentação. Ele pede desculpas quando novamente o presidente da mesa o interrompe bruscamente dizendo: “*C'est simple, vous faites comme si c'était à la télé!*”<sup>166</sup>. Marcos Gleizer diz que não tem “prática de televisão” e que ele não sabe como resumir um texto em 5 minutos, visto que ele tinha preparado um texto em francês de 30 minutos. Ele tenta falar, se perde, mas consegue dizer que se interessa por Espinosa. Não fica claro exatamente o que ele trabalha, nem em que perspectiva. Durante esse momento, uma tensão se instala na sala. Lia Levy e Balthazar Barbosa Filho ficam se comunicando e balançando a cabeça de um lado para o outro, como se não estivessem entendendo nada do que acontecia. Todos na sala ficam calados, com ar de indignação com o que se passa. Em seguida, o presidente da mesa diz: “*Malheureusement, c'est comme ça! [...] On n'a pas le temps ! [...] Ce n'est pas toujours comme on veut [...] le temps est très mal repartis. Le matin, il y avait moins de gens pour*

---

na ANPOF, ele coordena o projeto “*Conhecimento e conhecimento de si*”, Contribuição das teorias do conhecimento na Antiguidade Tardia e na Idade Média a uma história do sujeito”, por meio do Acordo de Cooperação Interuniversitária USP/COFECUB e é co-editor da revista do Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval de São Paulo (CEPAME).

<sup>165</sup> Ela acaba sua fala muito irritada e, logo em seguida, o Prof. Balthazar Barbosa Filho apresenta um estudo sobre Aristóteles que é interrompido bruscamente pelo presidente da mesa, que diz: “Senhor, você não vai nos fazer um tratado de filosofia!”. Tradução minha.

<sup>166</sup> Ele pede desculpas quando novamente o presidente da mesa o interrompe bruscamente dizendo: “É simples, o senhor faz como se estivesse na televisão”. Tradução minha.



*parler et plus de temps! [...] C'est triste, mais c'est comme ça!*<sup>167</sup>. A palavra é dada aos professores franceses que falam cada um em torno de 10 minutos sobre coisas que não têm nada a ver diretamente sobre o tema! Uma pergunta é dirigida ao Prof. Balthazar Barbosa Filho e outra a Lia Levy (pedindo para ela falar um pouco mais sobre o assunto com o qual ela trabalha). Lia Levy agradece mas diz: "*Je vous remercie beaucoup les questions mais je n'ai pas assez de temps pour répondre à des questions si importantes!*"<sup>168</sup>. O microfone é dado ao Prof. Balthazar Barbosa Filho que diz: "*Je fais de mes mots ceux de ma collègue!*"<sup>169</sup> Tensão total na sala. Todos calados! Uma pausa para o café é feita. Os professores Lia Levy, Fátima Évora e Marcos Gleizer saem para o pátio e vão embora<sup>170</sup>.

Talvez esse tenha sido um dos ateliês onde os mal entendidos e dificuldades de comunicação ficaram mais explícitos. O mais evidente é que uns não sabiam o que os outros faziam; ou ainda, na pior hipótese, que os franceses não desejavam ouvir discursos semelhantes aos de um "tratado de filosofia", mas apenas informações tão superficiais quanto as fornecidas por programas de televisão. A retirada dos palestrantes brasileiros apenas confirma a impossibilidade de instauração de um debate fecundo. Note-se aqui que a atitude, o silêncio, como reação ao que foi dito, é mais eloqüente do que as palavras explicitamente proferidas. A situação social do debate contribui mais para ressaltar os princípios da disputa pela palavra autorizada, seguida de escuta atenta, do que as falas efetivamente emitidas.

Se o tratamento dado aos filósofos brasileiros e o abandono deles do colóquio sinalizaram para alguns professores certa "falta de experiência" na organização de seus

<sup>167</sup> Em seguida, o presidente da mesa diz: "Infelizmente é assim! Não há tempo! Nem sempre é como nós queremos!! É triste, mas é assim! O tempo é muito mal repartido [...] Pela manhã, tinha muito menos pessoas para falar e mais tempo [...] É triste!". Tradução minha.

<sup>168</sup> A Profa. Lia Levy agradece, mas diz: "Eu vos agradeço as questões, mas eu não tenho tempo suficiente para responder questões tão importantes!" Tradução minha.

<sup>169</sup> O microfone é dado ao Prof. Balthazar Barbosa Filho, que diz: "Eu faço minhas as palavras da minha colega". Tradução minha.

<sup>170</sup> Na sala, eu ouço vários comentários logo após a pausa-café, momento em que os professores brasileiros Lia Levy, Marcos Gleizer, Fátima Évora e Milton Nascimento se retiram do encontro. Eu volto para a sala do colóquio onde estão os franceses que, sem saberem se o grupo de brasileiros tinha ido embora ou não, comentam: "Est-ce qu'il vont revenir ou pas?" (Eles vão voltar ou não?), "Je pense qu'il sont partis!" (Eu acho que eles foram embora!), "Oh, c'est pas vrai!" (Oh, mentira!). O Prof. Francis Wolff faz o seguinte comentário, referindo-se ao abandono do grupo de professores: "Moi, je les comprends. [...] le professeur Balthazar Barbosa m'a dit: vous nous prenez pour des cons! (Vocês estão pensando que nós somos idiotas, bobos!). Tradução minha.

trabalhos, ele também funcionou como indício da dificuldade dos franceses em lidar com a forte concorrência pelo controle dos canais de transmissão do saber filosófico europeu. Como que não dispostos a entrarem no jogo para o qual foram convidados, esses três filósofos, ao abandonarem completamente o colóquio, procuravam alegar diante de seus pares sua condição de “não discípulos”, vinculados a outro centro francófono, como Louvain, comportamento avesso aos filósofos formados na USP que, mesmo enfatizando suas divergências, permaneceram presentes até o término do colóquio.

No entanto, ao saírem do colóquio sem dar nenhuma satisfação aos organizadores do evento, abandonaram também a ocasião de assegurarem seu reconhecimento perante a comunidade internacional. Este trabalho, que ficou por conta dos filósofos que permaneceram no encontro, foi marcado por uma série de conflitos, vivenciados por alguns participantes com intenso desgaste emocional. André Berten, da Universidade Catholique de Louvain, chegou a comentar que *“Apesar do comentarista ter sido grosseiro, as pessoas deveriam pensar em organizar suas falas de modo a não prejudicar os demais conferencistas. Não se pode fazer um comentário longo, como um tratado. Há que saber resumir o trabalho”*<sup>171</sup>. Os filósofos brasileiros que permaneceram no encontro, preocupados em garantir para si, e para o programa de doutorado do qual faziam parte, o reconhecimento diante da platéia internacional, não pouparam esforços em fazer uso de gestos e falas para desqualificarem seus pares brasileiros, tanto no nível intelectual como no nível pessoal.

A saída de Balthazar Barbosa Filho, Lia Levy e Marcos Gleizer e outros professores, como a ex-secretária da ANPOF, Fátima Regina Évora (Unicamp), e Carlos Alberto Ribeiro de Moura (USP), não provocou um afrouxamento na disputa pelo reconhecimento das produções filosóficas face aos pares franceses. Esta se tornou ainda mais acirrada, quase que como uma questão vital para os poucos presentes nos dias subseqüentes. De um lado, a necessidade dos filósofos filiados a USP em garantir a cooperação com a França através do seu principal articulador, o Prof. José Arthur Giannotti, procurando provocar uma competição pela circulação de novas gerações em espaços anglo-saxões. Alegavam que o prestígio da França estava ameaçado pelos EUA, urgindo assim a necessidade em renovar

---

<sup>171</sup> Informações registradas por mim em gravador, momentos depois da pausa-café, em 23/05/05.

antigos laços, como aqueles que os uniam ao CEBRAP, à USP e à França<sup>172</sup>. Por outro lado, os filósofos oriundos de instituições menos prestigiosas no espaço escolar se impunham no debate fazendo referência à importância da França no universo cultural brasileiro.

Tomando distância um dos outros em relação à instituição em que foram formados, elemento que se constituiu num fator central no colóquio, pois apenas os filósofos alocados na USP, UFRGS e UFRJ haviam se beneficiado do acordo CAPES-COFECUB, as desavenças entre os próprios filósofos brasileiros e os franceses foram tomando proporções cada vez maiores, passando de simples comentários a agressões mais pessoais. Ao desqualificar seus pares usando prerrogativas institucionais e pessoais, como as piadas em torno da maneira de falar, os filósofos constituíam pouco a pouco algumas mediações através das quais passaram a impor censuras específicas à participação dos outros na negociação dos acordos entre a França e o Brasil. Ao término, velhos vínculos com a academia francesa ou com Louvain foram apenas confirmados. Essa oposição Paris/Louvain parece homóloga à oposição USP/Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, com a concentração dos filósofos analíticos no segundo pólo.

O exemplo cabal da maneira como se constituiu essa hierarquia a respeito daqueles considerados mais aptos para negociar ou não, foi vivenciado durante o último ateliê "Sur les Sciences Humaines et l'Anthropologie", quando os filósofos filiados a USP, José Arthur Giannotti, Moacyr Aires e Ricardo Terra, dirigiram fortes críticas à maneira pela qual Ivan Domingues, da UFMG, apresentou seus estudos sobre epistemologia das ciências humanas, fazendo referência ao seu doutorado na França e a José Arthur Giannotti, que teria mediado esse doutorado.

A distância entre esses filósofos foi ainda marcada durante o último ateliê, "Coopération entre Brésil et França", o qual foi dirigido pelo mesmo Ivan Domingues, também assessor da CAPES na área de filosofia, e que, ao insistir na supremacia da França no que tange ao destino dos estudantes de filosofia beneficiados com bolsas de estudos do governo brasileiro, era criticado bravamente pelos professores José Arthur Giannotti, Ricardo Terra, bem como pelo professor Moacyr Aires.

---

<sup>172</sup> Refiro-me particularmente ao fato de o professor José Arthur Giannotti ter sido professor de Ricardo Ribeiro Terra e Moacyr Aires, ambos formados pelo primeiro no CEBRAP.

Assim, de acordo com a proposta do colóquio, o debate, longe de ter exibido resultados de pesquisas e temas filosóficos, tornou-se um espaço de rivalidades institucionais, dentro do qual as gerações formadas na USP, no caso específico, o grupo formado em torno do Prof. José Arthur Giannotti, constituiu, sem sombra de dúvida, uma das redes institucionais mais bem estabelecidas do espaço acadêmico filosófico, dando, neste sentido, as cartas do jogo, chegando a questionar explicitamente os princípios norteadores da ação do comitê da CAPES para a área de filosofia, principal agência de concessão de bolsas para estudos no exterior.

**25.06.05 / 18h – Mesa redonda “Sur la coopération entre la France et le Brésil ”**

O Prof. Ivan Domingues inicia sua apresentação explicando a influência de intelectuais franceses no universo cultural brasileiro. Seu ponto de partida é a missão francesa, dando atenção especial à influência que Claude Lévi-Strauss exerceu na Antropologia no Brasil. Em seguida, ele fala que os estudantes continuam, de forma geral, preferindo a França como país para os estudos de pós-graduação e expõe as seguintes propostas para os acordos Brasil-França: 1) distribuir acordos (bolsas) com as diferentes universidades do Brasil e da França; 2) investir mais na bolsa sanduíche ; 3) investir em traduções Francês-Brasil e vice-versa ; 4) organizar colóquios e congressos França-Brasil e 5) atualizar os objetos de estudo para enfrentar os problemas éticos causados pela velocidade das tecnologias, como a Bioética, pois a filosofia analítica não daria conta desse tipo de problema. O Prof. José Arthur Giannotti começa seu comentário dizendo “*Ivan, je suis d'accord avec vous à la negative !*”. O Prof. Ivan Domingues toma um susto, assim como todos na sala (somente os professores Ricardo Terra e o Moacyr Aires sorriem !). Prof. Ivan Domingues diz: “*Pardon!*”. O Prof. Giannotti repete a frase e, em seguida, começa a tomar ponto por ponto a apresentação do Prof. Ivan Domingues, afirmando o contrário de tudo o que foi dito: que a antropologia praticada no Brasil não tem nenhuma influência de Claude Lévi-Strauss, nem mesmo no Museu Nacional e muito menos nos trabalhos de Viveiros de Castro (afirmativa que espantaria qualquer cientista social conhecedor dos trabalhos de Roberto da Matta e de Eduardo Viveiros de Castro). Afirma o Prof. José Arthur Giannotti, falando na 1ª pessoa do plural, que “*Nós temos uma influência anglo-saxã, via EUA, tanto é assim que os estudantes preferem ir aos EUA do que à França*”. Ele diz ainda que, “[...] *on a déjà élargi énormément les bourses et maintenant on donne des bourses à tout le monde [...] Il faut réorganiser le système de bourse [...] la seule agence de financement sérieuse est la FAPESP [...]*”. O Prof. José

Arthur Giannotti acrescenta que *"la bourse sandwich n'est pas faite pour former des spécialiste"* servindo muito mais para dar *"un bain de civilisation aux étudiants !"* e que é preciso *"se concentrer sur les reseaux déjà existants !"*.<sup>173</sup> Assim, o Prof. José Arthur Giannotti buscou explicitamente assegurar a hegemonia dos laços de seu Departamento da USP com a academia francesa, tentando desqualificar a política empreendida pela CAPES, que examina a multiplicidade de demandas de bolsas por prazos curtos de um ano, como as bolsas sanduíche. Por fim, ele diz que os colóquios e congressos a serem realizados devem ter temas precisos e apresentarem resultados de pesquisas ou *"on risque de tomber dans le bavardage"*. O colóquio chega ao fim sem muito resultado efetivo, todos agradecendo, e certo mal estar geral toma conta da sala. O Prof. Ivan Domingues vai embora rapidamente, junto com o Prof. Newton. Eu fico e sou convidada pela Profa. Salma Muchail e pelo casal Berten para jantar com eles. A advertência do Prof. José Arthur Giannotti – *"on risque de tomber dans le bavardage"* – ressoa provavelmente em todos os espíritos.

A simples observação desse colóquio, um dos empreendimentos do Ano Brasil na França em 2005, deixa a impressão de que pouco contribuiu para um maior diálogo entre filósofos brasileiros e filósofos franceses, apenas exacerbando a competição pela hegemonia da palavra autorizada, tanto por especialistas franceses saudosistas da condição de "mestres pioneiros" dos estudantes brasileiros, quanto interna aos diferentes programas de doutorado brasileiros frente à primazia da USP.

Se tal colóquio é convincente de uma proposição verificável empiricamente, é a compreensão dos comportamentos e dos discursos dos filósofos franceses e brasileiros de origem católica, marxista ou analítica, em relação às diferentes condições de socialização de cada pensador, que permite entender a concorrência inevitável entre os indivíduos assim postos em competição pela palavra autorizada.

---

<sup>173</sup> Ele diz ainda que, "[...] a gente já ampliou demais as bolsas de estudos e agora se dá bolsas de estudos para todo mundo [...] é preciso reorganizar o sistema de bolsas [...] a única agência de financiamento seria, que eu conheço, é a FAPESP [...]". O Prof. José Arthur Giannotti acrescenta que "a bolsa sanduíche não é feita para formar especialistas" servindo muito mais para dar "um banho de civilização nos estudantes!" e que é preciso "se concentrar sobre as redes já existentes!". Por fim, ele diz que os colóquios e congressos a serem realizados devem ter temas precisos e apresentarem resultados de pesquisas ou "a gente corre o risco de cair em bate papo!". Tradução minha.

O conceito de "campo intelectual" parece ser particularmente fecundo, no nível heurístico, para tornar uma série interminável de desavenças um instrumento adicional de entendimento dos caminhos e descaminhos de autonomização do debate filosófico no Brasil. Inclusive serve para demonstrar a contribuição imprescindível dos *filósofos de origem católica* passados por Louvain, mesmo que o pólo dominante persista sendo o da USP. Entender as condições sociais de debate se revela tão relevante quanto examinar em detalhes os conteúdos das falas de cada pensador. A apreensão dos significados exige que minha análise contemple esses dois movimentos complementares. O colóquio na França serviu, pelo menos, para sublinhar como a história dos diálogos anteriores é parte constitutiva de toda nova interação<sup>174</sup>.

---

<sup>174</sup> Pierre BOUDIEU, 1980, Le mort saisit le Vif, ARSS, n° 32/33, avril/juin. O artigo trata das relações entre a história reificada e a história incorporada.



## Considerações Finais

A Universidade de São Paulo (USP), primeira universidade brasileira, serviu de modelo para as outras instituições de ensino de nível universitário. Como tinha por objetivo a formação de professores, seu primeiro curso de filosofia, dirigido por Jean Maugüé na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), não visava à formação de um corpo especializado, mas, estava centrado na transmissão de um conteúdo filosófico necessário para conferir ao ensino da filosofia um princípio de autonomia.

A formação de um corpo de filósofos que reivindicasse para si o projeto de uma instância criadora de filosofia foi lenta. As primeiras turmas de professores universitários formados somente vieram a se constituir como um grupo pensante e demandante de uma formação específica em filosofia na década de cinquenta, pois até antes disso os diversos intelectuais que passaram pelo curso de filosofia não se tornaram, necessariamente, professores de filosofia e filósofos. Menos do que em filosofia, muitos deles investiram na área de crítica literária, tal como Heloísa Pontes observou na formação do grupo Clima<sup>175</sup>.

As querelas vividas dentro da USP para implantar um novo padrão de ensino – não mais um modelo de simples transmissão da filosofia mas um modelo de reflexão filosófica – são reveladores do esforço das primeiras turmas de filosofia da FFLCH para alcançar esse objetivo, e ao mesmo tempo evidenciam o desafio que representou tal meta diante dos *filósofos juristas*, organizados em torno do Instituto Brasileiro de Filosofia na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, e que até a década de setenta constituíam os principais produtores de filosofia no país, embora se tratasse de uma filosofia atrelada ao estudo do direito.

Destarte, vale a pena lembrar que além da filosofia praticada pelos *juristas*, o ensino da filosofia esteve também presente nos mais variados programas de formação eclesial, pois constituía conhecimento obrigatório, embora subordinado aos estudos teológicos. O uso desse saber filosófico vinculado ao conhecimento da teologia propiciou o surgimento de um conjunto de filósofos (*filósofos de origem católica*), que também se confrontaram com

---

<sup>175</sup> Heloísa PONTES, 1998, *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68*, São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, p. 297.

aqueles da Faculdade de Filosofia da USP (*filósofos uspianos*) e da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (*filósofos juristas*).

Esta tese trata principalmente da contribuição desses *filósofos de origem católica* para a constituição de um universo independente e autônomo para a filosofia no espaço acadêmico brasileiro. De fato, trata-se de compreender de que modo esses *filósofos de origem católica* reconverteram o conjunto de saberes adquiridos em instituições e espaços católicos em recursos rentáveis para a formação de um universo de conhecimento desvinculado da igreja e do direito. Tal reconversão, porém, somente foi tornada possível graças à conjuntura política autoritária dos anos sessenta e setenta que, afastando as primeiras turmas de filósofos da USP empenhadas no movimento de autonomização da filosofia, possibilitou a ação dos *filósofos de origem católica*.

Dessa maneira, com este estudo procurei compreender, ademais, o que garante a determinados grupos – em momentos de reestruturação política – a força que os capacitam a atuar com êxito nas transformações do espaço acadêmico.

Para tanto, foi importante a criação da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), em 1975, liderada justamente pelos *filósofos de origem católica* recém-chegados de Louvain, Bélgica. Essa sociedade, criada com o propósito de acolher todos os interessados por filosofia e de fazer resistência ao silêncio imposto pela ditadura militar, serviu de lugar de acomodação para boa parte dos professores de filosofia afastados de suas universidades pelo AI-5, como, por exemplo, da USP, e propiciou a construção dos paradigmas do que deveria ser a filosofia no Brasil, mesmo tendo como base novos modelos de interpretação da realidade nacional. A discussão em torno da idéia de criação de associações especializadas e inteiramente desvinculadas da hierarquia eclesiástica ou de núcleos de poder político se deram, paradoxalmente, ainda dentro da SEAF. Com a abertura política dos anos oitenta e o financiamento em pesquisa, derivado da reforma universitária, e a conseqüente criação dos cursos de pós-graduação, a questão do quê deveria ser a filosofia no Brasil foi motivo da luta pela competência de transformar a disciplina, o que causou o desmantelamento de tal Sociedade.

A criação do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE), em 1976, e da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF), em 1983, bem como dos

programas de doutorado, de seminários de linguagem, de estudos de ética e bioética e das revistas destinadas a um público específico, como a revista *Analytica*, são resultados desse embate, cujo resultado foi a autonomização da disciplina no Brasil.

Esses espaços de circulação, para cuja criação a participação de *filósofos de origem católica* foi determinante, colaboraram decisivamente para a diversidade e vitalidade do debate filosófico nacional e mesmo internacional, conforme procurei materializar por meio da descrição etnográfica dos debates ocorridos no XI Encontro da ANPOF e no Colóquio Internacional de Filosofia, realizado em Nice.

Veio daí o meu empenho em analisar as práticas que presidiram o recrutamento dos *filósofos de origem católica*, relacionando os recursos familiares, os cursos superiores, a militância política, as bolsas de estudos e os estudos no exterior com as carreiras e investimentos nelas realizados. Foi esse empenho que me permitiu compreender a lógica que garantiu a força desse grupo na luta pela independência de pensamento, frente não somente à Igreja Católica, mas também aos grupos dos juristas e dos uspianos.

Assim, foi possível verificar que a formação dos espaços para os debates filosóficos – criação de associações e revistas especializadas na área e outros – foi uma ação conjunta daqueles que, em função da gestão da cultura familiar, tiveram oportunidade de estudar, no Brasil, sob a influência de jesuítas e dominicanos. Ademais, a oportunidade de circulação por instituições de ensino no exterior, permitiu, por exemplo, ultrapassar o treinamento fornecido pela repetição das cem teses tomistas em latim, e estabelecer contato com a fenomenologia e os estudos de lógica e filosofia da ciência, notadamente em Louvain.

Por outro lado, a importância dos *filósofos de origem católica* provenientes dos seminários diocesanos não foi menor. Descendentes de letrados de primeira geração e financiados pela Igreja Católica em seus estudos no exterior, ao regressaram ao Brasil inauguraram estudos em ética e bioética, contribuindo, também, para o fortalecimento de uma definição mais precisa da filosofia da educação.

Pensando no campo da filosofia hoje, percebe-se que a forte oposição entre *filósofos uspianos*, *filósofos juristas* e *filósofos de origem católica*, observada nos anos cinquenta e sessenta, foi substituída por outra, na qual se percebe, num pólo, os *filósofos de origem*

*católica* que estudaram filosofia da ciência e filosofia analítica em Louvain aliados aos *filósofos* uspianos, que estudaram filosofia da ciência em Paris e lógica e filosofia analítica nos Estados Unidos, e noutro pólo, os *filósofos* uspianos que estudaram história da filosofia em Paris.

De fato, esta oposição que estrutura o campo filosófico atual se organiza por meio de uma homologia clara entre os lugares de estudo no exterior, os espaços de trabalho e as linhas de pesquisas desenvolvidas no Brasil: os que estudaram em Louvain e nos Estados Unidos instalaram-se no CLE, UFRGS e UFRJ, enquanto que os que estudaram na Universidade de São Paulo e passaram pela França retornaram para a sua instituição de origem (USP), onde desenvolvem estudos de história da filosofia.

Enfim, pode-se concluir que a luta pela palavra autorizada no campo da filosofia, resultante das diferenças mencionadas acima e demonstradas ao longo da pesquisa, contribui para que a disciplina ganhe em densidade e dinâmica, tornando-se nesse sentido semelhante aos dos centros intelectuais mais produtivos da Europa.

**Anexo 1 - Procedimentos para construção da base de dados tratada pela análise de correspondência (SAS), dos quais resultaram os Gráficos 1 e 2, apresentados no primeiro capítulo.**

a) Perguntas para objetivar o espaço da filosofia:

- Quais são as universidades no Brasil que oferecem o Curso de Filosofia no Brasil ?
- Quais são as universidades que oferecem um curso de *pós-graduação lato sensu e stricto sensu*?

b) Para responder estas perguntas, realizei uma pesquisa a partir da *homepage* do Catálogo Regional das Universidades Brasileiras (CRUB).

c) A consulta apontou 31 universidades que ofereciam Cursos de Filosofia, mas apenas 18 com pós-graduação. Para aprofundar a pesquisa, elaborei uma ficha-síntese contendo os seguintes dados:

- Nome da instituição universitária;
- Estabelecimento: *confessionnal* ou não;
- Data do início do funcionamento do Departamento de Filosofia;
- Lista das modalidades de cursos oferecidos: graduação (bacharelado ou licenciatura), pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado);
- Linhas de pesquisa;
- Corpo docente: nome dos docentes, diplomas, disciplinas ministradas, linhas de pesquisas;
- Publicação: revistas, boletins e anais;
- Centro de documentação ou grupo de estudos: se existia ou não.

d) Das 18 universidades, na época (2000) apenas 6 preencheram os requisitos da ficha acima. Foi selecionado o corpo docente das seguintes universidades, para montar a amostra: USP, PUC-SP, UFRJ, PUC-RJ, UFRGS, PUC-RGS.

f) Com uma população de 105 docentes ligados aos departamentos de filosofia das universidades citadas acima, o procedimento posterior foi caracterizar cada docente por critérios institucionais. Para tanto, realizei uma consulta no CVLattes dos docentes:

- Local de nascimento;
- Data de nascimento;
- Sexo;
- Formação universitária;

- Data e local de obtenção de cada diploma;
- Principais linhas de pesquisa;
- Participação em revistas, associações.

O local e a data de nascimento foram coletados no catálogo *A Filosofia no Brasil* publicado pela ANPOF, de autoria de Antônio Joaquim Severino. As outras informações foram coletadas pela consulta ao CVlattes, na plataforma do CNPq, <http://lattes.cnpq.br/>

No que tange o local de nascimento, classifiquei os filósofos em dois grupos: aqueles oriundos de cidades interioranas (sem distinguir as cidades) e os de capitais.

Para as datas de nascimento, classifiquei os filósofos em três categorias diferentes: os que nasceram entre 1910-1939, 1940-1949 e 1950-1969. Esta distribuição de idade corresponde a critérios exclusivamente estatísticos.

Tratando-se do sexo dos filósofos, entre os 64 selecionados 47 são homens (mais da metade) e 17 mulheres.

Relativamente aos diplomas, tentei obter informações sobre a formação superior dos filósofos, o que possibilitou compor uma amostra de 64 filósofos que concluíram seu estudo superior (graduação e pós-graduação). Dividi a graduação em três tipos diferentes.

- Formação em Filosofia (Licenciatura e Bacharelado);
- Outras formações (formação em Direito, em Teologia, em Educação, em Letras);
- Dupla formação (um outro curso universitário).

Para os diplomas/títulos de pós-graduação, que representam um elemento indispensável para a constituição de uma carreira de filósofo reconhecido pelas agências de financiamento, isolei dois tipos de categorias:

- mestrado, doutorado e pós-doutorado em Filosofia;
- mestrado, doutorado e pós-doutorado em Direito, Educação, Teologia.

O ano e o local de obtenção de cada diploma serviu de critérios para o estudo sobre os filósofos no Brasil. Procurei saber se a formação intelectual dos filósofos se deu fora ou dentro do sistema de ensino universitário brasileiro e se esta formação ocorreu de maneira contínua ou não (com intervalos).

Notei assim dois tipos de formação:



- formação contínua (sem intervalo de tempo entre um diploma e outro);
- formação sem continuidade (com um espaço de tempo entre um diploma e outro).

Para o local de obtenção de diplomas, isolei as seguintes categorias:

- passagem pela França, Itália, Bélgica, Alemanha e pelos Estados Unidos;
- formação sem passagem pelo estrangeiro (formação toda efetuada no Brasil).

No que tange às principais linhas de pesquisa dos filósofos considerados, isolei quatro módulos. Esta distinção foi feita a partir dos programas de filosofia dos Departamentos de Filosofia na época. Temos:

- Filosofia Analítica, Filosofia da Linguagem;
- História da Filosofia;
- Filosofia das Ciências, Epistemologia, Teoria do conhecimento e Lógica;
- Filosofia Política, Filosofia do Direito, Ética.

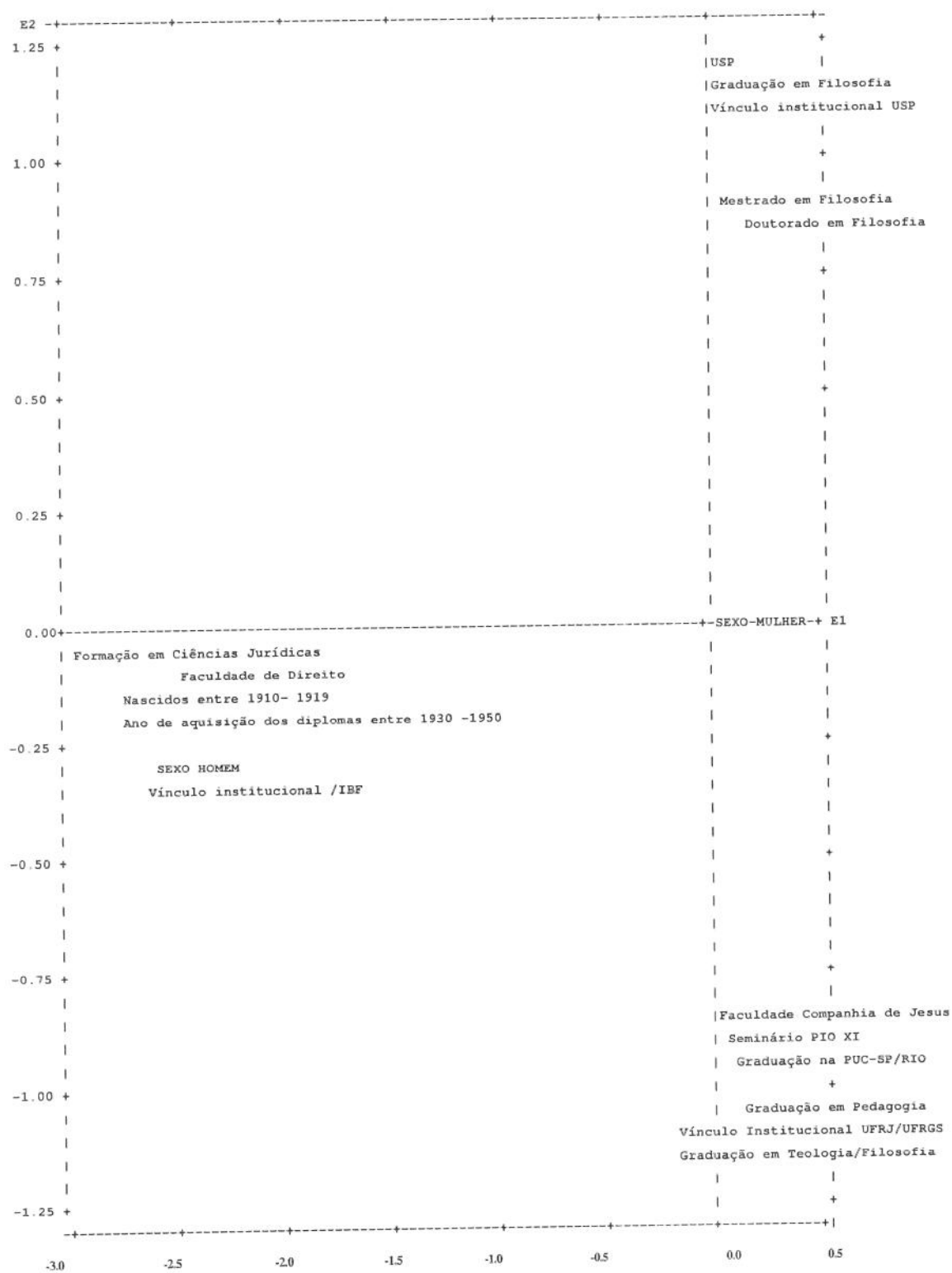
Uma vez reunidos dados relativamente homogêneos sobre os filósofos das seis universidades, foi realizada uma análise de correspondência por meio do *software* (SAS). Este procedimento de pesquisa visou complementar as primeiras coletas de dados, cuja finalidade foi a elaboração de uma listagem das universidades que ofereciam o Curso de Filosofia. Embora tenha se mostrado uma excelente forma de organizar dados a respeito das diferentes frentes de produção filosófica no Brasil, a coleta inicial não evidenciava as oposições e as relações entre as várias propriedades sociais das diferentes instituições e agentes nelas alocados. Com os gráficos 1 e 2 que resultaram da análise fatorial de correspondência foi possível ver as universidades e os agentes distribuídos em um espaço geográfico, porém estruturados segundo suas características sociais e institucionais, o que permitiu completar as descrições parciais e isoladas de cada agente e instituição.

Entre as variáveis que mais contribuíram para a formação de aglomerações em cada um dos quadrantes dos gráficos, bem como para a formação dos eixos que os dividem, foram selecionados (pela ordem): Doutorado e Mestrado em Filosofia, lugar de formação de graduação no Brasil e lugar institucional de produção.

No Gráfico 1, o eixo horizontal [E1] apresenta um contínuo que vai da esquerda para a direita, opondo os filósofos localizados nas antigas Faculdades de Direito aos filósofos localizados nas universidades, junto aos Departamentos de Filosofia e aos Programas de Pós-graduação em Filosofia; o

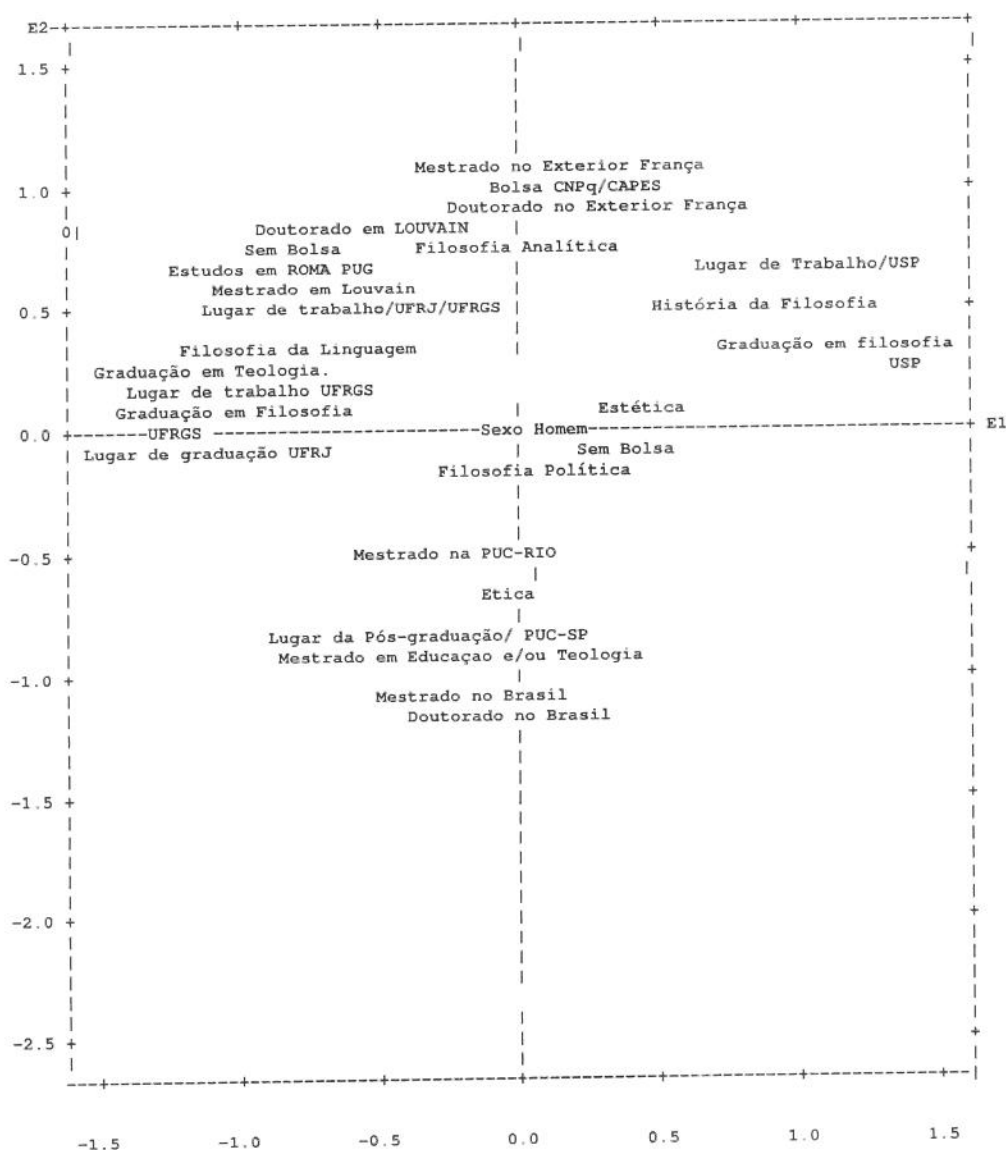
eixo vertical [E2] diz respeito à constituição do capital filosófico (lugar de formação) dos agentes alocados exclusivamente nos Departamentos de Filosofia.

Gráfico 1: Relação entre formação (nível graduação) e capital filosófico



A distribuição das informações no Gráfico 1 conduziu-me a pensar, segundo o ponto de vista estatístico, em uma melhor distribuição das variáveis relacionadas aos filósofos alocados nos programas de pós-graduação, tendo em vista que, além desses filósofos comporem a maior da parte da população estudada, eles foram encontrados, segundo mostra o gráfico, numa posição de total oposição aos filósofos das antigas Faculdades de Direito, os denominados *filósofos juristas*. Tal distribuição prejudicou, de certa forma, a visibilidade de outras possíveis relações entre as variáveis. Daí, a necessidade de excluir da análise estatística os *filósofos juristas* (4), o que tornou possível observar o peso da variável diploma em filosofia no exterior na constituição do capital filosófico dos agentes. De fato, é a posse ou não desse diploma, bem como o local de sua aquisição (instituição e país) que diferenciam os agentes no espaço filosófico, tal como ilustra o Gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2: Relação entre a passagem pelo internacional e a produção filosófica no Brasil



O eixo horizontal [E1] estabelece a oposição entre os agentes cujo capital filosófico foi adquirido junto ao Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e aqueles detentores de um conhecimento filosófico advindo do Curso de Direito, Teologia e/ou Pedagogia. Com relação ao eixo vertical [E2], a oposição se estabelece quanto ao capital cultural dos agentes; aqueles localizados na parte superior central do gráfico (filósofos uspianos) têm como característica principal o forte investimento em estudos na área de filosofia em centros universitários no exterior, ao passo que aqueles situados na parte inferior realizaram todos os seus estudos, da graduação ao doutorado, no Brasil (*filósofos de origem católica* que

não circularam pelo exterior e filósofos com dupla formação, em filosofia e em outras áreas das ciências humanas).

A variável passagem pelo exterior se junta àquela associada às condições de acesso ao internacional, variável bolsa de estudos, o que determinou a necessidade de localizar as redes institucionais para o estrangeiro, elemento fundamental para pensar a constituição e gestão do capital social dos agentes. Assim, enquanto os filósofos do quadrante superior central sempre contaram com uma formação em filosofia em centros destinados exclusivamente a esses estudos, com a passagem por Departamentos e/ou Institutos de Filosofia em universidades francesas laicas, por meio de redes institucionais predominantemente governamentais, como a CAPES, o CNPq e a FAPESP, o grupo localizado no lado esquerdo superior contou com redes institucionais católicas, que lhes permitiu adquirir títulos em Filosofia no estrangeiro, como, por exemplo, na Universidade Católica de Louvain e na Pontifícia Gregoriana de Roma.

Pode-se inferir que uma das distinções essenciais nesse espaço filosófico, simulado no gráfico, diz respeito ao capital filosófico dos agentes, formado pelas propriedades sociais e culturais, postas em exercício. A propósito, percebe-se que os detentores de um diploma de graduação em filosofia na USP, que contam com a ajuda de uma rede ligada ao próprio Departamento e às agências governamentais para estada em instituições públicas européias, tendem a desenvolver trabalhos na área de filosofia, exercendo praticamente todo o seu ofício na própria instituição de formação. Destaca-se uma forte concentração em pesquisas voltadas para a história da filosofia, o que os torna os principais representantes da ortodoxia acadêmica.

Por outro lado, aqueles detentores de títulos de graduação em filosofia e/ou em outras disciplinas, adquiridos, em sua grande maioria, em instituições católicas no Brasil, mas que contaram com redes institucionais católicas para aquisição de um título de doutorado em filosofia no exterior, desenvolvem pesquisas na área de filosofia analítica, geralmente em centros de filosofia laicos, como as universidades federais.

Identificados os filósofos através dos gráficos, estes foram pensados com a ajuda de entrevistas (pesquisa de campo)<sup>176</sup> e informações obtidas no livro *Conversas com filósofos brasileiros*, organizado por Marcos Nobre e Marcio Rego (2000)<sup>177</sup>, o que contribuiu para situar as categorias de identificação usadas pelos próprios filósofos. As entrevistas e informações coletadas conduziram-me a compreender a

---

<sup>176</sup> Foi realizado, no mês de julho de 2000, um conjunto de entrevistas com docentes de Departamentos de Filosofia de universidades do Rio de Janeiro e São Paulo e com alguns professores da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>177</sup> Este livro é um dos poucos materiais publicados a respeito das condições de formação intelectual dos filósofos no Brasil. Ver Marcos NOBRE e Marcio REGO, 2000, *Conversas com Filósofos Brasileiros*, São Paulo: Editora, 34.

organização da hierarquia revelada pelos gráficos (poder institucional, autonomia intelectual e expressividade). De outra parte, as categorias de identificação utilizadas pelos filósofos justificam a denominação que dei aos três pólos de filósofos encontrados:

- *filósofos juristas* – pólo estruturado em torno de uma carreira intelectual iniciada no direito e/ou desenvolvida paralelamente ao seu exercício. Juristas que atuavam como professores de Filosofia do Direito e/ou publicavam trabalhos nesse domínio. Formados, grosso modo, no Brasil, nas antigas Faculdades de Direito, esse pólo atuou de maneira hegemônica, predominando no interior do campo filosófico até os anos setenta;
- *filósofos* - assim denominados por terem realizado estudos de graduação e pós-graduação em filosofia na USP e em universidades públicas francesas. Conseqüentemente, usufruem de maior autonomia em relação às instituições eclesásticas e jurídicas. Constitui o pólo dominante do espaço filosófico atual;
- *filósofos católicos*<sup>178</sup> - detentores de um título universitário em filosofia e/ou em outras disciplinas obtido em instituições católicas (seminários e universidades). Este pólo está subdividido em dois:
  - a) aqueles com passagem pelo estrangeiro, financiados por instâncias católicas, em particular com estudos de pós-graduação realizados na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, e na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, na Itália;
  - b) aqueles que não circularam pelo estrangeiro.

O primeiro sub-pólo aparece como o principal concorrente do pólo dominante. Já o segundo sub-pólo, figura no espaço filosófico brasileiro como dominado em relação aos outros.

## Conclusões

Se no Gráfico 1, no eixo vertical [E2], os *filósofos de origem católica* encontravam-se completamente afastados dos *filósofos* no que tange à titulação (graduação) e ao lugar de obtenção do título, a ida ao exterior para estudos em filosofia lhes garantiu uma aproximação em relação aos *filósofos*, em termos de

---

<sup>178</sup> Denominação dada quando do estabelecimento da primeira classificação dos filósofos, ao longo dos primeiros resultados apresentados na Dissertação *Entre la nation et l'universel: l'espace de la philosophie au Brésil*, para obtenção do título de Diplôme d'Etudes Approfondies, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em 2001. A denominação ora apresentada na tese, *filósofos de origem católica*, foi estabelecida após o exame de qualificação realizado em 06/12/2006.



investimentos acadêmicos e intelectuais. Essa aproximação, verificada no Gráfico 2, no eixo [E2], pôde ser confirmada pela reconstituição da história da criação e funcionamento da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia no Brasil (ANPOF), entidade que organiza as trocas intelectuais em nível nacional. Além disso, a consulta a revistas especializadas, reconhecidas como as mais importantes da área, permitiu verificar que filósofos pertencentes aos dois pólos dividiam o mesmo espaço de publicação.

Assim, os estudos internacionais tendem a aproximar filósofos de procedências diversas, aproximação somente tornada possível graças às condições sociais e culturais criadas por meio da implantação do sistema de pós-graduação no Brasil, no final da década de sessenta. Em suma, o aparecimento de um corpo professoral de filosofia e sua autoridade sobre a produção filosófica no Brasil estiveram fortemente associadas ao encontro de dois fatores: (1) a criação de espaços favoráveis à elaboração de uma cultura filosófica mais autônoma face à tutela política e religiosa e (2) o conjunto de saberes práticos e teóricos que parte destes intelectuais adquiriram no exterior, na condição de doutorandos durante as décadas de sessenta e setenta.

Longe de ter sido um trabalho fácil e oriundo de um único pólo, constituído pelos *filósofos*, o espaço filosófico contou com um forte investimento dos *filósofos de origem católica*, cuja passagem pelo internacional apareceu como fator decisivo, embora caiba ao primeiro pólo o mérito de ter sido pioneiro no estabelecimento das normas para o exercício de uma filosofia profissional autônoma.

**Anexo 2 - Distribuição das bolsas de estudos das agências de fomento (CAPES, CNPq e FAPESP) para pesquisa na área de filosofia, no período de 1984 a 2000.**

Gráfico 1 - Distribuição de disciplina (ramo da filosofia) em relação às agências de fomento para o período de 1984 a 2000.

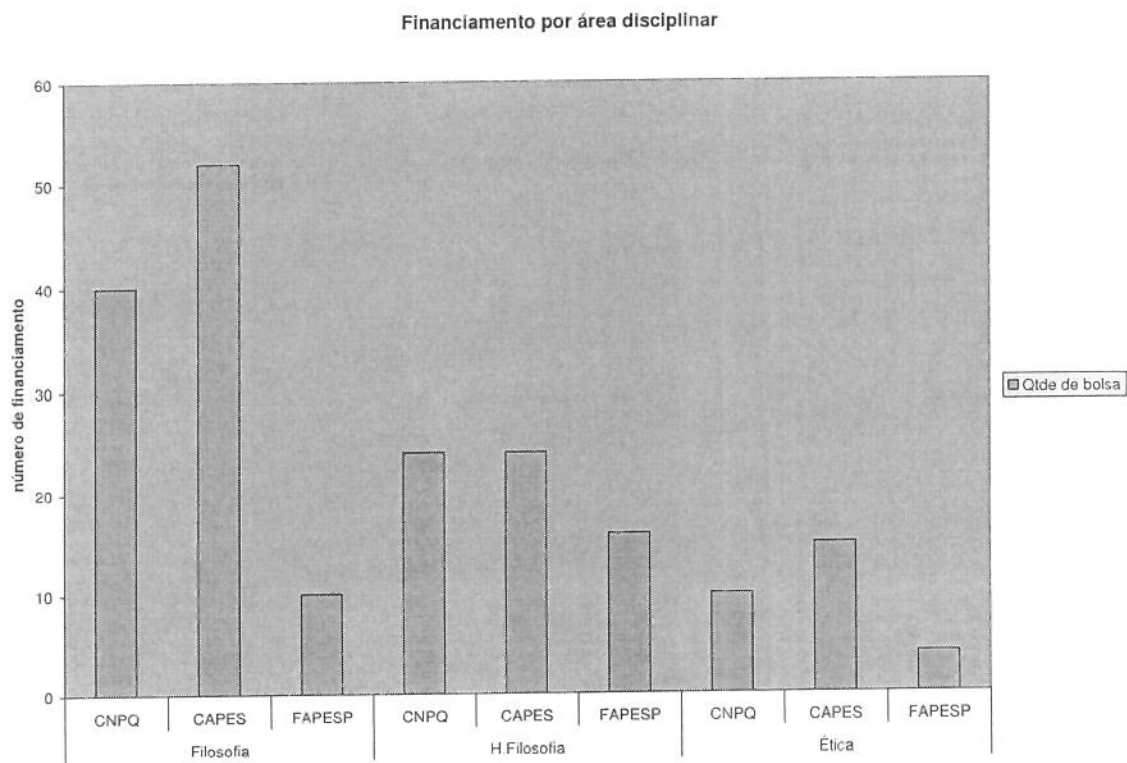


Gráfico 2 - Relação entre as universidades de origem e a quantidade de docentes e discentes enviados para o exterior no período de 1984 a 2000.

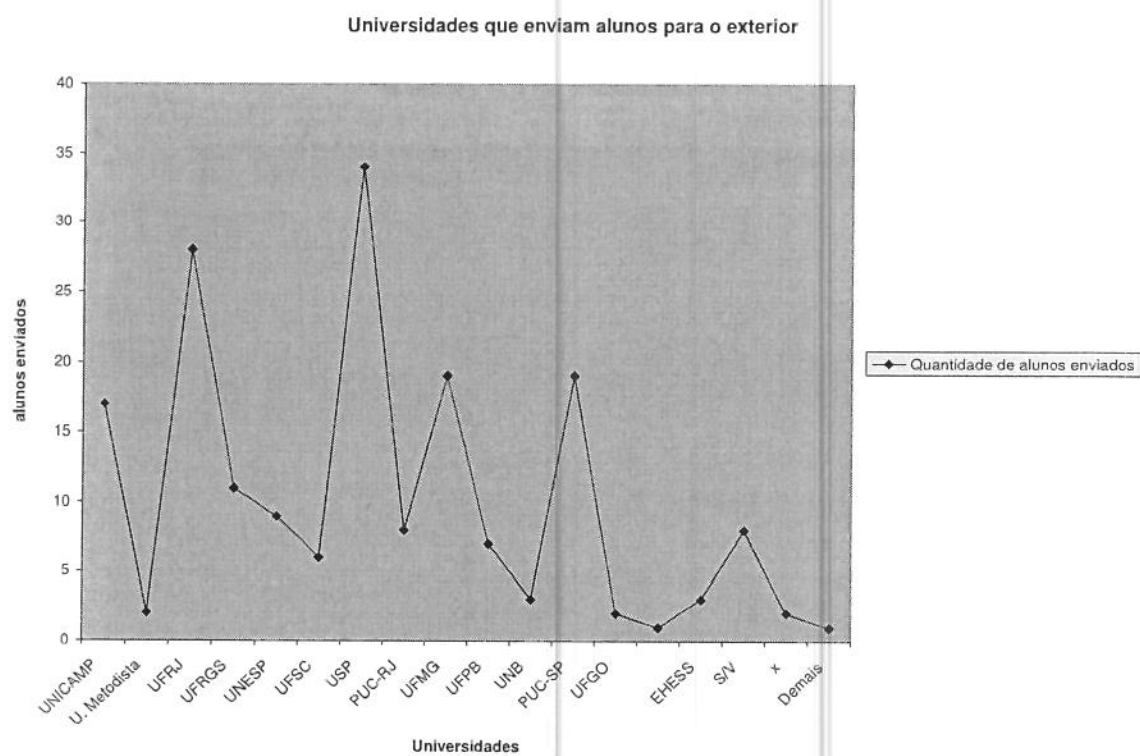


Gráfico 3 – Número de discentes e docentes enviados para o exterior. Entre os anos de 1984 a 1990 foram enviados 42 bolsistas; de 1991 a 1995, 74 bolsistas; e entre 1996 a 2000, 76 bolsistas.

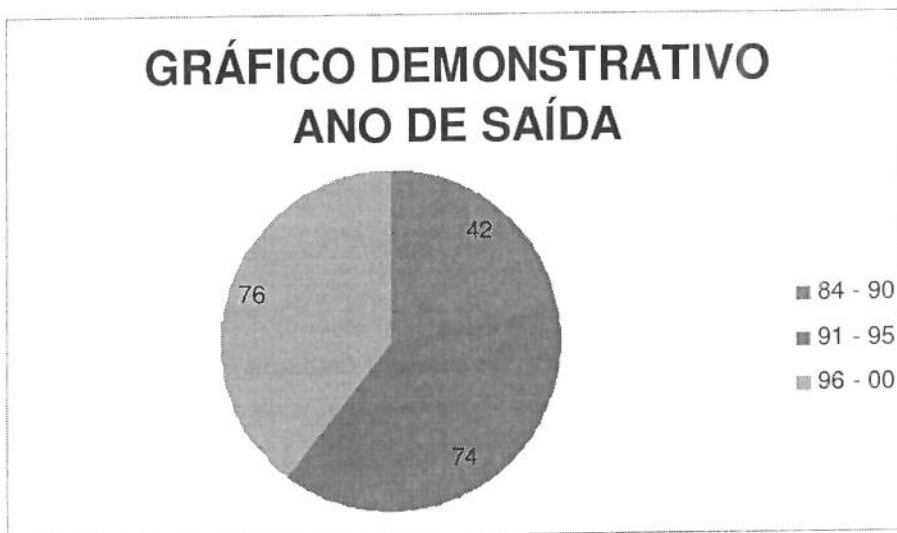
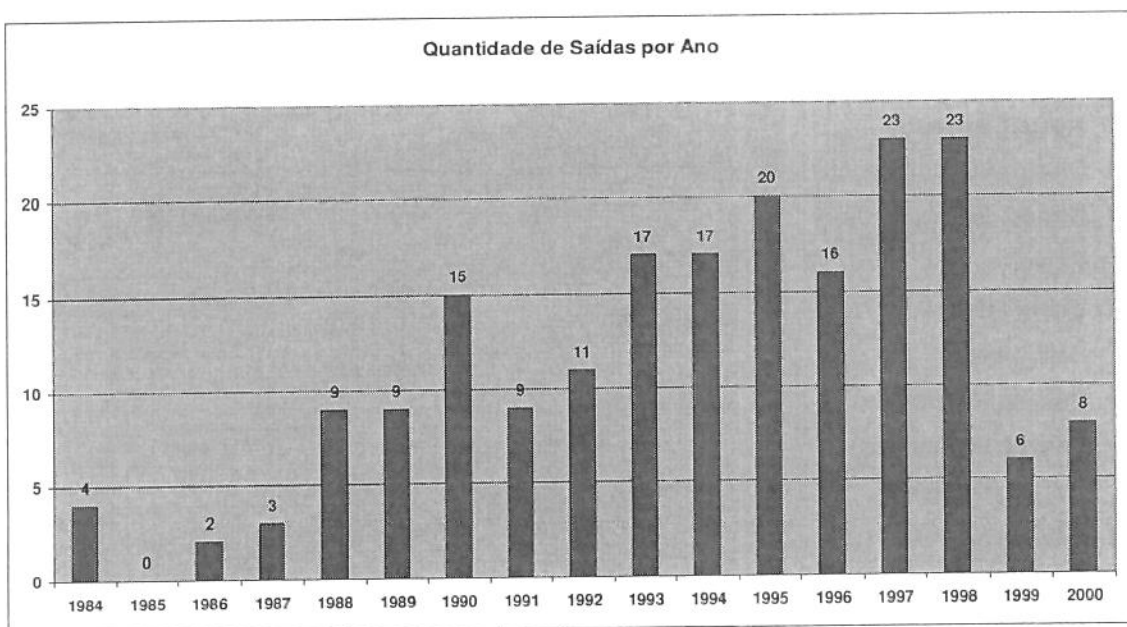


Gráfico 4 - Progressão do número de bolsas concedidas por ano letivo



### **Anexo 3 - Dados sobre o Pontifício Colégio Pio Brasileiro**

O PCPB foi a instituição responsável pela formação de praticamente toda a cúpula da hierarquia católica do Brasil. Como se verifica nos anuários do Colégio, 111 brasileiros passaram por ele desde a sua fundação, o que mostra o peso de tal lugar como suporte decisivo para a estada dos religiosos em Roma; em consequência, a Universidade Gregoriana de Roma ocupa, entre as demais universidades eclesiásticas de tal cidade, a instituição mais pleiteada pela população em passagem pelo Colégio Pio Brasileiro. A análise do conjunto de seus ex-alunos permite evidenciar o peso da Gregoriana, em particular, dos estudos desenvolvidos em filosofia, bem como a distribuição dos diferentes tipos de estudos realizados pelo clero. Os dados permitem esclarecer, ainda, os tipos de investimentos feitos pela Igreja nos últimos 77 anos em relação à formação intelectual de seu clero, uma vez que se pode constatar uma correlação entre o tipo de recrutamento, o tipo de estudo e a duração dos estudos, todos eles balizados pela idade dos estudantes.

#### *Considerações sobre a coleta de dados fornecidos pelo PCPB*

A base utilizada para a análise é um banco de dados estruturado inicialmente no formato do Microsoft Access, fornecido pela diretoria do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma, contendo as informações cadastrais de todos os 1909 alunos matriculados até a data da coleta. As informações contempladas são:

- Número de Matrícula
- Nome Completo
- Diocese/ Congregação de Atuação
- Estado de Origem (UF)
- Curso
- Universidade
- Grau Obtido
- Data de Nascimento
- Data de Ordenação
- Data de Ingresso
- Data de Egresso
- Permanência
- Data de Eleição Episcopal
- Informações Adicionais

- Ano Acadêmico

Dado o interesse da análise - a identificação de um perfil dos estudantes - é preciso salientar que o rol contido na base de dados foi tratado, ele mesmo, como toda uma população e não como uma amostra.

#### *Métodos de análise*

Para cumprir os objetivos exploratórios e descritivos deste trabalho, foram utilizadas inicialmente técnicas básicas de sumarização de dados, tais como geração de gráficos de barras, gráficos de setores e construção de tabelas de contingência. As tabelas de contingência serviram de ponto de partida para análises posteriores, tais como os testes de associação entre as variáveis e a análise de correspondência.

#### Análise exploratória dos dados

De acordo com os interesses da pesquisa, a população de estudantes foi dividida em quatro grupos distintos:

- Estudantes de Filosofia (F)
- Estudantes de Teologia (T)
- Estudantes com duas formações: Filosofia e Teologia (F+T)
- Estudantes de outros cursos (O)

O interesse da análise exploratória inicial é comparar as sub-populações no que se refere às seguintes variáveis de interesse:

- Local de origem do estudante (região do país)
- Universidade escolhida para o curso
- Tempo de permanência
- Grau obtido
- Idade

As variáveis possuem as seguintes categorias e codificações:

- Local de origem (REGIÃO): Centro-Oeste, exterior África, exterior América Latina, exterior Europa, exterior Outros, não identificado, nordeste, norte, sudeste, sul.
- Universidade (CódUniv): Angelicum, PUG, outros.
- Tempo de permanência (FaixaPerm):

| FaixaPerm | Codificação      |
|-----------|------------------|
| 1         | 0 a 1 ano        |
| 2         | 1 a 2 anos       |
| 3         | 2 a 4 anos       |
| 4         | Mais de 4 anos   |
| NI        | Não identificado |

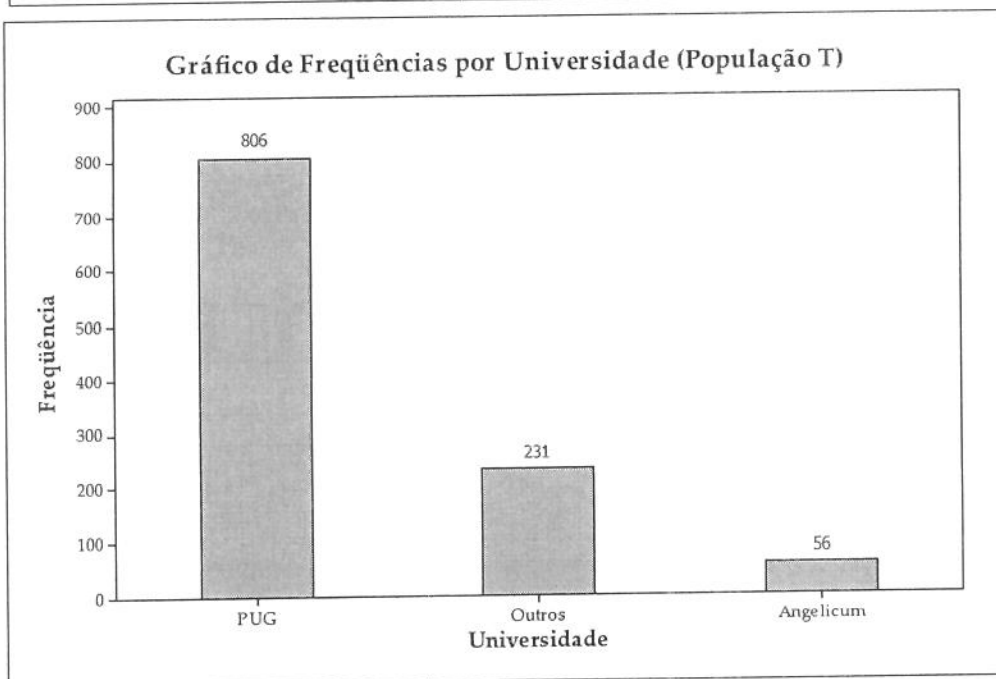
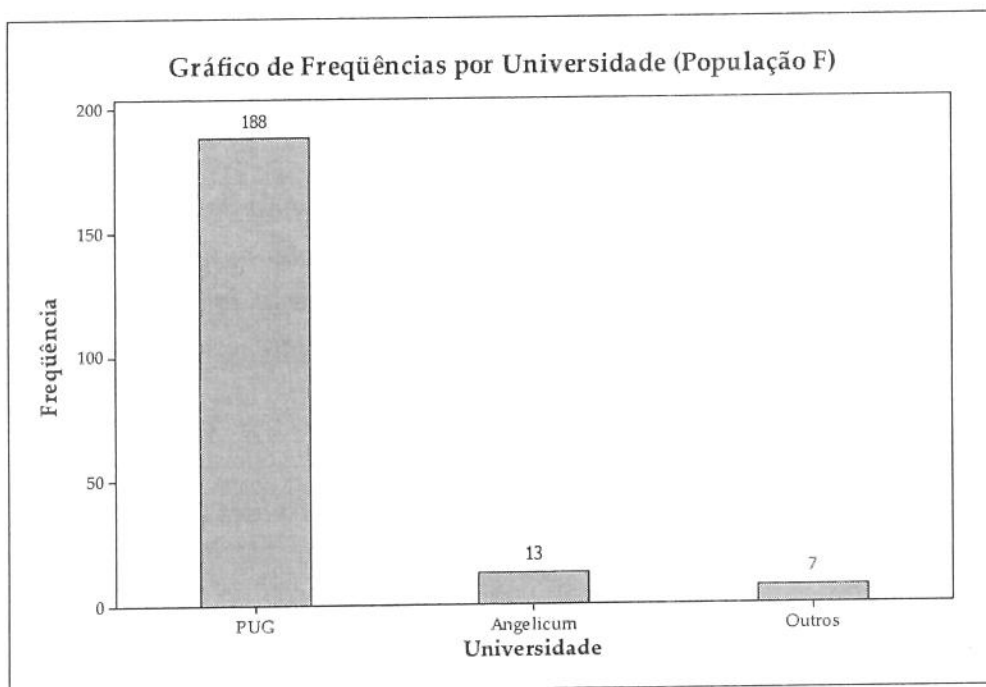
- Grau obtido (GRAU): bacharel, bacharel-mestrado, doutorado, mestrado, mestrado-doutorado, não identificado, pós-doutorado, propedêutico, reciclagem.

- Idade do indivíduo

Os gráficos a seguir foram gerados a partir do software MINITAB.

No que tange ao tipo de instituição escolhida para realização dos diversos cursos, é perceptível a relação entre a PUG e os estudos sobre Filosofia e Teologia, ambos obrigatórios na formação eclesial, como já fora dito. Dos 1909 indivíduos registrados na base, apenas 208 fizeram estudos especificamente em Filosofia; destes, 188 foram para a PUG e 13 para a Angelicum; 7 outros realizaram seus estudos em universidades consideradas específicas em determinadas áreas da Teologia.

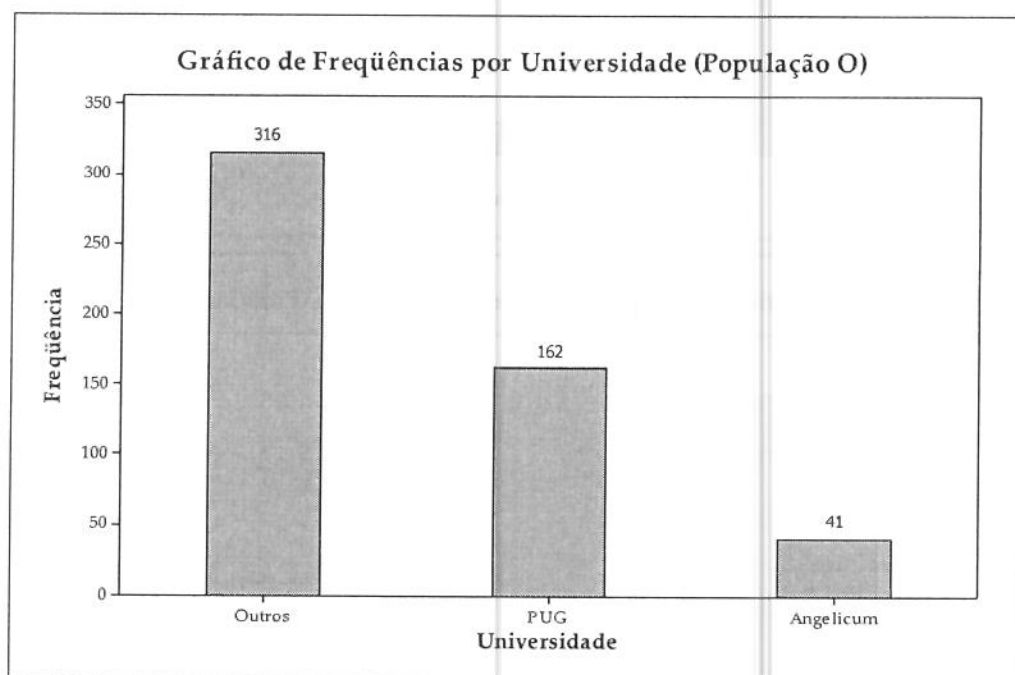




Ao contrário do que ocorreu com a Filosofia, a Teologia constituiu o curso mais visado pelos estudantes em passagem por Roma; dos 1909, pelo menos 1093 realizaram apenas o curso de Teologia, tendo como instituição preferencial de formação a PUG. Desta maneira, a população (F+T)

isto é, aqueles que estiveram no PCPB e que cursaram os dois cursos (dos 1909 apenas 79 cursaram os dois cursos) têm um comportamento diferenciado: todos os estudantes tiveram como universidade a PUG.

Ao observar, no entanto, a população (O), percebe-se que a PUG não é a universidade mais visada pelos estudantes. Isto se explica pelo fato de que não se trata, necessariamente, de investimentos escolares que tenham como objetivo final a formação intelectual de seminaristas ou estudantes das universidades católicas no Brasil, como é o caso de praticamente todos os estudantes com estudos em Filosofia e/ou Teologia.



A população (O) corresponde, de fato, aos religiosos que estão em Roma realizando estudos e que visam a uma formação complementar (como os cursos chamados de reciclagem para os membros mais idosos do clero) ou específica (como é o caso daqueles que realizam estudos em direito canônico) e cuja aplicação não está focada na formação de futuros religiosos, mas na organização da própria instituição católica, com trabalhos práticos.



Foto 1- Entrada do Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma.



Foto 2 – Busto de Pio XI, localizado na entrada do PCPB.



Foto 3- Busto de Dom Leme, localizado na entrada do PCPB.



Foto 4- Lateral do PCBP.



Foto 1- Biblioteca do PCPB.

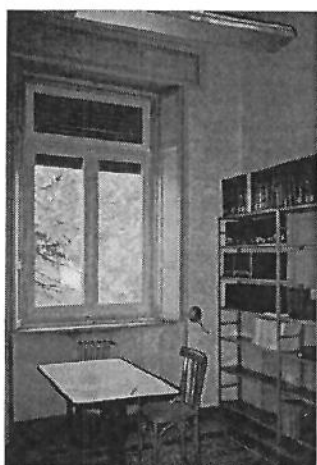


Foto 3- Sala de estudos do PCPB



Foto 4- Corredor de acesso à biblioteca do PCBP.



Casal MORREN-SPETH. Fonte: *Portrait d'un couple: Hélène et Lucien Morren-Speth*. Université Catholique de Louvain, Belgique, 2001.

## Anexo 4 – Dados sobre a ANPOF

Quadro nº 1- Quadro sintético sobre a organização dos eventos da ANPOF

| Encontro                                                                                  | Estrutura organizacional                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Presidente durante a realização do encontro          | Vice – presidente                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| □ I Encontro Nacional de Filosofia - Diamantina, MG - 30 de julho a 03 de agosto de 1984; | Chamada por temática – Nietzsche<br>Frege<br>Democracia<br>Racionalidade Científica                                                                                                                                                                                                                                                    | Denis Rosenfield (UFRGS)                             | Zeljko Loparic (Unicamp)                                 |
| □ II Encontro Nacional de Filosofia - São Paulo, SP - 15 a 19 de setembro de 1986;        | Filosofia Política<br>Filosofia da Linguagem<br>Filosofia da Ciência<br>História Antiga<br>História Medieval<br>História Moderna<br>Lógica<br>Estética<br>Ética e Filosofia Brasileira<br>Mesa redonda – Arte e Modernidade<br>Idéia de constituição<br><b>Mesa redonda – Wittgenstein</b><br>Padre Vaz é convidado mas não comparece. | Denis Rosenfield (UFRGS)                             | Zeljko Loparic (Unicamp)                                 |
| □ III Encontro Nacional de Filosofia - Gramado, RS - 1988;                                | Sem dados<br>Criação do prêmio de Filosofia (melhor obra filosófica)                                                                                                                                                                                                                                                                   | Valério Rohden (UFRGS)                               | José Henrique Vilhena de Paiva (UFRJ)                    |
| □ IV Encontro Nacional de Filosofia - Rio de Janeiro, RJ - 1990;                          | Sem dados<br>(Padre Vaz e dois alunos da USP ganham o prêmio)                                                                                                                                                                                                                                                                          | Olinto Pegoraro (UFRJ)                               | Renato Janine Secretário Geral (segundo Olinto Pegoraro) |
| □ V Encontro Nacional de Filosofia - Diamantina, MG - 19 a 23 de outubro de 1992;         | <b>Jornada de Filosofia Analítica Política Brasileira da Filosofia e da Cultura.</b>                                                                                                                                                                                                                                                   | <b>Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior (UFSCar)</b> | Osmir Faria Gabbi Júnior (Unicamp) e Eliane Abraão (CLE) |
| □ VI Encontro Nacional de Filosofia - Águas de Lindóia, SP - 05 a 10 de outubro de 1994;  | Chamadas diretamente nas pós-graduações, sem tema definido, cabendo aos diretores dos programas determinarem quem participará. A decisão sobre as mesas plenárias cabe exclusivamente à diretoria da ANPOF.<br>Colóquio Sociedade Kant Brasileira<br>Colóquio CLE: A lógica no limiar do século XXI                                    | José Henrique dos Santos (UFMG)                      | Rodrigo Antônio Paiva Duarte (UFMG)                      |

|                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                     |                                                                                |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <p>□ VII Encontro Nacional de Filosofia - Águas de Lindóia, SP - 19 a 24 de outubro de 1996;</p> | <p>Idéias de Subjetividade<br/>Rorty e o funcionalismo<br/>Ivan Domingues ( UFMG)<br/>Michelle Beyssade<br/><i>Le Dualisme Cartésien et l'Unité de l'Homme</i><br/>Raul Landim Filho (UFRJ)<br/><i>Idealismo ou Realismo na Filosofia Primeira de Descartes. Análise da Crítica de Kant a Descartes no IVº Paralogismo da CRP [A]</i><br/>Carlos Alberto Ribeiro de Moura (USP)<br/><i>Entre Fenomenologia e Ontologia: Merleau-Ponty na Encruzilhada</i><br/>Bento Prado Júnior (UFSCar)<br/><i>A Idéia de "Plano de Imanência"</i></p> | <p>Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior (UFSCar)</p>                                | <p>João de Fernandes Teixeira (UFSCar)</p>                                     |
| <p>□ VIII Encontro Nacional de Filosofia - Caxambu, MG - 25 a 30 de Setembro 1998;</p>           | <p>A Diretoria acatou a decisão da Assembléia Geral da ANPOF, de 29 de setembro de 1998, e promoveu a criação dos Grupos de Trabalho (GTs), cujas atividades e propostas organizadas por seus membros formariam a estrutura central dos Encontros Nacionais.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p>Oswaldo Giacoia Júnior (Unicamp)</p>                                             | <p>Fátima Regina Rodrigues Évora (Unicamp)</p>                                 |
| <p>□ IX Encontro Nacional de Filosofia - Poços de Caldas, MG - 03 a 08 de Outubro de 2000;</p>   | <p>Conferências plenárias<br/>Benedito Nunes (UFPA) A questão do Outro em Heidegger<br/>Bento Prado Júnior (UFSCar)<br/>Imagens Bergsonianas, imagens wittgensteinianas<br/>Pablo Ruben Mariconda<br/>Emergência entre ciência e valores no século XVII<br/>Philippe Lacoue-Labarthe – Université de Strasbourg – França<br/>Oswaldo Porchat (USP) Ainda é preciso ser cético.</p>                                                                                                                                                       | <p>Marilena de Souza Chauí (USP)</p>                                                | <p>Fátima Regina Rodrigues Évora (Unicamp)</p>                                 |
| <p>□ X Encontro Nacional de Filosofia - São Paulo, SP - 29/09 a 03 de Outubro de 2002;</p>       | <p>?</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <p>Pablo Rubén Mariconda (USP)<br/><br/>Fátima Regina Rodrigues Évora (Unicamp)</p> | <p>Caetano Ernesto Plastino (USP)<br/><br/>Franklin Leopoldo e Silva (USP)</p> |



|                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                 |                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|---------------------------------|
| <p>□ XI Encontro Nacional de Filosofia - Salvador, BA - 18 a 22 de Outubro de 2004.</p> | <p><b>Historicidade da Lógica</b><br/> 18/10/2004. 19:30 horas.<br/> Balthazar Barbosa Filho (UFRGS)<br/> José Arthur Giannotti (CEBRAP/USP)<br/> Raul Landim Filho (UFRJ)</p> <p><b>Linguagem e Lógica</b><br/> 19/10/2004. 19:00 horas.<br/> Arley Ramos Moreno (UNICAMP)<br/> Oswaldo Chateaubriand (PUC-RJ)<br/> Paulo Roberto Margutti Pinto (UFMG)</p> <p><b>Ética e Técnica</b><br/> 20/10/2004. 19:00 horas.<br/> Emmanuel Carneiro Leão (UFRJ)<br/> Ivan Domingues (UFMG)<br/> Manfredo Araújo de Oliveira (UFC)</p> <p><b>Kant</b><br/> 21/10/2004. 19:00 horas.<br/> Guido de Almeida (UFRJ)<br/> Valério Rohden (ULBRA)<br/> Zeljko Loparic (PUC-RS)</p> <p><b>Reforma Universitária e Filosofia</b><br/> 22/10/2004. 11:30 horas.<br/> João Carlos Brum Torres (UFRGS)<br/> Marilena Chauí (USP)<br/> Ronaldo Mota (UFMS)</p> | <p>João Carlos Salles Pires da Silva (UFBA)</p> | <p>Edgar Marques (UFMG/UFF)</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|---------------------------------|

Fonte: consulta dos arquivos CLE.

**Quadro nº 2 - GT's apresentados no XI Encontro da ANPOF**

| X  | GT's                                                                | Local de apresentação | Quantidade de trabalhos                    | Quantidade de dias de apresentação | Opção filosófica* |
|----|---------------------------------------------------------------------|-----------------------|--------------------------------------------|------------------------------------|-------------------|
| 1  | GT – Ceticismo (2000)                                               | Othon Palace          | 12 trabalhos                               | 1 +                                |                   |
| 2  | GT – Kant (2000)                                                    | Othon Palace          | 11 trabalhos + 4 trabalhos                 | 2 + duas mesas redondas            |                   |
| 3  | GT- Ética                                                           | Othon Palace          | 15 trabalhos                               | 2                                  |                   |
| 4  | GT- Filosofia Francesa Contemporânea                                | Othon Palace          | 11 trabalhos + 16 trabalhos + 14 trabalhos | 3                                  |                   |
| 5  | GT- História da Filosofia da Natureza                               | Othon Palace          | 14 trabalhos + 7 trabalhos                 | 2                                  |                   |
| 6  | GT- Pensamento do século XVII (2000)                                | Othon Palace          | 16 trabalhos + 6 trabalhos                 | 2                                  |                   |
| 7  | GT- Heidegger                                                       | Othon Palace          | 12 trabalhos                               |                                    |                   |
| 8  | GT- Nietzsche                                                       | Othon Palace          | 16 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 9  | GT- História da Filosofia Medieval e a Recepção da Filosofia Antiga | Othon Palace          | 12 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 10 | GT- Rousseau e os limites da Aufklärung                             | Othon Palace          | 10 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 11 | GT – Filosofia da Linguagem                                         | Othon Palace          | 8 trabalhos                                | 1                                  |                   |
| 12 | GT- Lógica                                                          | Othon Palace          | 11 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 13 | GT- Filosofia da Mente                                              | Othon Palace          | 5 trabalhos                                | 1                                  |                   |
| 14 | GT- Filosofia Pós-metafísica                                        | Othon Palace          | 14 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 15 | GT- Filosofia da Lógica e da Matemática                             | Othon Palace          | 12 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 16 | GT- Filosofia da História e Modernidade                             | Othon Palace          | 14 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 17 | GT- Dialética                                                       | Othon Palace          | 6 trabalhos                                |                                    |                   |
| 18 | GT- Estética                                                        | Othon Palace          | 6 trabalhos                                |                                    |                   |
| 19 | GT – Filosofia e Psicanálise                                        | Hotel Ondina Apart    | 16 trabalhos + 16 trabalhos                | 2                                  |                   |
| 20 | GT- Filosofia Antiga                                                | Hotel Ondina Apart    | 16 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 21 | GT- Pragmatismo                                                     | Salvador Praia Hotel  | 6 trabalhos                                |                                    |                   |
| 22 | GT – Teoria da Justiça : Kant, Hegel, Rawls                         | Salvador Praia Hotel  | 8 trabalhos                                |                                    |                   |
| 23 | GT- Filosofia da Ciência                                            | Salvador Praia Hotel  | 7 trabalhos                                | 1                                  |                   |
| 24 | GT- Matrizes Hegelianas da Crítica Filosófica da Modernidade        | Salvador Praia Hotel  | 6 trabalhos                                | 1                                  |                   |
| 25 | GT- Ética e Filosofia Política                                      | Salvador Praia Hotel  | 16 trabalhos                               | 1                                  |                   |
| 26 | GT- Levinas                                                         | Salvador Praia Hotel  | 7 trabalhos                                | 1                                  |                   |
| 27 | GT- Marxismo                                                        | Salvador Praia Hotel  | 14 trabalhos + 2 trabalhos                 | 2                                  |                   |
| 28 | GT- Filosofia Contemporânea                                         | Salvador Praia Hotel  | 6 trabalhos                                | 1                                  |                   |
| 29 | GT- Platão e Platonismo                                             | Atlantic Towers       | 16 trabalhos + 2                           | 2                                  |                   |

|       |                                                   |                  |              |   |                            |
|-------|---------------------------------------------------|------------------|--------------|---|----------------------------|
| 30    | GT- Aristóteles                                   | Atlantic Towers  | 14 trabalhos | 1 |                            |
| 31    | GT- Neo Platonismo                                | Atlantic Towers  | 14 trabalhos | 1 |                            |
| 32    | GT- Ética e Política na Filosofia do Renascimento | Hotel Portobello | 4 trabalhos  | 1 |                            |
| 33    | GT- Ética e Cidadania                             | Hotel Portobello | 18 trabalhos | 2 |                            |
| Total |                                                   |                  |              |   | 457 trabalhos apresentados |

\* nomenclatura utilizada para contagem das opções filosóficas:

1. Cânones / Filosofia Clássica (n = 69): Espinosa + Hegel+ Platão + Descartes+ Leibniz + Aristóteles.
2. Kant (n = 15): Kant
3. Nietzsche (n = 16)
4. Discussões sobre filósofos do XX século (n = 85): Heidegger, Sartre, Husserl, Deleuze.
5. Outro - História (n = 77): conjunto de temas da história da filosofia.
6. Estética (n = 6): conjunto de temas relacionados a questões de estética.
7. Não histórico (n = 86): Filosofia moral e política, psicanálise, ciências sociais.
8. Filosofia analítica, filosofia e história das ciências, filosofia da mente (n = 103).
9. Cânones / Filosofia Clássica (n = 57): Espinosa + Hegel+ Platão + Descartes+ Leibniz + Aristóteles.
10. Kant (n = 26): Kant
11. Nietzsche (n = 30)
12. Discussões sobre filósofos do XX século (n = 144) - Heidegger, Sartre, Husserl, Deleuze
13. Outro - História (n = 18): conjunto de temas da historia da filosofia.
14. Estética (n = 4): conjunto de temas relacionados a questões de estética.
15. Não histórico (n = 41): Filosofia moral e política, psicanálise, ciências sociais.
16. Filosofia analítica, filosofia e historia das ciências, filosofia da mente (n = 105).

**Quadro nº 3 - Mesas Temáticas apresentadas no XI Encontro da ANPOF**

| X  | Mesa Temática                   | Local de apresentação | Quantidade de trabalhos                                      | Quantidade de dias de apresentação |
|----|---------------------------------|-----------------------|--------------------------------------------------------------|------------------------------------|
| 1  | Estética                        | Othon Palace          | 4 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 2  | Hannah Arendt                   | Othon Palace          | 8 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 3  | Deleuze / Foucault              | Othon Palace          | 17 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 4  | Ética e Filosofia Política      | Othon Palace          | 16 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 5  | Kant                            | Othon Palace          | 8 trabalhos + 16                                             | 2                                  |
| 6  | Kant/ Hegel                     | Othon Palace          | 6 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 7  | Berkeley/ Hume                  | Othon Palace          | 6                                                            | 1                                  |
| 8  | Sartre/ Bergson                 | Othon Palace          | 7                                                            | 1                                  |
| 9  | Heidegger                       | Othon Palace          | 6 +6 trabalhos                                               | 2                                  |
| 10 | Wittgenstein                    | Othon Palace          | 8 + 10 trabalhos                                             | 2                                  |
| 11 | Nietzsche / Schopenhauer        | Othon Palace          | 14 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 12 | Marx/ Vico/ Educação            | Othon Palace          | 14 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 13 | Técnica/ Merleau Ponty          | Othon Palace          | 7 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 14 | Filosofia da Ciência            | Othon Palace          | 4 trabalhos + 14 trabalhos + 16 trabalhos + 6 trabalhos = 40 | 4                                  |
| 15 | Heidegger                       | Othon Palace          | 6 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 16 | Escola de Frankfurt             | Othon Palace          | 6 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 17 | Descartes/ Agostinho            | Othon Palace          | 5 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 18 | Filosofia Antiga                | Othon Palace          | 6 trabalhos + 6 trabalhos                                    | 2                                  |
| 19 | Hegel                           | Othon Palace          | 4 + 6 trabalhos                                              | 2                                  |
| 20 | Rawls                           | Othon Palace          | 6 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 21 | Fenomenologia                   | Ondina Apart          | 6 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 22 | Hobbes/ Espinosa                | Salvador Praia Hotel  | 16 trabalhos                                                 |                                    |
| 23 | Rousseau                        | Salvador Praia Hotel  | 4 trabalhos + 6 trabalhos                                    | 2                                  |
| 24 | Aristóteles / Levinas           | Salvador Praia Hotel  | 7 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 25 | Habermas                        | Salvador Praia Hotel  | 14 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 26 | Filosofia da Mente              | Salvador Praia Hotel  | 17 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 27 | Platão e Platonismo             | Salvador Praia Hotel  | 8 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 28 | Empirismo/ Popper               | Atlantic Towers       | 13 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 29 | Lógica/ Pragmatismo             | Atlantic Towers       | 14 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 30 | Nietzsche                       | Atlantic Towers       | 14 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 31 | Filosofia e Religião            | Atlantic Towers       | 14 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 32 | Nietzsche/ Felicidade/ Estética | Atlantic Towers       | 16 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 33 | Platonismo                      | Atlantic              | 6 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 34 | Ética e Sujeito                 | Atlantic Towers       | 7 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 35 | Deleuze                         | Atlantic Towers       | 6 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 36 | Walter Benjamin                 | Hotel Portobello      | 14 trabalhos                                                 | 1                                  |
| 37 | Argumentação e Filosofia        | Hotel Portobello      | 6 trabalhos                                                  | 1                                  |
| 38 | TOTAL                           |                       |                                                              | 422                                |

**TOTAL DE TEMAS E AUTORES TRATADOS NAS COMUNICAÇÕES**

17. Cânones / Filosofia Clássica (n = 126): Espinosa + Hegel+ Platão + Descartes+ Leibniz + Aristóteles.
18. Kant (n =50): Kant
19. Nietzsche (n = 46)
20. Discussões sobre filósofos do século XX (n =228): Heidegger, Sartre, Husserl, Deleuze, Wittgenstein e Carnap são estudados num GT à parte (Filosofia e História da Ciência), uma vez que são autores associados pelos coordenadores do Grupo de Trabalho à filosofia analítica.
21. Outro - História (n = 95): conjunto de temas da história da filosofia.
22. Estética (n = 10): conjunto de temas relacionados a questões de estética.
23. Não histórico (n = 127): filosofia moral, filosofia política, psicanálise, ciências sociais.
24. Filosofia analítica, filosofia das ciências, filosofia da mente (n = 206).

## Bibliografia

- ARANTES, P. E. (1996) *O Fio da Meada*. 1ª. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1994) *Um departamento Francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- \_\_\_\_\_ (1995) "Cruz Costa, Bento Prado Jr. e o problema da filosofia no Brasil – uma digressão". In *A filosofia e seu ensino*. São Paulo: EDUC.
- \_\_\_\_\_ (2005) "Um depoimento sobre Pe. Vaz". *Síntese*, n. 102.
- BAJOIT, Guy (s/d). "Les bourses de la coopération au développement". In *Portrait d'un couple: Hélène et Lucien Morren-Speth*. Bélgica: Universidade Católica de Louvain.
- BARAUNA, G. (1974) *A sagrada Liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes.
- BEOZZO, Oscar (1996) *A igreja no Brasil, de João XXIII a João Paulo II de Medellín a Santo*. Petrópolis: Vozes.
- BRUNEAU, Thomas (1979) *Catolicismo brasileiro em época de transição*. Petrópolis: Vozes.
- CAMPOS, F.A. (1968) *Tomismo e neotomismo no Brasil*. São Paulo: Grijalbo.
- CASALI, Alípio Marcio Dias (1995) *Elite Intelectual e restauração da Igreja*. Petrópolis: Vozes.
- CHAUI, Marilena de Souza (2004) Entrevista. *INFORME*, Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Doc126, p.9, USP.
- CORADINI, Odaci Luiz. (2004) A formação e a inserção Profissional dos Professores de Ciências Humanas e Sociais no Rio Grande do Sul. In: *Circulação Internacional e formação intelectual das elites Brasileiras*: São Paulo, Editora Unicamp.
- CUNHA, Luiz Antônio (1989). *A universidade crítica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- \_\_\_\_\_ (2000) "Ensino Superior e Universidade no Brasil". In: *500 anos de Educação no Brasil*. (Quem são os autores?) Belo Horizonte: Authentica.
- DAUFENBACH, Elza. (2003) *Nos bastidores da Cúria, desobediências e conflitos relacionais no intra-clero catarinense (1892-1955)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis.
- DIAS, R. B. (1999) "Sob o signo da revolução: a experiência da Ação Popular no Paraná". *Diálogos*. Paraná: Maringá, v. 3, p. 377-381.
- DUARTE, Rodrigo (1997) "Cui bono? As anotações pessoais de Arthur Versiani Velloso". *Kritérion*, Belo Horizonte, n.º. 95 jan.-jul.

FILHO, Raul Ferreira Landim (2002) Pe. Henrique Vaz, um Filósofo Cristão. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-17.

FRANKLIN, Leopoldo Silva (1994) "Pesquisa no Departamento de Filosofia". *Estudos Avançados*, (22), p.307.

GIANNOTTI, José Arthur (2005) "Dentre os guardados". *Discurso*, (35), pp.109- 116. São Paulo: FFLCH.

GOMES, Roberto (1990) *A crítica da razão tupiniquim*. 10ª. ed. São Paulo: FTD.

JAIME, J. (1997) *História da filosofia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, vol. I.

\_\_\_\_\_ (1997a) *História da filosofia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, vol. II.

\_\_\_\_\_ (2000) *História da filosofia no Brasil*. São Paulo: Faculdades Salesianas, vol. III.

\_\_\_\_\_ (2002) *História da filosofia no Brasil*. São Paulo: Faculdades Salesianas, vol. IV.

JÚNIOR, Bruno Botempi (2001) A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre vida acadêmica e grande imprensa. Tese de Doutorado em Educação defendida na PUC-SP.

KHOURY, Yara Aun (coord.) (1991) *Guia de pesquisa Igreja e movimentos sociais* São Paulo: ComArte: PUC/CEDIC.

\_\_\_\_\_ (1998) Inventários dos fundos: Juventude Agrária Católica do Brasil, Juventude Estudantil Católica do Brasil, Juventude Independente Católica do Brasil/ CEDIC/PUC. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

LADRIÈRE, Jean (1990) "Cent ans de philosophie à l'Institut Supérieur de Philosophie". *Revue Philosophique de Louvain*, mai, pp. 169-213.

LADUSANS, Stanislavs (1976) *Rumos da Filosofia Atual no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.

LEGER- HERVIEU, Danielle (2001) *Identités religieuses en Europe*. Paris : La Découvert.

MACHADO, Otávio Luiz (org.) (2003) *Depoimento de Apolo Heringer Lisboa a Otávio Luiz Machado*. Belo Horizonte/Recife por e-mail: Projeto "A Corrente Revolucionária de Minas Gerais". Universidade Federal de Ouro Preto/Instituto de Ciências Humanas e Sociais/Laboratório de Pesquisa Histórica.

MENDES, R. (2001) *Vilém Flusser: uma história do diabo*. São Paulo: EDUSP. Ou pelo siteweb [www.fotoplus.com/download/vfbiografia.doc](http://www.fotoplus.com/download/vfbiografia.doc)

MORMONT, Marinette (2002) "L'UCL, lieu de transit des conceptions chretiennes du developpement, l'exemple du Chili". *La vie étudiante à Louvain 1425- 2000*. Archives de l'Universite Catholique de Louvain, Belgique.

MIOTTI, Charlene Martins (2006) O ensino de Latim nas universidades públicas do estado de São Paulo e o método *Reading Latin*: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado, IEL, Unicamp, Campinas.

MUCHAIL, S. T. (org.) (1992) *Um passado revisitado - 80 anos do curso de Filosofia da PUC-SP*. 1ª. ed. São Paulo: EDUC.

NOBRE, Marcos e REGO, José Marcio (2000) *Conversas com Filósofos Brasileiros*. São Paulo: Editora 34.

\_\_\_\_\_ (1999) A filosofia da USP sob a ditadura militar. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, p. 137-150.

PELLETIER, Denis (1986) Sociabilité Catholique et Générations intellectuelles: l'exemple du mouvement économie et humanisme in Vingtième siècle. *Revue d'histoire*, n°9, janvier – mars, pp. 75-83.

\_\_\_\_\_ (1996). *Économie et humanisme – de l'utopie communautaire au combat pour le tiers monde (1941-1966)*. Paris: Les Éditions du Cerf.

\_\_\_\_\_ (2002). *La crise Catholique Religion, société, politique em France (1965-1978)*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.

PIERUCCI, Antônio Flávio de; SOUZA, Beatriz M. de; CAMARGO, Cândido P. de. (1986) "Igreja Católica: 1945-1970". In: FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, vol. 11, p. 384.

REALE, Miguel (1950) "I Congresso nacional de Filosofia". *Anais*. IBF.

\_\_\_\_\_ (1959) "III Congresso Nacional de Filosofia". *Anais*. IBF.

\_\_\_\_\_ (1962) "IV Congresso Nacional de Filosofia". *Anais*. IBF.

\_\_\_\_\_ (1974) *A filosofia em São Paulo*. São Paulo: Ed. Faculdade de Direito.

\_\_\_\_\_ (1986) *Memórias: a balança e a espada*. São Paulo: Saraiva

\_\_\_\_\_ (1994) *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Saraiva.

\_\_\_\_\_ (1995) "A filosofia, Hoje». *Anais do V congresso Brasileiro de Filosofia*. IBF.

Relatório para UNESCO, intitulado *O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais*, disponível pelo site: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n64/22830.pdf> ou in Cad.CEDES vol.24 no.64 Campinas Sept./Dec. 2004

RIDENTI, Marcelo (1993) *O Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: UNESP.



- \_\_\_\_\_ (2002) "Ação Popular: cristianismo e marxismo". In: REIS FILHO, AARÃO, Daniel e RIDENTI, Marcelo (orgs.) *História do marxismo no Brasil*, 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: Ed. da UNICAMP, p.213-282.
- RODEGHERO, Carla Simone (2002) "Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 463-488.
- RODHEN, Valério (1999) Entrevista. *Revista Educação e Filosofia*, 13 (25) 9-26, Jan./jun.
- SALEM, Tânia (1982) "Do Centro Dom Vital à Universidade Católica". In: SCHARTZMAN, Simon (org.) *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq.
- SANTOS, José Henrique (1992) "Elogio do prof. Arthur Versiani Velloso". *Kriterion*, nº 85, jan. e jul.
- SCHMIDT, Benício Viero e MARTINS, Carlos Benedito (2005) *Diálogos entre a França e o Brasil, formação e cooperação Acadêmica*. Recife: Ed. Massangana, pp.151-164.
- SEVERINO, A. J. (1990) *A filosofia no Brasil*. São Paulo: Editora ANPOF.
- \_\_\_\_\_ (1994) *História da Filosofia no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez.
- \_\_\_\_\_ (1997) *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação*. Petrópolis: Vozes.
- SOUZA, Herbert (1982) *Cristianismo e História*. São Paulo: Edições Loyola.
- STOLZ, Eddy (1974) « Les étudiants brésiliens en Belgique (1817-1914) ». *Revista de História*, pp. 653-592.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima (1952) Eros e Logos: Natureza e Educação no Fedro platônico. *Verbum*, p.162-180.
- \_\_\_\_\_ (1954) Itinerário da Ontologia Clássica. *Revista Brasileira de Filosofia*, p. 23-36.
- \_\_\_\_\_ (1956) Amor e Conhecimento: sobre a ascensão dialética no Banquete. *Revista Portuguesa de Filosofia*. (Não há outros dados da revista?)
- \_\_\_\_\_ (1968) A dialética das Idéias no Sofista. *Kriterion*, 35/36, p.17-40.
- WANDERLEY, Luiz (1984) *Educar para transformar: educação popular, Igreja católica e política no Movimento de Educação de Base*. Petrópolis: Vozes.
- ZIONNI, V. (2000) Pontifício colégio Pio Brasileiro. Documentação escrita e publicada sobre o pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma - 1928-1937. Arquivo do Pontifício Colégio Pio Brasileiro, Roma, consultado em 2005.

### ***Bibliografia mobilizada para a análise do material empírico***

ALMEIDA, Ana Maria de e NOGUEIRA, Maria Alice (org.) (2001) *Escolarização das elites*. 1ª ed., Petrópolis: Vozes.

BEAUD, Stéphane et WEBER, Florence (1997). *Guide de l'enquête de terrain*. Paris : La découverte.

BOURDIEU, Pierre (1971) " Champ du pouvoir, champ intellectuel et habitus de classe ". *ARSS*, n° 1, pp.7-26.

\_\_\_\_\_ (1974) "Gênese e estrutura do campo religioso". In: MICELI, Sergio (Org.), *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

\_\_\_\_\_ (1977) La production de croyance. *ARSS*, n° 13, fév., pp.3-44.

\_\_\_\_\_ (1977) Sur le pouvoir symbolique. *Annales ESC*, mai/juin, p. 405-412.

\_\_\_\_\_ (1980) Le mort saisit le Vif. *ARSS*, n° 32/33, avril/juin.

\_\_\_\_\_ (1980) *Questions de sociologie*. Paris: Ed. de Minuit.

\_\_\_\_\_ (1982) Saint – Martin, Monique de « La sainte famille. l'épiscopat français dans le champ du pouvoir ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 44/45, p. 2-54.

\_\_\_\_\_ (1984) *Le sens pratique*. Paris : Ed. de Minuit.

\_\_\_\_\_ (1984) "Espace sociale et genèse des classes". *ARSS*, 52-53, juin.

\_\_\_\_\_ (1986) « L'illusion Biographique. *ARSS*, 62-63, juin.

\_\_\_\_\_ (1988) *L'ontologie politique de Martin Heidegger*. Paris: Ed. de Minuit.

\_\_\_\_\_ (1992) WACQUANT, Loïc (Org.) *Réponses*. Pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil.

\_\_\_\_\_ (1999) Le fonctionnement du champ intellectuel. *Regards sociologiques*, 17-18, p. 5-27.

\_\_\_\_\_ (2001) *Meditações pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (Pós-escrito 1: Confissões impessoais).

\_\_\_\_\_ (2000) L'inconscient d'école. *ARSS*, n°. 135, pp. 3-5.

\_\_\_\_\_ (2002) Circulation International des idées. *ARSS*, 145, pp 3-8.

CANEDO, L. B. e GARCIA JÚNIOR, Afrânio (2005) Les boursiers brésiliens et l'accès aux formations d'excellence internationales. Paris : *Cahiers du Bresil Contemporain*.

CHAMPAGNE, Patrick (2004) *Pierre Bourdieu. Mouvement d'une pensée*. Paris: Bordas.

CHARLE, Christophe (1987) *Les Elites de la République, 1880-1900*, Paris : Fayard.  
\_\_\_\_\_ (1990) *Naissance des intellectuels 1880-1900*. Paris : Minuit.

COMBESSIE, Jean-Claude (1996) *La méthode en sociologie*. Paris : La Découverte.

CORADINI, O. L. (2003) "As missões da 'cultura' e da 'política': confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul" (1920-1960). *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 32, p. 125-144.

FABIANI, Jean Louis (1983) "Les programmes, les hommes et les œuvres: professeurs de philosophie en classe et en ville au tournant du siècle. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 47-48, juin.

\_\_\_\_\_ (1985) "Enjeux et usages de la 'crise' dans la philosophie universitaire en France au tournant du siècle". *Histoire culturelle, Annales ESC*, mars/avril, n°2, p. 337 –409.

\_\_\_\_\_ (1988) *Les Philosophes de la République*. Paris : Ed. de Minuit.

FERREIRA, Daniela Maria (2001) Entre la Nation et l'Universel: Espace de la Philosophie au Brésil. Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Júnior, defendida na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.

GARCIA JUNIOR, Afrânio (1993) "Les intellectuels et la conscience nationale au Brésil ". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 98 juin, p.20-34.

\_\_\_\_\_ (2004) "Une noblesse républicaine. Fernando Henrique Cardoso et la sociologie au Brésil », *Pierre Bourdieu, sociologue*. Paris : Fayard.

\_\_\_\_\_ (2004) L.; ALMEIDA, A; BITTENCOURT, A. (orgs.) Circulação Internacional e formação intelectual das elites *Brasileiras*. São Paulo: Editora Unicamp.

GEERTZ, Clifford (1989) *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora.

LEITE LOPES, J. S. e ALVIM, R. (1994) "Transformações Políticas de uma Militância Religiosa: A Geração Jocista de uma Cidade Operária do Nordeste Brasileiro". *Antropologia Social*, comunicações do PPGAS, Rio de Janeiro, v. 4, n. nov, p. 111-137.

LEPENIES, Wolf (1983) "Contribution à une histoire des rapports entre la sociologie et la philosophie". *Actes de la recherche en sciences sociales*, 47-48, juin.

MICELI, Sergio (1977) *Poder, sexo e letras na República Velha São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva.

- \_\_\_\_\_ (1979) *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel.
- \_\_\_\_\_ (1988) *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil.
- \_\_\_\_\_ (org.) (1995) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré.
- NOIRIEL, Gérard. (1990) « Naissance du métier d'historien ». *Genèses*, n° 1, sept, pp. 58-85.
- \_\_\_\_\_ (1990) Journal de terrain, journal de recherche et auto-analyse : entretien avec Florence Weber. *Genèses* 2, décembre, pp. 138-148.
- PECAUT, Daniel (1986) *Les intellectuels au Brésil : de la construction de société à celle de la démocratie*. Paris, Centre d'études des mouvements sociaux, EHESS.
- PINTO, Louis (1978) Politiques de Philosophes (1960-1976). *La pensée*, 197, février, pp. 53-71.
- \_\_\_\_\_ (1983) "L'Ecole des philosophes. La dissertation de philosophie au baccalauréat". *Actes de la recherche en sciences sociales*, 47-48, juin.
- \_\_\_\_\_ (1984) "C'est moi qui te le dis". Les modalités sociales de la certitude. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 52-53, juin.
- \_\_\_\_\_ (1987) *Les philosophes entre le lycée et l'avant-garde*. Paris : L'Harmattan.
- \_\_\_\_\_ (1995) *Les Neveux de Zarathoustra. La réception de Nietzsche en France*. Paris : Seuil.
- \_\_\_\_\_ (org. com G. Sapiro et P. Champagne) (2004) *Pierre Bourdieu, sociologue*. Paris : Fayard.
- PONTES, Heloisa (1991) "Por uma sociologia do mundo intelectual". *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 112-121.
- \_\_\_\_\_ (1998) *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo - 1940-68*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, p. 297.
- RIVRON, Vassili (2005) "Representação da arte e arte da representação: Reflexos de dois poetas-diplomatas na historiografia literária do Brasil". Texto produzido a partir de uma comunicação apresentada no colóquio *Circulation internationale et renouveau de l'espace culturel* (MSH-EHESS, Paris, 15 a 17 de novembro de 2005).
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira (1996) *História da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- SAINT-MARTIN, Monique de (1988) A propos d'une rencontre entre chercheurs. *Sciences sociales et politique au Brésil*. ARSS, 71-72, pp. 129-134.
- SCHNEIDER, Ulrich Johannes (1995) L'historisation de l'enseignement de la philosophie dans les universités allemandes du XIX siècle. ARSS, n° 109, sept., pp.1-29.

SOULIE, Charles (1995) «Anatomie du goût philosophique». *Actes de la Recherches en Sciences Sociales*, n°109, octobre, pp. 3-28.

\_\_\_\_\_ (1997) « Profession philosophe ». *Genèses*, n°26, avril, p 103-122.

\_\_\_\_\_ avec Gérard Mauger (2001) «Le recrutement des étudiants en lettres et sciences humaines et leurs objets de recherches». *Regards sociologiques*, n° 22, p. 23-40.

\_\_\_\_\_ (2006) "Des déterminants sociaux des pratiques scientifiques: étude des sujets de recherches en sciences sociales en France au début des années 1990". *Regards sociologiques*, n°31.

TRINDADE, F. C. (1982) "Uma contribuição à história da Faculdade de Filosofia da UFRGS". Porto Alegre : *Revista do IFCH/UFRGS*, n. 10.

WEBER, Florence (1989) *Le travail à-côté : Etude d'ethnographie ouvrière*. Paris: INRA, EHESS.